Relutante

VITÓRIA COELHO

Vitória Coelho

Brasil 2022
Copyright© Vitória Coelho / Editora Calíope
Revisão: Editora Calíope
Supervisão: Antony Isidoro
Diagramação: Isa Feijó
Capa: Jordana Candido
Imagens: Bancos de Imagens/ Freepik
Todos os direitos reservados

É proibida a reprodução de qualquer parte desta obra, por qualquer meio, sem a autorização da autora ou editora. Também é proibida a distribuição desta obra por meio de PDF ou qualquer outra forma, que não tenha sido escolhida pela autora ou editora do livro. Violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção, tanto a história quanto os nomes são de criação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos da vida real, são meras coincidências. A autora se usa do direito a licença poética para que seus personagens não sigam rigidamente protocolos a vida real.

Selos Calíope







DEDICATÓRIA

Sem parecer tão narcisista, eu gostaria de dedicar este livro a mim. Às minhas perdas e ganhos, aos meus erros e acertos, à minha grandeza e à minha miudeza. Por todos os momentos em que desisti quando era a hora e lutei quando era tempo. Pelos amores que perdi e pelos que ganhei. Por tudo aquilo que fui sem receber nada em troca. Por toda a minha doação quando não me cabia. Por me encaixar onde não havia amor e por florescer, mesmo em solo seco. Eu ainda estou de pé e permanecerei assim — diante das adversidades e dos baques da vida. Este livro é um lembrete mental de que nem toda perda é de fato uma. Às vezes, é perdendo que se ganha. E se ganha muito…

EPÍGRAFE

Tempo, tempo curioso
Não me deu bússolas, não me deu sinais
Havia pistas que eu não vi?

Tempo, tempo místico
Me rasgando, depois me curando bem
Havia pistas que eu não vi?

Tempo, tempo maravilhoso
Me deu o céu azul e depois púrpura

E não é tão bonito pensar que
Todo esse tempo existia alguma
Corda invisível
Amarrando você a mim?

Invisible String, Taylor Swift

Prólogo

Passo os dedos sobre o tecido fino do meu paletó branco. Aliso as mangas de linho com a delicadeza de um pássaro, tentando me manter calmo, como se meu coração não estivesse saindo pela boca neste exato momento.

Olho meu reflexo no grande espelho fixo na parede do quarto e ajeito os meus cachos longos e castanhos que insistem em cair em meus olhos. Inspiro e expiro calmamente, tentando aliviar toda a ansiedade que sinto. Dou uma última olhada para a minha figura e suspiro.

Acho que estou pronto.

Passo a mão pela mesa de madeira posicionada ao meu lado e pego o buquê de rosas com ramos de oliveira. Seguro o arranjo firmemente, posicionando-o em frente ao corpo.

É..., eu estou pronto.

Meu sorriso começa a aparecer no reflexo do espelho quando a porta do quarto se abre abruptamente atrás de mim.

Pisco rápido e vejo minha mãe em seu vestido longo bordô, meu pai de terno e gravata, minha irmã com seu vestido verde esmeralda… e meus melhores amigos? Lucca e Josh?

O que todos estão fazendo aqui? Não era combinado que me veriam apenas no altar?

A cerimonialista responsável entra logo em seguida com um semblante completamente atordoado. Viro-me e reparo que todos possuem a mesma expressão. Tento sorrir, mas meu sorriso não é retribuído.

— Ravi — minha mãe me chama com a voz trêmula, fazendo meu sorriso se dissipar na hora —, eu não sei como dizer isso.

Ela curva levemente os ombros, deixando os braços caírem ao lado do corpo em sinal de derrota. Olho para ela, mas ela desvia o olhar para o chão. Minha garganta seca e tento entender, olhando para o restante das pessoas.

Meu pai balança um copo de uísque na mão em nervosismo, bebendo o conteúdo quase por completo. Minha irmã não me olha nos olhos. Lucca e Josh andam de um lado para o outro completamente atordoados. A cerimonialista está histérica.

— O que está acontecendo? — pergunto com a voz completamente falhada, sentindo meu coração bater acelerado.

— Aquele filho da puta! — meu pai vocifera.

— Calma, Robert — minha mãe intervém, segurando o seu braço. — Precisamos manter a calma.

— Como terei calma, Dora? — Ele se vira para ela. — Aquele filho da puta abandonou o nosso filho... no dia do casamento. Eu estou pagando por uma cerimônia que nem ao menos vai acontecer.

As palavras do meu pai me atingem em cheio e se tornam ecos infinitos que martelam em minha cabeça. Minhas pernas perdem a força e eu me seguro na mesa — que há instantes abrigava o buquê do meu casamento — para não cair. Olho para minha irmã, buscando algum tipo de resposta, mas o seu olhar condescendente me confirma que é verdade.

Olho com descrença... para qualquer um, para todos.

Isso só pode ser uma brincadeira sem graça, alguma peça que estão pregando para divertimento. Nego com a cabeça e solto uma risada extremamente nervosa.

— O que vocês estão dizendo? — pergunto, incrédulo. — É algum tipo de piada?

— Filho… — minha mãe diz com os olhos marejados, aproximando-se de mim, mas levanto a mão e a impeço de chegar mais perto.

— Cadê o Aron? — pergunto em um tom de voz contido.

— Ravi — Lucca diz calmamente —, eu não sei como dizer isso, mas...

— Cadê o Aron? — desta vez eu grito a pleno pulmões, fazendo todos recuarem um pouco pelo meu tom de voz. — Cadê o meu noivo?

Observo meu pai fechar um punho, minha mãe cair em um choro contido, Lucca e Josh me olharem engolindo em seco, mas é minha irmã, Laura, que me dá a notícia que eu não gostaria de ouvir e que faço de tudo para não acreditar.

— Ele não virá, Ravi — ela diz baixo, com os lábios trêmulos, parecendo segurar as lágrimas. — Ele não vai se casar com você.

Capítulo 1

Preciso de um tempo e várias respirações profundas para entender. Sinto meu sangue borbulhar por debaixo da minha pele, como se eu queimasse por dentro. Sinto os olhares me avaliando, como se eu fosse alguma bomba prestes a explodir, mas eu não faço nada, apenas congelo e prendo a respiração. Meu buquê — que eu fiz questão de escolher a dedo — cai ao chão, espatifando-se em um tapete de pétalas.

Laura me chama, mas sua voz é apenas um eco infinito em minha cabeça. Não ouço, não vejo, não raciocínio. Sou apenas um montante de pensamentos desconexos. Eu preciso respirar.

Eu preciso respirar…

Eu preciso…

Meu mundo desaba, e meus joelhos cedem, fazendo-me cair ao chão. Lucca tenta me amparar nos braços, mas é em vão, eu já toquei o chão de madeira. Minha respiração acelera e sinto as lágrimas rolarem por meu rosto como cachoeiras desgovernadas.

Aron não fez isso, ele não pode ter feito isso…

Reúno toda a minha força e sussurro mais uma vez, implorando:

— Cadê o Aron? — Minha voz sai tão baixa, que nem eu me escuto.

Minha mãe se ajoelha em minha frente com os olhos inundados por lágrimas ao passar os dedos delicadamente pelo meu rosto.

— Filho… — ela sussurra e estende a mão para o meu pai.

Um bilhete. É isso que ele entrega a ela.

— Os pais dele nos deram isso. Nem eles sabiam que isso ia acontecer. Aron pediu que entregasse a você. Porém, quando eles perceberam que ele estava demorando, decidiram me entregar. Eu acabei abrindo e…

Ela não precisa terminar. É uma despedida.

Uma despedida.

Por bilhete.

Após sete anos de relacionamento.

Solto-me de Lucca apenas para pegar o bilhete das mãos da minha mãe. Meus olhos estão embaçados pelas lágrimas, mas faço questão de lê-lo agora.

Penso em todos esses anos… em todos os anos que me dediquei a ele, que me doei, que me entreguei. Todos esses anos resumidos em uma folha de papel amassada. Não tinha um envelope e muito menos um laço para amenizar o soco. Nem com isso ele teve o cuidado. É apenas um papel dobrado e amassado.

Meus dedos trepidam, e eu só consigo pensar em como eu sonhei com esse momento. Em como sonhei em me casar com o meu amor da adolescência. Em como imaginava que passaria o resto da minha vida com o menino tímido que conheci nas aulas de biologia do ensino médio. Aquele que me roubou um beijo e me fez contar estrelas em uma noite estrelada de inverno. Que me fez acreditar em mim mesmo e correr atrás dos meus sonhos. Quem me fez acreditar que eu seria um grande policial, mesmo eu tendo inúmeras inseguranças. Quem me fez centenas de promessas entre os lençóis. Quem me fez sonhar com uma família. Quem compartilhava comigo a vontade de adotar uma criança que ela fosse uma mistura perfeita de nós dois.

E olha só, tudo agora se resume a um maldito bilhete…

Abro a folha, sentindo meu coração explodir no peito, como se eu estivesse sendo apunhalado da forma mais covarde existente.

Ravi,

Não sei como começar a escrever este bilhete, mas preciso começar pedindo que me perdoe. Não conseguiria dizer nada disso olhando para você. Somos novos e acabamos tomando um passo inevitável na nossa relação. Há semanas que tenho me questionado se é isso mesmo que eu quero. E não digo sobre você, digo sobre o casamento. É um passo muito importante, é uma escolha que deveria ser para a vida toda, e infelizmente eu não tenho certeza se quero passar a vida preso em um casamento. Eu tenho certeza de que, se eu fosse me casar com alguém, esse alguém seria você, mas não tenho certeza sobre o casamento em si e nem quero firmar esse compromisso sem saber ao certo se daqui três anos eu estarei feliz.

Eu estou em pânico e peço desculpas por fazê-lo passar por essa situação, mas preciso pensar em mim. Por isso, decidi não dar continuidade a este casamento. Sua família sempre nos pressionou a casar, assim como você tem feito nos últimos meses. Você acabou se tornando fissurado pela ideia, e eu acabei indo na onda. Sei que errei em não ter dito antes, mas eu nunca fui conivente com a ideia. Não se preocupe, eu irei arcar com metade dos gastos, não deixarei seus pais com dívidas que não são deles. Não duvide que você é o amor da minha vida, porque você é… eu só não estou pronto para me comprometer pelo resto dos meus dias.

Espero do fundo do meu coração que me perdoe, e, quando estiver pronto para conversar, sabe que eu estarei aqui. Não quero perdê-lo, mesmo sabendo que já o perdi. Não sei como ficaremos de agora em diante, mas, quando você estiver bem, procure-me. Posso separar suas coisas que ficaram no meu apartamento ou podemos continuar de onde paramos, sem pressão, sem ressentimentos… Isso cabe a você decidir.

Eu o amo. Desculpe-me.

Com carinho,

Aron

Minhas lágrimas molham o papel, e meu peito queima. Desta vez, de raiva, uma raiva angustiante que me invade. E deixo um grito estridente escapar da minha garganta. Grito o mais alto que posso, não me importando com a plateia que me assiste. Passo os dedos pelo papel e começo a despedaçá-lo. Rasgo cada uma das palavras escritas nesta maldita folha. Rasgo cada letra.

Assisto os papéis caírem dos meus dedos e me levanto de forma abrupta, empurrando Lucca de forma repentina. Seus olhos castanho-escuros me encaram enquanto tiro o meu paletó e limpo as lágrimas de forma rápida.

— Onde está a chave do meu carro? — pergunto com a voz embargada.

— Filho… — minha mãe interfere —, você não está em condições de dirigir.

— Cadê a porra da chave do meu carro? — desta vez eu grito.

Laura se aproxima cuidadosamente. Seus olhos castanho-claros estão apavorados, e ela leva a mão delicadamente até o meu ombro, fazendo-me um carinho.

— Ravi, onde você quer ir? — ela pergunta baixo.

— Eu só preciso que… — engasgo. — Eu só preciso ouvir isso da boca dele e preciso ouvir agora. Eu só quero a chave do meu carro.

— Eu o levo — Josh se prontifica e recebe olhares reprovadores, vindos principalmente do meu pai.

— Eu não acredito que você vai atrás daquele desgraçado depois de tudo, Ravi. Você deve estar alucinando — meu pai diz, fazendo-me entrar em um estágio maior de fúria.

— Você quer o quê, pai? Que eu fique aqui, chorando como um imbecil? Eu mereço ouvir o que ele tem a dizer. Eu mereço uma explicação. — Minha voz desaparece em meio aos engasgos da minha voz completamente trêmula. — São sete anos… Sete anos, e eu só fui esquecido aqui, como algo que não tem a devida importância. Ele me deve uma explicação.

Meus lábios tremem, e eu sinto novas lágrimas escorrerem por minhas bochechas. O silêncio chega a ser cortante, e meu pai apenas bebe o restante do uísque, negando com a cabeça. Minha mãe está tão envergonhada, que não diz absolutamente nada. Ela só chora contida. O restante me olha com pena, como se eu realmente fosse digno dela.

— Você não prefere esfriar a cabeça? — Lucca pergunta. Seus olhos tão ternos me encaram esperançosos, mas eu nego com a cabeça.

— Prefiro que seja agora — eu digo de forma firme, apesar da voz falha.

— Então eu vou junto — Josh se prontifica. — Nós esperamos você na porta. Não vamos deixá-lo ir sozinho. Assim que você tiver dito tudo o que tem vontade de dizer e ouvir as explicações que ele tem para lhe dar, nós vamos embora. Eu o levo para casa. Seus pais podem dar um jeito de dispensar os outros convidados.

Sinto outro baque. Eu tinha me esquecido desse detalhe. Como se não bastasse tudo o que está acontecendo, ainda tem mais de cinquenta pessoas lá fora esperando a minha entrada.

Inspiro profundamente, tentando buscar coragem.

— Eu faço isso. — Vou em direção à porta rapidamente enquanto tentam me impedir, mas me desprendo de cada um dos braços que tentam me segurar. Esse era para ser o meu casamento, e serei eu quem darei a notícia de que não haverá cerimônia.

Faço todo o caminho — que até então eu estaria fazendo para encontrar com o meu noivo. Caminho com as pernas bambas pelo tapete branco posicionado sobre a grama e olho para o altar ornado com as rosas que eu escolhi. Os olhares curiosos recaem sobre mim e eu me sinto completamente exposto e vulnerável.

No entanto, em vez de cair no choro mais uma vez, eu limpo as lágrimas, tentando controlar a minha respiração completamente desregulada, e limpo a garganta de forma nervosa.

— Boa noite aos que estão presentes aqui hoje — digo alto, não me importando com os olhares curiosos em minha direção.

Tento manter a calma. — Sei que estavam esperando que eu entrasse por este corredor enquanto o meu noivo estivesse me esperando no altar, mas tivemos um pequeno imprevisto. Depois de seis anos de relacionamento, eu tive a maldita ideia de pedir Aron em casamento. Ele aceitou, ou pelo menos fingiu que aceitava. Aron foi tão covarde que não me disse como se sentia, e eu tive que adivinhar os seus sentimentos. Pois bem, no final das contas, ele não queria se casar… E olha que coisa, ele só foi me dizer isso hoje.

Solto uma risada sem graça e observo olhos espantados me queimarem. Engulo minha ansiedade para terminar o que comecei.

— Ah, e antes que eu me esqueça, foi por bilhete — digo de forma irônica. — Ele não teve nem a decência de aparecer aqui hoje para dizer isso na minha cara ou na cara de cada um de vocês. Ele poderia ter evitado essa situação, mas não a evitou. Então, o que me resta é dar a notícia, caso ainda não tenha ficado claro: não haverá mais casamento. Não se preocupem, não os dispensarei. A festa está paga e vai continuar... Espero que aproveitem por mim.

Assim que as palavras terminam de sair da minha boca, eu sorrio e observo os pais de Aron me olharem em condescendência, parecendo completamente envergonhados. Saio a passos largos, sentindo as lágrimas voltarem aos meus olhos. Soluço algumas vezes antes de ir para o corredor que dá acesso ao quarto em que eu estava me preparando. Antes que eu desabe mais uma vez, Josh corre até mim e me abraça forte. Lucca chega logo em seguida, e ambos me guiam até o meu carro. Parecem relutantes com a ideia de me levar até o apartamento de Aron. No entanto, eu insisto. Eu preciso vê-lo, eu preciso fazer isso agora.

Sua falta de consideração faz meu coração se partir, e nem nos meus piores pesadelos eu imaginei que quem eu mais amava no mundo pudesse me trair dessa forma. Ele poderia ter feito diferente. Ele poderia ter me falado. Ele poderia ter exposto como se sentia antes de me humilhar na frente das pessoas mais especiais das nossas vidas.

Ele me devia isso.

Assim que paramos em frente ao prédio, Lucca e Josh sobem no elevador comigo, amparando-me de forma sutil. Ambos retiraram os ternos, e, olhando para Lucca, percebo que ele está suando frio. A gotícula de suor brota em sua testa e desliza por sua pele levemente bronzeada até encontrar com a borda da camisa branca. Josh, em contrapartida, roía as unhas, com seus olhos azuis levemente arregalados. Percebo que não sou o único que está nervoso, mas, assim que o elevador para no sétimo andar, eu peço a eles que fiquem me esperando no corredor.

Eu preciso fazer isso sozinho.

Ao chegar à porta do apartamento — que eu conheço bem — minhas pernas começam a tremer, e meu coração acelera tanto que tenho medo de desmaiar neste corredor gelado.

Preciso me segurar na maçaneta para não cair quando uso a mão livre para dar três leves batidas na porta, contrastando completamente com as batidas rápidas e fortes do meu coração.

Não sei o que sentirei quando vê-lo, não sei qual será a sua justificativa, não sei o que vou dizer e, só de imaginar, começo a sentir tremores que viajam por todas as células do meu corpo.

A porta se abre, e eu me assusto.

Cambaleio levemente para trás ao perceber que não é Aron quem atende.

— Pois não? — um cara sem camisa, de olhos extremamente azuis, me atende com um semblante curioso, tendo um sorriso sutil nos lábios.

Meus olhos viajam por seu torso nu, e eu fico paralisado. Sua pele levemente bronzeada e seus músculos tonificados me fazem piscar lentamente, tentando raciocinar.

Eu errei a porta?

Desvio os meus olhos dele e olho por trás de seu corpo para ter a certeza de que estou no apartamento certo. Ele também me analisa, e seu sorriso vai se dissipando aos poucos.

Perco a voz e perco o fôlego.

O que um homem sem camisa está fazendo no apartamento do meu noivo?

Sinto meu maxilar doer e percebo que estou de boca aberta, completamente incrédulo e paralisado. Meu coração, porém, acelera-se quando ouço a voz de Aron.

— Quem é? — ele diz com a voz doce e segundos depois aparece por trás do homem. Aron também está sem camisa, e seu semblante cai em completo choque ao me ver. — Ravi?

Capítulo 2

Meu coração para por um instante.

Passo tempo demais olhando para o rosto atordoado de Aron e demoro para reparar que ele está apenas de boxer preta. Meu olhar volta para a figura na frente dele, e noto que o rapaz pelo menos está de calças.

— Quem é ele? — ele diz, e eu avalio o seu rosto.

Seu semblante é neutro, o que me choca por completo. Retiro os olhos dele apenas para voltar o olhar para Aron. Seus olhos pretos estão me olhando com terror, como se eu fosse alguma espécie de pesadelo do qual ele está fazendo de tudo para despertar. Observo ele engolir em seco e sua garganta se contrair, mas não consigo dizer nada. Minha garganta parece um emaranhado de arames farpados. Meu peito parece estar sendo esmagado, e meu coração se parte em pedaços.

— Ravi — Aron finalmente diz, em completo constrangimento —, o que está fazendo aqui?

Eu não respondo. Não de imediato. Tampouco choro. Permaneço estático, incrédulo e completamente paralisado, exceto por minhas mãos, que tremem desenfreadamente.

— Você me abandonou no altar. Eu que deveria estar fazendo as perguntas aqui, não o contrário — digo por fim, tentando soar firme, apesar do meu corpo inteiro trepidar.

Sei que meu lábio treme e tento pressioná-los para evitar um choro inevitável.

O de olhos azuis me encara em choque. Suas sobrancelhas franzidas analisam meu rosto como se buscasse algum traço de

brincadeira — que não existe. Ele se vira para Aron, que mantém os olhos fixos em mim.

— Não é uma boa hora, Ravi — Aron diz. — Podemos nos falar de...

— Como assim abandonou no altar? — o rapaz o interrompe com a voz firme, fazendo Aron olhá-lo.

— Logan, eu posso explicar — Aron diz calmamente.

Logan, esse é o nome dele.

Esse é o nome do amante do meu ex-noivo.

Sinto meu peito queimar e eu solto uma risada histérica, que ecoa por todo o corredor.

Aron, meu namorado de anos, diz para mim que não é uma boa hora para conversarmos enquanto tenta se explicar para o amante? É isso?

— Eu não estou acreditando. — Passo a mão pelo rosto, completamente atordoado. — Você é um desgraçado, Aron.

Os últimos anos passam como flashes em minha cabeça, e sinto uma dormência irradiar por todos os meus membros. A raiva, a decepção e a frustração me atingem como um tiro, e eu bato a mão na porta de forma bruta, abrindo-a por completo. Não me importo com o olhar arregalado que recebo de Logan e não me importo com o olhar espantado de Aron, apenas entro no apartamento empurrando os dois para trás. Por impulso, atiro-me em cima de Aron, primeiro com um tapa certeiro em seu rosto, depois com inúmeros tapas que vou desferindo sem saber ao certo onde estou acertando.

Ele grita o meu nome e tenta segurar meus punhos, mas eu vou dando os golpes sem parar. Desconto em seu corpo toda a minha dor e a minha frustração.

Ele estava me traindo enquanto eu estava me preparando para o nosso casamento.

Fecho o punho e vou desferindo golpes, um atrás do outro, até que sinto os braços de Lucca e de Josh me segurando. Eu grito, eu berro, eu esperneio, e mesmo assim há um zumbido em minha

cabeça que não me permite ouvir nada. Meu nome é apenas um borrão que escuto vez outra, mas eu não paro. Só quero atingir Aron, só quero que ele sinta o que eu estou sentindo, só quero que ele sofra. Meus olhos inundam de lágrimas, enquanto Josh e Lucca me puxam de volta para o corredor.

— Calma, Ravi — Lucca me segura e sussurra para mim.

— Eu estava o esperando, seu filho da puta. Eu estava esperando você no altar! — grito o mais alto que posso enquanto choro. — E você estava aí… comendo outro.

— Desculpe-me, mas, se me permite dizer — o rapaz de olhos azuis, mais conhecido como amante do meu ex-noivo, intervém de forma séria —, na verdade eu não dou, eu como. Só para deixar claro.

Olho para ele incrédulo e nego com a cabeça voltando o meu olhar raivoso para Aron.

— Desde quando você é passivo, seu filho da puta? — eu grito chorando, e nem me dou conta do absurdo que acabou de sair da minha boca.

Sinto tanto ódio que estou cego.

— Ravi, calma — Lucca sussurra mais uma vez, mas tudo o que faço é espernear.

— Eu não sabia como dizer isso na sua frente, Ravi. Eu não sabia como… — Aron leva a mão a testa, parecendo atordoado. — Eu não estava preparado para me casar.

— Mas estava preparado para me trair… estava preparado para me passar para trás. Você é horrível, Aron. Você é a pior pessoa que eu já conheci. — Minhas lágrimas grossas molham minha camisa branca de seda, que eu passei horas passando para ficar apresentável para ele. Para estar bonito para ele.

— Você era noivo? — Logan se vira para Aron. — Nesse tempo todo você era noivo?

Nesse tempo todo?

Meu coração cai aos meus pés.

Há quanto tempo?

Há quanto tempo ele está com Aron? Há quanto tempo Aron me trai sem que eu ao menos desconfiasse?

Paro de me debater e permaneço estático, absorvendo a informação. Não foi um fato isolado, isso acontecia bem debaixo do meu nariz. Meu corpo cambaleia para trás pelo impacto e sinto os braços firmes de Josh me segurarem.

— Filho da puta — ouço ele murmurar ao meu lado.

Desvio o olhar de Aron para Logan e percebo que ele está com um semblante perplexo, parecendo incrédulo demais para dizer qualquer coisa.

— Ah, o bonitinho não sabia? Que lindo… outro enganado — debocho, olhando para ele, apesar de sentir meu rosto queimar, e minhas vistas escurecem por um instante. — Pois então, enquanto você estava aí fodendo meu *ex-futuro marido*, eu estava plantado no altar, esperando por ele.

Meu corpo cede um pouco, e sinto os braços de Lucca passarem por minha cintura. Observo alguns vizinhos abrirem as portas, espiando pelas frestas, mas ninguém ousa dizer nada ou interferir de qualquer forma. Eles estão ocupados demais se deliciando com a desgraça alheia.

— Vamos embora, Ravi — Josh diz baixo.

— Eu não vou embora — grito, e uma nova onda de choro me atinge. — Eu não vou embora. Eu quero dizer tudo que eu tenho para dizer. Tudo o que está entalado na minha garganta. — Engasgo e minha respiração se acelera. — Você me fez perder sete anos da minha vida, Aron. Sete anos! Eu confiava em você… Eu amava tanto você. Por que você fez isso comigo? Por quê?

Eu perco a voz e me controlo para tentar não chorar, mas não consigo. A decepção é tanta, que parece se transformar em um rio de lágrimas que caem dos meus olhos.

— Desculpe-me, Ravi. — Aron abaixa a cabeça e suspira. — Eu… eu…

— Eu não aceito. Eu não aceito suas desculpas! — vocifero, sentindo meu corpo tremer compulsivamente. — Eu quero que você

se foda! Eu quero que você… — sinto minhas pernas fraquejarem e minha vista escurecer. — Eu quero que o karma o atinja forte, eu quero vê-lo sofrer, eu quero que você tenha o pior dos castigos, seu desgraçado, filho da puta…

Meu corpo cede de vez e, se não fosse pelos braços fortes de Lucca rodeando a minha cintura, eu teria caído ao chão.

— Ravi… — Ele me sacode, mas minha visão fica turva. Não consigo enxergar direito. — Merda, eu sabia que não era uma boa ideia ter vindo.

Josh dá leves tapas no meu rosto, mas estou desnorteado.

— Ravi, você comeu? — ele pergunta segurando meu rosto. — Ravi, porra… responda. Você comeu?

Tento falar, mas sou tomado por uma vertigem. Meu estômago embrulha, e sinto como se houvesse fogos de artifício sendo estourados por trás das minhas pálpebras.

— O que está acontecendo? — ouço a voz de Logan.

— Ele é hipoglicêmico. Ele provavelmente está tendo uma crise — Aron responde com a voz trêmula.

Tento manter os olhos abertos, mas minha cabeça gira. Ouço um zunido enquanto vozes martelam em minha cabeça. Sei que Josh e Lucca me chamam, mas não consigo responder. Estou prestes a apagar quando sinto dedos quentes em minha mandíbula.

— Abra a boca — Logan ordena, segurando com firmeza o meu maxilar, agachado em minha frente. Não sou capaz de me mover, então permaneço estático. Abro os olhos com dificuldade e só consigo ver a tonalidade de azul de seus olhos de perto. — Abra a boca, cacete.

Obedeço relutante e sinto um líquido atingir minha língua. Engulo rápido inconscientemente. Percebo que é Coca-Cola e sinto o gás queimar a minha garganta.

— Beba tudo — ele ordena enquanto derrama a bebida em minha boca. — Engula e depois respire. Você precisa respirar.

Fecho os meus olhos com toda a força e sinto meu corpo latejar. Minha cabeça ainda roda, e tento regular a respiração. Abro

meus olhos e percebo que ele permanece agachado em minha frente, analisando-me como se eu fosse algum tipo de cobaia em algum laboratório.

— Nunca mais encoste em mim — sussurro pausadamente entre os dentes, com dificuldade, e Logan se afasta de imediato com as sobrancelhas franzidas.

Aos poucos, meus sentidos vão voltando. Depois de um tempo, Lucca me ergue pela cintura antes que eu possa fazer qualquer coisa. Aron tenta se aproximar, mas Lucca espalma a mão no seu peito, impedindo-o.

Lucca sempre foi o mais forte entre nós, e, de certa forma, Aron recua, sentindo-se intimidado.

— Eu juro por Deus que eu só não quebro a sua cara porque você não merece que eu me rebaixe tanto, mas não ouse encostar no Ravi, Aron. Não ouse chegar perto dele. Caso contrário, eu posso mudar de ideia. — Seu maxilar trava. — Você é desprezível. Você me dá nojo.

— Nós somos amigos, Lucca. Achei que você fosse me entender. — Ele se vira para Josh. — Você também, Josh.

— Nós não somos amigos, Aron. Eu o conheci através do Ravi. Éramos amigos por convivência. Eu não lhe devo nada — Josh rebate.

Pisco e percebo o olhar magoado de Aron cair sobre mim, como se ele esperasse que de alguma forma eu fosse defendê-lo.

— Junte as minhas coisas que estão aqui — eu digo baixo com a voz fraca, olhando para os olhos de Aron. — Depois eu peço alguém para buscar para mim.

— Ravi… — ele tenta, mas eu ergo a mão desviando o olhar.

— Eu nunca vou perdoá-lo, Aron — sussurro, sentindo lágrimas caírem dos meus olhos novamente. — Nunca. Nem quando não restar mais mágoas, nem quando os anos passarem e você for apenas uma lembrança, ainda assim, eu não vou perdoá-lo. Então poupe suas palavras.

— Ravi… — Ele tenta se aproximar novamente e me encara com os olhos pretos que tanto amo.

Como alguém pode ter causado tanta coisa maravilhosa em mim e, em um passe de mágica, causar somente dor?

Sinto como se ele tivesse apagado tudo de bom que vivemos em sete anos, manchado a nossa história com uma tinta permanente — tinta que não se apaga, não sai, não se aniquila.

Quando ele encosta em minha mão, meus dedos voam para o seu rosto e eu desfiro outro tapa. Escuto o estalo que a minha mão causa, e seu rosto se vira com o impacto.

— Nós vamos resolver isso — ele sussurra, levando a mão até a bochecha. — Nós vamos resolver...

Observo Logan negar com a cabeça brevemente e em seguida entrar apressado no apartamento.

— Levem-me daqui, por favor — eu digo ofegante, e Lucca confirma com a cabeça.

Meu corpo está leve devido à falta de açúcar, e apesar de Logan ter me dado o refrigerante, ainda sinto meu corpo extremamente fraco. Tenho medo de cair pela tontura, por isso me apoio em Josh e Lucca.

Quando me viro, ainda sendo amparado pelos meus melhores amigos, e caminho pelo corredor, sinto um leve esbarrão e percebo que é Logan. Desta vez ele está vestido e de cabeça baixa. Ele não ergue o olhar e apenas vai em direção às escadas, sumindo em seguida, como se tivesse existido apenas na minha imaginação. Não olho para trás, apenas continuo seguindo até o elevador enquanto Aron resmunga coisas que não faço questão de ouvir.

Quando entro no elevador, permito-me escorregar até o chão gelado. Josh e Lucca não me soltam, agachando-se comigo, e então eu me permito chorar.

Choro alto, não me importando com quem possa ouvir. Sinto-me destruído, sinto-me apunhalado pelas costas. Tenho vontade de cair em um sono profundo e nunca mais ser acordado. Não sei como vou encarar meus pais e Laura. Não sei como vou encarar meus amigos, minha família. Não sei como vou seguir a vida se tudo

que eu até então conhecia se resumia a Aron. Não sei como superar e não sei como seguir em frente. Não sei como viver sozinho quando eu apenas conhecia uma vida com ele ao meu lado.

Essa é a tristeza do fim, ele nunca chega de forma repentina, ele chega em parcelas. Eu queria ter notado antes, eu queria ter conseguido ler os sinais que estavam tão claros. Eu queria ter tirado a venda dos meus olhos e visto com mais clareza o que estava o tempo todo em minha frente. Eu queria ter visto o fim se aproximar, mas eu não vi.

Eu amava tanto o Aron, que via nele apenas o que eu queria ver. Apenas o que era bom. Eu jurava que ele me amava o mesmo tanto que eu o amava, mas minha mãe sempre me disse que isso era impossível. Nunca é uma divisão por igual. Em uma relação um sempre vai amar mais do que o outro, e como eu queria que nessa divisão eu não estivesse com a maior parte.

Não sei o que farei com os presentes de casamento, não sei o que farei com o apartamento que alugamos para começar a nossa vida, não sei o que farei com as passagens da lua de mel para a Grécia.

Eu simplesmente não sei de absolutamente nada... Tudo de que um dia eu tive certeza acabou de escapar pelos meus dedos.

Choro alto vendo as minhas lágrimas molharem os meus joelhos dobrados. Josh e Lucca não dizem nada… só permanecem ao meu lado enquanto eu me afogo nas minhas próprias lágrimas.

Capítulo 3

Lucca e Josh me deixam em casa depois de me levarem para tomar um café em uma loja de conveniência vinte e quatro horas para regular o açúcar no meu sangue. Sei que fizeram isso também para tentar me distrair, e de certa forma sou grato pelos meus amigos estarem comigo neste momento, mesmo eu querendo a todo custo estar sozinho.

Relutantemente eles vão embora depois de eu frisar várias e várias vezes que quero ficar um pouco sozinho.

Preciso colocar os meus pensamentos no lugar.

Preciso pensar, preciso respirar, preciso de ar.

Entro em casa e vou até o meu quarto, sentando-me na cama. Olho em volta e sinto minhas lágrimas voltarem a cair.

Quanto é possível um ser humano chorar antes de entrar em colapso? Se existe algum limite para isso, eu creio que estou quase alcançando.

Eu tinha apenas dezessete anos quando conheci Aron. Eu era um adolescente. Sei que ainda sou novo, mas recomeçar me parece um trabalho muito desgastante.

Eu não sei nem por onde começar.

— Ravi — minha mãe me chama e entra em meu quarto.

Quarto esse que tem só a cama, já que todas as minhas coisas estão empacotadas na garagem. Ela caminha em silêncio até se sentar ao meu lado. Sua mão viaja para o meu joelho, acariciando-me carinhosamente.

Faço o possível para desvincular o pensamento, mas tudo que me vem em mente é a imagem de Aron de cueca e Logan, “o amante”, sem camisa.

A imagem pisca como flash em minha cabeça, e eu sinto o meu estômago embrulhar pelo pensamento.

— Eu não vou lhe perguntar como você está, porque sei que não está bem. Eu só quero ficar aqui com você. Eu posso?

Solto um suspiro tão alto que suponho que ela tenha ouvido.

— Claro, mãe. — Limpo as lágrimas. Essas malditas lágrimas que não param de cair dos meus olhos enquanto sinto meu coração secar um pouquinho mais a cada instante.

— Como foi a conversa? Ele ao menos lhe deu uma boa explicação?

Solto uma risada sem um pingo de humor e nego com a cabeça.

— Claro — digo ironicamente. — A explicação é que ele estava tendo um caso com outro homem enquanto eu estava plantado no altar. Ele estava no apartamento dele com outro cara.

Minha mãe me olha incrédula. Suas mãos vão para a boca, e seus olhos verdes se arregalam sutilmente. Ela ainda está com o vestido longo bordô, e presumo que ela está atordoada demais para pensar em tirá-lo.

— Eu não acredito que ele fez isso — sua voz sai trêmula.

— Em menos de duas horas eu descobri que Aron é capaz de coisas que eu jamais acreditei que pudesse fazer. Como eu pude me enganar tanto, mãe? Quando é que isso melhora?

Seus braços passam por cima do meu ombro e ela me traz para perto enquanto me aconchego em seu peito, completamente devastado.

— Eu sinto muito, meu amor. Coração de mãe não se engana. Eu gostava muito dele, eu realmente torcia para que vocês dois dessem certo — ela diz acariciando as minhas costas. — Só que, ao mesmo tempo, eu via que você se doava mais, filho. O brilho que existia nos seus olhos quando você olhava para ele não

existia nos dele olhando para você. Eu queria estar errada, eu torcia para que eu estivesse, mas pelo visto eu não estava.

— E por que você não me alertou? — Eu inclino o rosto para olhá-la e percebo que ela também tem lágrimas nos olhos. — Por que você não me disse que sentia isso?

— Certas coisas não se dizem, Ravi. Eu não tinha o direito de interferir na sua vida ou nas suas escolhas. Existem coisas que só aprendemos quando nos decepcionamos. Meu papel não é impedi-lo de quebrar a cara, você precisa disso para aprender e crescer. Meu papel de mãe é ampará-lo quando isso acontecer. — Ela passa a mão em minha bochecha, limpando as minhas lágrimas. — Eu tenho certeza de que algo de bom surgirá de toda essa terrível experiência, por mais que isso leve tempo. Toda a decepção nos ensina algo, Ravi.

— O que isso vai me ensinar, mãe? O que ser traído pode trazer de recompensa? — Afundo-me em seu peito novamente, e ela acaricia meus cabelos.

— Eu não sei dizer agora, filho, mas tenho certeza de que você se tornará mais forte com isso. Quando quebramos um osso do nosso corpo, dói… dói muito, mas, quando cicatriza, ele calcifica, fazendo com que a parte quebrada se torne a parte mais forte e mais resistente daquele osso. Dificilmente ela se quebra de novo. Você vai sair dessa muito mais forte e mais seguro de si. Eu tenho certeza.

— Eu não tenho tanta certeza assim. — Fungo, choroso.

— Mas eu tenho, filho. Há males que vêm para o bem.

Ficamos em silêncio por um momento enquanto ela me nina. Aquele silêncio confortável de duas pessoas que se conhecem bem e que se entendem. Minha mãe sempre foi doce, nunca levantou o tom de voz comigo, nem quando eu era criança. Ela me fazia acreditar que havia bondade no mundo, mas esqueceu de me ensinar que também existia o outro lado.

Quando entrei na corporação, minha família inteira não acreditou que eu conseguiria seguir essa carreira. Eu, que sempre fui tão tímido e quieto, tornei-me um policial, apesar de nunca ter ido

para as ruas. Eu sempre fui um policial administrativo, sempre lidei com papéis. Sei manejar uma arma, mas nunca precisei usá-la. Sei como as algemas funcionam, mas nunca precisei prender ninguém. Eu lido com documentação, preencho boletins de ocorrência, analiso papéis. Suponho que a minha inocência tenha vindo daí. Eu não sei como o mundo realmente funciona. Eu cresci em uma família em que a violência nunca foi utilizada. Eu nunca lidei com o crime de frente, mas acredito que ver como as pessoas mais próximas podem trair você lhe dá um choque de realidade que a rua não ensina.

Fico pensativo e solto um suspiro doloroso antes de refletir:

— A lua de mel é amanhã. O que farei com as passagens?

— Você vai — minha mãe diz, convicta.

— Como assim? — Desvinculo-me do seu abraço apenas para olhá-la.

— Você vai aproveitar a sua lua de mel. Grécia sempre foi seu sonho, e você não pode deixar essa oportunidade passar. Pegue a passagem e vá para a sua lua de mel sozinho. Curta cada instante da viagem.

— Eu não sei se consigo ir sozinho. — Engulo em seco por saber que talvez eu tenha desaprendido a ser só.

— Ravi, por mais difícil que as coisas possam estar, você precisa aprender a estar sozinho. Você tem a sua própria companhia. Você é autossuficiente, e aposto que vai ser uma boa você começar a se conhecer de novo em um lugar tão lindo quanto a Grécia. De qualquer forma, você está de férias e só volta a trabalhar daqui duas semanas. Não tem porque você não ir. Sua mala já está pronta na garagem, e amanhã eu o levo ao aeroporto, se quiser.

Tento não pensar, mas meu pensamento volta para Aron. Fechamos o pacote com tanto sacrifício. Foram meses juntando o dinheiro para conseguirmos pagar. Pelo menos ele pagou pela parte dele.

— É, eu acho que pode ser uma boa — digo, incerto.

— Vai ser, filho. Quero que tire muitas fotos e lembre dessa viagem como um recomeço, pois vai ser. Aposto que, daqui a um tempo, você vai lembrar de tudo isso e achar graça. As coisas levam tempo para se curar, Ravi… mas, quando se curam, curam-se para sempre.

Tento sorrir para a minha mãe, que me cede um sorriso carinhoso em retorno. Olho em volta e percebo que estamos sozinhos.

— Cadê meu pai e a Laura?

— Eles ficaram lá para resolver as coisas. Não se preocupe, eles estão dando um jeito em tudo.

Sinto um aperto no peito ao me lembrar de como saí desesperado daquele quarto, de como dei meu discurso para os convidados, de como abandonei a festa.

— Você ouviu o meu discurso, mãe? Acha que exagerei?

— Querido, você está machucado. A sua reação é completamente compreensível — ela me consola de forma carinhosa. — Não se preocupe com isso. Não se preocupe com as pessoas, Ravi. Você tem que se preocupar só com você agora.

Eu assinto, e ela me encara, parecendo ponderar antes de continuar:

— Quando voltar da viagem, quero que veja o psicólogo da Laura. Acho que pode ajudá-lo.

— Eu não estou depressivo, mãe — contesto. — Eu estou apenas arrasado.

— Eu sei, filho, mas a decepção gera altos e baixos, e seria bom que você tivesse com quem conversar quando os baixos chegarem.

Apesar de relutante, prometo a ela que vou pensar a respeito. Ela se levanta e vai até a cozinha preparar um chá para mim enquanto eu me banho. Retiro a minha roupa e entro embaixo do chuveiro, pedindo que a água leve embora todas as lembranças dolorosas de hoje. No entanto, para minha tristeza, isso não acontece.

Passo a noite em claro, revirando na cama e, quando olho pela janela, vejo os raios de claridade começarem a aparecer. Levanto-me sem nenhuma disposição e me arrumo.

Eu irei para a Grécia. Eu aproveitarei a minha lua de mel em minha completa solidão.

Minha mãe me ouve levantar e se levanta junto, assim como Laura. Não a ouvi chegar ontem, talvez ela tenha feito um esforço tremendo para não me incomodar. Meu pai também não me acordou, acredito que, assim como eu, ele ainda está absorvendo os fatos.

Sento-me para tomar um café, sabendo que preciso comer algo para não desmaiar no aeroporto por falta de açúcar, mas meu estômago embrulha. Laura se aproxima e beija a minha testa antes de sentar em minha frente.

— Para você. — Ela estende a mão, e vejo um caderno.

— O que é isso? — pergunto ao pegá-lo.

— Um caderno para a viagem. Uma espécie de diário. Dr. Antony sempre diz que é bom escrevermos sobre o que estamos sentindo. Achei que seria bom você ter um diário para escrever sobre a viagem, sobre seus sentimentos, suas angústias… Sobre qualquer coisa.

Olho para o caderno de capa marrom e lanço um sorriso pequeno para minha irmã. Não sei se escreverei algo, mas sei que a intenção dela foi a melhor, então o guardo em minha bagagem de mão. Termino o café e estou pronto para ir ao aeroporto.

Estaria mentindo se dissesse que Aron não passa pela minha cabeça, ainda mais agora, que estou indo para o que seria a nossa lua de mel, mas me seguro para não chorar. Pelo menos não hoje. Despeço-me dos meus pais e da minha irmã e entro no avião, lutando contra as lágrimas e contra toda a angústia que me consome por completo.

Diário de viagem.

Dia 1.

Eu nem sei porque estou escrevendo. Talvez seja pela esperança de que isso me ajude de alguma forma.

A Grécia é realmente um paraíso. Acho que nunca estive em um lugar tão lindo como este. Palavras não são o suficiente para descrever... por isso, assim que voltar, eu vou imprimir a foto que tirei quando cheguei ao hotel – mesmo sabendo que também não fará jus à beleza – e colarei aqui.

O hotel é maravilhoso, a banheira, a vista… a comida então, nem se fala.

Uma pena que me lembro de Aron a cada instante… E me lembro dele de forma saudosa, com um aperto no peito e com a sensação de angústia e esperança ao imaginar que tudo poderia ter sido diferente para que pudéssemos estar aqui juntos, usufruindo da nossa lua de mel.

Às vezes me pego desejando que tudo isso não passasse de um pesadelo, de um sonho ruim do qual eu ainda não despertei.

Muitas vezes desejo acreditar nisso com veemência, para que então eu possa finalmente acordar e tê-lo comigo de novo; como éramos, ou pelo menos como achava que éramos…, mas eu sempre caio na real e vejo que era inevitável.

Prometo que amanhã será um pouco melhor que hoje, e talvez eu não pense tanto nele… Mas, por enquanto, estou tentando apenas seguir.

Preciso de sol. Por isso, estarei na praia o restante do dia…

Amanhã volto a escrever.

P.S.: Estou escrevendo para o Ravi que me tornarei no futuro.

Dia 2.

O dia amanheceu nublado, e eu fiquei grato pelo sol não estar escaldante, já que acordei com uma insolação terrível.

Conheci um grego na praia ontem e de certo modo ele me atraiu.

Pensei que isso só seria possível depois de um certo tempo, mas pelo visto eu estava errado. Apesar de ele me lançar alguns sorrisos em forma de flerte, nem eu falava grego e nem ele falava inglês. A comunicação era completamente precária, e, depois de um tempo, perdi a paciência em tentar compreender suas mímicas e simplesmente voltei para o hotel. Ele me lembrava Aron. Talvez tenha sido por esse motivo que eu me senti atraído… Os olhos e pele escura, o sorriso de lado, a covinha no queixo.

Ah, merda…, estou chorando.

Quantos dias demora para curar um coração machucado? Quanto tempo é necessário para essa angústia passar?

Espero que eu descubra a resposta em breve.

Dia 3.

Josh me ligou por chamada de vídeo e me obrigou a fazer um tour para mostrar o hotel em detalhes a ele. Seus olhos azuis atentos e sua risada alta nos causou olhares de reprovação vindos da recepção, mas apenas sorri disfarçadamente e os mandei ir à merda mentalmente. Mostrei todo o hotel e enviei fotos das praias, já que eu não tenho internet fora das dependências.

Hoje pensei menos em Aron. Talvez seja porque passei o dia ocupado com o guia turístico, visitando alguns pontos de Santorini. Talvez seja porque estou finalmente me acostumando com sua ausência.

Não sei ao certo, mas hoje, definitivamente, foi um dia melhor.

Dia 4.

Santorini é mesmo um paraíso…

Paro abruptamente de escrever e caio em um choro profundo. Vejo minhas lágrimas molharem o papel do caderno e meus soluços invadem o quarto.

Como eu queria que Aron estivesse aqui. Como eu queria que tudo fosse como era antes.

Eu odeio o fato de estar aqui sozinho, odeio o fato de sempre me perguntarem onde está o meu acompanhante em todos os passeios — já que o pacote era para dois —, odeio o fato de ter sido traído, de ter sido enganado, de estar do outro lado do mundo.

Odeio!

Odeio ainda amar Aron mesmo sabendo que ele não é nem um pouco digno do meu amor. No entanto eu não vou escrever isso no caderno. Aron não merece meus sentimentos e meu sofrimento descritos em uma folha de papel.

Engulo o choro, tentando me recompor, e vou até a praia me entupir de gim-tônica. Só assim conseguirei passar o dia sem me afogar em tristeza.

Dia 5

Faltam dois dias para eu voltar para Klever. Dois dias e eu volto para casa. Estou tendo uma crise de pânico por isso. Tenho medo de encarar a realidade, tenho medo de voltar para a minha vida e perceber que nada mudou.

Eu ainda fui abandonado e traído.

E todos sabem disso.

Parando para pensar com mais clareza depois do baque inicial, tenho medo de ter adquirido uma doença sexualmente transmissível. Se Aron não teve nem consideração por mim, o que me garante que ele não me traía sem camisinha? O que me garante que ele se importava com isso?

Estou apavorado e preciso marcar exames urgentemente quando eu voltar.

Hoje eu não estou bem, mas tento pensar que é um dia de cada vez que se vive a vida.

Dia 6

Vou embora amanhã. Hoje é o último dia neste paraíso. Ontem, o guia turístico nos levou para fazer uma trilha em uma praia deserta. Lembrei de levar pirulitos para o caso de a minha glicose despencar. Eu andei devagar, e ele, por medo de que eu me perdesse, ficou atrás de mim durante todo o caminho. Quando estávamos voltando para o hotel, ele me disse uma frase que jamais vou esquecer:

"Um mal pequeno é um grande bem."

Não sei qual foi a intenção dele ao me dizer isso. Talvez tenha sido por pena, já que ele sabia que o meu pacote era de lua de mel, e eu estava sozinho. Talvez tenha sido porque ele sentiu que precisava me dizer essas palavras. Talvez seja apenas um ditado grego. De qualquer forma, eu jamais vou esquecer.

Sentirei falta da Grécia.

Sentirei falta da sensação de ter dado um tempo do mundo. Mas a realidade bate à porta. Estou voltando, mas não esquecerei os dias que passei aqui e nem os relatos que escrevi neste caderno. Prometo continuar escrevendo.

P.S.: Ravi do futuro, espero que, quando ler isso, lembre-se de que, mesmo quebrado, eu tentei sorrir. Aproveitei tudo o que poderia aproveitar e tentei aprender a ser só, por mais difícil que isso esteja sendo. Espero que você tenha conseguido se ver livre, num futuro não tão distante.



Uma semana se passou desde que voltei da Grécia. Para a minha surpresa, Aron me ligou todos os dias, e eu precisei tirar força das tripas para não atender a nenhuma das ligações. Meu pai sempre me diz: para as coisas se ajeitarem, é preciso dar um passo de cada vez.

É isso que estou tentando fazer, sem me precipitar, sem cair em tentação, sem dar um passo maior que a perna.

Volto hoje para a delegacia. Quem sabe assim minha cabeça, incansavelmente desnorteada, para de pensar um pouco. Preciso ocupar a mente para não enlouquecer.

Visto-me com a minha farda preta, que adorna meu corpo mais magro que antes, e ergo o meu cabelo, prendendo-o em um coque. Respiro fundo e vou para o meu primeiro dia de trabalho depois de não ter me casado quando todos acharam que isso aconteceria — inclusive eu.

— Ravi — o delegado Melz me cumprimenta com um aperto de mão assim que me aproximo de sua mesa —, que bom que voltou. Como foi a viagem?

— Foi ótima. — Tento sorrir e imploro mentalmente para que ele não renda mais esse assunto.

Agradeço também por ele ter usado "viagem" e não "lua de mel". Seria um tanto humilhante descrever para o meu superior a lua de mel que passei sozinho.

— Fico feliz. — Ele aponta para a cadeira em sua frente. — Sente-se, por favor. Precisamos alinhar algumas coisas.

Assinto e me sento de frente a ele. Reparo alguns olhares de condescendência partindo de alguns dos meus colegas de trabalho, já que a maioria estava presente no fatídico dia. Tento ignorar os olhares e apenas sorrio, cumprimentando-os rapidamente.

— Treinamos o Algernon para ficar no administrativo durante as suas férias. Ele está dando conta do recado, não se preocupe em relação a isso. — Ele ajeita os óculos quadrados e me olha. — No entanto o departamento de Yorkshire está precisando de reforço. Pensei em mandar o Algernon, mas ele ainda não tem a experiência necessária. Aqui eu posso ajudá-lo e orientá-lo nas funções, lá não

há ninguém para exercer esse papel. Pensei então em mandar você para lá. Não fica muito longe daqui e, a princípio, seria para preencher o cargo até que eles contratem alguém. Não é uma transferência. Você pode voltar a hora que quiser, mas — ele pigarreia — pensei que seria bom para você respirar novos ares.

Sei muito bem o que ele quer dizer com: novos ares. Ou seja, estar em um lugar que ninguém saiba da minha desgraça.

— Claro, sem problemas. — Sorrio sem graça. — Fica até mais próximo da minha casa.

— Ravi — ele diz com a voz baixa e estende a mão, tocando em meus dedos brevemente —, eu realmente sinto muito por tudo o que aconteceu.

— Está tudo bem, Melz — asseguro para que ele não precise tocar mais no assunto.

Percebo olhares curiosos em nossa direção, mas tento não me abalar apesar da enorme vontade que tenho de chorar. Ele me lança um sorriso repleto de pena, daquele tipo que eu odeio, e eu forço um sorriso de volta, tentando não parecer tão falso.

— A vaga nesta delegacia é sua, fique lá só o tempo que quiser. Caso eles não estejam achando alguém para ocupar o cargo e você queira voltar, é só falar comigo.

— Tudo bem — respondo seco e me levanto. — Já posso ir?

— Pode. O delegado Theron já está à sua espera. — Ele também se levanta e estende a mão para apertar a minha novamente. — Seja bem-vindo de volta, campeão.

— Obrigado — respondo e saio o mais rápido que consigo. Dou alguns acenos, mas na maior parte do caminho eu permaneço de cabeça baixa.

Vou até o meu carro e dirijo até o departamento de Yorkshire. Não achei a ideia ruim. Lá pelo menos ninguém me conhece, e não me lançarão olhares de pena de cinco em cinco minutos porque sabem do ocorrido. Sem contar que é vinte minutos mais perto da minha casa. Posso sair mais tarde e chegar mais cedo.

Estaciono o carro e vou em direção à entrada. A delegacia é mais bonita e mais nova do que a de Willton. Peço mentalmente que os equipamentos sejam mais avançados também, já que o computador que eu usava faltava explodir na minha cara.

Caminho até a portaria, um tanto inseguro, e me apresento para o policial que tem em sua credencial o nome Cooper.

— Boa tarde. — Abro um sorriso mínimo. — Sou o Baumer, policial administrativo de Willton. Melz me enviou.

— Ah, claro. — Abrindo um sorriso, ele se levanta por trás do vidro que nos separa e abre a porta, recebendo-me com um aperto de mão. — Prazer, Baumer. Já estamos cientes da sua chegada e estávamos ansiosos pelos seus serviços. Não aguentamos mais o Bob com a sua lentidão para digitar os boletins de ocorrência. Você precisa ver… É no mínimo duas horas.

Ele solta uma risada baixa, e eu também sorrio, soltando um som baixo de riso. Espanto-me por um instante. Há dias eu não sorria de forma tão genuína. Encaro-o por um breve momento e percebo o quanto ele é bonito. Sua pele bronzeada, seus cílios gigantes, que piscam lentamente para mim, e seus olhos cor de âmbar me deixam hipnotizado. Seu rosto parece esculpido, e seu sorriso é deslumbrantemente charmoso. No entanto, paro de sorrir quando escuto uma voz partindo por trás de mim.

— Oh, merda!

Olho para trás por impulso e me deparo com a única pessoa que não gostaria de ver de novo em minha vida. Parado em minha frente, também de uniforme, está Logan, mais conhecido como amante do meu ex-noivo.

Capítulo 4

Paro de respirar por alguns instantes e pisco os olhos lentamente para tentar enxergar com mais clareza. Não é possível que, de todos os lugares disponíveis do mundo, ele trabalhe justamente aqui. Não é possível que, de todas as profissões existentes, ele também tenha escolhido ser policial.

Suponho então que seja uma preferência de Aron. Ele deve ter uma queda por homens da lei.

— Você? — é tudo o que consigo dizer, ainda completamente abobado pelo choque em vê-lo.

Ele segura uma xícara de café nas mãos, e observo os nós de seus dedos se esbranquiçarem, como se ele estivesse apertando a xícara com uma força excessiva.

— Você é o Baumer? O policial administrativo que o Melz nos enviou? — ele pergunta, encarando-me com os olhos azuis mais abertos que o normal.

— O universo só pode estar de brincadeira comigo — bufo frustrado, e o policial Cooper me olha parecendo confuso, como se não entendesse nada do que está acontecendo. — Eu vou ligar para o Melz agora e pedir para voltar para Willton.

Logan solta uma longa lufada de ar enquanto eu levo a mão ao bolso para pegar meu celular. Ele se aproxima do meu corpo, e eu recuo um pouco, dando alguns passos hesitantes para trás.

— Olha... — ele diz e leva a mão em meu braço para impedir que eu pegue o aparelho. Sinto o seu toque e me assusto, tirando o braço do seu contato de forma bruta.

— Eu já disse para não me tocar — digo seco e sinto meus lábios tremem de raiva por sua audácia.

— Desculpe. — Ele recua.

Seu olhar se encontra com o meu, e preciso me segurar para não demonstrar o quanto a sua presença me abala. Eu jamais imaginei que fosse vê-lo novamente e torcia para que isso não acontecesse.

Mas nada é tão ruim que não possa piorar.

Ele abre a boca algumas vezes, hesitantemente, e inclina levemente a cabeça, parecendo estar em conflito interno.

— Eu sei que temos alguns atritos e algumas diferenças — ele diz, pigarreando sem graça —, mas nós realmente precisamos de você aqui. Pelo menos temporariamente. O setor administrativo está um desastre, e já estamos sem esperanças. Não precisa ficar por muito tempo, só o suficiente para acharmos outra pessoa para ocupar o seu lugar.

Eu o encaro, fechando o semblante, e seus olhos azuis me analisam como se eu fosse de outro planeta.

— Eu não suporto olhar na sua cara — praticamente sussurro, sentindo a minha mandíbula completamente travada em raiva.

Cooper, entretanto, intervém. Suas sobrancelhas franzidas e seus olhos arregalados vão de Logan para mim e de mim para Logan.

— Vocês já se conhecem? — ele pergunta baixo.

Quando estou prestes a responder, Logan cruza os braços em frente ao peito. Sua farda preta se alinha perfeitamente em seu corpo, e eu sinto o ódio me consumir ainda mais. Consigo me lembrar perfeitamente da sua imagem sem camisa no apartamento de Aron, e meu estômago embrulha pelo pensamento.

— Você acha que eu sabia de toda aquela merda? — ele indaga, parecendo irritado. — Você realmente acha que eu sabia?

— Ah, claro que não — respondo ironicamente. — Você realmente está me dizendo que não desconfiava de nada?

— É óbvio que não — ele diz, olhando-me fixamente. — Ou você acha que eu tenho algum tipo de fetiche em homens que abandonam o noivo no altar? — Ele abaixa o tom na última frase, e eu sinto o meu rosto queimar.

Para a minha sorte, só Cooper ouviu, já que os outros policiais parecem estar ocupados demais em seus devidos cargos. Cooper parece não ter entendido, e eu solto um suspiro de alívio ao notar isso.

— Vá à merda — vocifero para Logan, mas é Cooper quem arregala os olhos.

Ele já desistiu de falar algo faz tempo, apenas permanece entre nós dois enquanto nos encara como se fossemos algum tipo de entretenimento.

— Eu sinto muito pelo que aconteceu com você, *florzinha* — Logan diz, erguendo as sobrancelhas, porém permanece sério, apesar do deboche inserido em sua voz —, mas eu não tenho nada a ver com isso. Eu não tive culpa.

— Claro que não. — Dou de ombros, sorrindo sarcástico. — Você simplesmente caiu no pau do Aron.

— Quem é Aron? — Cooper pergunta, e Logan lança a ele um olhar fuzilante antes de ignorá-lo completamente ao voltar a olhar para mim.

— Eu já disse que não sou passivo. Além do mais, eu não sabia que ele era comprometido. Era apenas sexo.

Engulo em seco e sinto meu peito queimar. Pisco rápido para dissipar a vontade repentina que eu tenho de chorar. Encaro-o de forma dura e franzo as sobrancelhas.

— Quanto tempo? — eu pergunto com a voz levemente falhada. Ele me olha parecendo confuso, e eu aumento o meu tom de voz. — Há quanto tempo estavam juntos?

Ele não me responde de imediato, e percebo sua traqueia se contrair como se estivesse engolindo em seco. Ele parece constrangido, mas eu não me importo. Eu preciso saber.

— Era só sexo — ele responde baixo —, não tinha nada além...

— Quanto tempo? — eu o interrompo, aumentando o tom de voz mais uma vez, notando que alguns policiais nos encaram.

Pigarreio sem graça, tentando manter a minha postura enquanto Logan lança um olhar em direção a eles, fazendo com que voltem para as suas funções.

— Três meses — ele sussurra, voltando a me encarar, parecendo um tanto envergonhado.

Meu coração cai ao chão.

Tento engolir o bolo que se forma em minha garganta, mas não me permito chorar. Não na frente dele.

Limpo a garganta para me recompor e disparo:

— Era só sexo e durou três meses?

— Era um bom sexo. — Ele dá de ombros, parecendo completamente inerte à dor que suas palavras me causam.

Sinto meu estômago embrulhar e passo a mão pelos cabelos de forma nervosa. Respiro o mais fundo que consigo e sinto o olhar do policial Cooper me queimar, mas não o encaro.

Acabo de perceber que Logan não tem pudor algum em me magoar. Ele não escolhe as palavras que usa. Isso não me surpreende em nada, afinal não o conheço. Sem contar que Aron, que era o meu namorado há sete anos, também não teve nenhum pudor em fazer o que fez. Então por que esperaria consideração de uma pessoa que não conheço quando não tive sequer a consideração vinda de uma pessoa que dizia me amar?

Regulo a minha respiração descompassada e tento me livrar do aperto no peito quando nego brevemente com a cabeça.

— Por mim, você pode ir se ferrar junto com Aron — digo baixo, entredentes, olhando no fundo dos seus olhos. — Quanto a isso, acredito eu que estamos entendidos. Já em relação a esta delegacia, eu estou aqui porque o departamento precisa de mim. Mas acredite quando eu digo que não suporto olhar para a sua cara. Você se acha engraçadinho e tripudia sobre a desgraça alheia.

Ele me encara sério e nega levemente com a cabeça.

— Eu não estou tripudiando sobre você, Ravi. — Minha espinha gela quando ele diz meu nome tão naturalmente. Espanta-me ele ter lembrado, mas eu tento não transparecer o efeito que isso me causa. — Eu acho que você não merecia o que aconteceu. Eu não fui atrás dele, não fui eu quem procurei. Ele estava num aplicativo de relacionamento. Para ser sincero, com certeza eu não fui o único, isso eu posso lhe garantir. Só dei a má sorte de estar no lugar errado e na hora errada.

Cada vez que ele abre a boca, a situação piora um pouco mais, e eu fico completamente estarrecido em saber de todas as informações que ele me bombardeia sem nenhum cuidado.

— Assim como está agora…, mais uma vez no lugar errado, e na hora errada — disparo, sentindo a raiva me tomar mais uma vez. — Não sei nem porque você faz o esforço de falar comigo. Eu sinceramente não tenho nada para falar com você. — Solto um suspiro pesaroso e estreito meus olhos para ele. — Eu vou fazer o meu trabalho, mas vou pedir ao delegado para que me deixe o mais distante possível da sua equipe. Eu me recuso a trabalhar com você.

— Desculpe, florzinha, mas acredito que isso não seja possível. — Um breve sorriso surge em seus lábios, e a ira me invade.

— Dá para parar de me chamar assim? — estouro. — Tente ao menos agir de acordo com a sua idade. Além do mais, desde quando eu lhe dei intimidade para você achar que está no direito de me dar apelidos? — digo ríspido, encarando os seus olhos azuis, e me viro para Cooper. — Quem é o delegado? Preciso falar com ele agora.

Logan pressiona os lábios, escondendo um sorriso quando Cooper aponta para ele. Meu coração despenca enquanto olho completamente incrédulo para o dedo apontado em sua direção.

— Surpresa, florzinha. Achei que não fosse perceber nunca — ele debocha.

Posso não ver meu rosto, mas aposto que empalideci. Meu sangue parece ter sido drenado do meu corpo. Ele me encara,

pressionando os lábios, parecendo evitar um sorriso, e eu engulo em seco, completamente estarrecido.

— Você é o delegado deste departamento?

— Sou — ele responde com o tom de voz completamente autoritário. — E não se preocupe. Não levarei essa nossa conversa para o lado pessoal e não lhe darei uma advertência por má conduta com os superiores. Vou relevar todas as vezes que me mandou ir a merda e me ferrar, que, convenhamos, foram muitas em um curto período. — Ele me encara e apoia a xícara de café em uma mesa próxima. — Você pode me evitar o quanto quiser, para mim realmente não faz diferença alguma. Mas precisaremos interagir vez ou outra, e espero que seja profissional o bastante para não deixar que nossas diferenças prevaleçam no ambiente de trabalho. Eu realmente preciso dos seus serviços.

Eu não sei o que dizer, perco as palavras. Olho para ele incrédulo, mas seu olhar não desvia do meu. Não há um traço de deboche em suas palavras e nenhum esboço de sorriso em seu rosto. Percebo que ele está falando sério.

Mais do que nunca, tenho vontade de ligar para Melz e pedir minha vaga de volta, mas, de certa forma, fico incomodado em estar num ambiente onde todos sabem o que aconteceu comigo. Aqui, pelo menos, só existe Logan, o que eu posso considerar ainda pior se eu for parar para pensar, mas é apenas ele quem sabe do ocorrido. Além de estar envolvido na situação. Pondero por um instante e então falo:

— Eu fico, mas com algumas condições — ofereço, já me arrependendo.

— Prossiga — ele diz sério.

— Farei meu trabalho com êxito e você sabe disso, caso contrário eu não estaria aqui. Porém eu quero o mínimo de interação possível. Eu não quero ser interrompido, não quero ter que interagir e muito menos conversar com você, exceto em casos extremamente necessários. E — engulo em seco — espero que você não conte a ninguém desta delegacia o que aconteceu. Espero que isso fique somente entre nós.

Ele estreita o olhar, analisando-me com uma profundidade que me estarrece.

— Perfeitamente esclarecido — ele diz por fim, erguendo as mãos em rendição. — Mais alguma exigência?

— Só isso — respondo, travando os dentes.

Ele então se vira para o policial Cooper, dando um leve aceno de cabeça.

— Cooper, você pode mostrar ao Baumer sua nova sala? Suponho que ele ficará mais confortável com a sua presença.

Ele volta a me encarar depois de dar os comandos para Cooper, mas eu desvio o olhar. No entanto, por algum motivo, antes de me virar para seguir pelo corredor, volto a olhá-lo mais uma vez. Seu semblante sério não muda enquanto ele me encara parecendo mostrar a sua completa autoridade. Assim que Cooper começa a seguir pelo corredor, eu me viro e o acompanho.

— Seja bem-vindo, Baumer — Logan diz baixo, mas alto o bastante para que eu ouça.

Eu não me viro, apenas continuo caminhando.

— Vá à merda — retruco, resmungando entredentes e travando o maxilar.

Capítulo 5

Tenho tido muitos pesadelos e não tenho dormido bem. Todas as noites acordo angustiado e me sento na cama, esperando que a sensação de queimação em meu peito passe. Quando percebo, o dia já amanheceu. Tenho ficado mais cansado que o normal, já que o administrativo estava realmente uma bagunça. Não tenho um minuto de descanso enquanto tento organizar o setor.

Cooper sempre tenta interagir comigo, o que não acho ruim, já que ele é uma ótima pessoa. Sei que ele ficou intrigado com a minha conversa com Logan, mas preferi não contar do que se tratava, e ele, felizmente, não insistiu. É com ele que eu almoço todos os dias. Ele me contou que se chama Alec, tem vinte e sete anos e tem descendência árabe. Essa última parte não precisava ser dita, seu rosto bem esculpido e seus cílios enormes deixaram isso bem claro. Às vezes tenho medo de estar babando quando olho para ele. Ele é inegavelmente lindo e, além de tudo, é um doce. Não sei nem se ele é gay, mas não faço questão de perguntar, já que não quero nem pensar na hipótese de me envolver com alguém tão cedo. Apesar de tudo, sinto-me confortável perto de Alec, coisa que não acontece quando vejo Logan passar pelos corredores.

Ele sempre faz questão de me lançar um olhar bem específico, como se estivesse de olho em tudo que eu faço. Não temos interagido, e ele tem cumprido a sua parte no acordo desde que cheguei. Não tenho me sentido incomodado. As pessoas aqui não me olham com pena, porque não sabem da história. Pelo menos Logan teve a decência de cumprir a promessa de não contar nada a ninguém.

Aron ainda me liga, mesmo tendo diminuído a frequência, e meu coração se acelera sempre que seu nome aparece em minha

tela. Ele envia algumas mensagens que eu apago antes de ler para não sofrer ainda mais. Sei que a ficha dele está caindo agora. Talvez esse seja o momento que ele sinta falta do que teve e sinta saudades de mim.

Tenho ido ao Dr. Antony duas vezes por semana, por insistência da minha mãe e de Laura. Apesar da minha relutância de início, ele tem me ajudado, e conto a ele coisas que não tenho coragem de contar para mais ninguém. Na primeira sessão, eu disse a ele que não sabia por que estava lá, já que não tinha nada para falar. Em dez minutos eu já estava chorando e contando a ele toda a minha vida.

Talentos de psicólogos, eu diria.

Semana passada fiz alguns exames de possíveis doenças sexualmente transmissíveis e, para o meu alívio, todos vieram limpos, por enquanto. Ainda tenho receio de ter contraído algo, já que transávamos sem camisinha, e algumas doenças demoram para se manifestar. Sinto raiva quando lembro disso. Sinto ódio de mim mesmo por não ter me prevenido. Conheço Aron há sete anos e mesmo assim não o conhecia. Mesmo confiando nele, ele me traiu, o que me leva a crer que não se deve confiar nem no seu parceiro de anos.

Tenho tentado seguir em frente, de pequeno passo em pequeno passo. Às vezes me bate uma tristeza profunda, daquelas que dilaceram o peito, mas o Dr. Antony me disse que é normal e que é necessário que eu passe por todos esses estágios para me curar. Quando perguntei a ele o que eu faço durante esses dias torturantes, ele simplesmente respondeu:

— Você chora, Ravi. Você chora e vive o seu luto.

E é isso que tenho tentado fazer. Estou vivendo o meu luto enquanto choro vez ou outra.



Estou redigindo alguns documentos quando percebo uma sombra na porta da minha sala. Não preciso levantar os olhos para saber de quem se trata. O perfume com um leve toque de amante do meu ex-noivo penetra em meu olfato.

Logan nunca me confirmou se tinha ou não largado Aron, mas pela maneira que ele saiu aquele dia, tive a sensação de que sim, eles não estão mais juntos. No fundo, não quero pensar nisso, não quero pensar nas hipóteses, prefiro tentar esquecer, por mais que meu cérebro me traia.

Levanto meus olhos e percebo que ele está me olhando enquanto escora o corpo no batente da porta. Toda vez que o vejo, sinto um ódio descomunal me consumir por perceber que seu uniforme cai em perfeito estado em seu corpo. Não há nada sobrando e não há nada faltando. Parece que, diferentemente de todos os policiais daqui, Logan tem um uniforme feito sob medida. Nem o de Alec fica tão justo assim.

Ele me encara e desencosta do batente, vindo em minha direção. Sinto meu coração acelerar, e não é uma sensação que eu gosto de sentir.

— Preciso que faça uma ronda — ele diz baixo. Seu semblante é completamente sério, e eu franzo as sobrancelhas.

— Perdão?

— Preciso que você faça uma ronda junto com Cooper em uma das escolas aqui da proximidade — ele reitera. — Estou recebendo denúncias de brigas corriqueiras no final das aulas e preciso que vocês fiquem por lá para evitar qualquer situação.

— Por que não manda os outros policiais deste departamento fazerem isso?

— Estou com desfalque na equipe. Metade dos policiais estão em uma tarefa de apreensão de drogas na cidade vizinha. Como é uma tarefa tranquila, pensei em mandar você de patrulha com o Cooper.

Eu passo tempo demais analisando o seu rosto sem dizer uma só palavra. Ele deve estar de brincadeira com a minha cara. Logan sabe que eu sou um policial administrativo e não fico nas

ruas. Ele está arrumando uma desculpa para me implicar e me deixar puto.

— Eu sou um policial administrativo — esclareço, cruzando os dedos sobre a mesa em frente ao computador.

— Você é policial e ponto — ele diz rígido e se inclina apoiando as mãos em minha mesa, encarando-me nos olhos. Recuo levemente para trás e engulo em seco enquanto ele continua: — Nesta profissão não escolhemos o que queremos fazer. Fazemos o que tem que ser feito. E agora, neste momento, eu preciso que você faça uma ronda junto com Cooper na escola. Não tenho outra opção a não ser você. Não posso tirar os poucos policiais daqui para fazer isso.

Eu o encaro com ódio nos olhos e ele me encara da mesma forma. Parece que estamos fazendo alguma espécie de competição para ver quem cede primeiro, quem desvia o olhar primeiro, quem se entrega primeiro.

Mas eu não recuo, meus olhos ficam fixos nos dele enquanto não falamos absolutamente nada. Logan então suspira e desvia o olhar, voltando a ficar ereto e dando as costas para mim.

— Vão ser só dois ou três dias. — Ele leva a mão até a nuca, passando os dedos no cabelo castanho-escuro perfeitamente aparado. — Só no fim da aula. Não precisa ficar lá mais do que uma hora. Além do mais, sei que almoça com Cooper e poderão voltar ao meio-dia para não atrapalhar o almoço de vocês.

Ele se vira, e eu finjo analisar. Poderia dizer que não vou, mas infelizmente sou submisso a ele e, por mais que eu o odeie, eu preciso seguir suas instruções.

— Certo. Cooper sabe o endereço? Já passou as instruções para ele?

— Vou passar assim que sair daqui. Preferi lhe perguntar primeiro, já que não sabia se você realmente faria.

— Por quê? — Franzo o cenho. — Por que me perguntar se você sabe que eu tenho que fazer?

— Porque eu sabia que você poderia negar. Além do mais, pensei que ameaçaria sair desse departamento. Preferi não arriscar,

você é imprevisível. — Seus lábios vacilam, e ele os pressiona, como se tivesse falado demais.

Solto uma risada sem humor e volto a olhar para o computador.

— Farei a ronda, não se preocupe — digo baixo. — E espero que esteja chovendo de candidatos para minha vaga, já que já se passaram duas semanas.

— Sei que não está feliz aqui — ele diz, mas eu não ouso erguer o meu olhar —, mas, quando alguém ocupar a vaga, você será o primeiro a saber, pode ter certeza. Não tenho a pretensão de mantê-lo aqui por mais tempo que o necessário.

Não respondo e em instantes ouço passos, percebendo que ele saiu da minha sala. Solto a respiração que eu nem tinha notado que estava segurando e passo a mão pela testa, inclinando-me na cadeira.

Respiro pesado tentando controlar o turbilhão de emoções que me atinge quando tenho qualquer tipo de interação com ele. Olho para a janela de vidro e percebo que ele está conversando com Cooper. Fico reparando nos dois até Logan se virar e me encarar, parecendo notar o meu olhar sobre ele. Quando nossos olhares se encontram, eu abaixo a cabeça e volto a fitar o computador. Ainda são nove da manhã, e eu agradeço por ter tempo de me preparar para a primeira ronda da minha vida.

Parece que as coisas realmente estão mudando para mim. Eu, que jamais imaginei ir para as ruas, vou finalmente saber como é fazer uma ronda.

Quando percebo que deu a hora de irmos, entro junto com Alec na viatura que está estacionada no pátio e sinto uma espécie de adrenalina me consumir. Talvez eu não esteja pronto para enfrentar as ruas, mesmo nas funções mais básicas, mas não vou voltar atrás. Não darei esse gostinho para Logan.

É apenas uma ronda simples, nada demais. Pelo menos é o que eu me digo mentalmente repetidas vezes. Olho para o banco do motorista, e Alec me cede um sorriso.

— Está pronto? — ele pergunta, olhando-me em expectativa.

— Estou. — Dou um sorriso mínimo enquanto me ajeito no banco, colocando o cinto se segurança.

— É bem tranquilo. Não precisa se preocupar. Normalmente os adolescentes encrenqueiros não causam problemas quando veem uma viatura. É só uma maneira de evitar transtornos — ele diz, sorrindo enquanto liga o carro. — Não se preocupe, Logan pediu para que eu lhe desse todo o apoio e suporte necessário caso se sinta desconfortável.

Ok, isso é um fato: Logan me acha imprestável. Apesar de querer revirar os olhos pelo pensamento, não deixo que isso me abale, apenas sorrio e aceno com a cabeça.

A escola fica apenas a algumas quadras da delegacia. Chegamos alguns minutos antes do fim da aula, e Alec estaciona a viatura em frente ao portão da saída. Por via das dúvidas, ele liga o giroflex, só para intimidar. Instantes depois observo o portão abrir e alguns adolescentes olharem para a viatura. Alguns deles reviram os olhos, outros apenas ignoram.

Permanecemos ouvindo a rádio em silêncio enquanto observamos os adolescentes saírem.

— Você está gostando? — ouço Alec perguntar e me viro para olhá-lo. — Está gostando de trabalhar aqui?

— É ok, eu acho. — Dou de ombros.

Esta delegacia seria perfeita se não existisse Logan.

— Isso é bom. — Ele solta uma pequena risada. — Sei que você tem alguma rixa com Logan, mas ele é um bom homem e um bom delegado, Ravi. Ele nunca faria algo para prejudicá-lo — Alec diz, como se lesse meus pensamentos.

— Eu não tenho tanta certeza assim. — Lanço um sorriso, e Alec nega com a cabeça.

— Independentemente do que tenha acontecido entre vocês dois, sei que ele jamais faria algo para prejudicar qualquer policial daquele departamento. Logan assumiu a delegacia depois que Lin renunciou ao cargo. Aquilo sim era um inferno — Alec tagarela, e

eu não me contenho em ouvir com atenção. — Ele era um ditador. Fazia tanta pressão psicológica, que metade dos policiais pediu demissão. A outra metade só ficou porque realmente precisava. Quando ele renunciou ao cargo, fizemos uma festa. Literalmente uma festa, com direito a balões e tudo, apenas para comemorar a nossa liberdade. Ainda assim ficamos apreensivos com a chegada do novo delegado. Mas, para a nossa sorte, Logan é um excelente profissional e um excelente ser humano.

— Por que está me contando isso, Alec?

— Para que você saiba que independentemente de qualquer coisa, ele jamais lhe passaria a perna — ele diz, e eu tenho a vontade de retrucar dizendo que isso já aconteceu, mas prefiro encerrar o assunto dando um aceno de cabeça.

Não quero saber de Logan, então volto os meus olhos atentos para o restante de adolescentes que saem da escola. Alec parece entender a minha relutância e não toca mais no assunto, para o meu alívio.



Faz uma semana que me mudei para o apartamento que eu e o Aron tínhamos alugado para morarmos depois do casamento. Deixamos três meses pagos e, apesar do aluguel ser um pouco caro, decidi que me mudaria mesmo assim. Já tenho independência financeira para ter o meu próprio lugar e aproveitei que as minhas coisas já estavam encaixotadas para me dar a coragem de dar esse passo na minha vida.

A princípio, minha mãe ficou relutante por eu sair de casa, mas acho que ela entendeu que eu precisava de um espaço só para mim.

Paro o carro no estacionamento ao lado do prédio, pego as minhas chaves e caminho até a portaria. Subo as escadas e,

quando estou prestes a enfiar as chaves na fechadura, ouço meu nome ser pronunciado por uma voz que conheço muito bem.

Merda!

Solto um suspiro frustrado, virando-me e dando de cara com Aron parado do outro lado da calçada, com as mãos no bolso.

Meu coração falta sair pela boca quando ele atravessa a rua e começa a caminhar em minha direção. Meu corpo inteiro treme por sua aproximação, e, quando ele fica a passos de mim, eu engulo em seco. Ele me encara, parecendo hesitante, e eu fecho os olhos com força antes de voltar a olhar para ele. Eu não esperava que ele fosse vir aqui.

— Precisamos conversar — ele diz com a voz baixa, e eu fico paralisado.

— Não temos nada sobre o que conversar — digo com a voz falhada e me viro, procurando a minha chave no molho de chaves. Minhas mãos tremem tanto, que eu me atrapalho e tento piscar rápido para não chorar.

Não imaginei que ver Aron me faria sentir assim: como se estivesse me afogando de novo, mas, pelo visto, estava enganado. Sinto suas mãos em meu ombro e tremo, virando-me assustado.

— Por favor, Ravi. Ouça-me — ele diz, tão próximo que sinto o seu perfume. Desvinculo-me do seu toque e dou alguns passos para trás.

— O que você quer, Aron? O que quer de mim? — minha voz sai com uma vulnerabilidade não calculada, e eu me odeio por isso.

— Eu quero esclarecer algumas coisas. — Ele suspira e logo bufa. — Eu estava confuso, Ravi. Estava perdido. Não foi minha intenção trair você.

Nego com a cabeça e solto um gemido parecido com uma risada completamente sem humor.

— Não foi uma traição isolada, Aron. Você estava tendo um caso. — Tento segurar o choro que brota em minha garganta como

lâminas me cortando. — Só com o Logan você já estava havia três meses.

Ele me olha completamente surpreso.

— Quem lhe contou isso? — Ele não espera a minha resposta. — É mentira! Eu o conhecia havia poucos dias.

Fico espantado com sua cara de pau de querer mentir. Não conheço Logan, não confio nele..., mas sei que ele não teria nenhum motivo para inventar isso.

— Não minta para mim. — Solto um suspiro alto. — Não depois de tudo. Logan me confirmou que estava com você havia três meses.

— Logan? — Ele franze as sobrancelhas em choque.

— Sim. Logan — eu digo em tom sarcástico. — Eu trabalho com ele agora.

— Você o quê?

Pela primeira vez nesta noite, noto uma surpresa genuína em seu rosto. Pelo visto, ele não estava esperando que eu pudesse ter algum tipo de contato com o seu amante.

— Ah, vai me dizer que não sabia que ele era delegado?

— Eu sabia — ele responde rápido, parecendo nervoso. — Mas ele é de outro departamento.

Solto uma risada baixa ao notar que ele mesmo caiu em sua própria mentira. Ele sabe demais de alguém que conhece "há poucos dias".

— Então, eu acho que essa cidade é pequena demais. Agora trabalhamos no mesmo departamento. Seu ex-noivo e seu ex-amante — digo, observando Aron inspirar, frustrado, passando as mãos sobre o rosto.

— Ravi, escute-me. — Ele se aproxima mais do meu corpo, mas eu recuo. — E le vai começar a lhe contar mentiras a meu respeito para tentar me difamar.

— Ele não precisa nem fazer esse esforço, Aron. Você já fez esse trabalho por ele. — Fito seus olhos escuros que tanto amei e que ainda amo, mas que não reconheço mais. — E me espanta

você colocar a culpa em uma pessoa que também não sabia de nada.

Ele engole em seco e não fala nada, apenas permanece me olhando, parecendo levemente espantado. Desvio o olhar, pois não quero que ele saiba o que ainda causa em mim, mesmo que eu odeie sentir tudo que o sinto.

— Não temos nada mais para discutir, Aron. Você tomou sua decisão. — Digo abaixando a cabeça, olhando para os meus próprios pés. — Eu lhe disse que nunca o perdoaria por isso e eu não estava mentindo.

Sinto meu peito queimar ao dizer essas palavras. Tenho vontade de pular em seu colo, de esquecer tudo, de recomeçar…, mas eu não posso fazer isso comigo. Eu não mereço as coisas que Aron fez, quando tudo que eu fiz foi amá-lo incondicionalmente.

— Nós podemos dar um jeito. Podemos superar isso. Diga para mim que a gente pode, Ravi. Eu sinto tanto a sua falta, amor.

Ele tenta procurar meus olhos, mas eu permaneço olhando para o chão. Aron busca as minhas mãos para segurá-las, mas eu me esquivo.

— Não, Aron. Não vamos dar um jeito nisso. Não tem como superar. — Ergo o olhar e percebo que ele está com os olhos marejados. Meu coração se aperta, mas eu não cedo, apenas desvio o olhar para a penca de chaves em minha mão.

Como um sinal divino, consigo achar a chave de primeira e destranco a porta, entrando no prédio e a fechando novamente atrás de mim, sem olhar para trás. Subo as escadas correndo e entro em meu apartamento no segundo andar. Fecho a porta e deslizo por ela, sentando-me no chão. Tento respirar o mais profundamente que consigo e então eu desabo, chorando.

Capítulo 6

**Alerta gatilho: este capítulo contém menção de abuso*

Ligo para os meus amigos instantes depois que chego em casa. Ver Aron me abalou de formas que eu pensei que não me abalassem. Eu preciso de alguma distração para não cair no buraco que a solidão crava em mim. Preciso me distrair para não cair na tentação de querer voltar para ele.

Meu coração me implora por Aron, mas meu cérebro luta com veemência para que eu não sucumba a essa vontade.

Por sorte, em instantes, ouço batidas na porta. Lucca chega primeiro, já que mora mais perto da minha casa, e Josh chega minutos depois. Eles me consolam enquanto choro escorado na parede.

Não queria que me vissem tão vulnerável assim, mas é inevitável. Eu tento ser forte na maior parte do tempo, mas vê-lo depois de tudo me desestabilizou completamente.

Tem dias que não me lembro de Aron, mas tem dias que a sua lembrança me atinge como um tsunami. Não lembro dele com carinho, longe disso. Estou arrasado por ter sido enganado, por ter sido traído, por ter sido apunhalado pelas costas por alguém que eu nunca imaginei que pudesse fazer isso. Aron não se arrepende do que fez, ele se arrepende pelo que perdeu. É como um homicida psicopata que não se arrepende por ter tirado uma vida, ele se arrepende por ter sido pego.

Lucca sai para comprar um vinho, e quando volta passamos o restante da noite conversando sobre assuntos casuais que são

cuidadosamente escolhidos. Josh tagarela sobre os pacientes que ele atende, e Lucca fala sobre as expectativas para o seu negócio.

Josh é pediatra e trabalha em um hospital público. Apesar de achar que ele não levava jeito para essa especialização, acabei me surpreendendo quando ele se formou e se tornou especialmente bom com as crianças. Elas o chamam de "tio loiro" por causa das partes do cabelo que ele insiste em descolorir, mesmo sabendo o quanto eu e o Lucca achamos ridícula sua fissura pela balaiagem.

Lucca é contador autônomo e, dentre nós três, é o mais responsável. Ele sempre tem os melhores conselhos, e seus olhos castanhos claros tão ternos sempre nos consolam quando estamos precisando de consolo, contrastando imensamente com o seu corpo forte. Lucca é musculoso e preza bastante pela aparência física adquirida na academia, coisa com a qual nem eu, nem Josh nos importamos tanto.

Fico feliz em saber que todos nós tomamos os rumos que sempre quisemos e que nossa amizade só se fortaleceu depois da faculdade. Fizemos uma única matéria juntos no primeiro semestre, mas que me rendeu uma amizade que eu espero durar por toda a vida.

— Não querendo voltar a esse assunto — Lucca diz —, mas eu fico curioso. Como está sendo trabalhar com o *coisinha* lá?

Solto uma risada baixa pelo apelido, mal me lembrando que há instantes eu estava chorando até meus olhos incharem.

— Ele não é de todo mal, sabe? — dou de ombros, sincero. — Mas, sempre que olho para ele, lembro-me daquele dia… e de certa forma ainda me dói. Sei que no fundo ele não tem culpa nenhuma de tudo o que aconteceu, mesmo assim não deixo de sentir raiva dele. É aquele tipo de coisa que não dá para evitar. Além do mais, ele não faz nenhuma questão de ser agradável, pelo contrário… Ele me chama de florzinha.

Faço uma careta ao lembrar disso.

— Florzinha? — Josh pergunta, franzindo as sobrancelhas e pressionando os lábios, possivelmente evitando um sorriso.

— É... Não sei de onde ele tirou isso e já o mandei parar. Pelo menos ele me respeita no trabalho, apesar de implicar um pouco comigo. Hoje mesmo ele me pediu para fazer uma ronda com um outro policial, mesmo sabendo que eu não vou para as ruas. Não me importei muito, porque Alec é extremamente agradável. Inclusive… pensa num homem bonito. Pensou? Pois é, ele é mais.

Sorrio por um instante ao falar de Alec.

— Ele é do vale? — Lucca pergunta enquanto beberica o vinho rosê na taça. Solto uma risada, e Josh me acompanha.

— Não sei, e para dizer a verdade, não fiz questão de perguntar.

— Isso é fácil de resolver — Josh diz. — Chama ele para uma reunião aqui no seu novo apartamento. Eu sei ler expressões corporais, é fácil descobrir se ele é gay.

Lucca se engasga com o vinho, e eu solto uma risada alta dessa vez.

— Desde quando você sabe? — Lucca pergunta, erguendo uma sobrancelha.

— Tive algumas aulas de linguagem corporal, rapaz. Me respeita! Eu não sou médico atoa — Josh responde levando a taça até a boca.

Pondero, inclinando a cabeça levemente, e bebo um pouco do vinho.

— Eu vou convidá-lo, mas, por favor, não me façam passar vergonha.

Eu conheço bem os meus amigos e sei que eles provavelmente assustariam Alec. Lucca é assumidamente gay e provavelmente ficará interessado nele (não tem como não ficar), apesar de eu não saber sua orientação sexual. E Josh, apesar de hétero, é sempre o mais palhaço e provavelmente o traumatizará com suas piadas e com seu jeito completamente espevitado.

Apesar disso, eu agradeço por ter os melhores amigos do mundo. Com tão pouco, eles fazem meus dias melhores e me acolhem quando eu preciso, fazendo-me esquecer por um instante o quanto estou quebrado.



Chego à delegacia sonolento pela noite que varou até a madrugada e pela garrafa de vinho que tomei praticamente sozinho. Eu não deveria beber em dias úteis, mas, em algumas situações, o álcool é necessário. Assim que passo pelo corredor, eu vejo Alec e, acenando para ele, caminho em sua direção.

— Bom dia, Baumer — ele diz, sorrindo docemente.

— Bom dia, Cooper — respondo, cedendo um sorriso e indo direto ao ponto: — Queria lhe fazer um convite.

— Um convite, é? — Ele me olha arqueando as sobrancelhas e coloca as mãos na cintura aguardando a minha proposta.

— Então…, é que eu me mudei faz pouco tempo, e gostaria de fazer uma reunião para inaugurar o novo apartamento. Falei de você ontem para os meus amigos e eles ficaram animados em conhecê-lo — digo, sorrindo, e observo Alec sorrir também. — Ainda não decidi o dia, mas ficaria feliz caso você animasse.

— Eu super animo — ele diz empolgado. — É só me dizer o dia com antecedência, que faço questão de ir.

— Que bom. Acho que você vai adorar o Lucca e o Josh, eles são super...

Não consigo terminar a frase, porque a voz de Logan inunda o corredor. Olho para trás e o vejo vir em nossa direção, com sua farda colada e com os óculos escuros Ray Ban adornando o seu rosto. Até o seu jeito de andar me irrita, e preciso fazer um esforço tamanho para não revirar os olhos.

— Bom dia! — ele diz, ao retirar os óculos, encarando Alec diretamente. Não digo nada, apenas permaneço olhando para ele. — Como foi a ronda de ontem, Cooper?

— Bom dia, delegado Theron — Alec responde com reverência. — Foi tranquila. Não houve nenhuma ocorrência.

— Ótimo — ele responde simplesmente.

Seu semblante é sério e duro quando ele passa por mim, sem me olhar, e começa a caminhar em direção à sua sala.

— Não vai me perguntar como foi? — não consigo me conter e pergunto impulsivamente.

Logan para no corredor e se vira me encarando.

— Achei que você tivesse imposto que não queria interação. Estou apenas respeitando o seu pedido.

— E não quero — afirmo, de forma seca. — Mas acho indelicado da sua parte perguntar como foi a ronda só para o Cooper, sendo que eu também estava presente.

Ele estreita os olhos em minha direção, inclinando a cabeça levemente para direita e cruza os braços em frente ao peito, encarando-me sério.

— Desculpe-me, policial Baumer. Como foi a experiência com a ronda?

— Foi ok — digo simplesmente, e ele me olha, esperando que eu diga algo a mais. — Só isso mesmo.

Ele me encara com descrença e descruza os braços, deixando que eles caiam ao lado do corpo e suspira pesado. Suas sobrancelhas se erguem sutilmente.

— Obrigado pelo seu relato preciosíssimo, florzinha. — Ele sorri falso, mas logo em seguida fica sério novamente. — Agora, se me der licença, eu tenho mais o que fazer.

Ele simplesmente se vira e volta a caminhar pelo corredor, indo em direção à sua sala. Pressiono os lábios para não rir, mas Alec faz isso por mim.

— Vocês dois são engraçados — ele comenta.

— Você não faz nem ideia. — Reviro os olhos e me despeço, indo em direção à minha sala.

Às onze da manhã, eu vou para a ronda com Cooper. Mais uma vez, nada fora do comum acontece. Os adolescentes parecem

realmente intimidados quando se tem uma viatura os vigiando. Conversamos um pouco para passar o tempo, e ele me conta sobre os seus gostos musicais e sobre o que gosta de fazer nas horas vagas. Eu também conto a ele algumas coisas, apesar de não aprofundar muito para que nem por descuido eu cite Aron na conversa.

Quando terminamos a ronda, voltamos e almoçamos juntos no restaurante no final da rua, como de costume. Quando volto para a delegacia, vou até o banheiro escovar os meus dentes, e então volto para minha sala. No entanto sou pego de surpresa quando vejo que Logan está sentado na cadeira em frente à minha mesa, distraído, mexendo no celular.

— Posso ajudar? — digo ríspido ao entrar.

— Estava o esperando. — Ele trava o celular, coloca-o no bolso e se levanta, olhando para mim. — Preciso que você me ajude com um boletim de ocorrência. Sei que você é rápido na digitação e preciso colher um depoimento delicado agora.

Logan me encara sério e, por um instante, penso que vejo algo em seus olhos. Tristeza, talvez?

— Claro — respondo solicito, sabendo que não tenho como negar isso a ele.

Ele começa a caminhar em direção à sua sala, e eu o sigo. Assim que ele abre a porta, percebo que, sentadas em frente à mesa, há duas pessoas: uma mulher de meia idade e uma garota que parece não ter nem chegado aos dezesseis anos.

— Senhora Dalva, este é o policial Baumer. — Ele aponta para mim. — Ele vai redigir o depoimento da sua filha para podermos registrar o boletim de ocorrência.

Ela me olha, e eu aceno, mas sua filha permanece de cabeça baixa. Logan aponta para a sua cadeira, dizendo-me silenciosamente para me sentar, e eu me sento com certa relutância, abrindo a aba no computador para começar a registrar o que me será dito.

— Eu sei que é uma situação muito complicada, Kátia, mas preciso que você me conte absolutamente tudo o que aconteceu

para que eu possa fazer o boletim de ocorrência da forma mais clara possível e assim possamos resolver essa situação — Logan diz, permanecendo de pé em frente às mulheres. Kátia, a adolescente, confirma com a cabeça. — Você tem quantos anos?

— Quatorze — ela diz baixo.

— Certo. Agora me conte, por favor, tudo o que aconteceu.

Ela olha para a mãe buscando alguma aprovação. Quando sua mãe assente, seus olhos buscam o olhar de Logan, que também assente, com uma doçura que não tinha visto até então.

— Meu tio, Carlos, irmão do meu pai, tem uma empresa de galões de água — ela começa com a voz embargada, e eu começo a digitar. — Ele me chamou para trabalhar com ele. Disse que me pagaria por dia. Estava indo tudo bem, mas ele tem problemas com bebida.

Engulo em seco ao ouvir a vulnerabilidade em sua voz. Torço para que eu não saiba o final dessa história, mesmo tendo a certeza de que já sei. Ela então continua:

— Na terça-feira da semana passada, ele bebeu muito, e estávamos sozinhos na empresa. Ele começou a dizer muitas coisas a meu respeito: que eu tinha me tornado mulher, que eu tinha adquirido corpo, que estava go-gostosa. — Ela se engasga, gaguejando, e meu coração dói. Sinto meu peito latejar, mas não paro de digitar. — Eu não sabia o que responder, mas nem tive tempo para isso. Ele começou a me tocar, mesmo eu implorando para que ele parasse. Ele rasgou o meu short…

Ouço o restante do depoimento tentando segurar o choro. Kátia termina de contar entre lágrimas. Ergo meus olhos e observo o olhar desolado da mãe. Sinto um aperto tão grande no peito, que meu estômago embrulha. Logan permanece sério, mas posso jurar que seus olhos estão brilhando, e seu rosto, mais vermelho que o normal, como se ele também estivesse segurando o choro ou a raiva. Ele me olha, e eu confirmo com a cabeça, avisando que acabei de registrar o depoimento.

— Eu sei que não há palavras no mundo que eu possa dizer para tentar consolá-las, mas saibam que eu farei o impossível para

que isso não fique impune — ele diz com a voz firme, porém vulnerável. — Preciso que Kátia faça um exame de corpo de delito para anexar ao boletim de ocorrência. Pedirei uma ordem de restrição imediata para o agressor.

Ele passa o restante das informações, e não consigo tirar os olhos dele. Pela primeira vez, o vejo abalado. Não há um pingo de deboche em seu rosto e nenhum sarcasmo em sua voz.

Quando elas saem da sala, ele suspira pesado. Tenho vontade de puxar assunto, tenho vontade de conversar com ele sobre o que acabamos de presenciar, mas não faço isso. Logan também parece imerso em outra dimensão, e aproveito para me levantar.

— Precisa de mais alguma coisa?

— Não — ele responde rápido, sem me olhar. — Obrigado, Baumer.

Ele se vira e se senta na cadeira em que há instantes eu estava sentado. Quando estou fechando a porta ao sair de sua sala, ouço um barulho alto e percebo através do vidro que Logan deu um soco na mesa. É assim que eu também me sinto.

Sinto raiva e sinto como se tivesse levado um soco no estômago. Tenho vontade de gritar e chorar no meio deste corredor. É desolador saber que isso acontece todos os dias, às vezes bem embaixo do nosso nariz. Penso na culpa que a mãe está sentindo e na dor da vítima. Tenho vontade de matar todos os assediadores deste universo, mas acredito no que Logan disse, que fará o impossível para que ele pague. Eu realmente conto com isso e espero que ele apodreça na prisão.



Estou arrumando as minhas coisas para ir embora quando noto Logan aparecer no corredor, entre as mesas da delegacia.

— Preciso que alguns de vocês me acompanhem no reforço da operação de apreensão de drogas em Danbury — ele diz alto, atraindo a atenção dos policiais. — A equipe tática fará a invasão no galpão hoje e precisará de alguns reforços. A delegacia de Willton está mandando dez homens, junto ao delegado Melz. Preciso de dez daqui também. Não sei que horas a operação vai acabar, mas contará como hora extra, e os policiais que me acompanharem não precisarão estar aqui amanhã.

Observo alguns policiais se levantarem e se oferecerem de prontidão enquanto outros dizem que não poderão comparecer. Cooper é um deles. Sei que ele faz faculdade de Direito e tem uma prova hoje, ele me disse isso no almoço. Conto os policiais que o rodeiam e vejo que oito se dispuseram a acompanhar a missão.

— Mais alguém? — Logan pergunta, e ninguém se prontifica.

Vou me odiar por isso, mas estou intrigado em saber como as coisas funcionam na rua. A ronda que estou fazendo me fez ter mais vontade de explorar outras coisas, outras áreas. Levanto-me rapidamente, deixando as minhas coisas em cima da mesa, e caminho em direção à porta.

— Eu — digo firme, e Logan se vira para me olhar, parecendo completamente surpreso.

— Você? — ele pergunta, incerto.

— Sim. Eu quero acompanhar a operação com você — digo firme, mesmo sabendo o quanto posso me arrepender disso amanhã.

Ele me encara, estudando o meu rosto, mas eu não recuo. Talvez ele esteja ponderando por saber que é uma curiosidade minha. Talvez ele ache que eu não seja competente e nem esteja treinado o bastante para enfrentar uma missão. Talvez ele saiba que não é uma boa ideia me levar. Seu olhar fica tempo demais em mim, e eu me sinto constrangido por estarmos nos olhando dessa forma em frente a todos os outros policiais, mas eu não recuo, permaneço firme até ele se dar por vencido.

— Ok — ele diz, desviando o olhar de mim apenas para olhar para outro policial. — Rony, prepare cinco viaturas. Estamos de saída.

Capítulo 7

— Por que tenho que ir na mesma viatura que você? — pergunto, enquanto Logan começa a dirigir, saindo do estacionamento da delegacia.

— Porque não está acostumado com este tipo de operação, e sei que os outros policiais não teriam paciência com você.

— Ah. — Olho para ele. — E você tem?

— Pode apostar que sim. — Ele não desvia o olhar da estrada ao me responder, então bufo, fingindo irritação.

Para falar a verdade, estou agradecido por ter vindo com ele. Logan é o delegado e provavelmente é o mais preparado e acostumado com esse tipo de operação — pelo menos é isso o que eu espero.

Sendo sincero, arrependi-me no instante em que me ofereci. Sei que não me encaixo em rondas noturnas, muito menos em operações que envolvem criminosos. Nos meus quatro anos de polícia, eu nunca saí de dentro da delegacia, e Logan, por algum motivo, instiga-me a arriscar.

Não sei se é pelo fato de ele não acreditar no meu potencial ou se eu estou apenas querendo provar um ponto a ele. Pode ser que isso também se dê ao fato de tê-lo visto tão abalado por um caso como o de Kátia. De certa forma, isso me fez acreditar um pouco nas palavras de Cooper sobre Logan ser um ótimo profissional. Além do mais, essa será uma distração da qual eu preciso para não ir para casa e chorar por Aron.

Logan move a mão do volante e liga o rádio. *Never be the same* da Camila Cabello começa a tocar, e eu batuco os meus

dedos nas coxas, cantarolando baixinho enquanto observo a estrada. Vejo de soslaio os olhos de Logan sobre mim, enquanto ele nega com a cabeça brevemente.

— Sua voz é insuportável — ele diz.

— Tampe os ouvidos — retruco de imediato.

Olho para ele e vejo um breve sorriso brotando em seus lábios disfarçadamente, mas eu volto a atenção para a estrada ao entrarmos na rodovia. Ainda não me sinto confortável na presença dele, mas agora pelo menos, é suportável.

Ele dirige por vinte minutos e vez ou outra pega o rádio da viatura para se comunicar com os outros policiais que estão atrás de nós. Ouço atentamente as instruções que ele passa, sem que ele perceba. Logan é seguro do que diz, e anseio que algum dia eu possa ter a autoconfiança que ele tem.

Quando ele estaciona a viatura, percebo que estamos em um beco. As outras viaturas que vêm atrás fazem o mesmo, estacionando logo atrás de nós. A rua é pouco iluminada, só existem alguns postes de luzes amarelas iluminando o local. Observo a cena e sinto um frio na espinha. Logan parece perceber meu desconforto, pois, assim que desliga o carro, ele se vira para mim.

— Não vamos participar da invasão diretamente. Ficaremos aguardando caso precisem de nós. Não sei como vai ser, mas preciso que você me escute com atenção — ele diz calmamente, e eu assinto. — Não faça nada idiota. Sempre respeite minhas instruções. Não fale alto. Não saia do meu lado. E, se der merda, não se desespere.

Engulo em seco, porque já estou me desesperando, mas disfarço e assinto de prontidão. Saímos do carro e nos reunimos com os outros policiais. Melz está aqui, e faço de tudo para que ele não me note. Não pretendo responder às suas perguntas e não quero que os outros policiais escutem algo que possa me constranger.

— Nathan, Joe e Ansel, vocês vão com a equipe do Melz — Logan começa a dizer, gesticulando para os polícias. — Vocês são

os mais preparados caso haja uma troca de tiros. Rivera, Alex, Drake e Darrin, vocês dão cobertura pela rua de trás. Feyden, você fica de tocaia comigo e com Ravi, em caso de alguma emergência.

Todos assentem e começam a se dissipar pela rua. Olho para Logan com o cenho franzido.

— É só isso que fazemos? Ficamos escondidos aqui de tocaia? — pergunto ao perceber seus olhos em mim. — Achei que fosse mais divertido.

— Estamos em uma operação policial, Ravi. Quer diversão, vá ao parque no seu dia de folga.

— Você é tão sem educação — bufo e encosto no muro chapiscado atrás de mim.

Logan não me retruca e parece ignorar completamente a minha presença. Ele fica no rádio o tempo inteiro, trocando informações com o Melz.

Por incrível que pareça, está tudo calmo.

Calmo até demais.

Feyden caminha para o fim da rua para fumar um cigarro enquanto seus olhos permanecem em alerta.

— Como você se tornou delegado? — pergunto baixo, mas alto o suficiente para que Logan ouça. — Você utilizou de alguma artimanha para conseguir o cargo?

Minha voz sai áspera, e Logan me olha intrigado, como se soubesse exatamente o que estou insinuando.

— Existe algo que se chama concurso. Aquela coisa que você estuda por meses, faz uma prova e torce para passar. Pois bem, eu passei. — Ele coça a barba por fazer e me lança um sorriso extremamente falso. — Ah, você não sabe, não é? Porque nunca prestou. Pois é assim que funciona. E caso esteja insinuando algo, saiba que eu utilizo do meu corpo apenas para divertimento, e não para alcançar objetivos.

— Sei. — Reviro os olhos, erguendo a minha cabeça e olhando para cima.

O céu não possui nenhuma estrela esta noite, e fico olhando para a extensa escuridão até ouvir a voz de Logan novamente.

— Você deveria estudar para tentar prestar concurso para delegado. O salário é bem melhor — ele diz, parecendo despreocupado. — Às vezes fico pensando em como seu cabelo é um sebo e me questiono se você conhece algo chamado xampu. É bem revolucionário.

Estreito os olhos em sua direção, mas ele não parece se abalar.

— Se você estiver passando dificuldades, avise-me, que eu lhe dou uma cesta básica de produtos higiênicos, ou você pode simplesmente pedir um aumento para comprar coisas desse tipo.

Apesar da minha irritação por ele insinuar que o meu cabelo é seboso, pela primeira vez, tenho vontade de rir na presença dele, mas comprimo os lábios rapidamente e apenas lanço o dedo do meio em sua direção.

— Não é sebo, ok? É uma oleosidade natural.

— Natural de quantos dias? — ele pergunta sem me olhar, com os olhos fixos na rua de trás.

— Eu lavo meus cabelos quase todos os dias — retruco, afastando-me do muro.

— Não parece.

— Cheire então. — Inclino a cabeça em sua direção. Ele recua por reflexo e me olha com os olhos arregalados em surpresa. — Cheire para sentir se está fedendo.

— Isso não quer dizer muita coisa. Hoje em dia existe até perfume para os cabelos. Isso não significa que você os lava todos os dias.

Apesar de suas palavras, percebo que ele dá uma inspirada próximo aos meus fios e ergue as sobrancelhas sutilmente.

— Eu lavo de dois em dois dias — confesso, sabendo que às vezes passo até mais que dois dias sem lavar, mas ele não precisa saber disso.

Afasto-me e volto a me encostar no muro.

— Quem me garante?

— Ah, Logan, vá à merda. — Sinto meu rosto esquentar de raiva, mas para minha surpresa ouço uma gargalhada alta vindo dele.

Eu nunca tinha o ouvido gargalhar antes.

— Estou brincando — ele diz, apoiando a mão no topo da barriga, parando de rir aos poucos. — Está razoavelmente cheiroso.

Sinto minhas bochechas se esquentarem, mas desta vez é de vergonha. Fico sem graça e pigarreio, mas Logan parece não perceber. Ele volta à sua postura normal e começa a trocar informações no rádio. Escuto uma movimentação e olho para ele com os olhos arregalados.

— Eles vão invadir agora, preciso que fique quieto — ele sibila para mim enquanto mantém o rádio próximo à boca.

Ouço um estrondo ao longe que me faz tremer. Em seguida, escuto barulhos de tiros e vozes alteradas. Logan caminha de um lado para o outro com o semblante fechado.

— Merda — ele murmura. — Eles estão trocando tiros. Não era para isso acontecer.

Ele passa a mão na testa e se vira para mim com o cenho fechado, completamente sério, o que me faz engolir em seco.

— Fique aqui, não se mova e não faça nenhuma idiotice.

Permaneço em choque, completamente estático, e ele assobia, chamando Feyden, que o segue de prontidão. Eles correm até a esquina e somem da minha vista, deixando-me sozinho no beco, ao lado das viaturas.

Começo a me apavorar à medida que os tiros vão aumentando. Tento ficar parado, mas não consigo. Começo a realmente ficar com medo e me questiono por que estou aqui.

Merda! E se alguém me encurralar neste beco? E se algum dos traficantes vier se esconder justamente aqui? Tento não me apavorar, mas já me apavoro.

Olho em volta e vou caminhando lentamente até a esquina enquanto escuto mais e mais tiros ecoarem no ar. Inclino a cabeça e

olho através do muro para a rua da invasão.

Vejo ao longe muitos policiais apontando as armas para um galpão, alguns do lado de fora, outros correndo para dentro. Meu coração está saindo pela boca quando vejo Logan com a arma em mãos, apontando para a entrada do galpão.

Minhas mãos tremem e eu começo a me desesperar.

Preciso ir até ele.

Começo a caminhar devagar escorando no muro, tentando fazer com que ninguém me veja. São só dois quarteirões, eu consigo…

Meu corpo inteiro treme em adrenalina, mas continuo andando calmamente. Minha mão desliza até a minha arma, só em caso de eu precisar atirar. No entanto, espero que não seja preciso, já que não sou tão bom de mira.

Começo a questionar toda a minha existência enquanto dou passos lentos pela rua, agarrando-me ao muro. Minhas costas ralam no chapiscado, e eu suspiro alto.

Por que eu escolhi essa profissão se eu sou cagão? Por que resolvi vir até aqui hoje para passar por esta situação? Por que me coloquei nesta posição quando poderia estar em casa tomando um vinho e assistindo a alguma série na televisão?

Acabo de ter a plena certeza de que meu lugar é atrás de uma mesa e não nas ruas.

Ouço um barulho no telhado acima de mim e inclino a cabeça para olhar do que se trata. Vejo a silhueta de um homem caminhando pelas telhas e minha respiração se acelera. Ele não veste uniforme e não teria porque estar andando sobre as calhas se fosse um policial.

Para o meu desespero, assim que pouso meus olhos nele, os nossos olhares se encontram. Ele percebe que o vi e observa a minha roupa. Tento puxar a minha arma, mas minhas mãos tremem e suam, e meus dedos simplesmente escorregam do metal. Sinto como se o mundo todo estivesse em câmera lenta quando ele aponta a arma para mim. Meu peito congela, e só tenho tempo de gritar o nome de Logan até ouvir um disparo.

Cambaleio para trás ao sentir o impacto no meu corpo. Antes de cair ao chão, viro a cabeça e vejo Logan correndo — como se estivesse em câmera lenta — em minha direção.

Ouço ele gritar com os outros policiais que correm com ele, atirando para cima, em direção ao cara que atirou em mim. Sinto meu corpo bater no concreto gelado da rua e levo a mão para o ombro, onde sinto uma dor dilacerante.

— Ravi, caralho! — Logan grita e posiciona as duas mãos em minha farda, puxando-me com força, sentando o meu corpo escorado no muro.

Ele se ajoelha em minha frente e olho para ele, piscando os olhos lentamente. Seus olhos azuis me olham com angústia e passam do rosto para o meu ombro, repetidas vezes.

— Feyden! Feyden! — ele grita com a voz rouca, olhando para o lado. Vejo o policial se aproximar de nós e me olhar com os olhos arregalados. — Peça uma ambulância agora. O policial Baumer levou um tiro no ombro.

Assim que Feyden se afasta, com o celular na orelha, sinto os dedos de Logan se encontrarem com o meu peito, começando a desabotoar a minha camisa. Não reluto, apenas deixo que ele faça o que tiver que fazer. O frio me atinge à medida que ele afasta o meu uniforme para olhar o ferimento. Tenho a maldita ideia de olhar também e vejo o quanto está sangrando.

Começo a me desesperar.

— Meu Deus, eu levei um tiro — digo com a respiração entrecortada. — Eu levei um tiro. Meu Deus, eu vou morrer. Eu levei um tiro.

— Ravi, respira… — Ele me segura pela mandíbula, fazendo-me olhar em seus olhos. — Você não vai morrer, pegou de raspão.

— Eu vou morrer — repito, sem fôlego, sentindo meu peito subir e descer rapidamente. — Estou sentindo, eu posso ver a luz.

— Isso é o giroflex das viaturas. — Ele coloca a mão em minhas bochechas, segurando o meu rosto, e eu esqueço de dizer a ele que não é para me tocar. — Fique calmo, ok?! Preciso que você respire devagar.

Faço o que ele ordena e começo a respirar profundamente. Fecho os olhos com força e quando volto a abri-los, vejo que Logan está tirando a parte de cima do seu uniforme.

— Eu levo um tiro e você tira a camisa?

— Cale a boca, Ravi — ele diz, sem paciência. — Só fique parado. Vou estancar o sangramento.

Logan, então, abaixa a parte de cima da farda e percebo que ele usa uma camiseta branca por baixo. Ele a tira, e seu peito fica exposto. Não consigo evitar pensar que já o vi assim, no apartamento de Aron. Desvio os pensamentos e noto quando Logan rasga a camisa fina. Seus braços se flexionam, e por um instante me esqueço da dor e paro para observá-lo.

Com cuidado, ele levanta meu braço, e eu grito.

— Desculpe — ele murmura.

Sinto seus dedos encostarem em minha pele, e ele passa o retalho em volta, o amarrando com força em meu bíceps, próximo ao ombro. Dou outro grito e evito olhar para o sangue que mancha o tecido branco, para que eu não me desespere ainda mais. Meu coração está tão acelerado, que consigo ouvi-lo.

— É só para evitar que sangre mais.

Logan desvia o olhar para a rua, olhando para Feyden, que concorda com a cabeça, e então ele volta a me olhar e começa a ajeitar o meu uniforme, o abotoando de volta.

— Eu lhe disse para não fazer nada, Ravi — ele sussurra para mim, pesaroso. — Por que saiu do beco? Cacete…

— Desculpe — digo, envergonhado. — Mas alguém podia ter ido para lá. Fiquei apavorado ao pensar nisso.

Logan não diz nada, apenas termina de abotoar minha farda com os dedos trêmulos enquanto também se ajeita.

— Eu estou com medo — confesso quando seus olhos azuis se encontram com os meus.

— Não precisa ter medo, a ambulância já está chegando. Eu não vou sair daqui.

Engasgo e fungo, sentindo as lágrimas rolarem por meu rosto quando ele diz isso. Não sei ao certo o motivo, mas meu peito se aperta.

— Merda, eu estou chorando não estou?

— Está. — Ele ri, mas eu permaneço sério. — Você não percebe quando está chorando?

— Não. Não mais.

Logan para de rir na hora e engole em seco, encarando meus olhos. Ele permanece em silêncio por um bom instante, apenas me encarando.

— Desculpe-me, Ravi — ele diz, por fim. — Eu não deveria ter trazido você aqui. Eu fui completamente inconsequente. Eu sabia que você não estava preparado para este tipo de operação.

— Eu que quis vir. — Sinto meus lábios tremerem.

Logan nega com a cabeça de prontidão.

— Independentemente disso, eu não deveria ter aceitado que você viesse. Eu falhei com você. Desculpe-me.

Sinto uma vulnerabilidade em sua voz, mas não tenho tempo de responder, porque vejo Feyden correr apressado em nossa direção.

— A ambulância chegou — ele diz enquanto aponta para a ambulância, que vira a esquina.

— Ei, escute-me — Logan diz, e eu volto o meu olhar para ele. — Está tudo bem, ok? Você vai ser colocado na ambulância e vai para o hospital para eles darem uma olhada no seu ombro. Eu preciso ficar aqui para ajudar na apreensão e nas prisões. Você está com seu celular? Quer que eu ligue para sua família?

— Não. — Eu nego com a cabeça, sabendo que, se a minha mãe ouvir por telefone que eu estou indo agora para o hospital porque levei um tiro, ela infarta. — Chegando ao hospital, eu ligo para eles.

Logan assente, e vejo a ambulância parar de ré próximo a nós. Ele ajuda os paramédicos a me colocarem na maca e permanece o tempo todo me olhando enquanto me colocam dentro

da ambulância. Observo ele conversar com os paramédicos, parecendo apreensivo, dando os meus dados enquanto eu sou monitorado por uma das médicas.

O olhar dele sobre mim é a última coisa que vejo quando fecham a porta e ligam a sirene.

Capítulo 8

Meu sangue está começando a esfriar e começo a ter um choque de realidade. Estou sozinho em uma ambulância, porque levei um tiro em uma operação na qual eu não deveria ter me oferecido para ir.

A adrenalina em meu corpo começa a se dissipar, e me desespero. A paramédica de cabelos grisalhos percebe a minha agitação e toca meu pulso de leve.

— Peço que o senhor fique calmo. Meu nome é Chelsea, sou paramédica de resgate, e estamos o levando para o hospital de Klever. O senhor está com um ferimento de raspão por arma de fogo no ombro direito, próximo ao músculo deltoide. Como o senhor está se sentindo?

Respiro fundo e fito o teto da ambulância. A luz forte faz meus olhos doerem. Meu corpo treme, e meu estômago embrulha. Fecho os olhos com força.

— Eu sou hipoglicêmico — digo baixo.

Abro os olhos e observo Chelsea assentir.

— Vou medir a sua glicose — ela diz, buscando o aparelho. Instantes depois sinto uma picada no dedo e espero. — Realmente, senhor Baumer, o nível está baixo. Vou lhe dar glicose oral, isso fará o senhor se sentir melhor.

Assinto e tento respirar. Conto as minhas respirações enquanto reparo no teto da ambulância, desviando os olhos das luzes. Meu ombro lateja, e eu finjo me esquecer para não sentir a dor.

Que merda eu estava pensando?

Suspiro fundo e fico irritado comigo mesmo. A incredulidade brinca em minha cabeça, e eu percebo o quão inconsequente eu fui. Eu poderia estar morto agora.

Fico envolto em pensamentos e, instantes depois, Chelsea me dá glicose. Enquanto inclino a cabeça para tomar, evito olhar para o estrago em meu ombro, para não me agitar ainda mais. Sinto o gosto ruim na boca e engulo.

— É muito grave? — pergunto, sussurrando. — Vou ficar com muitas sequelas?

Ela me lança um sorriso carinhoso e toca meu punho mais uma vez.

— Não. Não ficará com nenhuma sequela. Não é nada grave. O senhor teve sorte, pegou de raspão. Vamos levá-lo ao hospital para fazer a limpeza dos fragmentos de pólvora e para fazer um curativo. Não serão necessários pontos ou cirurgia. É um ferimento simples, mas demanda cuidados. O senhor provavelmente ficará internado hoje em observação, mas deve ser liberado amanhã com uma tipoia para evitar movimentos bruscos e para acelerar a cicatrização.

Tento absorver e acreditar nas palavras dela para me acalmar. Fecho os olhos e deixo o cansaço me consumir. Minha mente está oca, e por sorte não penso em mais nada quando chego ao hospital.

Sou levado de maca para a emergência e, em instantes, estou sendo atendido por um médico mais velho e por uma enfermeira.

Ela me pergunta meus dados para registrar a minha entrada no hospital, acionando o plano de saúde. Cedo a ela as minhas informações e sou levado pelo médico até uma sala para fazer a limpeza do ferimento. Não sinto muita coisa, já que me dão uma anestesia local. Minha camisa é abaixada até a cintura, e eu mais uma vez evito olhar, principalmente quando retiram o torniquete que Logan fez com a camisa. A limpeza e o curativo são feitos rapidamente, então me levam para um quarto, colocando aparelhos em meu corpo para monitorar os meus sinais vitais.

— Vocês ligaram para os meus pais? — pergunto à enfermeira que está anotando as informações em meu prontuário.

— A recepção ligou para o seu contato de emergência. Não se preocupe. — Ela me lança um sorriso. — Eles já devem estar vindo. O senhor passará a noite em observação, por precaução.

Assinto de prontidão, e ela sai, deixando-me sozinho no quarto. Arrependo-me de não ter ligado para minha mãe eu mesmo. Ela provavelmente vai surtar com a notícia de que levei um tiro. Ajeito-me na cama e, por sorte (diga-se remédios e anestesia), eu não sinto nada.

Começo a repassar a noite em minha cabeça. O que eu estava pensando? Por que me submeti a isso? Sei que não tenho o treinamento apropriado e nem a experiência para ir para uma operação daquele porte e não deveria ter me arriscado por puro capricho. Se o cara tivesse mirado melhor, poderia ter me dado um tiro na cabeça, e eu estaria morto agora. A ideia faz meu coração palpitar. Por sorte, ele era ruim de mira ou estava ocupado demais tentando fugir. De qualquer maneira, sou grato por qualquer uma das alternativas.

Estou quase pegando no sono quando ouço batidas na porta. Já me preparo mentalmente para o sermão que vou receber da minha mãe, mas olho para a porta e me espanto ao ver Logan entrando. Ele ainda usa a farda, e suas mãos têm vestígios do meu sangue. Franzo as sobrancelhas ao olhar para ele, completamente surpreso.

— Olá, policial Baumer — ele diz em voz baixa, dando-me uma reverência com a cabeça. — Vim saber como você está.

Ele se aproxima, e eu permaneço estático. Olho para suas mãos e engulo em seco. Acho que perdi muito sangue, ou todo esse sangue seco em suas mãos não é só meu. Seu semblante é fechado, parecendo genuinamente preocupado, e mais uma vez conheço uma nova versão de Logan.

— Estou bem — respondo rápido.

— Eu vim me desculpar mais uma vez — ele começa dizendo, permanecendo em pé em frente a cama. — Estou me

sentindo culpado por ter aceitado levá-lo para aquela operação.

— Eu já lhe disse que eu quis ir.

— Mesmo assim. Eu deveria ter ponderado sobre a sua ida, e eu não fiz isso. Falhei como profissional. Isso não vai se repetir. Eu prometo.

Ficamos em silêncio por um tempo. Nenhum de nós tem muito a dizer. Sei que não é preocupação comigo que traz Logan aqui, sei que é a culpa por ter acontecido algo assim. Mas não o culpo. Eu me desesperei, mesmo ele tendo dito que essa era uma das coisas que eu não deveria fazer.

Sei que neste momento, nesta sala de hospital, não somos nada além de dois profissionais. Ele está fazendo o papel de meu superior e faria isso por qualquer um dos policiais daquela delegacia.

— Bem — ele volta a dizer e pausa brevemente para limpar a garganta —, eu só vim ver como você estava, saber se precisava de alguma coisa. Acabei deixando Melz por conta do reforço, mas preciso voltar para ajudar com o restante das coisas. Três traficantes fugiram, incluindo o que lhe deu o tiro. Precisamos terminar os interrogatórios. Vai ser uma noite longa.

Eu não digo nada, porque não tenho nada a dizer, e Logan parece perceber o meu desconforto, então continua:

— Eu já vou. Se precisar de alguma coisa, avise-me. E leve quantos dias você precisar para se recuperar. Dou um jeito de organizar a delegacia até você voltar.

Assinto e desvio o olhar. Observo pelo canto do olho Logan caminhar até a porta, mas, antes que ele possa encostar na maçaneta, ela se abre. E, para o meu desespero, não são meus pais que entram por ela, é Aron.

Sinto a minha alma sair do corpo quando os olhares deles se encontram.

Merda.

Isso era tudo que eu não precisava no momento. Meu coração dispara, e eu sinto uma angústia dilacerante me invadir.

Não é possível que nós três estamos juntos novamente em um quarto de hospital.

— O que você está fazendo aqui? — Aron pergunta a Logan com a voz ríspida.

Logan está de costas, não consigo ver a sua feição, mas seus ombros parecem tensos.

Eu gostaria de desaparecer agora.

— O que *você* está fazendo aqui, Aron? — pergunto com o tom de voz elevado, não dando a chance de Logan responder. Aron desprende os olhos de Logan apenas para me olhar.

Ele desvia do corpo dele e caminha apressado em minha direção, parando ao lado da cama.

— Amor, eu fiquei desesperado quando soube o que aconteceu. Você está bem? — ele usa o apelido como se fosse a coisa mais normal do mundo, e eu olho para ele completamente perplexo. Meu estômago embrulha, e eu nego com a cabeça.

Logan se vira, e observo o seu semblante completamente contraído, como se estivesse tão perplexo quanto eu.

— Não me chame assim — digo seco. — O você que está fazendo aqui? Como soube o que aconteceu?

— Eu sou seu contato de emergência. Eles me ligaram, e eu vim correndo ver você como você estava.

Eu me esqueci completamente que havia colocado ele como contato de emergência há anos. Eu nem me importei e nem lembrei de tirar.

— Quero saber o que esse merda está fazendo aqui, com você, Ravi.

Ele se vira e encara Logan, que está parado nos olhando, com os braços cruzados em frente ao peito. Logan solta uma risada que não exala nem um pingo de humor, e eu estremeço.

Eu só quero cavar um buraco para me enfiar. Meus olhos ardem, e sinto meu coração palpitar tão rápido, que tenho medo de desmaiar. Peço mentalmente para que Logan não responda e apenas saia. Também quero que Aron saia e me deixe em paz. Mas,

para o meu desespero, nada disso acontece. Logan permanece com as sobrancelhas erguidas e dá dois passos para frente.

— Ravi estava em uma operação comigo e vim confirmar se ele estava bem, já que esse é o meu papel. Quanto ao "merda", deixo esse adjetivo para você.

— Você deve estar achando graça de tudo isso, não é, Logan? Você estraga o meu relacionamento e agora age como se fosse o santo daqui — Aron vocifera, e eu prendo a respiração.

Ah, merda… De novo não, por favor.

Sinto como se estivesse revivendo aquele maldito dia, e o pânico me toma.

— Eu estraguei o seu relacionamento, Aron? Eu? — Logan solta uma risada, mas observo seu punho se fechar com força. — Você é tão cara de pau.

— Ravi, por favor. — Aron volta o olhar para mim, mas tudo que vejo em seu rosto me dá ânsia. — Ele está querendo manipulá-lo. Você sabe disso. Ele deve ter espalhado um monte de mentiras a meu respeito.

— Eu nunca disse nada sobre você, Aron — Logan interrompe. — Porque, para mim, você não passa de uma perda de tempo da qual me arrependendo muito. Não preciso difamá-lo, e não é do meu feitio fazer isso, mesmo você merecendo. Ravi pode afirmar isso, já que nós dois sabemos que você não vale nada.

Ambos olham para mim, esperando algum tipo de resposta. Sinto que estou andando por uma corda bamba e, não importa o que eu faça, eu vou cair. Eu não pedi para estar nesta situação, eu não pedi para passar por isto, eu não deveria estar enfrentando isto agora. Fecho meus olhos com força e faço um esforço tremendo para não chorar. Só quero que ambos saiam, só quero ficar em paz, só quero meus pais aqui comigo.

Estou com frio, estou com medo, estou assustado. Abro os olhos e olho para baixo.

— Logan... — digo com a voz falhada, tentando soar o mais sutil possível. — Vá embora. Eu não consigo olhar para você agora. Você já ia de qualquer forma. Então só vá embora, por favor…

Por impulso, ergo o olhar para ele e observo seu rosto se avermelhar. Ele me olha estreitando os olhos, como se não acreditasse no que eu acabei de dizer. Seu maxilar trava em resposta, e consigo ver o desgosto estampado em seu rosto. Ele solta uma longa lufada de ar antes de abrir a boca.

— No fim das contas, vocês dois se merecem.

Suas palavras me causam um impacto, mas, antes que eu possa dizer algo, observo ele se virar, abrir a porta e sair por ela, batendo tão forte quanto meu coração pulsa no peito.

As palavras dele ricocheteiam em minha cabeça e meus lábios tremem com a vontade que sinto de chorar. Sei que ele pensa que estou negando a sua afirmação, mas não estou. Sei também que ele deve pensar que estou escolhendo o lado de Aron, mas também não estou. Só precisava que ele saísse antes que acontecesse algo pior.

Aron me olha esperançoso, um pequeno sorriso brota em seus lábios, mas eu respiro fundo.

— Quando você vai entender que eu não sou um brinquedo de manipulação, Aron? — digo rígido, sentindo algumas lágrimas caírem pelo meu rosto. Ele me olha sem entender ou fingindo que não entende. — Eu não sou tão manipulável quanto você pensa que eu sou. Talvez eu tenha sido cego por um tempo, mas agora enxergo muito bem e espero que você entenda de uma vez por todas que eu não quero mais você na minha vida. Eu não quero mais ver você, não quero conversar com você, não quero tê-lo por perto. Logan foi muito mais digno do que você, porque não, ele nunca falou nada a seu respeito, por mais que ele também tivesse esse direito e por mais que tivesse motivos. Então me faça o favor de nunca mais me procurar, de nunca mais achar que eu preciso de você para qualquer coisa, porque eu não preciso. Você só está aqui porque esqueci de tirar o seu nome dos contatos de emergência, só por isso. Mas não quero mais contato com você, não quero estar perto, não quero ter que olhar na sua cara. Seja honesto e digno uma vez na vida e me conceda isso, porque você já me tirou demais.

— Ravi… — ele tenta dizer, e procura a minha mão para segurá-la, mas eu a desvio, sentindo um puxão no ombro.

— Saia daqui! — eu grito, enfurecido. — Saia daqui, Aron!

— Ravi, não faça isso — ele tenta mais uma vez.

— Enfermeira! — começo a berrar, tentando fazer com que a minha voz ecoe e que alguém me ouça. — Enfermeira! Por favor…

Minhas lágrimas caem mais pesadas agora, e sinto meu corpo tremer tanto, que tenho medo de ter machucado ainda mais meu ombro. A enfermeira entra rapidamente no quarto e me encara com os olhos arregalados.

— Tire esse homem daqui, por favor — eu grito em desespero. — Por favor, só faça ele sair.

Aron me olha com espanto enquanto a enfermeira se aproxima.

— Senhor, peço que saia, você está agitando o nosso paciente — ela diz com voz elevada, e eu viro a minha cabeça na direção contrária a Aron. — Se o senhor não sair por livre e espontânea vontade, chamarei os seguranças.

Eu só quero que ele saia, eu só quero chorar em paz, eu só quero não ter que ver ele de novo.

Eu só quero… Eu nem sei o que eu quero.

Quando a enfermeira consegue tirar Aron do quarto, eu finalmente consigo respirar. É como se um peso que estava comprimindo meu peito tivesse sido tirado de mim. Choro alto e percebo que ela volta instantes depois, parando ao meu lado.

— Está tudo bem? O senhor está bem?

— Estou — digo com a voz trêmula, tentando falar em meio às lágrimas. — Você pode pegar o meu celular e discar o número da minha mãe?

Ela assente e vai até os meus pertences, pegando meu celular. Digo a ela o número, e ela disca rapidamente, colocando o celular na minha orelha. Ouço três toques antes de minha mãe atender com a voz sonolenta.

— Mãe… — choramingo. — Será que tem como você vir até o hospital de Klever? Estou bem, mas preciso de você aqui comigo.

Capítulo 9

Fico cinco dias em casa, recuperando-me. Preciso tomar analgésicos para aliviar o desconforto que sinto, mas a tipoia ajuda a não mover tanto o ombro para não prejudicar ainda mais o ferimento.

Minha mãe surtou quando chegou ao hospital. Até então, ela imaginou que teria sido alguma crise de hipoglicemia, mas, quando descobriu que eu havia levado um tiro em uma operação policial, ela quase me fez trocar de profissão. Por pouco não chamei uma enfermeira para sedá-la.

Laura ficou comigo no hospital até me darem alta no dia seguinte. Eu contei a ela o que tinha acontecido, já que ela tinha reparado na minha angústia e percebido que eu estava choroso. Ela acha que eu fui injusto com Logan, e isso faz o meu estômago embrulhar. Não suporto ser injusto com ninguém, ainda mais quando a vida foi tão injusta comigo. Ainda odeio Logan, mas, no fundo, sei que ele não passa de outra vítima.

Engraçado como é a volatilidade dos sentimentos. Há um tempo, eu amava Aron com todas as forças, depois passei a ter uma mágoa inimaginável por ele, agora sinto nojo, repulsa, ódio. Hoje consigo odiar mais Aron do que Logan. Espero que chegue o dia em que eu não sinta absolutamente nada por ele. E espero que esse dia chegue logo.

— Cara, isso é muito legal — Lucca diz sentado ao lado da minha cama. — Sabe quantas pessoas no mundo podem dizer que levaram um tiro? Aliás, sabe quantas pessoas no mundo sobreviveram a um tiro?

— Quer que eu lhe dê um, para você saber como é? — digo sério, e Josh solta uma gargalhada alta.

— Boa — Josh diz, e Lucca revira os olhos.

Eles vieram passar o domingo comigo para me ajudar, caso eu precise. Dei um descanso para os meus pais e para Laura, já que estou me sentindo bem melhor e não preciso mais de tanta supervisão.

— O que vamos comer? Eu estou com fome. — Lucca se levanta. — Quem vai fazer o almoço?

— O Ravi, oras! Ele é único entre nós que sabe cozinhar.

Fico impressionado que essa fala parte justamente do médico do nosso trio. Ele não percebe que eu ainda estou ferido?

— Eu levei um tiro. — A indignação brinca em minha voz, com todo o drama que sei bem como fazer. — Vocês não têm dó de mim?

— Não — eles dizem ao mesmo tempo, e eu não me contenho em soltar uma risada.

— Até quando vai usar essa desculpa? — Josh arqueia uma sobrancelha.

— Até quando eu puder — digo, rindo.

— Seu outro braço está bom, fora que as coisas que você precisar, a gente pica e descasca para você. Vamos auxiliá-lo. Levante essa bunda daí e vá fazer um almoço decente para nós. Somos visitas! — Lucca diz, me puxando pelo braço bom.

— Vocês são um porre!

Reluto, mas me levanto, mesmo a contragosto.

— Ah, e depois de almoço, vá tomar um banho para lavar esse cabelo. Está tão oleoso, que dá para fritar um ovo na sua cabeça.

Quando Josh diz isso, eu dou uma gargalhada, mas paro de rir abruptamente quando Logan povoa os meus pensamentos. A voz de Laura me dizendo que fui injusto com ele volta à minha cabeça e me martela incessantemente. Tento dissipar os pensamentos e vou até a cozinha para preparar o almoço.

Preparo um macarrão rápido e comemos juntos. Depois, eu tomo um banho com cuidado para não machucar meu ombro. Faço questão de lavar bem os meus cabelos, já que volto para a delegacia amanhã, e não quero que meu cabelo seja motivo para mais uma chacota de Logan.

Na manhã seguinte, chego cedo à delegacia. Deixo meu carro em casa, porque não consigo dirigir. Sorte que eu moro perto, e o dinheiro que me dão para a gasolina dá para pagar o aplicativo de carro sem que eu saia no prejuízo.

Percebo que a delegacia ainda está vazia, e os outros policiais ainda devem estar servindo como reforço. Passo pelo corredor, e Feyden me vê.

— E aí, Baumer. — Ele caminha até mim. — Como está o ombro? — ele pergunta com cordialidade, e eu sorrio.

— Está melhor. Obrigado, Feyden. — Limpo a garganta. — Desculpe-me por ter feito vocês passarem por isso. Eu não estava preparado e me desesperei. Não quis causar nenhum problema.

— Que isso, Baumer. Isso acontece. — Ele me lança um sorriso consolador. — Não se preocupe. Fico aliviado por estar bem. Seja bem-vindo de volta.

— Obrigado, Feyden. Mesmo! — Eu retribuo o sorriso e ele acena com a cabeça, afastando-se.

Quando estou quase chegando em frente à minha sala, vejo Cooper. Ele acena e me pede para esperar, vindo correndo até mim.

— Ravi — ele diz, olhando para a tipoia em meu braço —, eu fiquei sabendo do que aconteceu. Como foi isso?

— Nem me lembre, Alec. — Solto uma risada sem graça. — Foi desastre atrás de desastre. Não segui as instruções que me passaram e acabei levando um tiro.

— Mas você está bem? — ele pergunta com a voz repleta de cuidado, piscando lentamente os olhos cor de âmbar para mim. — Está sentindo alguma dor?

— Eu estou bem e estou tomando remédio de seis em seis horas. Foi superficial. Agora é só esperar cicatrizar. Não se preocupe.

Termino de falar e observo Logan entrar pela porta da delegacia. Ele cumprimenta alguns policiais e vem em nossa direção. Sei que ele terá que passar por nós para ir para a sua sala, e o pensamento de que isso vai acontecer faz meu coração acelerar. Não sei como ele vai agir depois do que aconteceu no hospital, mas, para a minha surpresa, ele passa por nós rapidamente, de cabeça baixa, nos ignorando completamente e seguindo em direção à sua sala. Ele não me olha e nem fala comigo. Sinto algo estranho ao perceber isso.

— Menos mal — Alec diz, fazendo-me voltar a atenção para ele. — Se precisar de qualquer coisa, eu estou aqui. Pode contar comigo.

— Obrigado, Alec. É importante para mim saber que tenho com quem contar.

— Almoço hoje? — ele pergunta, sorrindo.

— Almoço hoje! — Confirmo com a cabeça e sorrio.

Ele me lança uma piscadela e me dá um aceno com a mão, voltando para a sua posição. Esqueci de perguntar a ele como foi a prova, mas fiquei tão incomodado com a situação de Logan, que acabei deixando passar. Perguntarei no almoço, mais tarde.

Dou dois passos para entrar em minha sala, mas paro. Olho para a sala de Logan e percebo que a porta está entreaberta. Fecho os olhos com força e respiro fundo. Quando vejo, já estou caminhando até lá.

Meu coração acelera e dou três batidas curtas na porta.

— Posso entrar? — pergunto baixo.

Logan não responde. Ele está segurando uma cápsula de bala entre os dedos, mas, assim que percebe que entrei, ele a guarda na gaveta. Seus olhos permanecem abaixados, como se ele fizesse um esforço tremendo para não me encarar.

— Pois não, policial Baumer?

Limpo a garganta e sinto as minhas mãos gelaram. Estou nervoso, mas tento não transparecer.

— Eu… eu… — gaguejo, mas me recomponho rapidamente, terminando a frase baixinho — eu queria me desculpar pelo dia no hospital. Por ter mandando você ir embora daquele jeito.

Ele finalmente levanta o olhar e passa os olhos pela tipoia em meu ombro, para então voltar a me olhar nos olhos. Ele não diz nada, então continuo:

— Eu só queria que não houvesse mais ressentimentos entre nós. Sei que já temos muitos, mas nós trabalhamos juntos, e espero que possamos ser profissionais o bastante para ignorar toda essa situação.

Ele estreita os olhos e cruza as mãos em frente à mesa.

— Só isso?

— Só isso o quê? — Franzo o cenho.

— Só isso que tem para dizer? — Sua voz é fria como gelo, e eu engulo em seco.

— Acho que sim. O que mais eu poderi...

— Perfeitamente esclarecido — ele interrompe. — Por gentileza, feche a porta quando sair.

Ele volta a abaixar o olhar, mexendo no computador em sua frente. Penso em sair, mas sou tomado por um impulso incontrolável.

— Logan — digo enquanto dou dois passos para frente —, só quero que saiba que não tenho nada com o Aron, aquilo não sig...

— Delegado Theron — ele me interrompe, voltando a me olhar nos olhos. — Para você, eu sou delegado Theron.

Minhas bochechas queimam e eu permaneço olhando para ele quando ele continua:

— Eu não tenho nada a ver e muito menos tenho interesse em saber da sua vida pessoal. Se puder me dar licença, policial Baumer, eu estou muito ocupado agora. — Ele aponta para a porta.

Seus olhos ficam cravados em mim, e as minhas bochechas queimam ainda mais. Estou tão sem graça, que tenho a impressão

de que posso chorar a qualquer momento. Aceno com a cabeça e dou meia volta, saindo da sala dele.

Volto para a minha sala e tento engolir o bolo que se forma em minha garganta. Sento em minha cadeira e pisco rápido para dissipar as lágrimas que querem brotar em meus olhos. Eu não esperava essa reação dele. Eu achei que pudéssemos nos entender de alguma forma. Pensei que ele compreenderia a minha reação no hospital.

Tento não pensar nisso e, para a minha sorte, tenho muito trabalho acumulado a fazer. É bom que isso me distrai de alguma forma.



Depois do almoço, vou ao RH para entregar o meu atestado. Agora que tenho o apartamento, não posso me dar ao luxo de perder dias de trabalho. O aluguel é caro, e preciso de cada mísero centavo do meu pagamento para arcar com as minhas novas despesas.

— Boa tarde, posso entrar? — digo em frente à porta.

Uma moça simpática com os cabelos castanho-escuros e a pele morena sorri para mim, apontando para a cadeira em frente à mesa.

— Olá. Em que posso ajudar? — ela diz enquanto me sento.

— Vim trazer o meu atestado dos dias que faltei por causa disso. — Aponto para a tipoia e solto uma risada baixa. Ela me acompanha ao pegar o atestado da minha mão.

— Claro. Vou lançar na sua folha. Você está melhor?

— Estou, sim, obrigado.

— Que bom. — Ela desvia o olhar para digitar algo em seu computador e olha para mim alguns instantes depois. — Já está

lançado, Sr. Baumer. Os dias serão abonados, e nada será descontado do seu salário.

— Obrigado… — digo, sugestivo.

— Marina.

— Marina — repito sorrindo e me levanto. Caminho até a porta, mas me viro abruptamente. — Marina, será que você pode me dar uma informação?

— Claro — ela assente. — Do que você precisa?

Volto até a mesa dela e me sento novamente, levemente apreensivo.

— É que… eu gostaria de saber como anda o processo para ocupar minha vaga. Já faz mais de um mês que estou aqui, e até hoje não vi nenhum candidato fazendo entrevista.

— Para sua vaga? — Ela me olha, curiosa.

— É, para policial administrativo. Log... — começo, mas me corrijo. — O delegado Theron me disse que está apenas esperando que algum candidato ocupe a minha vaga para me dispensar, já que meu cargo aqui é temporário.

— Acho que o senhor se enganou. Não há vagas abertas para policial administrativo nesta delegacia.

— Como assim? — A confusão dança em meu semblante.

— Theron nunca abriu a vaga. Ele nunca me pediu para fazer isso. Sua vaga aqui na delegacia é permanente.

Sinto um frio na barriga e engulo em seco. Uma raiva me atinge de supetão e eu estreito os olhos.

Aquele filho da puta...

— É… claro. Devo ter me confundido. — Tento sorrir. — Obrigado, Marina.

— Disponha.

Levanto-me e saio pisando alto, sabendo o meu destino. Sinto meu sangue borbulhar de raiva. Estou tão cego de ódio, que,

quando chego à sala de Logan, eu não raciocino, apenas bato a mão na porta, abrindo-a em um estrondo.

Ele está conversando com Rony e para abruptamente para me olhar. Rony me olha espantado, mas meu olhar fica preso em Logan, que franze as sobrancelhas parecendo espantado com a minha entrada abrupta.

— Que porra você estava pensando, Logan?

Os olhos de Rony se arregalam mais ainda com a minha fala, mas Logan mantém a postura.

— Eu já disse que para você, é delegado Theron — ele diz baixo, travando o maxilar.

Sinto uma raiva me consumir e o encaro. Seus olhos raivosos não saem dos meus.

— Eu estou cagando para como você quer que eu o chame. Eu quero saber que porra você está fazendo.

Relutantemente ele desvia o olhar do meu apenas para olhar para Rony.

— Será que pode me dar um minuto, Rony? — ele diz calmamente. — Eu já o chamo, e podemos continuar a nossa conversa de onde paramos.

Ele assente rapidamente. Pelo visto Logan causa um certo medo nos policiais desta delegacia, mas não em mim. Ele vai me ouvir, mesmo que seja a última coisa que eu faça nesta porra deste lugar. Rony sai rapidamente, fechando a porta e me deixando sozinho com Logan na sala.

— Seu comportamento é vergonhoso, Baumer.

— O seu também — retruco rapidamente. — Será que os policiais daqui sabem que você não é tão honesto quanto prega ser?

— Do que está falando? — Ele me encara com as sobrancelhas franzidas.

— Da porra da vaga. Você nunca abriu uma vaga para o meu cargo. Você sequer entrevistou alguém e vinha com o papinho de: *"sei que não está feliz aqui, vou contratar alguém o mais rápido*

possível". Porra nenhuma! — digo ríspido, e ele permanece intacto. Seu semblante não vacila. — O que está querendo com isso, Logan? Punir-me? É isso?

— Não.

— Então por que não abriu a porra da vaga?

— Porque eu não quis — ele responde simplesmente, e eu solto uma risada alta, sentindo minhas bochechas queimarem fervorosamente.

— Por que você não quis? Nossa, que ótimo argumento. Quantos anos você tem? Cinco?! — Reviro os olhos. — Por que você não abriu a vaga, Logan?

Ele não responde, fazendo-me ficar ainda mais irritado. Meu tom de voz se eleva mais, e eu praticamente grito:

— Por que, porra?

Ouço um estrondo quando ele bate o punho fechado na mesa, fazendo meu corpo inteiro tremer pelo impacto.

— Porque apesar de não o suportar, Ravi — ele estoura, gritando, mas logo abaixa o tom de voz —, eu sei o quanto você é competente. Porque sei que não encontraria alguém tão qualificado quanto você para o cargo. Porque eu quis que você ficasse. Satisfeito? Era isso que você queria ouvir?

Ele se recompõe e passa a mão pelo rosto soltando um longo suspiro. Ele se vira de costas colocando as mãos na nuca. Não sei o que responder e permaneço encarando suas costas enquanto ouço-o suspirar. Ele se vira e me encara novamente.

— Estou o liberando agora, Baumer. Você pode voltar para Willton. Não vou prendê-lo mais aqui. Pode ir.

Ele aponta para a porta e sinto uma sensação gelada percorrer a minha espinha. Ele volta a se sentar em sua cadeira como se nada tivesse acontecido. Inspiro e expiro rapidamente e me viro, caminhando até a porta.

Estou relutante.

Não quero sair daqui e não quero voltar para Willton. Só fiquei com raiva por Logan não ter sido sincero comigo, como ele

normalmente é...

Respiro fundo, e paro.

Então sussurro antes de abrir a porta:

— Eu quero ficar.

Falo tão baixo, que imagino que ele não tenha ouvido, já que o silêncio corta o ar, mas, para minha surpresa, ouço sua voz:

— Você quer ficar?

— Quero — digo, virando-me e olhando para ele.

Logan me olha completamente surpreso.

— Você quer ficar? — ele repete.

— Você é surdo ou o quê? — pergunto, sem paciência.

— Essa bala respingou no seu cérebro, desnorteando o único neurônio bom que você tinha, só pode. — Ele nega com a cabeça, bufando.

— Eu só quero ficar aqui. Sabe por que, Logan? — Aproximo-me e espalmo a mão do braço bom na mesa, olhando-o diretamente nos olhos. — Aqui as pessoas não me olham com pena, como se eu fosse digno dela. Aqui as pessoas não sabem que eu fui abandonado no altar pelo meu namorado de sete anos. Aqui as pessoas não sabem que eu era traído e você era o amante dele. Não sabem que eu tenho que fazer tratamento psicológico duas vezes por semana para tentar reparar o dano que isso me causou. E, apesar de me incomodar com a sua presença, prefiro mil vezes você a todos os outros policiais de Willton, que me bajulam na minha frente, mas falam de mim pelas costas. Você me magoa, mas pelo menos fala o que pensa, e não me poupa da sua sinceridade crua e às vezes cruel. Por isso quero ficar. Só por isso.

Sinto como se um peso tivesse sido retirado de mim quando cuspo as palavras. Minha respiração está completamente acelerada, mas fico observando o rosto de Logan. Ele engole em seco, apertando o maxilar e me olhando nos olhos.

— Certo — é só o que ele diz, com a voz levemente falhada.

Não esperava outra coisa vindo dele, então me viro para sair da sala, mas o ouço me chamar.

— Baumer — ele diz, e eu me viro, soltando um longo suspiro que estava preso em minha garganta. — Esta é a sua primeira advertência. Aprenda a respeitar os seus superiores, mesmo quando estiver com raiva. Eu não admito que fale comigo dessa maneira e espero que isso não se repita.

Observo seu semblante, mas desta vez não vejo nenhum traço de raiva em seu rosto e nem em sua voz.

— Só isso? — pergunto, e ele assente.

Concordo com a cabeça e caminho até a porta. No entanto, quando estou prestes a girar a maçaneta, ouço ele sussurrar:

— Seja bem-vindo de volta, *florzinha*.

Não contenho o sorriso que brota em meus lábios e agradeço por estar de costas, para que ele não veja a minha reação. Nego com a cabeça, abrindo a porta, e lanço a ele um dedo do meio, com o meu braço bom, ao sair da sala.

Capítulo 10

— Como está se sentindo hoje, Ravi? — Dr. Antony me pergunta com toda a sua ternura de sempre, e eu paro para refletir.

Os últimos dias têm sido bons. Tirei a tipoia e já consigo movimentar meu ombro sem sentir muita dor. Ainda sinto um leve desconforto e ainda preciso usar um curativo, mas quase não me lembro de que levei um tiro. Para evitar receber ligações e mensagens indesejadas, troquei o número do meu celular e joguei o antigo chip fora. Não tenho pensado em Aron com tanta frequência. Vez ou outra ele povoa os meus pensamentos, mas acredito que seja mais uma questão de costume do que saudade, de fato. Afinal, vivemos sete anos juntos, e é inevitável que ainda pense nele vez ou outra. No entanto tenho me esforçado para aprender a ser só, com a minha própria solidão, por mais que às vezes ela me machuque. Está tudo bem na delegacia, e eu me sinto cada dia mais confortável no ambiente de trabalho, já que eu e Logan interagimos somente o necessário. Reparei também que não tenho tanta vontade de chorar como eu tinha há algumas semanas. Acho que estou melhorando.

— Estou melhor — respondo de forma firme e sincera.

Dr. Antony levanta os olhos do caderno e me olha com um sorriso brando nos lábios.

— Você nunca tinha dito a palavra *melhor* em uma consulta nossa — ele diz. — Você sempre usou: "estou indo" ou "estou ok", mas nunca havia utilizado *melhor* para definir como se sentia. Acredito que temos um avanço. Estamos em progresso, Ravi.

— Pode ser que sim. — Sorrio de volta.

— Aconteceu mais alguma coisa depois do que conversamos na última consulta?

— Não. Nada de relevante que eu me lembre.

— E como estão as coisas no trabalho? Com Logan?

Dr. Antony sabe de Logan. Afinal, ele foi mencionado várias e várias vezes durante as minhas sessões de terapia. Nas primeiras vezes, por ser amante de Aron. Depois, por ser o meu chefe. Agora, por simplesmente ser um pé no saco.

— Está normal — respondo. — A gente se evita o máximo que pode e interage o mínimo possível.

— E você tem se sentido seguro lá? Tem sentido alguma espécie de ansiedade? Medo? Pânico? — Ele ajeita os óculos de formato arredondado no rosto enquanto me analisa.

— Não. — P asso a mão suada pelo braço da poltrona vermelha de veludo. Eu sempre fico apreensivo quando Logan é mencionado em nossas conversas. Solto uma respiração profunda. — Eu gosto de trabalhar naquele departamento. Inclusive, tenho feito amizades.

— Isso é ótimo, Ravi. É bom criar vínculos. — Ele se ajeita na cadeira, ainda com um sorriso no rosto, e cruza a perna. — Conte-me sobre as suas novas amizades.

— Bem, o Alec é um doce de pessoa. Nós almoçamos juntos todos os dias, e ele sempre me deixa confortável, em qualquer situação. Também tenho me aproximado de Dean, mais conhecido pelo último nome, Feyden. Ele também é um doce e extremamente solícito.

— E alguns dos dois te causa algum tipo de sentimento? Que extrapola a amizade?

Paro para pensar, porque nunca tinha analisado essa hipótese. Ambos são muito bonitos. Alec tem uma beleza diferente de tudo o que eu já vi. Tudo nele é bonito, de uma forma extremamente harmônica. Feyden, em contrapartida, possui traços mais comuns. Seus cabelos escuros e lisos são o que acho mais bonito nele, assim como seus olhos castanho-claros, ternos e

calmos. Apesar de os dois serem agradáveis e agraciados de beleza, não consigo pensar nos dois dessa forma.

— Acredito eu que não.

— Certo. — Ele descruza as pernas e se inclina um pouco. — Chegará um momento, Ravi, em que você vai voltar a gostar de alguém. As barreiras que você está construindo em seu coração vão começar a tremer. É natural que você afaste qualquer sentimento desse tipo, você sofreu uma grande decepção. Mas acredite em mim quando eu digo que haverá pessoas pelas quais valerá a pena derrubar as muralhas que demoramos tempo demais construindo. Quando isso acontecer, não se impeça de viver. Todos aqueles que entram em nossa vida vão nos decepcionar de uma forma ou de outra, é o curso dos sentimentos. Somos diferentes, pensamos de maneiras diferentes, temos sonhos diferentes. Porém alguns vão saber reparar os danos, e outros não. Um coração partido ainda pode bater forte por um outro alguém.

Apesar de absorver as palavras que ele acabou de me dizer, eu ainda tenho certa relutância. Não acredito que eu consiga me envolver com mais ninguém. Talvez seja um trauma passageiro, mas, só de pensar em me entregar, já me bate uma ansiedade que consome todo o meu corpo. Posso até ficar com outros caras de forma mais superficial, mas em me apegar eu não penso tão cedo.

— Certo — respondo brevemente, e Dr. Antony parece perceber o meu leve desconforto a respeito desse assunto.

Ele me encara por um tempo e passa as mãos nos cabelos curtos e grisalhos, parecendo buscar algo em mente para trocarmos de assunto.

— Você tem escrito os seus pensamentos no caderno que Laura lhe deu?

Penso em mentir, já que não abri o caderno desde que voltei da Grécia, mas não há porque mentir para o meu terapeuta, então respondo sincero e envergonhado:

— Tenho esquecido.

— Tente não esquecer, Ravi. É uma boa maneira de exteriorizar sentimentos que talvez você não tenha coragem de

dizer em voz alta — diz ele, inclinando o corpo para pegar um bloco de notas novinho em folha em cima da sua mesa. Ele me entrega, e eu dou um aceno de cabeça ao pegá-lo. — Vou diminuir os nossos encontros. Não vejo mais a necessidade de duas sessões, então passaremos a nos ver apenas uma vez na semana. O outro dia que seria para você estar aqui use para fazer algo que goste. Assista a um filme, caminhe pelo parque, jogue algum jogo, tanto faz, mas faça algo que você goste e que dê algum conforto.

Assinto mais uma vez e por um instante fico feliz. Se ele está me dispensando e diminuindo os nossos encontros, é sinal de que eu devo estar realmente melhorando.



Chego mais tarde na delegacia por causa da consulta e vejo uma van branca parada na porta, rodeada por alguns policiais que não conheço. Logan está entre eles, então passo direto e vou para a minha sala.

Ao sentar na minha cadeira, antes de fazer qualquer outra coisa, eu abro o bloco de notas que o Dr. Antony me deu. Penso no que posso começar a escrever, mas apenas uma coisa vem à minha mente. Pego uma caneta e escrevo:

Eu odeio o Logan.

Solto um riso baixo em completo deboche e fecho o bloco de notas, começando a ligar o computador. Quando estou na metade de um relatório, ouço a voz de Logan no corredor e inclino o olhar. Percebo que ele está alterado e, por um instante, paro para ouvir a conversa.

— Você é um filho da puta. Lucra através do sofrimento dos animais. Infelizmente a lei é falha, e eu não posso enfiá-lo atrás das

grades, porque você é réu primário — ele vocifera. — Mas eu juro por Deus que se eu ver você vendendo qualquer animal na internet ou em criadouros clandestinos, eu vou até o inferno para achá-lo e farei questão de que todos na prisão saibam exatamente o que você faz.

Inclino a cabeça para o lado para ver com quem ele está falando, mas é um homem aleatório que eu não conheço. Paro para reparar nos dois e percebo que Logan tem algo nas mãos. Ele está segurando... um gatinho no colo? Sério?

Quando o homem é dispensado, não me contenho em levantar e ir até Logan para ver se estou ou não alucinando. Assim que me aproximo, percebo que enxerguei certo. Ele realmente tem um gatinho amarelo no colo. Aproximo-me ainda mais, e ele me nota.

— Isso é um gatinho? — pergunto, abaixando-me um pouco para olhar o animalzinho de perto.

— Não. É um tigre — ele diz, revirando os olhos.

— Oi, amiguinho. — Ignoro sua fala e passo os dedos no pelo macio. — Se eu fosse você, eu não ficaria no colo de certas pessoas. Pode ser extremamente tóxico e contagioso. Vai que a doença que ele tem é transmissível. Você pode pegar. Tome cuidado.

Logan me ignora completamente e se vira, começando a caminhar com o gatinho em direção à porta da delegacia.

— De onde é esse gatinho? — pergunto, curioso, indo atrás dele. Logan, no entanto, não para de caminhar para me responder.

— De um criadouro clandestino. Ele e os outros, que estão lá fora. Estavam em situação precária. Recebemos a denúncia e fizemos a apreensão.

— E para onde os policiais vão levá-los?

— Para a clínica veterinária. — Ele para abruptamente e se vira, olhando-me com um semblante intrigado no rosto. — Você gosta de bichos?

— Depende do bicho. De você, por exemplo, eu não gosto — digo sério, e Logan revira os olhos mais uma vez.

Tenho vontade de rir pela sua cara de irritação, mas antes que eu possa dizer qualquer coisa, ele se vira e volta a caminhar pelo corredor.

— Não sei nem por que me dou ao trabalho — ele murmura.

Quando saímos da delegacia e paramos em frente à van, não consigo me conter e pergunto:

— Posso ver os outros?

— Eles estão nas caixinhas de transporte — ele responde seco.

— E por que esse não está? — insisto, e Logan se vira com o semblante irritado.

— Porque ele estava agitado. E, como tenho três gatos em casa, eu sei como lidar com eles. Por isso peguei esse no colo por um instante, para tentar acalmá-lo.

Arqueio as sobrancelhas em completa surpresa.

— Você? Tem três gatos?

— Tenho. — Ele entrega o gatinho para um dos voluntários e dá os comandos: — Levaremos para a clínica parceira da delegacia. Avisem-me quando tiverem notícias do estado deles.

O voluntário assente e coloca o gatinho amarelinho peludo em uma das caixinhas de transporte. No entanto, quando Logan começa a se virar para entrar na delegacia novamente, ele dá de cara comigo, parado atrás de seu corpo.

— Você ainda está aqui? — Ele ergue uma sobrancelha.

— Só fiquei curioso. Como uma pessoa como você tem três gatos?

— Uma pessoa como eu? — Ele sorri, sem humor. — Você age como se me conhecesse bem.

Ele passa por mim, inundando-me com o seu perfume, e volta para a delegacia a passos rápidos. Vou atrás dele, porque odeio ser ignorado.

— Você poderia ao menos responder a minha pergunta.

Ouço quando ele solta uma respiração pesada, parecendo completamente extasiado.

— Quando há resgate como esses — ele responde, ainda caminhando — e algum gato tem algum problema, eu acabo adotando.

— Como assim problema? — eu pergunto, e ele para abruptamente, fazendo-me colidir diretamente com as suas costas.

Quando ele se vira para me olhar, eu me ajeito, fingindo que nada aconteceu, e pigarreio sem graça.

— Alguns animais de resgate sofrem maus tratos — diz ele, com os olhos em mim. — E quando o gato fica com alguma sequela, dificilmente é adotado. Eu fico com dó e os adoto. Simples assim.

— Os seus têm sequelas?

— Você é meio burro, não é? — ele questiona, sem paciência. — Acabei de dizer que sim.

Ignoro completamente o fato de ele ter me ofendido e pergunto:

— Que tipo de sequelas?

Logan bufa e nega com a cabeça. Fico esperando a patada certeira que virá dele, mas, para a minha surpresa, ele começa a explicar:

— Tenho o Rony, a Hermione e o Harry.

— Harry Potter? — interrompo e solto um riso baixo. — Que escolha mais clichê!

— Algum problema com isso?

— Nenhum. Para falar a verdade eu gosto dos nomes. Principalmente Harry. Minha mãe pensou em me dar esse nome quando eu nasci, não por Harry Potter, já que a saga nem existia na época, mas pelo príncipe Harry.

— Se eu soubesse disso a tempo, eu não teria escolhido esse nome. Ia preferir ter colocado Voldemort — ele diz, e um sorriso sarcástico começa a brotar em seus lábios.

— Você não faria isso com o bichinho.

— Eu não trocaria de roupa, florzinha. — Nossos olhares se encontram e ficam presos por um instante até Logan desviar os olhos rapidamente. — Rony é um gatinho amarelo, carinhoso e cego de um olho. Nunca soube o que fizeram com ele e, para falar a verdade, eu até prefiro não saber. Hermione é preta, terrível e paraplégica. Foi atropelada quando bebê, mas isso não impossibilita ela de correr pelo apartamento fazendo bagunça. Harry é um gatinho cinza e é traumatizado. Também sofria maus tratos e perdeu a patinha da frente.

Tento não sorrir ao ouvi-lo falar dos gatos, ainda mais da semelhança do Harry comigo. Não perdi a pata, mas levei um tiro no ombro… e, bem, nós dois somos traumatizados.

— Ou seja, juntando todos, não dá um inteiro. — Solto uma risada genuína, e Logan encara a minha boca, parecendo surpreso com a minha reação. Seus olhos passeiam pelos meus lábios para então encontrar meus olhos. Engulo em seco e paro de rir. — Não teve graça, desculpe.

Ele nega com a cabeça lentamente e volta a caminhar, ignorando-me mais uma vez.

— Tem algum assim hoje na apreensão? — pergunto, e ele para mais uma vez, virando-se para me olhar.

— Tem dois... um branco e um preto. O branco perdeu o rabo e o preto é cego de um olho. Estou pensando em ficar com os dois, apesar de não ter mais espaço na minha casa.

— Eu fico com um — digo rápido, e Logan me olha fazendo uma careta, parecendo genuinamente surpreso.

— Você? — Ele ergue as sobrancelhas.

— Sim — respondo, seguro. — Moro sozinho, nunca viajo e preciso de uma companhia. Você fica com o branquinho, já que tem uma preta, e eu fico com o pretinho para mim.

— Tem certeza? Eles não são bichos de pelúcia para serem descartados — ele diz, e eu reviro os olhos.

— Para sua informação, eu já tive gatos, e todos morreram de velhice. Satisfeito?

— Eles ficarão na clínica por um tempo.

— Não tem problema, eu espero — rebato. — Bom que eu tenho tempo de preparar o apartamento para recebê-lo. Eles são machos ou fêmeas?

— Ambos são machos.

— Fred ou Jorge, escolhe — falo rápido, e Logan me olha confuso.

— O quê?

— Fred e Jorge Weasley, os irmãos gêmeos de Rony. Harry Potter…

— Eu sei do que você está falando — ele me interrompe, colocando as mãos na cintura. — Só não estou entendendo.

— Fred ou Jorge, Logan? Escolha! — digo, sem paciência, e ele solta um suspiro.

— Fred — ele responde por fim.

— Ótimo, eu queria mesmo Jorge. Avise-me quando eu puder buscá-lo na clínica.

Não espero sua resposta e passo por ele, caminhando de volta para a minha sala. Assim que me sento, volto a escrever o relatório de onde tinha parado, mas sou pego por pensamentos que me invadem, então eu paro.

Logan não é ruim de tudo. Ele tem até algumas qualidades que são genuinamente boas. Abro meu bloco de notas e pego novamente uma caneta.

Risco o "*Eu odeio o Logan*" e escrevo logo abaixo:

Eu não gosto do Logan.

Capítulo 11

Entro na sala de Logan para entregar a ele um relatório que ele pediu que eu fizesse. Percebo novamente que ele está com uma cápsula de bala na mão. Ele a roda entre os dedos, pensativo. Eu raspo a garganta, e ele me olha.

— O relatório que você me pediu, *delegado Theron* — uso um tom falso para pronunciar as últimas palavras.

Ele ergue uma sobrancelha, e eu me aproximo. Ele pega o relatório da minha mão e passa os olhos pela folha, como se conferisse o meu trabalho.

— Obrigado, Baumer — diz ele, ainda com os olhos presos no papel.

Não consigo conter a minha curiosidade e pergunto:

— Por que você tem uma cápsula de bala?

Ele ergue o olhar, estreitando os olhos em minha direção, ajeitando-se na cadeira com uma postura totalmente defensiva.

— Acho que isso não é do seu interesse, Baumer.

Sua voz rouca sai tão seca, que eu não contenho a bufada que escapa dos meus lábios.

— Você é um doce, sabia? — insinuo ironicamente. — Apenas perguntei por curiosidade.

Ele não me responde e volta os olhos para o papel. Logan tem a incrível capacidade de me ignorar como se eu fosse apenas um peso morto ou uma pedra em seu sapato. Tenho vontade de questionar mais uma vez, mas me dou por vencido e deixo para lá. Para falar a verdade, eu não me importo. Além do mais, tenho percebido que indiretamente, tenho interagido mais com ele, e essa

interação, na maioria das vezes, parte de mim — justo eu, que impus que não queria nenhum tipo de contato. Como não pretendo ter mais nenhum tipo de interação, apenas dou meia volta e saio da sala dele.

Assim que saio para o corredor, deparo-me com Alec, também saindo de sua sala.

— Tudo certo para hoje? — pergunto, empolgado.

— Tudo certo. Só vou passar em casa para tomar um banho e vou. — Ele sorri, parecendo tão animado quanto eu. — O que preciso levar?

Combinei com Alec de fazermos uma reunião em meu apartamento hoje, depois do expediente. Lucca e Josh estão empolgados para conhecer o policial gato de quem eu tanto falo.

— Nada, só sua presença mesmo. — Eu sorrio. — Ah, e esteja preparado, porque meus amigos têm sérios problemas mentais.

Alec solta uma gargalhada gostosa e nega com a cabeça de prontidão.

— Então são iguais à gente mesmo.

Eu rio, confirmando, e me despeço dele, voltando para a minha sala para terminar os meus afazeres do dia.



Estou finalizando o guacamole quando ouço o interfone. Sei que é Alec e abro para ele. Lucca e Josh já estão bebendo, sentados à mesa. Abro a porta, e Alec me olha sorrindo, segurando uma garrafa de Gin. Noto que nunca tinha o visto de maneira casual, e, por incrível que pareça, não é a farda que faz milagres. Ele continua bonito, mesmo estando vestido com uma calça jeans simples, uma blusa vermelha e tênis.

— Não é bom chegar na casa das pessoas de mãos abanando, então… — ele diz enquanto ergue a garrafa, sorrindo — espero que gostem de gim.

— Não precisava! — Afasto-me da porta para lhe dar passagem. — Entre e fique à vontade.

Quando Alec entra, Josh e Lucca se levantam de prontidão. Eles acenam com a cabeça uns para os outros, e eu me prontifico em apresentá-los.

— Alec, esse é o Josh. — Josh estica a mão, e Alec a aperta de imediato.

— Prazer, cara — Josh diz de forma simpática.

— O prazer é meu — Alec responde, sorrindo.

— E esse é o Lucca.

Lucca também estende a mão, e Alec a segura.

— Prazer, Alec. Ouço falar muito bem de você. — Lucca lança a ele um sorriso charmoso e, só por esse simples gesto, consigo perceber o quanto ele se interessou por Alec.

— Eu também ouço falar muito bem de você, Lucca. — Alec permanece sorrindo. — E o prazer é todo meu.

O olhar deles permanece conectado até eu pigarrear, tentando puxar assunto.

— Então, Alec… o que você gostaria de beber? — pergunto, e ele coça a nuca me olhando.

— O que vocês estiverem bebendo, para mim, está bom.

Aceno e vou até a cozinha, pegando uma cerveja na geladeira. Comprei cerveja e tequila, e agora, com o Gin que Alec trouxe, eu sinceramente não sei onde essa noite vai parar. Sirvo a cerveja a ele e volto até a cozinha para finalizar os petiscos. Estou distraído quando Josh aparece em meu campo de visão.

— É — Josh diz simplesmente ao se aproximar de mim.

Desvio o olhar para a sala e percebo que Lucca e Alec conversam distraidamente. Volto o meu olhar para Josh e pergunto, confuso:

— É o quê?

— Sobre aquilo... — ele cochicha. — Do vale.

— Ah! — exclamo, dando um sorriso. — Seus estudos de psicologia corporal comprovaram alguma coisa?

— Então..., estou meio enferrujado. Não consigo fazer um cálculo exato. Não sei dizer se ele está no vale por completo, mas que ele tem um pé lá dentro, isso ele tem. Nem que seja só o pé — Josh afirma sério, parecendo estar mesmo fazendo uma análise, e eu solto uma gargalhada alta.

Alec e Lucca nos olham, parecendo intrigados, mas eu tento disfarçar, voltando o olhar para os pratos em minha frente. Nego com a cabeça ainda com um sorriso no rosto, e me viro para Josh.

— Você é um imbecil — digo, ouvindo a sua risada baixa enquanto termino de servir os petiscos no prato.

Quando voltamos para a sala, observo que Alec parece estar confortável, o que me deixa mais tranquilo. Ele e Lucca nos introduzem no assunto, e as coisas fluem tão bem, que sinto que já temos um membro novo no grupo.

Depois da terceira dose de tequila, estamos todos juntos dançando "*Twist and Shout*", dos *Beatles*, em frente à televisão. Josh dança de forma desengonçada enquanto Lucca roda Alec, que está mais soltinho do que eu normalmente conheço. No refrão fazemos um trenzinho e começamos a rodar na sala como quatro crianças. As risadas escandalosas, juntamente com a infinidade de "aaaaa", ecoam pelo cômodo, e eu começo a ter a certeza de que serei expulso do prédio.

Quando a música acaba, nós nos jogamos no sofá, completamente exaustos e rindo alto.

— Vamos fazer alguma brincadeira? — Josh sugere, e eu reviro os olhos, porque sei que nada que venha dele pode ser uma boa ideia.

— Pelo amor de Deus, Josh. O que você quer inventar? — Lucca pergunta.

— Vamos passar trote para alguém? — ele sugere, animado, e todos nós nos entreolhamos sorrindo.

— Vamos! — dizemos em uníssono.

Apesar de saber que é uma péssima ideia, estamos bêbados e animados demais para ponderar qualquer coisa.

— Eu conheço vários trotes — Lucca diz, animado.

— Para quem vamos ligar? Qualquer número avulso? — Josh pergunta.

Eu pressiono os lábios, tentando dissipar a ideia que eu tive, mas é mais forte do que eu. De qualquer forma, posso culpar a bebida por essa ideia rondar meus pensamentos.

— Alec… — o chamo —, você tem o número do Logan?

Alec solta uma gargalhada alta e nega com a cabeça.

— Você quer passar um trote para nosso chefe, Ravi? Ficou maluco? — ele indaga com a voz levemente bêbada. Eu assinto rapidamente, e ele solta outra gargalhada. — Pois eu adorei a ideia. Vamos.

Ele tira o celular do bolso, e eu abaixo o som da televisão, que continua tocando músicas aleatórias.

— Ele tem meu número, eu não posso ligar.

— Eu ligo, ele não tem o meu. Além do mais, acabei de trocar o chip — digo, e Alec me passa o número de Logan. Anoto no meu telefone e olho para Lucca. — Lucca, você liga. Ele pode reconhecer a minha voz ou a de Alec. O nome dele é Logan Theron.

Lucca assente e pega o telefone da minha mão. Ficamos todos em silêncio quando ele começa a discar o número, colocando a chamada no viva-voz logo em seguida.

— Alô. — Logan atende após três toques, e meu coração palpita dentro do peito.

— Boa noite, senhor Theron. Meu nome é Leroy — Lucca diz, segurando o riso — Eu sou consultor de promoções do sabão em pó *Omo*. Estamos dando brindes para os nossos clientes. Para participar é simples, eu vou lhe perguntar qual é a senha, e você terá que dizer *Omo*. Entendido?

— Ok? — ele responde, um tanto confuso.

Eu me seguro para não rir e observo que Josh já está com as bochechas vermelhas prendendo a risada.

— Qual é a senha, senhor?

— Omo — Logan responde.

— Abaixa as calças que eu te como.

Eu não me aguento e explodo em uma risada histérica e bêbada. Olho em volta e percebo que estão todos se acabando de rir.

— Vá tomar no cu, seu bando de desocupado do caralho. Vá passar trote para a puta que o pariu — Logan vocifera, e eu ouço o *tu tu tu* na linha, fazendo com que as risadas se intensifiquem.

— Aí, Deus… Essa foi boa — digo, limpando as lágrimas dos meus olhos.

Não sei se estou rindo mais pela piada em si ou por ter irritado Logan. De qualquer modo, ambas as opções me soam completamente hilárias.

— Daqui a pouco passamos outro, tenho uma lista extensa — Lucca diz. — Ligamos do número do Josh. Eu passo para ele o trote, e ele liga.

— Se ele descobrir que eu estou envolvido nisso, ele me mata. Logan fica puto com essas coisas — Alec diz, parando de rir aos poucos.

— Ah é?! — pergunto. — Agora mesmo que vamos continuar fazendo, até ele não atender mais.

Esperamos um tempo, e eu sirvo outra rodada de cerveja. Quando Lucca sugere ligar novamente, é Josh quem liga. Para minha surpresa, Logan atende novamente.

— Alô.

— Olá, boa noite, senhor Theron. Nós somos da companhia de água e estamos ligando para todo o bairro — Josh diz, olhando para Lucca, que assente. — Houve um vazamento em um dos nossos pontos de distribuição de água, e estamos checando se está havendo algum problema. Você poderia ir até a torneira mais próxima para verificar se está saindo água normalmente?

— Sim, só um instante. — Logan fica mudo por alguns segundos e logo retorna. — Aqui está saindo água normalmente.

— E o que você queria que saísse, leite?

Nós explodimos em uma nova onda de risadas. Sei o quão infantil estamos sendo, mas eu não me importo. Irritar Logan está sendo o ápice da noite.

— Ha ha ha. Que engraçado! — Logan caçoa do outro lado da linha. — Ao contrário de você, que é um desocupado de merda, eu estou ocupado demais transando, e você está empatando a minha foda. Você devia fazer o mesmo e parar de me encher a porra do saco, caralho.

Ele desliga, e todos continuam rindo, mas minha risada cessa por um instante.

Será que ele está transando com Aron? Ou será que está transando com algum homem aleatório? Fico desconfortável com o pensamento.

Acho que com Aron não deve ser. Não é possível que ele transaria com Aron depois do que houve no hospital. Ele não seria tão burro assim. Ou seria?

Josh cutuca a minha cintura, tirando-me dos meus pensamentos.

— Por que você ficou calado do nada? — ele pergunta, limpando as lágrimas e parando de rir.

— Nada — minto. — Lembrei que perdi uma consulta hoje. Fiquei preocupado com isso.

Tento sorrir e disfarçar, mas Alec me lança um olhar estreitando os olhos, como se soubesse ler os meus pensamentos. Eu desvio o olhar rapidamente e me levanto, fingindo uma animação repentina.

— Mais uma rodada de tequila!

O restante da noite passa de forma animada, apesar de eu ter ficado levemente incomodado. Quando dá meia-noite e meia, e as bebidas acabam, eles decidem ir embora. O gim nós guardamos para outro dia, já que estamos todos completamente bêbados e não

precisamos de um coma alcoólico. Todos pedem um carro por aplicativo para ir embora, já que ninguém está em plenas condições de dirigir.

Despeço-me e não me importo com a bagunça que ficou no apartamento. Apenas caio na cama, e meus pensamentos me traem, mas, para minha sorte, eles não duram muito tempo, já que o sono me atinge rapidamente.



Nos últimos dias, tenho evitado Logan, e ele parece fazer o mesmo. Desde que o ouvi ele dizer que estava transando, fiquei relutante sobre a nossa aproximação mínima. Fico incomodado pela possibilidade de ele ainda estar transando com Aron. Desde então, decidi não interagir de jeito nenhum com ele, e ele parece não se importar, já que também não faz questão nenhuma de interagir comigo.

E, por falar no capeta…

Estou na impressora quando o vejo entrar pela delegacia acompanhado de três policiais, com três homens algemados.

Ele para em frente a uma das salas de interrogatório e posiciona os três sujeitos um do lado do outro. Os polícias que o acompanham permanecem do seu lado direito. Quando ele me olha, eu desvio o olhar e volto a imprimir os relatórios.

— Policial Baumer! — ouço ele me chamar e sinto uma sensação gelada em minha espinha. *Puta merda… O que ele quer agora?* Viro-me hesitantemente e percebo que ele está me encarando. — Pode fazer a gentileza de vir até aqui?

Fecho meus olhos com força e deixo os papéis em cima da impressora. Não sei o que ele quer de mim agora, mas caminho lentamente em sua direção.

— Sim? — minha voz sai baixa e falhada.

— Policial Baumer — ele diz com a voz séria e aponta para os três homens. — Consegue reconhecer alguns desses três indivíduos?

Olho confuso para cada um deles, reparando os rostos, mas não me lembro de conhecê-los. Volto a olhar para Logan e nego com a cabeça.

— Não. Não reconheço. Por quê? — pergunto, e ele ignora completamente a minha pergunta.

— Já que ele não reconhece, o que é compressível, vou precisar da colaboração dos três — ele diz com a voz firme, virando-se para os homens. — Quem dos três atirou nele no dia da fuga do galpão?

Assim que as palavras saem da sua boca de forma tão certeira, eu fico estático. Não é possível que Logan tenha trazido o homem que atirou em mim para dentro da delegacia. O que ele pretende com isso?

Meus olhos se arregalam e eu evito olhar para eles. Sinto minhas mãos começarem a tremer de nervoso e me assusto quando a voz de Logan se eleva.

— Eu não tenho o dia todo, porra. Quem atirou nele? — ele pergunta mais uma vez, mas nenhum dos homens se prontifica. Os três permanecem de cabeça baixa. — Eu juro por Deus que se ninguém se manifestar, eu vou dar um jeito de espalhar na cadeia que os três são estupradores, e vocês sabem o que eles fazem com estupradores na cadeia, não sabem? Pois é. Aproveitem a oportunidade de ser condenados somente por tráfico. — A voz de Logan é tão calma, contrastando com as palavras que saem de sua boca, que me dá medo. Evito olhar para ele também, abaixando o olhar para as minhas mãos enquanto brinco com os meus dedos.

— Fui eu — um dos homens fala baixo, e eu não consigo evitar olhar para ele, apesar de ele não me olhar de volta. As memórias daquela noite me invadem, e percebo que é ele mesmo. Ainda lembro do seu olhar quando ele apertou o gatilho. — Eu não atirei nele para matar, senhor. Foi só para que ele não atirasse em mim.

— Como você se chama, companheiro?

— Oliver. — Sua voz falha.

— Oh, Oliver — Logan diz com a voz melódica, começando a caminhar de um lado para o outro com as mãos entrelaçadas nas costas. — Você sabe quem eu sou?

— Não, senhor — ele diz de cabeça baixa.

— Meu nome é Logan Theron, e eu sou delegado deste departamento — ele diz calmamente. — Eu estava presente no dia da invasão do galpão que vocês utilizavam para a fabricação e distribuição da cocaína. O policial Baumer também estava comigo, sob a minha proteção, e levou um tiro. Mas não são essas informações que eu quero que você guarde. — Ele para abruptamente, ficando de frente para o homem. — Vou lhe dar outros motivos para você se lembrar de mim.

Antes que eu perceba, o punho de Logan acerta em cheio o maxilar do homem, e eu dou um salto para trás pelo susto com o impacto. Logan desfere mais um golpe, fazendo o homem cair no chão.

Eu fico completamente paralisado e engulo em seco inúmeras vezes. Minhas mãos tremem tanto, que eu tenho que escondê-las em meu bolso. Logan então se agacha e o pega pela gola da camisa, erguendo-o do chão.

— Levante-se, filho da puta — ele vocifera, com a mandíbula contraída. — Da próxima vez você atira em mim, e não no meu policial — ele diz, entre os dentes, com uma fúria palpável inserida na voz. — Mas reze, desgraçado. Reze para ter uma segunda chance e para ser muito bom de mira, caso contrário, eu o mato sem pensar duas vezes. Está me ouvindo?

O homem assente rapidamente de cabeça baixa. Seu nariz sangra, e seu corpo parece mole. Logan o solta e se vira para um dos policiais.

— Podem levá-los para a delegacia de Chelton. Já resolvi o que tinha que resolver.

Olho para Cooper no final do corredor e percebo que ele também está boquiaberto, assim como Feyden. Penso que essa não

seja uma atividade corriqueira da delegacia, já que a maioria dos policiais pararam para assistir. Pisco meus olhos lentamente, completamente atordoado. Observo Logan caminhar em minha direção até estar parado em minha frente. Ele enfia a mão no bolso e me olha com o semblante fechado.

— Tome. — Ele estende a mão e me entrega uma cápsula de bala. — É sua.

— Como assim? — gaguejo, com a voz trêmula. Meus joelhos parecem que vão ceder a qualquer momento. — Isso não é meu.

— É a cápsula da bala que aquele filho da puta acertou em você.

Meu coração palpita em meu peito, e eu olho para a cápsula em minha mão, completamente incrédulo. Penso ser a mesma cápsula que eu o via girar entre os dedos. Levanto o olhar e percebo que o maxilar de Logan ainda está tenso e seus olhos rígidos caem sobre mim.

— Por que você guardou a cápsula do tiro que levei? — pergunto, sentindo minha voz tremelicar.

Logan solta um longo suspiro antes de me responder:

— Porque prometi a mim mesmo que não descansaria até que encontrasse o desgraçado que fez isso com você. E eu o encontrei. Guarde a cápsula de lembrança, para que, caso haja uma próxima vez, você se lembre de ser mais esperto e me poupar o trabalho.

Sem dizer mais nada, ele desvia do meu corpo e simplesmente sai do meu campo de visão, indo para a sua sala, como se não tivesse acabado de levar todo o ar dos meus pulmões com ele.

E eu fico parado no meio do corredor, sem saber ao certo o que pensar ou sentir.

Capítulo 12

Fico parado no corredor por tempo demais. Alguns policiais voltaram às suas funções como se nada tivesse acontecido. Feyden me olha e me dá um aceno de cabeça como se compreendesse o que acabou de acontecer enquanto Cooper caminha até mim.

— Porra, o que foi isso? — ele pergunta, em choque. E ele não é o único se sentindo assim.

— Eu não sei — respondo com a voz trêmula, olhando para a cápsula em minha mão.

— Será que ele faria isso por mim se eu levasse um tiro? — Alec indaga e solta uma risada baixa. — Eu achei do caralho.

Eu, no entanto, não rio. Fico absorto demais nas sensações que estou sentindo para achar qualquer coisa a respeito disso.

— Ele pode se prejudicar por isso, Alec — digo. — Aquela operação nem é deste departamento. Eles estão detidos na delegacia de lá. Logan não deveria tê-los trazido pra cá apenas para fazer isso. E se algum policial o denunciar por má conduta ou abuso de autoridade?

Não sei nem porque estou ponderando tantas coisas, já que Logan não se deu ao trabalho de fazer isso.

— Quanto a isso, não se preocupe — Alec assegura. — Se Logan fez, é porque ele sabia exatamente os riscos que estava correndo. Logan não faria nada sem antes analisar todas as consequências.

Assinto, mas fico pensativo enquanto volto para a minha sala. Torço para que ninguém daqui ou de lá o odeie escondido. Eu me

sentiria mal se Logan recebesse alguma notificação por conta desse caso, ou pior ainda, se fosse afastado do cargo por isso.

Rodo a cápsula nos dedos, como ele fazia, e me sento em minha cadeira. Fico relutante. Parte de mim quer ir até a sala dele para perguntar que diabos ele estava pensando, mas a outra parte prefere não tocar mais no assunto. Levanto o olhar e vejo o bloco de notas intocado em minha mesa. Guardo a cápsula na gaveta apenas para pegar uma caneta para escrever. Viro a página e, com as mãos trêmulas começo:

Eu não sei o que sentir.

Meus pensamentos estão tão desorganizados, que nem se eu tentasse organizá-los, eu conseguiria. Logan aguça em mim sentimentos que eu desconheço, e isso me assusta. Não sei por que ele guardou a cápsula da bala, não sei por que ele foi atrás de quem fez isso comigo e, apesar de me sentir aliviado, também sinto remorso. Fiquei apavorado ao vê-lo desferindo os golpes com tanta calmaria e frieza, mesmo me sentindo grato por ele ter feito justiça por mim de alguma forma. Mesmo que da forma errada.

Eu me arrependo de ter ido naquela operação, não pelo tiro em si, já que só sobraram algumas poucas cicatrizes, mas por ter causado todo esse transtorno.

Estou confuso.

Eu já disse que não sei o que sentir? Pois é, eu realmente não sei.

Fecho o bloco de notas e volto meus pensamentos para o computador em minha frente.

Hoje será um dia incontestavelmente longo...



Na sexta, já estou derrotado. Tenho dormido mal esta semana. Há sempre um pensamento ou outro que me invade antes

de eu pegar no sono.

Dr. Antony sugeriu que eu procurasse um psiquiatra para que ele pudesse me passar algum remédio para acalmar minha ansiedade, mas preferi não fazer isso. Não quero me viciar em remédios, prefiro maneiras naturais. Minha mãe, pelo visto, também prefere, já que me entupiu de sachês de chás que são supostamente feitos para dar sono.

Spoiler: não dão.

Pelo menos não no meu caso.

Por sorte, o assunto de Logan batendo no cara que me deu um tiro não virou pauta na delegacia. Os policiais parecem ter se esquecido disso, e eu fico imensamente agradecido por nada de ruim ter surgido depois do que aconteceu.

Sento-me na cadeira e ligo o computador. Meu bloco de notas ainda está em cima da mesa, intocado. Para falar a verdade, tudo o que estou sentindo já está escrito, então não tenho mais nada para acrescentar.

Quando começo a trabalhar, ouço a voz de Logan no corredor entre as divisórias das mesas dos policiais. Agradeço por ter uma sala só para mim e não precisar ter que ver Logan passando de cinco em cinco minutos para averiguar o que estou fazendo.

— Bom dia. Reúnam-se todos aqui, por gentileza — ele diz, com a voz alta.

Reviro os olhos e me levanto. Sempre me assusto quando ele nos chama. Na maioria das vezes é só para dar algum recado, mas, vindo de Logan, eu sempre espero o pior.

— Como sabem, e como foi enviado por e-mail pela Marina, amanhã é a confraternização da delegacia — ele começa. Eu não abri a minha caixa de e-mail nos últimos dias, então não fazia ideia de que haveria uma confraternização. — Cada um de vocês tem direito a um acompanhante por pessoa. Peço que analisem o e-mail para verificar as informações sobre o local e a hora. Sei que alguns de vocês não poderão comparecer, já outros ficarão de plantão na

delegacia. Aqueles que ficarem, ganharão um dia de folga, é só negociar o dia com a Marina. Para o restante, espero vocês lá.

Ele se vira e volta caminhando calmamente para a sua sala. Vejo Alec e vou até ele.

— Que confraternização é essa? — pergunto.

— A confraternização do fim de ano. Todo ano fazemos. Lá em Willton vocês não faziam?

— Não. — Nego com a cabeça. — Melz nunca se preocupou em nos dar um pouco de diversão. — Eu dou uma risada. — Você vai, não é?

— Então, não sei… — ele coça a nuca. — Amanhã tenho um compromisso bem na hora. É o aniversário de noventa anos da minha avó.

Penso em fazer um comentário, que provavelmente será maldoso, mas disperso os pensamentos.

— Ah, Alec! — exclamo, frustrado. — Como irei sem você? Vai ser um porre ficar sozinho.

— Relaxe. Você ainda tem os outros policiais para conversar e para lhe fazer companhia. Tem o Rony, o Feyden, o próprio Logan — ele diz e eu tento não revirar os olhos. — Além do mais, a festa é muito boa, Ravi. Eles não economizam nas comidas e nas bebidas. Tem DJ, tem bonificações… Eu realmente gostaria de ir, mas não posso perder o aniversário da minha avó. Qualquer coisa, você me manda mensagem se a festa for até mais tarde. Eu tento dar uma escapada do aniversário para dar uma passadinha por lá.

Apenas concordo com a cabeça e não rendo mais o assunto. Fico pensando na possibilidade de levar alguém comigo, já que tenho direito a um acompanhante. Se eu escolher Lucca, Josh provavelmente se sentirá excluído. Se eu escolher Josh, Lucca também se sentirá excluído. Poderia levar Laura, mas ela não tem paciência para festas, quanto mais festas de empresa. Também não tenho como escolher entre meus pais. Pondero e chego à conclusão de que irei sozinho, já que não ir nem passa pela minha cabeça.



Para o meu espanto, o salão é impecável e amplo. Luzes iluminam todo o local, que está cercado de mesas já postas. Vasos de flores naturais, juntamente com os pratos e taças já posicionados, ornam as mesas. O ambiente não é gigantesco, e nem precisava ser, já que o departamento não tem tantos policiais, e alguns provavelmente nem vão comparecer. No entanto cada espaço é muito bem decorado.

Há um pequeno palco de madeira à direita, e ao lado o DJ já toca algumas músicas mais calmas. Decidi vir mais tarde, para não ser o primeiro a chegar, mas, para a minha surpresa, o salão ainda não está tão cheio. Alguns policiais me cumprimentam à medida que eu entro e, para a minha sorte, vejo Feyden e Rony sentados em uma das mesas. Caminho até eles, mas sou parado por um garçom no meio do caminho, que me olha sorridente.

— Boa noite, senhor. Gostaria de uma bebida? — ele pergunta cordialmente, e eu sorrio, analisando o que ele traz na bandeja.

— Quero uma vodca com energético por favor — digo, e ele me entrega o copo.

Quando ele está prestes a sair do meu campo de visão, Logan se aproxima, e eu paraliso.

— Olá, eu gostaria de um uísque, por favor — ele fala, e eu paro para observá-lo enquanto o garçom lhe serve a bebida.

Seus olhos ainda não pousaram em mim, mas os meus estão nele.

É estranho vê-lo em roupas casuais, já que só me lembro dele sem camisa depois de comer meu noivo ou de farda, enchendo-me o saco na delegacia.

Nunca tinha visto ele assim… vestido de forma “normal”.

Ele está todo de preto, trajando uma blusa de manga comprida, com alguns detalhes brancos na gola alta.

Reparo e não consigo não me questionar: quem usa gola alta nos dias de hoje? Mas, por mais que eu deteste admitir, fica bom nele. Reparo também na calça, que é justa — justa até demais —, e percebo que não é a farda que parece sob medida, é o corpo de Logan que é realmente bonito. Bonito até demais para o meu gosto.

— Ora, ora… — Ele percebe a minha presença quando o garçom se afasta. Seus olhos se encontram com os meus quando ele me lança um sorriso repleto de sarcasmo. — Achei que não o encontraria aqui hoje à noite, Baumer, já que seu amiguinho Cooper não estará presente.

Encaro seus olhos de forma séria. Ele me ignora, conversa comigo, depois me ignora, bate no cara que me deu um tiro, então me ignora e agora está sorrindo pra mim. Vai entender...

— Eu não sou colado em ninguém, sabe? — digo, com um sorriso falso brotando em meus lábios.

Logan ignora a minha fala e parece reparar em mim. Seus olhos passam primeiro por minhas botas de cor carmim, depois por minha calça *skinny* preta, sobe para minha camisa floral levemente aberta, para então encontrar meus olhos. Seu olhar é tão lento e calculado, que me sinto exposto.

Ele ergue as sobrancelhas, sugestivo, e seu sorriso se alarga.

— Você é definitivamente a pessoa mais brega que eu conheço, florzinha — ele diz divertido, e eu reviro os olhos.

— Pelo menos meus ovos respiram. Já você parece ter sido castrado por acidente de tanto que essa calça aperta suas bolas.

Logan solta uma risada genuína, jogando a cabeça para trás enquanto segura o topo da barriga com a mão livre. Ele vai parando de rir aos poucos e me olha, levando o copo de uísque até a boca e bebendo um gole lentamente. Ao finalizar, ele ergue o copo em minha direção.

— Boa festa, Baumer. Espero que se divirta — ele fala, sorrindo e desviando do meu corpo.

Sinto meu rosto esquentar e, de raiva, bebo o líquido inteiro do copo que está em minha mão. Minha garganta queima, e percebo que há um pingo de energético para uma dose inteira de vodca. Volto a caminhar e me aproximo da mesa de Rony e Feyden. Cumprimento-os brevemente e me sento.

Dean Feyden está sozinho, já Rony está acompanhado de sua esposa, Cintia. Ela é extremamente simpática, e passamos um bom tempo conversando e trocando figurinhas. Rony deve me achar maluco por ter entrado daquele jeito na sala de Logan, mas, se ele pensa algo ruim de mim, ele sabe disfarçar bem. Feyden, como sempre, é só gentilezas. Bebemos mais alguns drinks enquanto jogamos conversa fora.

O DJ para o som, e observo Logan subir até o palco, indo em direção ao centro, onde há um microfone. Fiquei tão entretido na conversa, que nem parei para notar que o salão está finalmente cheio.

— Boa noite a todos — ele diz, limpando a garganta e testando o microfone. Ele olha em volta e sorri. — Gostaria de começar agradecendo a presença de cada um de vocês. Sei que alguns não puderam estar presentes por motivos pessoais, outros tiveram que fazer plantão na delegacia, mas agradeço a maioria estar aqui. Queria começar dizendo que tenho muito orgulho de trabalhar com uma equipe que se esforça e se empenha pelo bem e pela justiça. Cada um de vocês exerce um papel fundamental naquela delegacia, e é por isso que eu faço questão de todo ano comemorar o excelente empenho de vocês.

As pessoas começam a bater palmas, e, para não parecer implicante, bato palma também.

Logan então continua:

— Quero aproveitar que ainda está cedo para dar início ao processo do RH de bonificação para aqueles que se destacaram. Prefiro fazer isso agora antes que a maioria fique bêbada, assim como eu também pretendo ficar. — Ele solta uma risada, e ouço mais risos o acompanhando. — Acho que vocês já sabem como funciona, não é?! Este ano Marina foi generosa, e cada um dos escolhidos receberá uma bonificação de 500 libras. Aos que não

forem escolhidos, não fiquem tristes, eu daria a todos se eu pudesse. Mas, se quiserem reclamar, reclamem com a Marina.

Ouço mais risadas, inclusive a de Logan. Cintia, esposa de Rony, inclina levemente o corpo em minha direção e me cutuca, sorrindo.

— Espero que Rony ganhe essa bonificação. Se ele ganhar, eu vou gastar tudo no salão de beleza — ela cochicha, soltando uma risada, e eu gargalho, cruzando os dedos.

— Tomara que você tenha o seu dia de princesa garantido. Vou torcer — digo, sorrindo, e ela me lança uma piscadela.

— Bem… — Logan continua —, sem me prolongar, tenho em minhas mãos três envelopes lacrados com o nome dos sortudos. — Ele começa a abrir o primeiro envelope e retira o papel de dentro. — O primeiro é… Andy Rivera, por sua excelente preparação em operações especiais.

Ele diz animado, e Rivera caminha com um sorriso largo em direção ao palco ao som de palmas. Logan entrega o envelope a ele, e eles posam para o fotógrafo posicionado em frente ao palco.

Quando Rivera sai, Logan pega o outro envelope e o abre.

— O segundo é… George Rony, por seu excelente empenho em rondas e patrulhas.

Cintia solta um grito e eu a acompanho, batendo palmas animado. Rony parece surpreso, mas abraça alegremente a esposa. Feyden assobia alto, e percebemos que somos a mesa mais escandalosa do salão, mas não nos importamos nem um pouco com isso. Logan olha em nossa direção e sorri largo.

— O dia de princesa está garantido — digo, rindo para Cintia.

— Pode apostar que sim, Ravi — ela responde, abraçando-me de lado e soltando gritinhos histéricos.

Rony caminha até o palco e segue o mesmo padrão. Quando ele volta até a mesa, eu lanço a ele o polegar e sibilo: bom trabalho.

Ele me olha, sorrindo, e acena com a cabeça.

— Eu já vou deixar o DJ voltar a tocar, não se preocupem. Este é o último.

Logan abre o envelope e permanece olhando para a folha de papel por um instante longo demais. Quando ele levanta o olhar, seus olhos vão imediatamente para mim. Engulo em seco e sinto meu corpo gelar.

Não é possível que seja eu.

— O último é… — ele começa e limpa a garganta brevemente — Ravi Baumer, por seu excelente trabalho no administrativo.

Cintia dá outro grito, e Feyden me abraça de lado, assobiando mais uma vez. Fico paralisado, mas Rony me chama.

— Vá, Ravi. É você — ele diz.

Levanto-me levemente desconfortável e caminho até o palco enquanto recebo uma salva de palmas. Subo as escadas, e minhas pernas tremem. Logan me olha e me entrega o envelope, antes de se aproximar de mim e me abraçar de lado para foto. Meu corpo inteiro se enrijece pela sua proximidade e por seus dedos que dançam em minha cintura. Engulo em seco e tento disfarçar.

— Parabéns, florzinha — ele cochicha entre os dentes enquanto sorri para a foto. — Aproveite e use a bonificação que você ganhou para comprar um xampu.

— Se eu mandá-lo ir à merda agora eu ganho outra advertência? — cochicho de volta, também sorrindo para foto.

— Com certeza — ele retruca.

Vejo o flash e Logan se vira, soltando a minha cintura para apertar a minha mão. Aperto relutantemente e a solto logo em seguida, virando-me e descendo as escadas do pequeno palco o mais rápido que consigo.

Volto para mesa e abraço todos: Cíntia, Rony e, por fim, Feyden. Fico feliz e honrado de saber que sou reconhecido pelo meu trabalho. Posso não ser um policial que a maioria considera convencional, mas faço o melhor que posso naquilo que sei fazer.

Logan termina o discurso, e o DJ volta a tocar. Estamos tão animados, que bebemos duas doses de tequila de uma só vez. Eu começo a ficar estranhamente alegre, como não me sentia havia muito tempo.

Estamos conversando quando o DJ começa a tocar "*Best thing I never had*" da *Beyoncé*, e eu não consigo não pensar no relacionamento que vivi. Pela primeira vez, quando lembro de tudo o que aconteceu há uns meses, eu não penso em Aron. Eu penso em mim.

Eu penso em como eu sou forte, apesar de nunca ter achado que eu fosse. Em como eu estou vivendo um dia de cada vez e recuperando cada pedacinho que foi arrancado de mim naquele dia. De como a superação é dura e gratificante na mesma proporção. Em como achei que fosse morrer, mas não morri. Eu estou renascendo do lugar onde Aron me afundou, e estou renascendo ainda mais forte. Sei que não estou completamente curado e talvez carregue sequelas permanentes, mas eu sobrevivi. E, só de ter sobrevivido, já me sinto feliz.

Pensando nisso, viro-me para Cintia.

— Dança essa música na pista comigo, Cintia? — pergunto, e ela sorri largo para mim.

— Claro. — Ela se levanta, dando um beijo em Rony, e me puxa pela mão.

Vamos para o meio da pista que está praticamente vazia, a não ser por algumas pessoas que estão paradas bebendo e conversando. Começo a me embalar timidamente, e Cintia me acompanha, sorrindo. Ela começa a cantar e eu também me permito cantar, extravasando toda a felicidade que estou sentindo em finalmente ter um momento de paz em meio ao caos.

Penso na letra da música e vejo como ela se encaixa perfeitamente em como estou me sentindo agora.

Ficamos mais animados, e eu fecho os olhos, cantando alto e dançando do jeito mais desengonçado possível. Eu não ligo. Estou vivendo o meu momento. Cintia me roda e dá alguns pulinhos enquanto cantamos.

— *Thank God I found the good in goodbye* — canto mais alto essa parte em específico e abro os olhos.

Meus olhos se fixam em uma figura. Percebo os olhos de Logan me observando fixamente. Ele está escorado na parede, com os braços cruzados enquanto me encara. Assim que ele percebe que estou olhando para ele, ele revira os olhos de uma forma completamente diferente e sorri para mim como nunca havia sorrido antes.

E, pela primeira vez, eu também sorrio de uma maneira que nunca sorri — não para ele.

Ele deve saber o que isso significa para mim. De todas as pessoas, acho que ele é quem mais sabe do que eu passei, porque não fiz questão nenhuma de esconder o que era "feio" dele. Logan é o tipo de pessoa que consegue ser transparente e não poupa a língua para falar o que pensa. Eu também não poupei. Eu sempre despejei tudo. Tudo de mais profundo e cru que existe em mim… e ele soube exatamente o que fazer com tudo que joguei nele.

Desvio o olhar, e Cintia encosta as costas nas minhas, fingindo que temos um microfone nas mãos. Terminamos a música como dois amigos bêbados que se extrapolam em uma pista de dança, mas nenhum de nós se importa com os olhares que recebemos. Quando outra música começa, voltamos à mesa gargalhando.

Estamos suados, ofegantes e bêbados. Mas quem liga?

Tento me acalmar e como um pouco para não passar mal. Já bebi demais e pretendo manter o pingo de dignidade que me resta durante o restante da festa.

No final da noite, o DJ começa a tocar músicas mais lentas. Eu já estou em um nível razoável de embriaguez quando Feyden se vira e me chama para a pista, para dançarmos juntos. Eu aceito o convite e me levanto. Não dançamos colados, estamos apenas nos movendo um de frente para o outro.

Os cabelos pretos de Feyden estão perfeitamente alinhados, e suas bochechas estão rosadas por causa da bebida.

— Desculpe a intromissão, Ravi — ele diz com a voz suave, apesar da música alta tocando ao fundo —, mas queria lhe fazer uma pergunta desde que o vi entrando na delegacia.

— Manda! — digo sorrindo, meio tonto.

— Você está solteiro?

Essa é a primeira vez que alguém me faz essa pergunta depois de tudo que aconteceu. Não sei como me sinto em relação a isso. Fui desacostumado a usar essa palavra por sete anos da minha vida e, de repente, é ela que me define.

— Estou — respondo, hesitante.

— Que bom saber disso. — Ele me lança um sorriso charmoso, e seus olhos castanho-claros pousam nos meus. Ele leva a bebida até a boca, tomando um gole rápido. — E… você se interessa por homens?

Solto uma risada alta, mais alta do que eu supus que sairia, o que atrai olhares. Percebo que talvez já tenha passado de um nível considerado normal de bebida para uma festa de trabalho.

— Sim, eu sou gay, Dean.

— Ótimo saber disso — ele diz, ainda sorrindo —, p orque eu gostaria muito de chamá-lo para sair comigo qualquer dia desses.

Assim que as palavras saem da sua boca, meu peito acelera em alerta. Parece que foi instalado algum tipo de aparelhagem no meu coração que apita quando há perigo. E agora está apitando freneticamente.

Dean é lindo, doce, gentil, e mesmo assim o meu alerta de traumas parece não ligar para nenhuma dessas qualidades.

— Eu não sei, Dean — digo, sincero, levando o meu copo até a boca virando o restante da vodca. Faço uma careta de leve, e Dean Feyden me olha em expectativa. Suspiro e volto a fitá-lo. — Não é nada com você, não quero que pense isso. Eu acabei de sair de um relacionamento longo e talvez não seja a melhor companhia para um encontro agora.

— Aposto que você seria, Ravi — ele diz docemente. — Mas, não tem problema. Eu espero até que você se sinta preparado e pronto para ter um encontro.

Dean é o tipo de cara por quem eu facilmente me apaixonaria se eu não tivesse implantado barreiras impermeáveis em meu coração.

Sorrio por sua doçura e me aproximo dele, passando o braço por seu ombro, enquanto seus dedos encontram a minha cintura. Não há malícia. Estamos apenas dançando próximos enquanto rimos de alguma bobagem que o outro fala. Quando a música está quase acabando, sinto dedos em meu cotovelo, fazendo-me desprender levemente de Dean.

Levanto os olhos e percebo o olhar de Logan rígido sobre mim.

— Uma palavrinha, Baumer — ele diz para mim e olha para Dean. — Feyden!

Ele o cumprimenta, e Feyden se afasta minimamente, lançando um sorriso para Logan. Não respondo nada, apenas sinto Logan me guiar para um canto mais afastado e menos iluminado do salão. Percebo, conforme ele me guia, que meu corpo está mais maleável do que o costume.

Quando paramos, ele fica de frente para mim e encosta na parede, olhando-me nos olhos, com as sobrancelhas franzidas.

— Acho que você já bebeu demais por hoje, Baumer — ele pontua, com maxilar tenso.

Não me contenho e solto uma gargalhada alta.

— Ah, Logan. Poupe-me! — digo, rindo. — Você é o que agora, meu pai?

— Não — ele retruca, sério. — Só não quero que faça nada de que possa se arrepender amanhã.

Reviro os olhos e solto um longo suspiro.

— Você não pode estar falando sério. Você me afastou de lá por que tem medo de que eu durma com Dean? — Aproveito todo

o álcool no meu sangue para dizer coisas que talvez não diria sóbrio.

— Não é isso. — Seu semblante vacila, e eu abro um sorriso.

— Sinceridade, Logan. Vamos. Diga o que está na sua mente agora. Não vale mentir — digo, sentindo minhas palavras se embolarem. — Nós nunca tivemos filtros um com o outro, não é agora que vamos começar a ter. Diga-me no que está pensando, Logan. Diga-me por que me trouxe até aqui.

Ele analisa meu rosto e parece hesitante. Ergo a sobrancelha, e ele solta um suspiro exasperado.

— Não quero que você durma com Dean. Satisfeito? — ele diz, e meu coração se acelera. — E, antes que pense qualquer coisa, deixo claro que é por conduta respeitosa. Não é profissional dormir com seu colega de trabalho, e sei que você está bêbado o bastante para não ponderar isso agora.

Solto outra gargalhada. Estamos tão perto um do outro que sinto as coxas de Logan tocarem as minhas.

— Certo, delegado Theron. — Bato continência em deboche. — Seu desejo é uma ordem.

Ele fica calado e permanecesse me encarando. As luzes passam por seu rosto e observo seus olhos azuis de perto. São os olhos mais azuis que já vi, quase beirando o cinza.

Pisco os meus olhos preguiçosamente e desço o olhar para a sua boca. Vejo seu lábio contrair e volto a erguer o olhar.

— Não vai me perguntar qual o meu pensamento? — sussurro, e Logan engole em seco.

— Qual o seu pensamento, Ravi? — ele pergunta com a voz rouca, e eu sinto um arrepio na espinha.

Volto a olhar para sua boca e subo os olhos lentamente até encontrar o seu olhar, que está cravado em mim. Por um instante de completa impulsividade, eu sussurro:

— Eu quero transar com você.

O semblante de Logan vacila e ele fecha os olhos com força por um instante para então abri-los novamente. Ele engole em seco, e percebo sua garganta se contrair. Percebo ele umidificar os lábios com a ponta da língua e, em seguida, sua mandíbula volta a travar enquanto ele nega com a cabeça copiosamente, com os olhos fixos nos meus.

— Você está bêbado, Ravi. Você não sabe o que está falando. — Sua voz é tão baixa, que parece um sussurro.

— Não fui claro o bastante, delegado Theron? — Aproximo-me minimamente, e minha coxa se encaixa no meio das suas pernas. Aproximo os nossos rostos e sussurro em sua boca — Pois bem, eu repito se você quiser ouvir novamente: eu quero dar para você, Logan.

— Ravi… — ele sussurra meu nome como um gemido, e eu estremeço.

Que porra estou fazendo? Tento recobrar a consciência, mas o hálito de Logan bate tão perto da minha boca, que sinto coisas que jamais imaginei sentir. Não por ele.

Eu só estou carente e provocando-o. É só isso. Claro que não teria coragem de transar com Logan. Nem em sonhos.

— Eu não vou transar com você — ele diz firmemente, e suas sobrancelhas se franzem novamente.

Dou um pequeno passo para trás e caio em mim. Nego com a cabeça, e reconecto meus pensamentos.

— Então você transa com o meu ex-noivo, mas não quer transar comigo? — Sinto uma pontada no estômago ao dizer as palavras.

— Eu não disse que não quero transar com você, Ravi. Essas palavras você nunca vai ouvir saindo da minha boca. Eu disse que não vou.

— Dá na mesma.

— Não. Não dá. — Ele bufa, irritado. — Você está bêbado, por isso quer transar comigo. Deve ser algum tipo de insegurança sua, para, sei lá, validar minha performance sexual. Para você

comprovar se valeu a pena ter sido largado no altar por um sexo comigo. Mas eu preciso que você entenda que não era eu, não era você… Era ele. Ele era o problema, ele era o desonesto, ele que não sabia o que queria e o magoou. Eu não sou melhor que você, Ravi. Você não foi abandonado porque o meu sexo era melhor. Você foi abandonado porque ele era um imbecil que não sabia apreciar tudo que tinha. Por isso eu não vou transar com você. Eu não quero que você se sinta dessa forma e nem que tenha esse tipo de pensamento sobre mim.

Pisco lentamente olhando para o seu rosto. Pela primeira vez, ele me disse algo doce e desabafou sobre como se sente em relação a Aron.

Ele permanece me olhando, e eu suspiro.

— Mas você quer? — pergunto baixo.

— Quero o quê?

— Transar comigo?

Ele solta uma risada incrédula e nega com a cabeça, como se não acreditasse no que acabei de perguntar.

— Quem não quer?! — Ele fica sério novamente. — Olhe para você… Cacete.

Logan desvia o olhar do meu e fita o teto por alguns instantes, como se estivesse pensando no que fazer. Minha pele esquenta por sua confissão, mas imploro para que meu corpo não demonstre isso de forma alguma. Quando ele volta a me olhar, eu sinto minhas pernas bambearem.

— É uma pena você ter as piores intenções, porque, se fossem boas, eu não responderia por mim — ele diz, afastando-se levemente. — Tente maneirar nas bebidas, caso contrário eu vou começar a imaginar que você está finalmente simpatizando comigo.

— Isso jamais — digo rápido, erguendo as sobrancelhas. — Estava apenas o testando…

— Sinto muito por não cair no seu joguinho, florzinha. — Ele se aproxima do meu rosto e, por um instante, eu paro de respirar. O perfume de Logan me inunda, e sinto meu corpo estremecer quando ele apoia os dedos em minha cintura para

sussurrar em meu ouvido: — A propósito, outro pensamento sincero: você está lindo para cacete hoje, mesmo com esse cabelo ensebado.

Ele se afasta e sorri para mim antes de começar a caminhar de volta para o meio do salão.

— Vá à merda! — xingo, olhando para trás, e observo seus ombros balançarem pelo riso.

Fico parado, com o coração acelerado, tendo uma só certeza: eu vou me arrepender de muitas coisas amanhã.

Capítulo 13

Às vezes me questiono por que eu bebo se sou fraco para as bebidas.

Talvez sejam as luzes ofuscantes e bruxuleantes, talvez seja o meu corpo que não aguenta mais do que dois copos de álcool ou simplesmente o meu pâncreas que não funciona direito. Mas me sinto tonto, aéreo, como se a minha cabeça estivesse leve demais contrastando com o meu corpo pesado.

Arrasto-me até a mesa e me sento. Buscando na memória, ainda consigo sentir o perfume intenso e inebriante de Logan impregnado em mim. Ou será que estou apenas alucinando e criando memórias simuladas? Não faço ideia. Tudo que sei é que minhas pernas estão bambas, fracas, tão moles que, se eu levantar desta cadeira, é bem capaz de eu cair. Observo com a visão levemente turva quando Dean me lança um sorriso.

— Está tudo bem? — ele pergunta.

— Está. — Minha cabeça gira, meu estômago embrulha, mas me esforço ao máximo para esboçar um sorriso.

— Tem certeza? Você não me parece tão bem. Aconteceu alguma coisa com Theron?

— Não aconteceu nada — minto. — Ele só estava tirando algumas dúvidas do trabalho comigo. Só isso.

Dean parece acreditar, assentindo e levando o copo de bebida até a boca. Estou enxergando dois dele.

Eu não me sinto bem. Estou suando frio, meu corpo inteiro treme. Pego uma garrafinha de água sobre a mesa e bebo todo conteúdo de uma vez só. Meu estômago embrulha à medida que a

água desce por minha garganta, e me seguro para não vomitar. Solto uma respiração pesada e arregalo levemente os olhos para tentar enxergar melhor.

— Dean — pergunto, com a voz trêmula —, onde é o banheiro?

Ele aponta para uma das saídas mais afastadas do salão, em direção a um corredor. Levanto-me e sinto uma vertigem me atingir em cheio, fazendo-me segurar na mesa para manter o equilíbrio. Ninguém parece perceber que eu estou passando mal, provavelmente porque estão todos bêbados e acham que eu também estou. Contudo, percebo que não é só o álcool em meu sangue que está me deixando assim.

Solto uma respiração pesada e calmamente vou me soltando da mesa até conseguir ficar de pé. A música ecoa em meus ouvidos e meu estômago parece estar se contorcendo. Caminho lentamente até onde Dean apontou e me deparo com um corredor estreito e mal iluminado. Vejo duas portas ao longe, ambas fechadas. Aproximo-me mais e seguro a maçaneta da primeira porta tentando abri-la, mas está trancada. Minhas vistas se escurecem e eu tonteio. Respiro fundo e tento caminhar até a outra porta, mas antes de conseguir alcançá-la, minhas pernas não me obedecem e eu deslizo até o chão de carpete.

Encosto-me na parede, tentando respirar o mais fundo que posso, e noto que provavelmente entrei no corredor errado.

Minha glicose deve estar baixa, e eu acabei ingerindo mais álcool do que deveria. Tento chamar alguém, mas a música está tão alta, que ninguém é capaz de ouvir. O corredor está vazio e escuro, e eu começo a me desesperar tentando me levantar. Meu corpo cede mais uma vez, e sinto que posso desmaiar a qualquer momento. Tento buscar meu celular no meu bolso, mas meus dedos tremem tanto, que mal consigo senti-los.

Quando finalmente consigo pegar o aparelho, minhas mãos fracas o deixam cair, deslizando para o lado do meu corpo. Não tenho forças nem para procurar o aparelho. De qualquer forma, para quem eu poderia ligar? Até que alguém viesse ao meu resgate, eu

já estaria inconsciente. Respiro fundo e me inclino, tentando engatinhar até o salão.

Preciso de alguém. Preciso que alguém me veja. Preciso que alguém me ajude.

Eu vou desmaiar a qualquer momento e só vão me achar amanhã de manhã. Meu corpo fica tão fraco, que o meu joelho desliza e eu caio de cara no chão. Fecho os olhos e espero até que eu fique inconsciente, ouvindo algo melódico tocar no fundo da minha cabeça.

— Ravi… — ouço meu nome ser chamado, mas devo estar alucinando. Meus olhos pesam, e eu só penso em deixá-los fechados até que eu durma.

Ouço meu nome de novo, e de novo, e de novo…

Eu poderia jurar que estou sonhando, se não fosse pelos toques que eu sinto em meu corpo. Não consigo abrir os olhos, por mais que eu tente. Alguém me ergue com os braços fortes e me senta escorado na parede.

Luto para abrir os olhos e, quando finalmente os abro, tudo que encontro é uma imensidão azul-acinzentada, tão cristalina, tão poderosa, tão arrebatadora, que parece que estou em um oceano tempestuoso prestes a afundar.

Logan.

— Merda, merda, merda, merda! — ele exclama rapidamente, segurando os meus ombros, com os olhos azuis arregalados me olhando.

Eu já disse a ele que seus olhos são lindos? Eu nem ouso dizer. Ele não merece saber.

— Por favor, tente respirar. Fique acordado. Não feche os olhos. Permaneça acordado, por favor — ele vai dando instruções de forma nervosa, uma atrás da outra. — Não quero que você entre em choque. Eu vou procurar alguma coisa para aumentar a sua glicose.

Mais uma vez, esqueço de pedir a ele que não me toque quando suas mãos teimosas seguram os meus ombros. É em vão pedir. Logan já me tocou.

Não consigo me mexer, mas observo ele se levantar rapidamente e correr para o final do corredor, desaparecendo da minha vista.

E, mais uma vez, estou sozinho no corredor escuro.

Será que é essa a sensação de estar morrendo?

Será que o céu tem a cor dos olhos de Logan?

Se eu morrer, a última coisa que vou ter visto na vida são os olhos dele.

Solto um gemido em forma de risada ao perceber o meu devaneio e notar que, nas duas vezes que eu pensei que fosse morrer, os olhos de Logan foram a última coisa que eu vi.

Que obra do destino…

Encosto a cabeça na parede e fecho meus olhos pesados brevemente. Acho que estou com sono. Eu só preciso dormir um pouco.

Sou desperto por dedos quentes em minhas bochechas. Abro meus olhos com dificuldade, e lá estão os olhos azuis de novo…

— Abra a boca — ele ordena. — Abra a boca, Ravi.

E eu, mais uma vez, obedeço sem pestanejar. Sinto o gosto da Coca-Cola em minha língua, engolindo devagar e sentindo o líquido queimar a minha garganta. Logan vai inclinando a garrafa aos poucos à medida que vou bebendo golinho por golinho. Meu estômago embrulha brevemente, mas eu continuo engolindo.

Ele retira o gargalo dos meus lábios, e eu respiro profundamente, tentando recuperar o fôlego. Preciso respirar, então respiro... Só paro quando sinto os dedos macios de Logan roçando em minha bochecha, descendo para o maxilar, para depois subir pela bochecha novamente.

Ele está me fazendo carinho?

Logan está me fazendo carinho?

— Eu preciso levá-lo para o hospital — ele sussurra, mas eu nego com a cabeça. — Ravi, precisamos ir para um hospital

Sua insistência é tremenda, mas continuo negando. Sei que o açúcar no meu sangue vai começar a se regularizar. Eu só preciso esperar e respirar. Eu vou ficar bem. Essa não é a primeira e nem será a última crise que eu tenho. Vai passar, como todas as outras passaram.

Seus dedos ainda roçam em minha pele, e ele está tão próximo, que sinto novamente o seu perfume. Logan cheira bem... Seu cheiro é forte e marcante — como ele.

Seus olhos preocupados me observam, e sua mão viaja para o meu cabelo, retirando uma mecha do meu rosto e a colocando atrás da minha orelha.

— Você está me tocando — aponto baixinho, com a voz fraca. — Eu já disse que não é para você me tocar.

Apesar da insistência, não quero que ele pare. Seu toque está me acalmando.

Ouço sua risada baixa, e ele parece ler os meus pensamentos, pois continuo sentindo o suave toque da ponta dos seus dedos sobre a minha pele.

— Você está melhor? — ele pergunta baixinho, tão baixo, que quase não ouço.

— Logan… — Ignoro sua pergunta, olhando em seus olhos.

— Oi, florzinha...

— Por que você tem a mania de enfiar as coisas na minha boca? — resmungo, mal-humorado. Logan solta outra risada, desta vez parecendo suspirar aliviado. — É só me dar, que eu consigo beber sozinho.

— Pelo visto, você já está se sentindo melhor — ele constata, com o tom de voz divertido, e eu concordo.

— Eu só preciso esperar. Vou ficar bem.

— Eu não vou a lugar algum.

Ele estica as pernas e se senta de frente para mim, passando os joelhos em volta do meu corpo. Ele permanece me olhando enquanto eu olho para ele, nossos olhares se conectando por uma eternidade de segundos. Nunca fomos bons em desviar e nem dar o

braço a torcer. Nessa competição, somos dois fortes adversários, apesar de eu sempre ganhar dele no fim das contas.

— Como você me achou? — pergunto sussurrado, com o corpo e mente exaustos.

— Dean me falou que você tinha ido ao banheiro. Como não o vi voltar, fiquei preocupado.

— Entendi. — Inclino a cabeça, encostando-a na parede. — Será que podemos continuar usando o nosso estoque de sinceridade?

Logan hesita por um instante, mas em seguida concorda com a cabeça.

— O que você quer saber desta vez? — ele pergunta, analisando-me com os olhos azuis atentos.

— Por que você se importa?

Minha pergunta repentina parece fazê-lo pensar, já que ele nega com a cabeça repetidas vezes enquanto passa os dedos delicadamente nos meus cabelos, olhando-me nos olhos.

— Porque sinto que tenho uma dívida com você, Ravi. — Sua sinceridade é palpável. — Sinto que, de alguma forma, eu lhe devo algo. Pelo menos era o que eu achava no começo.

— Uma dívida comigo? — Tento compreender.

— Sim — ele responde, baixinho. — Às vezes penso em como ninguém nunca sentiu muito por você. E me culpo por também nunca ter dito que eu sinto muito, principalmente no dia.

Não sei se a sinceridade dele é genuína ou se ela está acompanhada pela coragem vinda do álcool. De qualquer forma, presto atenção em cada uma das palavras que saem da sua boca.

— Você ficou martelando na minha cabeça por dias e dias e dias... e sinto que você merece um pedido de desculpas, Ravi. Eu disse coisas a você que não precisava dizer, quando tudo o que poderia ter saído da minha boca era um sincero pedido de desculpas.

Seus olhos não desprendem dos meus quando ele continua:

— Sei também que Aron provavelmente jamais lhe pediu, pelo menos não genuinamente, então, eu me sinto na obrigação de fazer isso agora, já que estamos usando o nosso estoque de sinceridade. — Ele solta um suspiro longo. — Eu sinto muito pelo que você precisou passar, Ravi. Sinto muito por você ter presenciado aquilo, sinto muito por você ter sido traído e por infelizmente eu ter feito parte dessa traição. Sei que você não acredita, mas eu juro que eu não sabia de nada. Se eu soubesse, jamais teria ficado com ele. Sinto muito por você ter enfrentado dois baques tão fortes no mesmo dia. Eu não consigo imaginar pelo que você passou, pelo que enfrentou ou o que você sofreu…, mas eu estou aqui, de peito aberto, lhe pedindo desculpas. Eu realmente sinto muito, muito mesmo, por tudo o que aconteceu naquele dia.

Eu tenho vontade de chorar e meus lábios tremem, mas não sei ao certo se estou chorando.

— Eu estou chorando, não estou? — pergunto, baixinho.

— Está. — Ele ri, limpando uma lágrima que escorre na minha bochecha. — Mas não tem problema, pode chorar o quanto quiser.

— Você realmente não sabia? — pergunto com a voz embargada.

— Não. Eu não sabia.

Por incrível que pareça, desta vez, eu acredito nele.

— E por que você se sente na obrigação de se desculpar mesmo não sendo sua culpa?

— Porque você merece. Porque aquele imbecil nem para isso serviu. Porque mesmo não sendo culpado, eu quero que saiba que eu realmente sinto muito. Eu sei que você me odeia e é cheio de "não me toque" para cá, "não encosta em mim" para lá, mas eu quero que saiba que não o odeio, Ravi. Eu não o odeio e eu nunca o odiei. E não pense que eu não o odeio porque sinto pena de você, porque eu também não sinto. Merdas acontecem, a vida é assim, estamos sujeitos a nos decepcionar. Eu sentiria pena se você voltasse para ele depois de tudo, mas, para o meu alívio, você não voltou e está se curando. Talvez jamais volte a ser o mesmo, talvez

volte…, não sei, mas saiba que não sinto pena e muito menos ódio de você. Também não caio de amores, isso é fato, porque você é insuportável, florzinha. — Eu solto uma risada em meio às lágrimas por sua sinceridade e ele me acompanha. — Mas eu não o odeio. Eu nunca poderia odiá-lo.

Sua voz soa tão vulnerável, e seus olhos parecem tão sinceros, que não consigo sentir nada além de verdade em suas palavras.

— Se você está esperando um agradecimento, pode continuar sentado, porque não vai acontecer — digo divertido, e ele solta uma risada gostosa.

— Não se preocupe, eu não esperava nada diferente de você. — Ele me lança um sorriso de canto de boca.

Permanecemos em silêncio. Seus olhos estão tão presos em mim quanto os meus estão nele. Ele desvia o olhar apenas para descê-lo até a minha boca, para depois subi-los lentamente para os meus olhos. Sinto-me tão exposto, tão vulnerável, tão aberto, mas não quero que ele pare de me olhar assim. Eu gosto do seu olhar.

— Você sabe que estamos bêbados, não sabe? — pergunto baixinho, mordendo os lábios.

— Eu não estou bêbado, Ravi. Você está. E provavelmente não se lembrará de muita coisa amanhã.

Eu discordo.

Eu vou me lembrar de tudo, e é isso que me assusta.

Nós não deveríamos estar tão próximos, eu não deveria estar me sentindo tão confortável na presença dele, seus olhos não deveriam estar me queimando assim.

Desde o começo, eu me preparei para odiar Logan, mas não me preparei para sentir nada além disso. O soco na boca do estômago é certeiro com a incerteza. Agarro-me à recusa de sentir por ele algo além de raiva, mesmo não sentindo nem um pingo desse sentimento em mim agora.

Ele percebe a minha hesitação e se afasta levemente, como se soubesse exatamente o que estou pensando. Como se compartilhássemos da mesma sensação. Como se soubesse que,

talvez, amanhã nós dois iremos nos arrepender dessa aproximação. Seus dedos param de roçar na minha pele, e eu estremeço pela falta do seu toque.

— Você está melhor?

— Estou — respondo rapidamente. — Só fique mais um pouco aqui comigo.

— Eu já disse que não vou a lugar algum. Não sem você.

Eu assinto e, em completa falta de discernimento, inclino a cabeça, escorando a lateral do meu rosto em seu peito. Minha bochecha encontra o seu tórax, e percebo que seu corpo se enrijece levemente. Pela primeira vez, o toque partiu de mim.

O coração de Logan bate tão forte, que eu conto as batidas uma por uma. Sua respiração ventilante colide diretamente com o topo da minha cabeça no mesmo instante que seus braços, hesitantes, envolvem o meu corpo. Ele acaricia minhas costas com uma das mãos, subindo e descendo em um toque tão leve e tão singelo que quase não sinto.

— Logan…

— Hm… — ele murmura, e eu sinto a vibração em seu peito ecoar por mim.

— Por que você me chama de florzinha?

Ele solta uma risada, fazendo minha cabeça chacoalhar conforme seu peito mexe.

— Porque sou alérgico a pólen, Ravi.

Quando a resposta escapole de seus lábios, ergo a cabeça para olhá-lo com curiosidade.

— E o que isso tem a ver? — pergunto, intrigado.

Seus olhos ficam em mim quando ele explica:

— Você é como uma flor para mim. Apesar do encantamento, eu preciso me manter longe.

— Eu não entendi — respondo rápido, ainda mais confuso, e observo ele soltar uma risada leve.

Ele para de rir aos poucos. Seu semblante torna a ser sério quando ele diz:

— Eu queria muito ter um jardim, Ravi.

Não sei se estou alucinando ou se o álcool está aniquilando a minha capacidade de raciocínio, pois não entendo o que ele quer dizer com isso.

— Você fumou? — pergunto sério, e ele solta uma gargalhada desta vez, jogando a cabeça para trás e fechando os olhos. — Sério, o que você andou usando? Porque de verdade, não entendi porra nenhuma do que você acabou de dizer.

Ele me puxa para perto, voltando o meu rosto para o seu peito e me abraça ao sussurrar para mim, ainda rindo:

— Que bom, florzinha. Que bom!

Fecho os meus olhos, voltando a contar as batidas aceleradas do seu coração. Relaxo sob seu toque e, por um longo instante, eu me perco no momento. Apenas me afasto quando percebo que a música para de tocar ao fundo. Nossos olhos vão para o final do corredor e depois nos entreolhamos.

Não sei por quanto tempo ficamos sentados aqui, mas aparentemente ficamos até a festa acabar.

— Acho que a festa acabou — digo. — Acho melhor nós irmos ou ficaremos trancados aqui. Não sei se vou conseguir passar a noite inteira olhando para sua cara. Vai ser um martírio sem tamanho se isso acontecer.

Ele solta uma risada baixa.

— E voltamos ao normal — ele diz, ainda sorrindo. — Vamos. Eu o ajudo a levantar e o levo em casa.

— Eu posso pedir um Uber.

— Acho melhor eu levá-lo em casa. Não vou deixá-lo ir sozinho nesse estado — ele diz com a voz autoritária, e eu não questiono.

Ele me ajuda a me levantar, dando-me a mão para que eu me equilibre, e eu ainda sinto um pouco de tontura. Sua mão viaja para o contorno do meu corpo, segurando-me pela cintura, e seus dedos

me envolvem, apertando firmemente a minha pele. Tenho um arrepio ao sentir seu toque no meu corpo e suspiro, mas Logan não parece perceber. Ele está ocupado demais tentando não me derrubar.

Caminhamos até o carro sem atrair a atenção dos poucos policiais que ainda permanecem no salão, e Logan me coloca no banco do passageiro, entrando no banco do motorista logo em seguida. Dou a ele as coordenadas para o meu apartamento, que não fica muito longe do salão de festa.

Permanecemos o caminho inteiro calados. No fundo, acho que nós dois sabemos que já falamos demais para uma só noite.

Apesar do silêncio preencher nós dois, não me soa tão desconfortável quanto imaginei que seria.

Quando ele estaciona o carro em frente ao meu prédio, ele se vira para me olhar. Seu semblante está fechado, como se a preocupação tivesse voltado à sua mente.

— Tem certeza de que não quer ir ao hospital? Só para checar se está tudo bem mesmo — ele sugere, e eu nego levemente com a cabeça. — Ravi, você só tem um neurônio bom, e a gente precisa verificar se ele ainda funciona.

— Vá à merda. — Pressiono os lábios, evitando um maldito sorriso. — Eu só estou bêbado agora e não preciso de um hospital. Minha glicose já se regularizou.

— Tem certeza? Eu posso levá-lo — ele insiste, mas continuo negando.

— Estou bem, Logan — asseguro.

— Tudo bem. — Ele solta um suspiro exasperado, passando a mão na nuca. — Você quer que eu o ajude a subir pelo menos?

— Eu consigo sozinho, não estou manco — digo de forma grosseira e me arrependo, corrigindo logo em seguida: — Não precisa. Obrigado.

Ele não questiona o porquê de eu estar agradecendo e torço para que ele pense que é só pela carona. Seus olhos avaliam meu

rosto mais uma vez, e eu sinto minhas bochechas queimarem ao vê-lo assentir.

— Se você precisar de alguma coisa, pode me ligar. Estou sempre com o meu celular ligado.

— Ok — confirmo, rapidamente.

Ele então se inclina um pouco e aperta o volante com os dedos, pressionando os lábios, parecendo tentar evitar uma risada.

— Está querendo rir de quê? — pergunto, erguendo uma sobrancelha, desconfiado.

— Nada. — Ele solta um gemido em forma de riso. — Boa noite, Baumer.

Eu sei que ele está dando uma indireta para que eu saia do carro, e é isso que eu resolvo fazer, mas, antes de abrir a porta, eu me viro para encará-lo.

— Boa noite, delegado Theron — digo com a voz repleta de sarcasmo e não espero uma resposta. Apenas saio do carro, batendo a porta.

Subo até o meu apartamento com as pernas extremamente trêmulas e caio na cama, soltando um longo suspiro. Fecho os meus olhos e tento absorver tudo o que aconteceu hoje. Meu coração está tão acelerado, que sei que esta noite certamente meus pensamentos não me deixarão dormir.

Não gosto da versão de Logan que conheci hoje, porque essa, inevitavelmente, eu não odeio.

Capítulo 14

— Por que você está distante?

Saio dos meus pensamentos quando escuto a voz de Lucca.

Detesto admitir, mas eu realmente estou distante.

Ele está há duas horas no meu apartamento, ajudando-me a pintar algumas paredes, e se eu tiver dito duas frases durante esse tempo, foi muito.

O apartamento estava do jeito que eu e Aron tínhamos alugado, e eu não queria tê-lo como uma memória do meu passado. Eu gosto de morar aqui, mas não queria que ele ficasse da maneira que eu me lembro quando eu e Aron viemos aqui para alugá-lo. Por isso, pedi ao proprietário e, após a sua aprovação, decidi pintar algumas paredes de cinza.

Cinza é o meio termo de dois polos, branco e preto. E é assim que eu me sinto. Não estou mais na escuridão, mas ainda não encontrei a completa paz.

Acabei ficando com todos os presentes do casamento e agradeci por não ter precisado comprar muitas coisas para mobiliar o apartamento. Ainda preciso de alguns móveis, mas já está parecendo um lar, e aos poucos vou comprando o restante das coisas de que preciso.

A verdade é que talvez toda essa agitação em procurar algo para fazer seja uma desculpa para me libertar dos meus pensamentos.

Desde ontem eu estou completamente atordoado.

Logan não sai da minha cabeça desde que cheguei em casa, e isso me apavora de todas as formas possíveis, porque, pela

primeira vez, não penso em como o odeio, mas em como ele mexe comigo.

Ele não deveria mexer comigo desta forma, não é justo. Não é justo que, dentre todas as pessoas deste mundo, seja justamente o amante do meu ex quem causa esse efeito em mim. Justo aquele de quem eu deveria manter distância, que não deveria querer por perto, com quem não deveria interagir.

Não gosto dele, não desse jeito. É que ele me causa tantas sensações e tantos sentimentos, que a minha cabeça não sabe processar muito bem tudo que me invade de forma involuntária.

Ele é como uma montanha russa: com altos e baixos. Muito mais baixos do que altos, convenhamos, mas nunca é estável. Quando acho que estou finalmente conhecendo-o, percebo que não sei nada sobre ele. Acho que é pelo fato de esperar o pior que ele sempre me surpreende. Logan não é morno, longe disso. Ou ele pega fogo ou ele congela, não existe meio termo.

Saber que ele se desculpou mesmo não tendo culpa alguma e saber que ele não me odeia me causaram estragos que eu não sei mais como reparar.

As pessoas costumam pedir desculpas pelo transtorno e não pelo dano. Desde que aconteceu o que aconteceu, muitas pessoas disseram que sentem muito pelo meu casamento não ter dado certo, por eu ter sido abandonado, por Aron ter feito o que fez comigo. Mas Logan, diferentemente de todos os outros, disse-me que sente muito pelo que eu senti, pelo o que eu passei, por como eu enfrentei as consequências daquilo que foi atirado em mim sem nenhum pudor.

E eu finalmente entendi a diferença.

"Alguns vão saber reparar os danos, e outros não." A voz do Dr. Antony ecoa em minha mente.

Volto a atenção para Lucca, que me olha com os olhos estreitados, como se estivesse me analisando.

— Eu estou pensando em algumas coisas — admito, soltando o pincel na lata de tinta enquanto me sento no chão.

— Quais coisas? — ele pergunta, fazendo o mesmo.

— Você acha que dá para gostar de alguém por quem você tem repulsa?

Lucca me observa cuidadosamente, tentando entender e processar a minha pergunta.

— Ou você gosta ou você tem repulsa, Ravi. Os dois não dá — diz ele.

— Eu acho que dá — reflito. — Pois é exatamente isso que estou sentindo agora.

— Você está gostando de alguém? Assim do nada? — Lucca pergunta, mas não respondo. Ele percebe a minha hesitação e me olha, estreitando os olhos, para instantes depois arregalá-los. — Puta que pariu! Não! Não, não, não. É o delegado?

Solto um suspiro tão alto por sua percepção, que sinto meu peito se fechar. Passo a mão na testa, completamente frustrado.

— Eu não gosto dele, está bem? — esclareço. — Eu só estou confuso, Lucca. Eu não sei como me sinto.

Ouço Lucca suspirar alto e fecho os olhos. Minha cabeça está tão bagunçada… Eu só queria esquecer a noite passada. Eu queria não ter ido à confraternização, eu queria não ter visto os olhos azuis de Logan tão de perto, sentido o seu perfume, seu toque… Eu não queria.

— Você gosta ou não gosta? — Lucca pergunta, e eu não sei o que responder. Permaneço de olhos fechados, como se assim a realidade não fosse tão clara.

— Não gosto. Mas também gosto — sussurro, por fim.

— Explique direito, Ravi. Você está me confundindo.

— Exatamente, Lucca. — Abro os olhos e olho para ele. — É exatamente assim que eu me sinto.

— Putz! — Ele passa a mão pela testa. — Eu não sei nem o que dizer.

— E você acha que eu sei? Eu não queria sentir nada além de repulsa por ele, Lucca, mas, de alguma forma, parece que a vida quer me foder. Era só isso que eu precisava sentir: repulsa. Mas eu sinto tantas outras coisas, e muitas delas eu nem sei definir.

Desabafo de forma rápida e nem sei ao certo se estou processando bem as palavras.

— Aconteceu alguma coisa entre vocês na festa? — ele pergunta com cautela, e eu assinto. — O que aconteceu?

— Eu não sei ao certo. Ele parecia diferente… — solto um suspiro.

— Ou talvez você tenha visto ele com um olhar diferente — Lucca rebate.

Paro para pensar e percebo que talvez ele tenha razão. Talvez naquele momento eu tenha desvinculado Logan, mesmo que momentaneamente, do cara que vi no apartamento de Aron.

— Pode ser, mas eu não quero sentir nada assim. Não por ele. Não por ninguém. — Sinto meu peito apertar.

Eu não estou pronto para gostar de alguém. Não estou preparado para baixar as minhas guardas.

Eu devo estar carente, afinal já faz meses que eu não me relaciono. Não sei mais o que é beijar na boca, não sei o que é ser tocado de forma maliciosa, não sei como é transar com alguém.

Eu tenho trabalhado tanto e estou tão esgotado emocionalmente, que não tenho saído. Não tenho me permitido conhecer novas pessoas. E, para falar a verdade, nem quero que isso aconteça tão cedo. No entanto eu sei que precisava me distrair de alguma forma, sem envolvimentos sentimentais, sem aprofundamento emocional. Apenas, sexo: carnal, rápido e sem compromisso.

Sendo sincero, não sei nem se me lembro como é que se transa. Eu só tive dois parceiros a minha vida inteira: Aron e Marvin. Marvin foi o meu primeiro amor, com quem eu perdi a virgindade. Ficamos pouco tempo juntos, já que ele mudou de cidade pouco tempo depois do ocorrido. Eu não era experiente, ele também não, então tudo que fazíamos era de forma desengonçada e inocente. Depois tive Aron e me adaptei a ele, ao jeito dele, como ele gostava de fazer. Então, sinceramente, não sei nem se sei transar direito.

Penso em como disse a Logan que queria transar com ele e meu rosto esquenta ao me lembrar. Não sei o que estava pensando

e percebo que talvez ele esteja certo em pensar que provavelmente é uma insegurança minha. Ou talvez eu apenas queira saber como realmente é transar com ele.

Lucca encosta a mão na minha, fazendo-me olhá-lo.

— Eu sinceramente não sei o que lhe aconselhar. Eu jamais imaginei que isso aconteceria. Talvez você esteja apenas confuso demais para entender. Dê tempo ao tempo, deixe as coisas esfriarem e ficarem claras na sua cabeça para depois você sofrer — ele diz, fazendo um carinho no dorso da minha mão. — Não se precipite, Ravi. Viva primeiro.

Aceno com a cabeça e lanço a ele um sorriso mínimo. Talvez eu realmente precise pensar com clareza. Talvez eu realmente esteja me precipitando. Levanto-me, limpando a palma das mãos na calça e pego o pincel.

— Chega de papo. Vamos pintar este apartamento — digo, tentando soar divertido, e Lucca sorri, levantando-se e pegando o rolo de tinta.

Volto a pintar a parede tentando me esquivar do assunto e da onda de sentimentos contraditórios que parece esmagar o meu coração.

…

Eu posso dizer que estou doente. Que estou de caganeira. Que bati com a cabeça e desmaiei. Que fui atropelado. Que a minha tia-avó morreu. São tantas possibilidades que passam na minha cabeça, mas eu simplesmente bufo e me levanto da cama, sabendo que tenho que ir trabalhar.

Tomo um banho rápido e me visto. Meu cabelo ainda está molhado, e percebo que, desde que conheci Logan, eu tenho acordado mais cedo apenas para lavar o meu cabelo. Aquele filho da puta...

Entro na delegacia com o coração palpitando e cumprimento alguns policiais que provavelmente não fazem ideia do que aconteceu na festa. Evito olhar para a sala de Logan. Não quero vê-

lo. Não depois de tudo. Prefiro evitar qualquer situação, então apenas caminho rapidamente até estar dentro da minha sala. Suspirando pesado, sinto como se tivesse vencido o primeiro obstáculo do meu dia.

Quando estou prestes a me sentar, vejo um papel perfeitamente dobrado sobre o meu teclado. Em cima há um bombom.

Um bombom?

Retiro-o de cima do papel, e meu coração acelera. Desdobro a folha e começo a ler:

Sr. Baumer,

Essa é a sua segunda advertência.

Caso esteja se questionando o porquê de mais uma, saiba que eu consigo rastrear números de celulares que me importunam. Rastreei e, para a minha surpresa, o chip está em nome de Ravi Baumer. Coincidência, não?!

Não me espanta que você não tenha perguntado qual era o meu número quando disse a você que poderia me ligar se precisasse de mim. Você já tem meu número e não fez questão nenhuma de negar isso no sábado à noite. Não sei quem foi que lhe passou, mas tenho as minhas suspeitas.

Surpreende-me que você ainda tenha essa idade mental tão pouco avançada para pensar que seria engraçado passar trote para o seu superior.

Haja de acordo com a sua idade, policial Baumer.

De qualquer forma, quero que saiba que, na terceira advertência, você leva uma suspensão de três dias que são descontados do seu salário. Espero que tenha ficado claro.

P.S.1: Vou ignorar a primeira página do seu bloco de notas que estava aberto em sua mesa, onde meu nome está escrito seguido de vários elogios. (Contém ironia)

P.S.2: Fico feliz que tenha passado do ódio para o não gosto. Estou aguardando o "Tolero o Logan." Atualize-me quando isso acontecer.

P.S.3: Aprenda a cuidar da sua glicose. Eu nem sempre estarei por perto para lhe enfiar uma Coca-Cola goela abaixo.

P.S.4: "Omo — abaixa as calças que te como" foi realmente engraçado. Eu ri depois que desliguei, então acho que valeu a pena a advertência.

Para você,

Delegado Theron.

Assim que termino de ler, meu coração está tão acelerado que consigo ouvir as batidas. Desespero ao notar que o meu bloco de notas realmente está aberto na primeira página. Torço mentalmente para que ele não tenha aberto as outras páginas e lido todo o restante do que eu escrevi. Sento-me em minha cadeira e tento recuperar o fôlego.

Merda. Merda. Merda. Merda.

Preciso tirar esse sentimento de mim. Preciso saber o que realmente sinto. Preciso me livrar de todas as coisas que borbulham em meu estômago.

Como se minhas preces fossem atendidas, ouço batidas na porta. Ergo o olhar, e Dean Feyden está sorrindo em minha direção.

— Bom dia, Ravi — ele saúda com a voz doce de sempre.

Eu estou apavorado. Eu preciso saber se é somente carência que está me fazendo sentir coisas por Logan. Eu preciso saber se não estou me autossabotando. Preciso saber se não são somente devaneios tolos que estou criando em minha mente traumatizada.

Eu preciso saber.

Então, ignoro o cumprimento e limpo a garganta, sorrindo para ele.

— Dean, acho que estou pronto para um encontro.

Capítulo 15

Dean me olha com espanto enquanto permanece parado em frente à minha porta. Seu semblante está confuso, e eu tento me explicar:

— Eu quero ter um encontro com você. Acho que seria bom conhecê-lo melhor.

"Saber se eu sinto algo com você", tenho vontade de corrigir, mas mantenho isso para mim. Preciso saber se consigo me relacionar com alguém, mesmo que seja de forma momentânea. Não estou usando Dean, não é como se ele estivesse apaixonado por mim de qualquer forma. Ele sente apenas atração e tem interesse, e não há forma melhor de descobrir se eu sinto o mesmo do que saindo com ele.

— Uau! — Ele sorri, perplexo. — Estou surpreso que você tenha se preparado tão rápido. Não leve a mal, eu fico feliz com isso.

Mais um pouquinho, Dean, mais um pouquinho de esforço, e eu sei que posso sentir algo.

— Pois é. Acontece. — Sorrio, sem graça. — O convite ainda está de pé?

— Claro. — Ele se aproxima um pouco e se escora em minha mesa. — Onde posso levá-lo?

— A qualquer lugar. A escolha é sua.

— Comida italiana? — ele sugere, e eu assinto.

— Por mim, está ótimo. — Sorrio, ainda tendo o bilhete de Logan em mãos.

Ele retira o celular do bolso e pede o meu número. Dito, e ele anota de prontidão. Quando seus olhos se erguem, ele me lança um sorriso charmoso, daqueles que fariam qualquer um se derreter.

Em outras ocasiões, eu já estaria mexido com um sorriso desses.

Por que não estou?

Nenhuma borboletinha, nada…

Seus olhos castanho-claros piscam lentamente para mim, e eu me sinto envergonhado. Minhas bochechas começam a queimar subitamente.

— Eu lhe mando mensagem. Vou fazer uma reserva para nós na sexta no meu restaurante italiano preferido. Vou lhe avisando.

— Combinado — digo, sem um pingo de animação, mas sorrio, tentando disfarçar.

Dean, por outro lado, parece estar feliz, e meu coração dói por um instante ao assisti-lo sair da minha sala. Sinto-me meio culpado por não estarmos na mesma sintonia, mas eu nunca vou saber se não tentar.

Volto a dobrar a folha de papel e a coloco no meio do meu bloco de notas. Por precaução, guardo-o em minha gaveta para que eu não corra o risco de esquecê-lo aberto outra vez.

Passo metade do dia enfiado em minha sala, não ouso sair nem para ir ao banheiro. Não quero correr o risco de ver Logan circulando por aí. Quando dá meio-dia e meia, Alec me envia uma mensagem me chamando para ir almoçar. Levanto-me e desligo o computador.

Quando estou saindo da minha sala, vejo Logan entrando pela porta da delegacia. Para o meu desespero, seus olhos pousam em mim, e eu desvio o olhar, fingindo que não o vi. Eu não posso passar por ele, então me desespero e volto para dentro da minha sala. Tropeço e acabo esbarrando na estante posicionada perto da porta, fazendo algumas pastas caírem ao chão.

Merda.

Não as recolho de imediato, apenas volto e me sento na cadeira com os olhos fixos na tela de computador desligada.

Por favor, não. Por favor, não. Por favor, não.

— Baumer. — Ouço a voz de Logan e gelo. Não me atrevo a levantar o olhar para ele, então mantenho os olhos fixos na tela preta em minha frente.

— Hm… — murmuro, fingindo digitar algo.

— Está tudo bem?

— Tudo ótimo. Perfeito. Melhor impossível — digo rápido, ainda sem olhá-lo.

Vejo pelo canto de olho, Logan se abaixar e pegar cada uma das pastas, colocando-as no lugar.

— Está tudo bem mesmo? — ele insiste, depois de alguns instantes. — Você está evitando me olhar.

Ergo relutantemente os olhos e engulo em seco. Seu olhar azul fuzilante está cravado em mim enquanto ele apoia o ombro no batente da porta, com os braços cruzados em frente ao peito.

— Eu estou ocupado. Mas posso olhar para você, olhe, eu estou olhando, olhe... — Arregalo os olhos em desespero, e Logan solta uma risada baixinha.

— Você não parecia ocupado há dois minutos. Você estava saindo da sala e, quando me viu, voltou para trás. Está me evitando ou está com raiva por causa da advertência?

— Pela advertência, óbvio — disparo rápido, mentindo descaradamente. — Foi uma brincadeira e foi feita fora do expediente. Você podia ter relevado.

— Eu não sou um homem de brincadeiras, caso você ainda não tenha percebido, Baumer — ele diz com a voz baixa e rouca, e *merda*… Desde quando ele se tornou tão atraente e provocador?

— Você é antiquado, isso sim — rebato rápido. — Você é ranzinza demais e parece um velho mal-humorado.

Logan solta uma risada e nega com a cabeça.

— Não se preocupe quanto a isso, eu não pretendo dar-lhe uma terceira advertência. A não ser que você faça algo realmente

grave ou me insulte na frente das pessoas.

— Posso insultá-lo se não for na frente das pessoas então?

— Você já faz isso. — Logan abaixa o olhar e depois volta a me encarar sério. Eu não digo nada, apenas engulo em seco, nervoso. — Só vim saber se você está melhor.

— Estou bem — respondo rápido.

— Certo. — Ele me lança um olhar profundo e se vira, mas hesita. Prendo a respiração quando ele dá meia volta e me olha de novo. — E, Baumer, quero que saiba que eu me lembro de tudo e não me arrependo de nada do que eu disse a você.

Suas palavras fazem meu coração se acelerar desenfreadamente. Logan não espera a minha resposta e sai da minha sala tão abruptamente quanto entrou. Inclino-me na cadeira e solto uma respiração profunda, permitindo-me finalmente relaxar.

Respirando fundo e saio da minha sala, indo em direção à saída da delegacia. Percebo a cadeira de Alec vazia. Ele provavelmente já deve estar no restaurante, então sigo para lá. Eu e Alec almoçamos no restaurante da esquina todos os dias. É um lugar aconchegante, a comida é divina e é barata. A maioria dos policiais almoça lá.

Vejo Alec sentado a uma das mesas, mexendo distraído no celular. Quando me aproximo, seus olhos se erguem.

— Minha barriga estava formando um buraco — ele diz sério, mas com um toque de divertimento. — Que demora!

— Desculpe. — Sento-me de frente a ele. — Eu tive um imprevisto.

Alec não me responde e nem se interessa pelo motivo do meu atraso, ele apenas levanta o braço, chamando uma das garçonetes. Assim que ela percebe, caminha em nossa direção com um sorriso simpático brincando nos lábios.

— Boa tarde, senhores. O que vão querer? — Ela pergunta, retirando um bloco de notas de dentro do avental.

— Um do dia, por favor. — Alec responde, e ela anota, olhando para mim logo em seguida.

— O mesmo para mim, obrigado — digo, e ela também anota, assentindo.

Quando ela sai, deixando-nos sozinhos, Alec me olha.

— Como foi a festa? — ele pergunta, travando a tela do celular.

— Foi boa — respondo, dando um sorriso de leve. — Realmente não economizam na bebida. Eu quase entrei em um coma alcoólico.

— Eu falei — ele diz, rindo. — A última vez que fui, quase morri de ressaca no dia seguinte. Pobre você sabe como é, né?! Não pode ver nada de graça que já mergulha de cabeça.

Solto uma risada, negando com a cabeça. Eu queria dizer a ele que também tive ressaca, mas a minha foi moral, então não digo nada para que ele não faça perguntas.

— Como foi o aniversário da sua avó?

— Foi bom. — Ele coça a nuca, desviando o olhar. — Normal. Sabe como é. Foi um aniversário de noventa anos, não tinha como ser muito animado.

Por que tenho a impressão de que Alec está mentindo? Balanço a cabeça e desvio o pensamento.

— Alec, mudando de assunto... — começo a dizer e paro um momento, limpando a garganta —, não quero que comente com ninguém, mas eu vou sair com o Dean.

Alec parece não se surpreender. Ele apenas dá de ombros.

— Eu já tinha notado que ele estava interessado em você. Dean é um cara legal. Acho que vocês vão se dar bem.

— Eu espero. — Sorrio pequeno. — Ah e, antes que eu me esqueça, Logan me deu uma advertência pelo trote. Ele rastreou meu número.

— O quê? — Alec praticamente grita e solta uma gargalhada logo em seguida. — Porra, sabia que isso ia dar merda.

— Ele não sabe quem me passou o número dele, e, se ele insinuar que é você, eu nego até a morte. Choro se for preciso — digo rindo, e Alec solta outra risada.

— Eu não ligo se ele descobrir, Ravi. Não me arrependo de nada. Inclusive, só de lembrar, tenho vontade de rir — ele diz, já rindo, e eu também solto uma gargalhada.

A garçonete se aproxima com a bandeja e nos serve os pratos, mas, junto ao meu, ela também serve uma lata de Coca-Cola. Olho para ela sem entender.

— Moça, eu não pedi a Coca.

— Ah, sim. Ela já está paga, e foi pedido que eu lhe entregasse na hora do almoço. — Ela me lança um sorriso gentil.

— Como assim, paga? — pergunto, confuso.

— O delegado Theron deixou a Coca paga quando almoçou aqui mais cedo. Ele me pediu para entregar ao policial de cabelos compridos. Deduzo que seja você — ela diz, e meu coração para. Não sou capaz de dizer nada.

— E a minha? — Alec pergunta.

— Desculpe, senhor. Ele só deixou essa paga — ela diz, sorrindo. — Vocês querem mais alguma coisa?

Ela pergunta, e ambos negamos, agradecendo em seguida. Ela se afasta, e Alec me olha, desconfiado.

— Quer me explicar ou vou ter que deduzir? — Ele ergue uma sobrancelha em suspeita.

Tenho vontade de sorrir pelo gesto de Logan, mas pressiono os lábios, contendo-me.

— Eu sou hipoglicêmico — respondo rápido, tentando controlar a queimação em meu estômago. — Às vezes não me alimento direito, ou passo muito tempo sem me alimentar, e minha glicose cai. Não é muito comum de acontecer, porque na maioria das vezes eu controlo. Mas, quando acontece, eu passo muito mal. E, nas duas últimas vezes que isso aconteceu, Logan estava presente e me deu uma Coca para aumentar minha glicose.

Minhas bochechas esquentam, e percebo que estou corando.

— Ah, que fofo! — ele exclama, e eu faço uma careta, negando com a cabeça. — Fala sério, isso é muito fofo. Vocês estão se tornando amiguinhos.

— Claro que não, Alec. Eu não sou amigo do Logan. Eu nem gosto dele, para falar a verdade.

— Cara, ele acabou de lhe pagar uma Coca.

— E daí? — bufo. — É só uma Coca. Não é como se isso fosse milagrosamente apagar tudo.

— Tudo o que? — Alec me olha confuso.

Percebo que falei demais e nego com a cabeça rapidamente, tentando não aprofundar no assunto. Ainda não me sinto preparado para contar para Alec, por mais que estejamos bastante próximos.

— Nada, deixe para lá. — Levo o garfo até o prato e começo a mexer na comida.

Meu estômago está tão agitado, que eu poderia jurar que estou sentindo coisas que eu achei que só fosse possível sentir na adolescência. Tento dissipar os meus pensamentos para não pensar em nada. Mas, para a minha decepção, eu simplesmente não consigo.

Logan parece ter alugado um lugar em minha cabeça, e eu odeio me dar conta disso.



Logan deixou uma Coca paga para mim todos os dias dessa semana. Sem contar o bombom que acho em cima da minha mesa todas as manhãs quando chego. Ele deve estar querendo me matar ou me tornar pré-diabético.

E se ele estiver me envenenando aos poucos para se vingar de mim?

Solto uma risada pelo pensamento.

Para a minha sorte, ele tem ficado pouco na delegacia. Ouvi por alto que ele está investigando uma quadrilha de tráfico de drogas pesada daqui de Klever e provavelmente passa as tardes

ocupado com isso. Dean também não está na delegacia, provavelmente está fazendo alguma ronda. Apesar disso, ele me mandou uma mensagem mais cedo a respeito do nosso encontro.

Tudo certo para hoje :)
Mande-me o seu endereço.
Pego você às 20:30h, bjs.

Não vou negar que estou nervoso. É a primeira vez que vou a um encontro depois de ficar solteiro, e estou sentindo o meu estômago gelar enquanto dirijo para casa.

Tomo um banho demorado e me arrumo. Visto uma calça jeans *skinny* escura, uma blusa cinza e botas pretas. Como está frio, também coloco um casaco preto por cima. Olho para o espelho e ajeito meus fios. Quando termino de passar o perfume, meu celular apita em cima da cômoda:

Cheguei :)

Fico nervoso, mas tento não demonstrar. Ao entrar no carro, Dean me lança um sorriso. Ele está tão bonito, que por pouco não perco o fôlego. Uma camisa social listrada de três quartos e uma calça jeans simples cobrem o seu corpo. Seus cabelos pretos lisos estão alinhados como sempre. Ele se inclina e me dá um beijo no rosto. Sorrio, mas... nada.

Não sinto nada.

— Você está lindo — comento, sorrindo, porque é verdade.

— Você também está lindo, Ravi. Como sempre — ele diz, e eu tenho vontade de pular para fora do carro.

Como eu posso não sentir absolutamente nada com um homem como esse me dizendo isso?

Tento parar de pensar nisso, não me pressionando tanto, e tento apenas me soltar para que a noite seja agradável. Talvez eu

não esteja sentindo nada justamente por estar me bloqueando para não sentir. Então, tento baixar minhas barreiras, pelo menos um pouquinho.

O restaurante é perfeito — pouco iluminado e aconchegante. Há plantas espalhadas, e a decoração é tão delicada, que parece que fui transportado para Veneza. As mesas são iluminadas por velas, e um violinista toca uma música clássica ao fundo. Dean me guia até a mesa, com a mão pousada em minha lombar, e arrasta a cadeira para que eu me sente, sentando-se em minha frente logo em seguida.

— Uau! — digo quando ele me olha. — O restaurante é lindo.

— É mesmo. E a comida é excelente. — Ele sorri para mim, e um garçom se aproxima de nós.

— Boa noite, cavalheiros. — Ele nos entrega o menu. — O que desejam?

Dean me olha em expectativa, e eu nego com a cabeça, sorrindo.

— Peça para mim, Dean. Confio no seu gosto. — Sorrio, e ele assente.

— Vamos querer dois fettuccines com molho *marzano* e um vinho branco para acompanhar. — Ele fecha o menu e o entrega para o garçom, que assente e se retira. — Espero que goste, é meu prato preferido daqui.

— Aposto que vou gostar. — Sorrio, sentindo-me levemente sem graça.

Estou levemente desconfortável, não pela presença de Dean, mas pela situação em si. Sei que não existe uma regra de quanto tempo se deve esperar até ter um encontro depois de terminar um relacionamento, mas às vezes sinto como se eu estivesse apressando as coisas, afinal só quatro meses se passaram desde que terminei. Mas, ao mesmo tempo, eu penso que quatro meses já se passaram, e eu não deveria perder tanto tempo sofrendo ao invés de seguir em frente.

Vai entender a confusão da minha cabeça…

— Fico feliz por ter aceitado o convite, Ravi. Estava na expectativa — ele diz. — Não sabia ao certo se estava sendo invasivo demais lhe fazendo aquelas perguntas na festa.

— Não estava, Dean — asseguro. — Não se preocupe, eu não me importei. Como você saberia se não perguntasse?

— Verdade. — Ele pousa a mão em cima da minha sobre a mesa, olhando-me nos olhos. — Conte-me de você, Ravi.

Borboletas? Eu sei que vocês estão aí. Apareçam!

— Bem… — Limpo a garganta. — Não há nada muito interessante sobre mim para contar. Eu saí de um relacionamento de sete anos, fui transferido temporariamente para este departamento e agora estou aqui — respondo, dando de ombros.

— Isso é muita coisa. — Ele solta uma risada baixa, fazendo um carinho em minha mão e eu assinto.

— É, deve ser.

O garçom volta à mesa trazendo o vinho, e eu só tenho vontade de virar a taça inteira na boca para tentar não ficar tão desconfortável. Ele nos serve e se retira novamente. Levo a taça até a boca e tomo um gole.

Um longo gole...

— E você? — pergunto, tentando não deixar que haja um silêncio constrangedor entre nós. — Conte-me sobre você.

— Eu sou de Londres, na verdade. Mudei-me para Klever aos vinte anos, depois que passei para a polícia. Aqui me sinto mais livre e gosto da experiência de morar sozinho em uma cidade diferente.

— Você mora sozinho há muito tempo?

— Sim, desde os meus dezessete. — Ele toma um gole do vinho. — Foi mais por necessidade mesmo. Meus pais não aceitavam bem a minha sexualidade e me oprimiam. Arrumei um emprego aos dezesseis e fui juntando dinheiro. Aluguei uma quitinete, matei-me de estudar e vim para cá.

— Nossa, Dean… — suspiro, pesaroso. — Eu sinto muito.

— Não sinta, Ravi. — Ele sorri. — Eu sou calejado, mas amo quem me tornei hoje. Ainda tenho uma boa relação com meus pais, apesar da distância e da não aceitação. Eu apenas vivo minha vida, sabe? — ele diz, e eu assinto. — E o que você gosta de fazer?

— Bem, não faço muitas coisas. — Solto um riso baixo. — Trabalho, durmo, bebo vinho ouvindo Taylor Swift às sextas e, aos sábados, normalmente bebo cerveja com meus amigos, que me obrigam a cozinhar para eles — digo de forma divertida e ele solta uma risada. — E você?

— Dia de semana eu também só tenho tempo de tomar um banho e cair na cama. Aos sábados normalmente passo o dia inteiro hibernando assistindo algumas porcarias na televisão e aos domingos normalmente eu jogo bola com o Logan e Rony.

Ah, merda. Estava bom demais para ser verdade.

Dou outro gole longo no vinho e assinto.

— Bacana.

E lá está o silêncio constrangedor que eu tanto tentei evitar. Permanecemos nos olhando por um tempo, e eu levo o vinho até a boca mais uma vez. Para a minha sorte, o garçom volta à mesa com os nossos pratos, e eu tenho vontade de enfiar umas três garfadas na boca para tirar todo o constrangimento que estou sentindo, mas é Dean quem quebra o silêncio quando o garçom se retira.

— Prove. Quero saber se você gosta — ele diz, pegando o garfo do seu próprio prato e o guiando até a minha boca, sorrindo, e meu coração mais uma vez dói.

Realmente não estamos na mesma sintonia.

Ah, Dean…

Eu sorrio, tentando parecer animado e abro a boca. Quando o sabor inunda meu paladar, percebo que a comida é realmente deliciosa e lanço a ele um polegar, de boca cheia, mastigando. Dean solta uma risada.

— Que bom que gostou. Fico feliz que acertei na escolha.

Para a minha sorte, Dean parece ter entendido que eu não estava muito falante e começou a tagarelar. Contou sobre a infância, sobre o ensino médio, sobre como quebrou o braço em uma operação e como a viatura que ele estava dirigindo foi alvejada por tiros durante uma ronda, mas que, por sorte, nenhum tiro havia acertado nele. Ouço as histórias com atenção e sorrio o máximo que posso.

Quando ele finalmente pede a conta, eu insisto em pagar a metade, mas ele nega e paga a conta inteira, dizendo que quem convidou que paga. Fico sem graça, mas não insisto. Quando me levanto, ele entrelaça os dedos nos meus, e caminhamos de mãos dadas até o carro. Ele abre a porta como um perfeito cavalheiro, e sinto minhas bochechas corarem pelo gesto.

Dean é um cavalheiro, mas e se eu preferir o cavalo?

No caminho, ele ainda está falante, o que eu realmente aprecio, já que não tenho muito a dizer. Mas quando ele para o carro em frente ao meu prédio é que sinto um gelo percorrer a minha espinha. Ele sai do carro e abre a porta mais uma vez. Levanto-me, e ficamos frente a frente. Ele me olha e segura a minha mão com delicadeza.

— Eu realmente adorei o nosso encontro, Ravi — ele sussurra, próximo a mim. — E eu quero repeti-lo se você permitir.

— Eu também gostei — digo sincero, porque não foi ruim. Um pouco constrangedor, sim, mas não foi ruim. — E podemos nos ver de novo qualquer dia desses.

Ele assente, e seus dedos viajam para o meu rosto. Ele faz um carinho sutil pela minha bochecha, e seu olhar desce em direção a minha boca.

Essa é a hora que ele me dá um beijo de despedida? Ele se aproxima, e percebo que sim.

Não me afasto quando sinto os lábios de Dean tocarem os meus. Ele beija a minha boca com delicadeza, e sua língua me invade, passeando pela minha com calma. Seu corpo se aproxima do meu e ele passa o braço em torno da minha cintura, intensificando o beijo. É bom. Nada fora do comum, mas é bom.

Quando ele se afasta, dando-me um selinho longo, seus olhos buscam os meus.

— Boa noite, Ravi — ele diz baixo e cola os lábios levemente nos meus outra vez.

— Boa noite, Dean — sussurro e observo ele se afastar lentamente.

Para o meu alívio, ele não insiste em entrar. Eu apenas o observo voltar para o carro. Ele parece esperar que eu entre, então subo as escadas e me viro para dar um aceno com a mão. Ele me acena de volta de dentro do carro e sai quando entro pela portaria.

Quando me deito em minha cama, passo os dedos por meus lábios e me amaldiçoo por não sentir nada.

Absolutamente nada.

Capítulo 16

— Eu estou desesperado — digo ao entrar no consultório do Dr. Antony. Ele está sentado em sua poltrona, com uma perna cruzada, como de costume, e apenas ergue o olhar e me encara passivamente. — Eu estou sentindo coisas. Coisas que não deveria sentir. Coisas que eu não mereço sentir. Pelo amor de Deus, eu vou enlouquecer.

Dr. Antony não move um músculo, apenas continua me olhando enquanto caminho de um lado para o outro em seu consultório.

— Eu vou a um encontro com um homem perfeito e não sinto nada. Nada, nada, nada. Nenhuma faísca, nenhuma borboleta, nenhum arrepio, nada. Mas aí, dentre todas as pessoas deste planeta inteiro, justo por ele eu sinto. Por que, Deus? É algum tipo de punição? Eu que fui o corno aqui, eu deveria ter um momento de paz, algum tipo de redenção. Mas não, eu não tenho. Por quê? Ah, porque o amante me faz sentir coisas. Que bosta de vida! O senhor acredita em vidas passadas? Encarnação e coisas do tipo? — pergunto, parando de andar e olhando para ele, mas ele não me responde, então volto a andar em círculos. — Pois bem, eu devo ter feito alguma coisa muito desgraçada para merecer isso. O que será que eu fiz na vida passada para merecer sentir coisas além de ódio pelo ex-amante do meu ex-noivo? O senhor está ouvindo isso, Dr. Antony? Eu sinto coisas pelo Logan.

Eu paro, encarando-o, e observo ele descruzar as pernas calmamente enquanto ajeita os óculos no rosto.

— Agora que você percebeu? — ele pergunta com a voz calma e nem parece perceber o baque que isso me causa.

— O quê? — pergunto incrédulo, sentindo as minhas pernas bambearem de nervoso.

— Sente-se, por favor, e tente se acalmar.

Seu dedo aponta para a poltrona em sua frente. Olho na direção e hesitantemente me sento. Sinto meu rosto queimar pela confissão e por sua constatação, mas ele continua me olhando com uma paz de Gandhi e pega seu bloco de notas na mesa ao lado.

— Em todas as sessões desde que começamos, você sempre me falou mais de Logan do que de Aron — ele diz, e minhas bochechas queimam ainda mais. — Por isso que eu sempre perguntava como as coisas entre vocês estavam indo. A cada sessão, você demonstrava algum novo sentimento por ele: ódio, rancor, mágoa, repulsa, admiração, implicância… Enquanto para Aron você sempre só demonstrava dois: ressentimento ou indiferença. Então eu soube que não era Aron quem o balançava emocionalmente, era Logan.

Engulo em seco e passo a mão pela testa de forma nervosa. Estou suando e não sei ao certo o que responder, não sei como absorver isso, mas, para o meu alívio ou desespero, Dr. Antony continua:

— Não estou dizendo que você sente algo afetivo por ele, Ravi. Não é isso, e não quero que entenda dessa forma, mas eu sempre soube que você sentia algo ou, na maioria das vezes, sentia muitas coisas por ele. E sei que outros sentimentos vão surgir com o passar do tempo.

Paro para pensar e sinto um soco no estômago ao constatar que é verdade. Logan sempre esteve mais presente em minhas terapias do que o próprio Aron.

— Eu não sei o que sentir — confesso, baixinho.

— Eu sei — ele diz com a voz reconfortante. — Você está confuso e, mais do que confuso, você está relutante. Logan o lembra do fatídico dia. Por mais que você queira se libertar, quando você pensa ou olha para ele, você sente respingos do trauma, porque ele estava presente no momento. O nosso coração é misterioso, Ravi. Além disso, é imprevisível. Nunca saberemos o

que vamos sentir por alguém que nos causou algo, mesmo que indiretamente, e está tudo bem. Não precisa se martirizar por estar criando vínculos com Logan. É um processo complicado e lento, porque o trauma ainda está presente em você e talvez sempre fique, mas agora você está vendo-o com os seus próprios olhos, e não com a mágoa que sentia ao se lembrar daquele dia.

Sinto meus lábios tremerem e passo as mãos suadas pela calça.

— Dr. Antony — sussurro pesaroso, sentindo meu peito queimar — , eu estou gostando dele?

— Não sei. — Ele se inclina levemente, analisando-me. — Isso é você quem tem que me dizer, Ravi.

— Mas eu não sei. — Bufo, frustrado — É esse o problema. Eu não sei de nada quando penso em Logan.

Ele abaixa o olhar e faz algumas anotações. Tenho vontade de ver o que ele escreve, mas permaneço parado na mesma posição.

— Só com o tempo você vai ter certeza disso, Ravi. O tempo é precioso em algumas situações.

— Eu não posso gostar dele. — Nego com a cabeça. — Ele é foi amante do meu ex-noivo. — Ergo as sobrancelhas, soltando um gemido em forma de riso. — Quão absurdo é isso?

— Você pode não querer, mas não mandamos nos sentimentos. Não escolhemos o que sentir, apenas sentimos. Essa é a magia dos sentimentos, Ravi: nós não os controlamos. — Ele volta a cruzar as pernas e me olha. — Você precisa se curar do trauma para enxergar as coisas com clareza. Você precisa ver Logan de verdade, não o Logan ex-amante do Aron. E isso vai levar tempo. É como uma ferida, e não é porque não dói mais, que já esteja cicatrizada.

Estremeço na poltrona. Talvez eu esteja tirando a venda dos meus olhos. A camada de implicância e relutância que eu sempre tive parece estar começando a se descolar. Eu tenho medo de que isso aconteça. Eu temo não saber controlar os sentimentos que estão batucando em meu peito, querendo se libertar.

Suspiro alto, preso em meus pensamentos e não digo mais nada até ver o relógio anunciar que acabou a minha sessão.



A semana passa rapidamente, para o meu alívio. Vejo Logan pouquíssimas vezes e evito olhá-lo em todas elas. Já Dean sempre me lança um sorriso charmoso, mas mantém a postura no ambiente de trabalho, apesar de trocarmos algumas mensagens durante o dia.

Ocupo minha cabeça, inundando-me de trabalho, para que o tempo passe mais rápido, o que parece funcionar, já que quando percebo já é quinta-feira. Estou distraído quando ouço batidas na porta, quase suspiro de alívio ao perceber que é Dean, não Logan.

— Oi — ele diz, sorrindo, e eu sorrio de volta.

— Oi.

— Vim chamá-lo para tomar uma cerveja hoje num barzinho aqui perto, você topa?

Desde que falei com o Dr. Antony no início da semana, percebi que não estou certo ao dar esperanças para Dean. Enquanto eu tento analisar se sinto algo, ele pode estar sentindo e se apaixonando por mim. Não é justo que eu mantenha isso dessa forma. Não é justo que eu não diga a ele o que realmente sinto.

Não quero dizer isso a ele de forma cruel. Quero que ele saiba como eu me sinto e prefiro que estejamos a sós para que eu possa contar a ele tudo que se passa comigo.

— Topo — digo. — Acho que precisamos mesmo conversar.

— Algo sério? — Ele franze levemente as sobrancelhas em preocupação.

— Não — asseguro rapidamente. — Só preciso conversar com você sobre mim e sobre as minhas inseguranças. Sobre nós

dois… e sobre o curso que as coisas estão tomando, e acho melhor fazermos isso a sós, fora daqui.

Ao terminar de dizer a última frase, percebo Logan se aproximando, caminhando pelo corredor que dá acesso à minha porta. Ele para de andar ao notar Dean em minha sala e abaixa a cabeça mexendo no celular. Sei que ele está usando o celular como desculpa para ouvir a nossa conversa e eu congelo. Ele permanece parado, parecendo espiar de soslaio pela janela de vidro que nos separa. Minhas mãos começam a suar, e espero que Dean não fale nada — nada que nos incrimine, pelo menos —, mas, para o meu desespero, ele continua a conversa.

— Certo. Você quer que eu o busque ou posso mandar o endereço para você me encontrar lá?

— Eu o encontro lá — digo rápido e baixinho, torcendo para que Logan não esteja ouvindo.

— O quê? — Dean pergunta, dando alguns passos para frente. — Não ouvi.

Merda.

— Eu o encontro lá — digo entre os dentes, e Dean assente, parecendo finalmente entender.

— Vejo você mais tarde então. — Ele me lança um sorriso e se vira.

Ao sair da minha sala, ele vê Logan, mas parece não notar que ele estava ouvindo a nossa conversa.

— Delegado Theron. — Ele acena com a cabeça, e Logan ergue o olhar para ele, também dando um aceno.

Logan então me olha, e eu desvio o olhar para o computador. Ouço o som dos seus passos entrando em minha sala, e meu coração se acelera.

— Policial Baumer, posso saber o que o policial Feyden tanto faz na sua sala ultimamente?

Impressiona-me como Logan é sempre tão direto em suas perguntas. Ele não faz rodeios, despeja as coisas com uma

naturalidade descomunal. Ergo os olhos e encontro azuis me encarando com as sobrancelhas franzidas.

— Ele não vem à minha sala com frequência. Hoje foi uma exceção.

Respondo de forma firme, porque sei que não adianta mentir dizendo que é algo relacionado a trabalho, já que desconfio piamente que ele ouviu o fim da nossa conversa.

— O que ele estava fazendo aqui? — ele repete, erguendo uma das sobrancelhas e me encarando completamente sério.

— Acho que isso não é da sua conta — retruco rápido, sentindo minha garganta se fechar em nervosismo.

A terceira advertência vem. Certeza!

— Tudo o que acontece nesta delegacia é da minha conta. — Ele cruza os braços em frente ao peito, e, porra, como eu odeio que ele faça isso. — Prefere que eu pergunte diretamente a ele?

Sei que Logan e Dean são próximos, já que até jogam futebol juntos. Se eu não contar, Dean acabará fazendo isso por mim. E acho que, no fim das contas, Logan é mais maleável comigo.

Solto um suspiro antes de sussurrar envergonhado em confissão:

— Eu vou sair com ele.

O semblante de Logan vacila, e vejo seu maxilar travar. Observo seu pomo de adão subir e descer lentamente, engolindo em seco. Ele me encara parecendo me fuzilar, e eu não sei ao certo o que sentir ou como reagir.

— Você está saindo com Feyden? — ele pergunta, por fim. Sua voz é baixa e tão seca, que eu tenho vontade de simplesmente desaparecer.

— Acho que você precisa urgentemente fazer um exame para avaliar a sua audição, porque não é possível que você não escute o que eu falo e repita tudo o que eu digo. — Tento recuperar o fôlego. — Sim, eu estou saindo com Feyden. E não se preocupe, delegado Theron, não usamos o expediente para isso. Sei as condutas profissionais que devo adquirir no ambiente de trabalho, e

Feyden nunca vem à minha sala, hoje foi uma exceção que não vai mais acontecer, eu prometo.

Logan não diz nada depois que disparo as palavras como tiros. Seu maxilar ainda está travado, e ele me olha como se estivesse queimando todo o meu corpo. Espero ele me dizer que tomarei a minha terceira advertência, mas isso não acontece, porque nada sai de sua boca quando ele se vira e simplesmente sai da minha sala.

Não entendo a sua reação, e meu coração dispara por medo de que Logan faça alguma coisa que respingue em Feyden, mas torço para que isso não aconteça, já que não vamos mais sair romanticamente a partir de hoje.



Chego ao bar que Dean sugeriu e o vejo sentando a uma das mesas. Quando o seu olhar encontra o meu, ele levanta a mão em um aceno. Eu me aproximo, beijando a sua bochecha e me sentando na cadeira ao seu lado.

— Cerveja? — ele pergunta, e eu assinto. Ele chama um garçom, que vem logo em seguida, entregando-me uma *long neck*. — Então, sobre o que vamos conversar?

Ele pergunta docemente, e meu peito se aperta. Tomo um longo gole antes de encontrar seus olhos castanhos.

— Dean, eu queria começar dizendo que eu sinto muito, de verdade. — Minha voz sai trêmula. — Você é um homem sensacional em todos os sentidos. É maravilhoso, doce, gentil, amável… Você é o homem dos sonhos de qualquer pessoa.

Calo-me abruptamente, sentindo meu peito gelar, quando meus olhos desviam de Dean apenas para notar Aron. Ele está sentado com três amigos três mesas à frente. Meu coração para por um instante, e sinto meu estômago revirar. Para o meu desespero,

seus olhos pretos me encaram e só saem de mim para encarar Dean. Ele volta o olhar para mim e parece que todo o meu sangue é drenado do meu corpo. Eu paraliso por completo quando ele leva a cerveja até a boca e noto uma certa hesitação da parte dele em se levantar.

Entro em desespero.

Por favor, não venha até aqui, não venha.

— Ravi? — Dean me chama.

Minhas mãos tremem tanto, que eu sinto vontade de gritar. Não quero que ele se aproxime, não quero ele perto de mim, não quero.

— Dean, beije-me! — peço com a voz trêmula, e ele me olha confuso. Fecho os olhos para não sentir as lágrimas de desespero querendo cair. — Dean, por favor, só me beije.

Então, sinto os lábios dele tocarem os meus. Dean me beija com carinho, mas não aprofundo. É apenas um tocar de lábios, mas espero que isso, de alguma forma, tenha impedido Aron de se aproximar.

Apesar de angelical, Dean também é forte, e sei que isso pode intimidar Aron para que ele não nos incomode. Não quero vê-lo de perto, não quero conversar com ele, não quero ter que ouvir sua voz, não quero escutar o que ele tem para dizer. Só quero que ele me deixe em paz e esqueça que eu existo.

— Ravi? Está tudo bem? — Dean pergunta ao afastar os nossos lábios, parecendo genuinamente preocupado com a minha reação.

Eu não respondo.

Só espero, e espero, e espero…

Para meu alívio, Aron ainda está sentado à sua mesa, consigo ver o contorno do seu corpo por visão periférica.

— Dean, você pode me levar em casa? — praticamente imploro, com a voz trêmula.

— Aconteceu alguma coisa? — Seu cenho se franze levemente.

— Não. Eu só quero ir para casa. Não quero ficar aqui.

Mesmo hesitante, Dean concorda. Ele chama o garçom, pede para fechar a nossa comanda e paga a conta mais uma vez. Estou tão distraído com meus pensamentos, que nem contesto. Não me arrisco a olhar na direção da mesa de Aron novamente, apenas me levanto o mais rápido que posso e caminho até a saída ao lado de Dean.

Eu sinto um pânico tão grande, que as minhas mãos tremem mais do que posso controlar. Os olhos negros de Aron me encarando não saem da minha mente, e peço a Dean que suba comigo ao meu apartamento, por via das dúvidas. Não trocamos uma só palavra durante o caminho. Não sei o que dizer, e Dean parece confuso demais para tentar uma conversa. Sento-me no sofá, e ele se senta ao meu lado. Escondo meu rosto nas mãos e sinto a mão de Dean em minhas costas, descendo até a minha lombar, para então, subir para a minha nuca. Não consigo chorar. Estou tão anestesiado, que não consigo fazer absolutamente nada a não ser inclinar o corpo, encostando em Dean.

— Está tudo bem? — ele pergunta, e eu apenas concordo sem dizer uma palavra sequer.

No entanto, Dean levanta o meu rosto e encosta os lábios nos meus. Não reluto, não faço nada, apenas me deixo ser guiado por ele. Seu beijo se intensifica e ele me puxa mais para perto. Não consigo dizer não. Não consigo parar. Quero gritar, mas não tenho voz. Dean parece não entender que não estou retribuindo suas investidas. Estou apenas sendo levado por puro automatismo. Suas mãos vão para debaixo da minha blusa, acariciando minha pele nua. Quando ele está quase me despindo, finalmente consigo respirar e o empurro de leve.

— Dean, não — choramingo. — Não, não, não.

Ele me olha sem entender, e eu sinto as lágrimas começarem a cair. Levanto-me e passo a mão pelos cabelos, completamente atordoado. Ele provavelmente entendeu errado e achou que eu estivesse chamando-o aqui para termos algum tipo de relação mais íntima. Não o culpo, mas preciso interrompê-lo antes que eu me deixe levar e me arrependa.

— Eu o machuquei, Ravi? — ele pergunta baixo. — Eu fui precipitado?

— Não. Não é isso. — Limpo as lágrimas. — Você foi perfeito, Dean. Eu só não quero. Eu não consigo.

— Não consegue o quê? Não estou entendendo.

Respiro fundo e tento me acalmar, inspirando o mais fundo que consigo. Tento me desvincular dos olhos de Aron, mas, só de me lembrar deles, sinto um arrepio de desgosto percorrer meu corpo. Dean recolhe os ombros parecendo não compreender a minha reação e, por mais que eu queira contar tudo a ele, eu simplesmente não consigo. Sento-me novamente ao seu lado no sofá, olhando seus olhos castanhos confusos, que esperam uma resposta.

— Eu aceitei o convite para sair com você para que pudéssemos conversar sobre nós. Nós não estamos na mesma sintonia, Dean. — Respiro fundo, com a voz trêmula, sendo o mais sincero que consigo ser. — Você é um homem maravilhoso, mas eu não consigo me envolver agora e não quero lhe dar esperanças. Eu não quero feri-lo ou magoá-lo, Dean, porque, de todas as pessoas do mundo, você é a que menos merece isso. Eu só não estou tão pronto quanto achei que estivesse. Perdoe-me.

Percebo que estou chorando copiosamente e tento me controlar, limpando as lágrimas rapidamente. Se eu pudesse escolher por quem me apaixonar ou se eu pudesse controlar meu coração, era por Dean que eu me apaixonaria, sem sombra de dúvidas. Mas a força do amor é indomável, e não há como ter controle sobre isso.

— Ei. — Ele segura o meu rosto com carinho, fazendo-me olhá-lo. — Está tudo bem. Calma.

— Desculpe-me — sussurro baixinho, ainda chorando.

— Eu que peço desculpas, Ravi. Eu não percebi que você não queria. Eu entendi errado e me joguei para você. Você me pediu um beijo, e eu genuinamente achei que você queria aprofundar as coisas me trazendo aqui. Perdoe-me se forcei alguma coisa. E não pense que você precisa se desculpar. Eu confesso que estou muito

interessado em você, muito mesmo, mas, se você não está, tudo bem. Eu paro de investir. Eu nunca vou forçá-lo a nada.

— Eu só não consigo sentir… nada. Entende?

— Ouch! — Ele leva a mão ao peito, fingindo dor, e eu finalmente solto uma risada baixa.

— Pare, Dean. — Dou um tapa de leve em sua coxa. — Não é isso. É que eu estou forçando e precipitando as coisas. Eu fui muito magoado, muito mesmo, e eu devo ter criado algum bloqueio afetivo. Não é com você. Quero que saiba que eu me sinto muito bem ao seu lado. Eu só queria sentir mais, mas eu não posso forçar algo que talvez eu ainda não esteja preparado para sentir. Você é maravilhoso, e eu daria tudo para me apaixonar por você, mas eu simplesmente não consigo. Eu não posso usá-lo como válvula de escape até eu achar que estou pronto. Você não merece isso, e não quero continuar saindo com você sabendo que estou sendo injusto e que uma hora ou outra posso acabar magoando-o. Espero, do fundo do meu coração, que isso já não tenha acontecido.

— Eu não estou magoado, Ravi. Confesso que estou um pouco chateado, mas magoado não. Magoado eu ficaria se você ficasse comigo sem sentir nada, enquanto eu me apaixono por você. Porque isso seria inevitável — ele diz, olhando em meus olhos. — Estou chateado pela situação, mas entendo perfeitamente. E está tudo bem! A gente para por aqui. Mas, se você estiver pronto um dia, meu convite ainda estará de pé — ele finaliza, lançando-me um sorriso de canto de boca, e eu solto uma risada genuína.

— Obrigado por entender, Dean. E... será que ainda podemos ser amigos? Sem deixar que fique um clima ruim entre nós dois?

— Claro. — Ele leva a mão até a minha, segurando-a com delicadeza. — Claro que podemos, Ravi.

Suspiro aliviado e sinto como se um peso tivesse saído das minhas costas. Os conselhos do Dr. Antony passam pela minha cabeça enquanto me despeço dele, fechando a porta do meu apartamento.

O nosso coração é realmente misterioso e… burro.

Dean é tudo o que qualquer pessoa gostaria de ter, mas meu coração não parece querê-lo de jeito algum. Mesmo que eu me forçasse e ficasse com ele, eu sei que viveria no morno. É bom, mas não faz meu coração acelerar. É bom, mas não deixa minhas pernas bambas. É bom, mas não sinto arrepios na pele.

Dean é bom, mas não é quem meu coração quer.

Tomo um banho e choro enquanto sinto a água do chuveiro bater em meus ombros. Aron ainda me aterroriza. Sinto crises de pânico ao vê-lo, e isso me assusta. Há alguns meses, eu estava pronto para dividir o resto da vida com ele. E tudo o que mais quero hoje é que ele suma, que eu nunca mais volte a vê-lo e que ele simplesmente desapareça da minha vida. Saio do banho e me deito em minha cama, fitando o teto. Sinto meus olhos inchados pesarem e, por puro cansaço, rendo-me ao sono.

No dia seguinte, quando chego à delegacia, vejo Dean em sua mesa. Ao me olhar, ele me lança aquele mesmo sorriso charmoso de sempre, revelando que não há mágoas entre nós. Sorrio para ele completamente aliviado e volto a caminhar.

No entanto, meu coração acelera quando vejo Logan caminhando no corredor, indo em direção à saída da delegacia, por onde acabei de entrar. Vamos nos cruzar no caminho, e eu prendo o fôlego. No entanto, seus olhos não encontram os meus quando ele passa por mim, deixando apenas o rastro do seu perfume impregnado no corredor. Meu coração bate tão forte, que por um instante sinto que posso perder a força nas pernas. Ele simplesmente passou por mim como se eu não existisse. Sinto uma pontada de amargor na boca do estômago, mas tento me recompor e entro em minha sala.

Para a minha surpresa, há um bombom em meu teclado. Ele não olha na minha cara, mas ainda deixa um bombom para mim. Vai entender o que se passa na cabeça desse indivíduo.

Sento-me e como o bombom, mas, na primeira mordida, paro. Este com certeza está envenenado. Solto uma risada e enfio o resto do bombom na boca, negando com a cabeça. Eu realmente não me importo de morrer com o veneno de Logan.

No almoço, a Coca também está paga, e percebo que nada mudou. Logan ainda quer me tirar da hipoglicemia para me introduzir na diabetes.

Divido a Coca com Alec, para ele não se sentir excluído e para ele parar de falar na minha cabeça que estou me tornando amiguinho de Logan toda vez que garçonete me entrega a bebida. Alec consegue ser extremamente irritante quando quer.

Quando dá o meu horário, vou para casa, sentindo uma espécie de alívio por saber que eu e Dean estamos bem e que não ficou nem um vestígio de mágoa depois de ontem.

Ao mesmo tempo, sinto meu coração apertar por Logan estar me ignorando. Com ele, sinto que é sempre um pequeno passo de formiguinha para frente, e cem passos de elefante para trás. Odeio ter que admitir, mas sinto falta das implicâncias, mesmo que eu as odeie. Mesmo quando ele fala que eu sou brega ou que meu cabelo é sujo. Não gosto da sua indiferença, faz-me sentir como...

Meu coração parece parar quando vejo a porta do meu apartamento.

Olho para a fechadura e percebo que está quebrada. A porta do apartamento está entreaberta. Levo alguns segundos para perceber que meu apartamento foi arrombado.

Tento recuperar o fôlego e entro. Tenho vontade de chorar ao perceber que as minhas coisas estão jogadas para todos os lados. Algumas das minhas roupas estão rasgadas no chão da sala, o sofá está tombado, minha televisão está quebrada, e algumas mobílias estão reviradas. Começo a me desesperar vendo o estrago. Olho para a cozinha e só consigo ver pedaços de louças espalhados para todos os lados, junto com alguns eletrodomésticos quebrados atirados ao chão.

Não consigo terminar de ver os outros cômodos. Minhas coisas estão destruídas, tudo simplesmente se tornou lixo. Sento-me ao chão, escorado na parede, e levo as mãos trêmulas para o rosto. Eu devo estar tendo um pesadelo, isso não pode estar acontecendo.

Ergo o olhar mais uma vez, na esperança de que tenha enxergado errado, mas não. Meu apartamento está destruído.

Meu coração dispara, porque eu sei muito bem quem fez isso. Se fosse um ladrão, ele teria levado as minhas coisas, não as destruído, deixando-as aqui, para que eu pudesse ver. Estou tão desesperado e tenho tanto medo, que só consigo pegar meu celular no bolso.

Procuro o número com as mãos trêmulas e com os olhos embaçados e disco antes de colocar o celular na orelha.

Ouço o primeiro toque, o segundo...

Por favor, atenda. Por favor.

O terceiro toque…

— Alô?

Solto um suspiro tão alto, que sinto meu peito doer.

— Será que... Será que… — gaguejo chorando e não consigo terminar a frase.

— Ravi? Está tudo bem?

— Não — soluço em confissão. — Eu preciso de você, Logan. Eu preciso muito, muito, muito de você agora.

Capítulo 17

Não consigo acreditar que passei sete anos da minha vida com alguém tão terrível como Aron. Não consigo entender como eu não via quem ele realmente era quando estava com ele. As pessoas costumam dizer que a paixão cega, e eu percebo que sempre estive com uma venda nos olhos.

Por sete anos. Por sete malditos anos.

Aron não teve consideração comigo quando me abandonou no altar, deixando-me apenas com um bilhete. Não teve escrúpulos quando levou Logan ao apartamento dele no dia do nosso casamento, sem se importar nada comigo. Não teve remorso de me trair por meses, mesmo quando eu estava eufórico preparando o nosso casamento.

Enquanto eu estava escolhendo o buquê, ele provavelmente estava na cama com um outro alguém.

Não entra na minha cabeça que, mesmo depois disso tudo, ele ainda se acha no direito de interferir na minha vida, de me querer de volta, de exigir algum tipo de satisfação. Ele quebrou todos os presentes do nosso casamento, e ele sabia bem quais eram. Tenho certeza de que foi ele. Tenho certeza de que foi algum tipo de vingança por ter me visto bem e com alguém, por eu ter superado nossa separação, por eu ter seguido em frente.

Não aguento olhar para as minhas coisas destruídas. Não consigo permanecer nesse apartamento. Então me levanto do chão, vou até o corredor e deslizo pela parede gelada até me sentar de novo. Disse a Logan que estava em minha casa e dei o número do

meu apartamento na esperança de que ele realmente venha me socorrer.

Estou sem ar, estou com medo, estou tendo uma crise de pânico. Meu coração dói, minha mente gira, e meu corpo inteiro treme.

Pensei em ligar para Lucca ou Josh, mas não sabia como contar isso a eles. Pensei em ligar para os meus pais e para Laura, mas meu pai mataria Aron sem pensar duas vezes, e as duas ficariam tão histéricas ao ver a destruição do meu apartamento, que acabariam por me deixar pior. Pensei em ligar para Alec ou Dean ou Rony ou qualquer um daquela delegacia, mas eu teria que me explicar, eu teria que contar a minha história para que eles pudessem entender, e, sinceramente, essa é última coisa que quero fazer agora. Eu só tenho Logan. Eu só posso contar com ele, porque ele sabe de tudo e me entenderia sem que nenhuma palavra sequer saísse da minha boca.

Minha cabeça dói tanto, e minhas lágrimas descem tão rapidamente, que sinto-as molhando as minhas coxas quando abaixo a cabeça. Só quero desaparecer. Só quero voltar no tempo e nunca ter conhecido Aron. Só quero me esquecer de tudo. Mas sei que não consigo. São escolhas que eu fiz e que me acompanharão pelo resto da minha vida.

Está gelado, e a luz do corredor está piscando, como se estivesse com mal contato. Observo o chão à medida que conto quantas vezes a luz pisca e reflete no chão de cimento queimado. Não é constante, apenas pisca de vez enquanto e eu vou contando.

Vinte cinco…

Tento controlar a minha respiração, mantendo as minhas pernas firmemente recolhidas em meu peito, abraçando meu corpo, buscando algum tipo de conforto. Estou sozinho e com medo.

Vinte seis…

Eu não odeio Aron. Se eu disser que o odeio, estarei comparando ele a Logan. E o que eu sinto por Aron agora nem se compara com o que eu senti por Logan. Nem quando eu o odiei o máximo que pude.

Eu não odeio Aron.

Não é ódio, é muito, muito, muito pior que isso.

Vinte e sete…

Quando eu achei que o pior já tinha passado, percebi que o pior ainda estava por vir. Não tenho muitas coisas, e Aron fez questão de destruir as poucas que eu tinha. Ele sabe onde eu moro, ele sabe a minha rotina, ele sabe onde me encontrar, e isso me apavora. Eu só queria que ele me deixasse em paz, que ele me deixasse seguir a minha vida. Foi ele quem quis assim, foi ele quem tomou a decisão por nós. Foi uma escolha dele, não minha. Foi ele, não eu.

Vinte e…

— Cacete, Ravi!

Ouço a voz firme de Logan preencher o corredor e seus passos apressados vindo em minha direção. Não ergo o olhar, mas observo ele se ajoelhar na minha frente e sinto o seu toque leve em meu braço.

— Eu não sei mais o que faço com você. Eu deixo a merda de um bombom todo dia na sua mesa, eu compro Coca todos os dias para você almoçar, e você não cuida da porra da sua glicose.

Sinto seus dedos firmes em meu maxilar e, quando ele levanta meu rosto, encaro seus olhos azuis. Logan hesita por um instante e então engole em seco, franzindo as sobrancelhas. Seu olhar analisa cuidadosamente o meu rosto, e eu desvio os olhos apenas para notar uma lata de Coca-Cola repousando em seus dedos.

— Sua glicose não está baixa — ele sussurra, constatando. Suas sobrancelhas se fazem ainda mais, criando um vinco de preocupação em sua testa. — O que aconteceu, Ravi?

Eu sou incapaz de responder à sua pergunta. Minha voz parece desaparecer. Eu não digo nada, apenas começo a negar com a cabeça incansavelmente. Logan coloca a Coca no chão e pega o meu rosto com as mãos.

— Florzinha, fale para mim, o que aconteceu?

Ouço o meu soluço e me inclino, jogando-me para cima dele. Passo meus braços trêmulos em torno dos seus ombros, e meu rosto se encaixa perfeitamente na curva de seu pescoço. Seus braços envolvem a minha cintura, e, por mais absurdo que isso soe, eu só quero que ele me toque. Eu só quero que ele não me solte nunca mais. Eu só quero ficar neste abraço até me esquecer de tudo.

Ele me abraça tão forte, que por um instante me sinto completamente em paz, apesar do caos que habita dentro de mim. O abraço não dura muito, e Logan me solta, segurando minhas mãos trêmulas para me olhar.

— Fale o que aconteceu, florzinha. Diga-me. Eu não sei como ajudá-lo se você não me disser. — Sua voz soa baixa e doce. — Feyden lhe fez algo?

Nego com a cabeça incansavelmente.

— Não — sussurro, choroso. — Ele não fez nada.

Logan estreita os olhos, parecendo não acreditar muito no que eu digo. Sua mão viaja para o meu rosto, e ele me acaricia de leve. Percebo que ele ainda está de farda e suponho que ele tenha saído da delegacia para vir até aqui, por isso chegou tão rápido.

— Então o que aconteceu? — Ele passa o polegar em minha bochecha, limpando as lágrimas, enquanto outras caem. — Por favor, conte-me o que aconteceu.

Ergo um pouco a cabeça, virando-me para a porta do meu apartamento, e aponto. O olhar de Logan acompanha meu dedo, e ele volta a me olhar confuso. Eu abaixo a cabeça, e ele finalmente parece entender o que eu digo sem usar as palavras, pois logo em seguida se levanta.

Quero implorar que ele fique aqui comigo, que não me deixe sozinho, que me abrace até eu me esquecer de tudo, mas Logan se afasta de mim e começa a caminhar em direção à porta do meu apartamento. Sua mão viaja até a arma posicionada em sua cintura, e seus olhos mapeiam a fechadura antes de ele voltar a me olhar por um instante. Ele puxa a arma e a aponta para a porta, dando um chute de leve na madeira para que ela se abra.

Ele entra no apartamento e permanece lá dentro por um bom tempo enquanto eu espero sentado no corredor. Quando ele finalmente volta e se ajoelha diante de mim, percebo que seus olhos estão em um tom de azul mais escuro. Observo sua pupila dilatada e sua mandíbula completamente rígida.

— Quem fez isso, Ravi? — ele pergunta entredentes, com a voz contendo uma raiva que eu jamais tinha ouvido vindo dele. — Você sabe quem fez isso?

Soluço ao olhar dentro dos seus olhos. Choro, mas não nego com a cabeça desta vez, porque no fundo eu tenho certeza de quem foi.

— Eu… acho que… — tento falar em meio ao choro, e Logan me observa apreensivo. — Eu acho que… foi o Aron.

Quando termino de falar, o semblante de Logan se modifica na hora. Seu rosto, que estava preocupado e apreensivo, transforma-se em pura fúria. Ele se afasta, levantando-se com as mãos na nuca e virando-se para a parede oposta a essa em que estou encostado. Observo suas costas rígidas se contraírem, como se seus músculos estivessem tensos. Ele parece fitar o teto por um instante, e o silêncio nos inunda, porém é rapidamente quebrado pelo estrondo que ouço quando Logan desfere um murro na parede, assustando-me pelo movimento repentino.

— Eu vou matar aquele filho da puta, desgraçado! — ele praticamente grita enquanto apoia a testa na parede que acabou de socar. — Eu juro que vou matá-lo.

— Logan…

O chamo baixinho, como uma súplica. Ele parece entender o meu sussurro e se vira, encarando-me com o rosto completamente vermelho. Sinto meus lábios tremerem devido ao choro, e ele se aproxima, ajoelhando-se em minha frente novamente.

— Eu juro que eu vou resolver isso. Eu juro que eu vou, Ravi. — Ele pega meu rosto com as mãos e olha fundo nos meus olhos. — Venha aqui.

Ele me puxa para perto do seu corpo, e eu apoio a cabeça em seu peito, ouvindo as batidas rápidas do seu coração. Logan,

mais uma vez, abraça-me, mas desta vez de forma protetora, como se me dissesse que me protegerá. Eu permaneço quietinho, sentindo alívio por ele estar aqui. Meus ombros balançam mais devagar à medida que o choro vai diminuindo. Quando finalmente cessa, Logan se afasta um pouco.

— Vamos entrar. Não podemos ficar nesse corredor — ele diz, sério. — Eu vou lhe dar uma água, e você fica quietinho no sofá enquanto eu tiro algumas fotos e resolvo algumas coisas, está bem?

— Eu estou com medo — confesso em um sussurro.

— Eu estou aqui, Ravi, e não vou a lugar nenhum — ele afirma com convicção.

Sua mão vai até a minha, e, com certa relutância, levanto-me, segurando-a. Logan me leva para dentro do apartamento e encosta a porta. Fecho os olhos para não ver o estrago mais uma vez, e ele solta a minha mão apenas para desvirar o sofá. Guiando-me, ele me senta em meio às almofadas e se abaixa em minha frente para parear o rosto com o meu.

— Fique aqui. Eu vou tirar algumas fotos e dar alguns telefonemas. Vou pegar água para você, mas preciso que se mantenha calmo. Pode fazer isso por mim? — ele pergunta suavemente, e eu assinto. — Ótimo! Sinal que esse neuroniozinho ainda funciona.

Ele me lança um sorriso triste, na esperança de me fazer sorrir, e eu sorrio de volta para ele, pequeno e contido, mas sorrio.

Ele se levanta e vai até a cozinha. Ouço o tilintar do vidro quando suas botas atingem alguns cacos. Ele volta instantes depois e me entrega um copo d'água. Eu bebo de golinho em golinho, sendo observado com atenção por ele. Quando termino, entrego a ele o copo e me sinto um pouco mais calmo.

Logan se levanta e começa a fotografar tudo com o seu celular. Cada item quebrado, cada caco espalhado, cada roupa no chão. Ele toma cuidado para que eu não saia em nenhuma das fotos e vai até o meu quarto olhando com atenção para cada detalhe. Quando ele volta, eu o chamo baixinho.

— Como está meu quarto? — pergunto, pesaroso.

— Só o seu guarda-roupa está revirado. A televisão está intacta.

— É porque ela é minha — afirmo, e ele me olha confuso. Então eu explico: — Ele quebrou aquilo que foi presente de casamento. O que já era meu ele não tocou.

Logan franze as sobrancelhas e se aproxima do sofá.

— Ele estava o ameaçando, Ravi?

— Não — respondo rápido. — Ele tinha sumido desde aquele dia no hospital. Mas ontem eu estava com Dean… — Abaixo o tom de voz e desvio o olhar do de Logan por um instante. — E ele nos viu.

Assim que meu olhar volta para ele, percebo Logan engolir em seco e assentir. Ele se senta ao meu lado no sofá e passa a mão pelos cabelos, abaixando a cabeça e bufando frustrado.

— Eu vou resolver isso — ele sussurra. — Eu juro para você, Ravi, isso não vai ficar assim.

— Se eu tivesse pegado o Jorge, ele teria feito algo com ele — reflito, choramingando, e Logan me olha. — Ele poderia tê-lo machucado, matado, deixado ele fugir.

Sua mão vai para a minha, segurando os meus dedos. Ele não diz nada, apenas tira o celular do bolso com a mão livre e disca um número.

— Boa noite, eu gostaria de solicitar um chaveiro para a Dunkin St., número 124, apartamento 201. — Após alguns instantes ele bufa. — Minha senhora, eu não quero saber se o preço é dobrado neste horário, eu estou solicitando um chaveiro com urgência. Preciso de um agora.

Ouço ele falar ao telefone e o observo. Sua barba está rala, como se ele tivesse esquecido de fazer por alguns dias. O seu nariz de perfil não se equivale ao melhor trabalho do melhor cirurgião plástico deste mundo. Seus cílios longos piscam devagar, como se não tivessem pressa. E sua boca rosada e fina se mexe com graciosidade enquanto ele perde a paciência com a mulher na linha.

— Certo. Fico no aguardo. — Ele desliga e me olha. Fecho a boca rapidamente e limpo a garganta. — Puta que pariu, que dificuldade para conseguir um chaveiro numa sexta à noite. — Ele parece perceber o meu olhar sobre ele e franze as sobrancelhas. — O que foi?

— Nada — respondo rápido, na defensiva, enquanto desvio o olhar. — Só estava pensando.

— Em quê?

— Você é muito curioso às vezes — digo, e ele nega com a cabeça. — Não é nada importante. Só estou com os pensamentos tumultuados.

— Desculpe — ele sussurra e desvia o olhar do meu apenas para olhar para o celular. Ele disca novamente e coloca o aparelho na orelha. — Rivera, sou eu, Theron. Preciso que você faça um boletim de ocorrência e o deixe pronto. Só vou passar os dados para que você redija. Preciso também que você prepare uma ordem de restrição. Eu vou apressar as coisas com o juiz. — Ele tampa o celular e me olha. — No prédio tem câmeras?

— Acho que não — digo, e ele assente antes de voltar a falar com Rivera.

— Preciso que você solicite uma ronda na Dunkin St. e peça que os policiais verifiquem onde há câmeras de segurança nesta rua. Quando acharem, peça a eles que solicitem as filmagens de hoje. Segunda recolherei todas. Enviarei a você todas as informações por mensagem. Deixe tudo pronto em minha mesa o mais rápido possível. Obrigado, Rivera. — Sua voz é tão autoritária, que me pego encarando-o completamente admirado novamente. Assim que ele desliga, ele me encara. — Você deveria tomar um banho. Eu fico aqui e ajeito as coisas. Você precisa relaxar e descansar um pouco.

— Você não se importa? — pergunto, pesaroso.

— Não — ele diz. — Prometo que farei o melhor para ajeitar as coisas. Não prometo uma faxina, mesmo porque sou péssimo nisso, mas, quando sair do banho, vai encontrar a sua casa um pouco melhor, prometo.

Eu assinto e me levanto. Vou até meu quarto, pego uma muda de roupa e a minha toalha e sigo para o banheiro. Tiro a farda e entro no chuveiro, sentindo os pingos de água morna caírem em minha pele. Tomo um banho mais demorado que o normal, tentando processar tudo. Solto uma risada baixa da minha própria desgraça. Eu provavelmente terei que estourar meu cartão de crédito para comprar as coisas de novo. Por um lado, depois do impacto inicial em ver minha privacidade invadida e as minhas coisas destruídas, sinto um pouco de alívio por pensar que agora não tenho mais nenhum vínculo com Aron. Até os presentes que eram para ser nossos, eu não tenho mais. Eu me livrei dos últimos vestígios dele. Nada que um dia foi de sua posse eu possuo.

É confortante saber que o que um dia foi não é mais, apesar do medo que ainda me ronda.

Saindo do banho, troco-me rapidamente e ouço a voz autoritária e alta de Logan ao voltar para sala.

— Reforce — ele exige. — Quero a fechadura com uma chave tetra. Uma trinca em cima e uma embaixo.

Percebo que ele conversa com o chaveiro. Aproveito o seu momento de distração e olho em volta. Os eletrodomésticos quebrados estão num canto da sala, as minhas roupas que estavam espalhadas agora estão dobradas no sofá, os cacos de vidro dos pratos e copos quebrados não estão mais no chão. Ele limpou meu apartamento.

— Senhor, com a tetra chave não tem necessidade de trinca — o chaveiro diz e parece apavorado por ter um homem de farda com uma arma na cintura e completamente autoritário em sua frente, observando-o trabalhar.

— Eu não quero saber. Quero duas trincas — ele retruca e finalmente parece perceber minha presença.

Seus olhos passam por minha calça cinza de moletom, subindo para minha blusa branca e parando nos meus cabelos molhados. Ele morde levemente os lábios, evitando um possível sorriso de canto de boca.

— E olha que eu achei que você já tinha chegado ao nível máximo de breguice, florzinha. Hoje percebo que tem como piorar. Esse estilo é chamado de quê? Mendigo *style*?

— Vá à merda! — rebato rapidamente e pressiono os lábios para não sorrir. — Boa noite, senhor.

Ignoro Logan e cumprimento o chaveiro, que me dá um aceno de cabeça.

— Deite-se um pouco — Logan sugere. — Assim que estiver tudo resolvido, eu o chamo.

Apesar da relutância inicial, assinto e vou para o meu quarto. Percebo que Logan só jogou as roupas de volta no guarda-roupa, mas não ouso reclamar, ele já fez muito. Deito-me, mas não consigo dormir. Fico com medo de estar aqui sozinho. Medo de que, mesmo com as trincas, Aron consiga entrar. Medo de que ele me aborde na rua. Que faça outro tipo de ameaça vedada. Que não me deixe em paz.

Fecho os olhos, mas meus pensamentos martelam em minha cabeça. Penso em Logan, em Aron, nas minhas coisas quebradas. Minha cabeça está uma bagunça.

Percebo que cochilei quando ouço meu nome baixinho. Abro meus olhos, e Logan está parado ao lado da cama.

— Desculpe-me por acordá-lo. O chaveiro já terminou.

Sento-me rapidamente na cama e olho para ele.

— Quanto deu?

Ele nega.

— Nada. Eu já paguei.

— Então me fale quanto deu, que eu lhe pago — digo, mas ele nega mais uma vez.

— Não se preocupe com isso. Já está resolvido. — Ele limpa a garganta, desviando o olhar por um instante. Não insisto, então ele continua: — Você quer que eu ligue para Feyden para pedir que ele venha dormir com você?

— Não — respondo rápido. — Eu não estou mais com ele.

Os olhos de Logan se arregalam levemente, e ele ergue as sobrancelhas em surpresa.

— Não está? — Sua voz falha levemente.

— Porra, Logan, limpe esse ouvido e pare de repetir o que eu falo. Parece uma maritaca surda — reclamo, mas logo em seguida me arrependo de falar com ele dessa forma depois de tudo o que ele fez por mim esta noite. No entanto, posso jurar que vejo um músculo se contrair em sua boca, em um sorriso mínimo e discreto. De qualquer forma, peço baixinho: — Desculpe!

— Tudo bem. — Ele se senta na cama. — Quer que eu ligue para alguém? Para dormir aqui com você?

Meu coração acelera.

Não, Ravi, não peça.

Não peça. Não peça. Não peça.

Fecho os olhos com força e sinto meu peito queimar. Sei que vou me arrepender disso, mas não consigo evitar.

— Você pode dormir aqui comigo hoje?

Após o pedido escapulir da minha boca, fecho os olhos rapidamente. Quando relutantemente os abro, vejo Logan me olhando com as sobrancelhas franzidas e com o semblante completamente confuso.

— Você quer que eu durma aqui com você? — ele pergunta, com a voz perplexa.

Arrependo-me de ter pedido e sei o quão absurdo isso soa. Começo a negar com a cabeça.

Merda. O que eu fui pedir?!

— Não. Eu só… Eu só achei que... Achei... que… Eu achei — tento falar, mas meu coração para quando Logan me interrompe.

— Eu durmo — ele afirma, me olhando nos olhos. — Eu passo a noite com você. Eu fico aqui… posso dormir no sofá.

— Pode dormir na cama — retruco impulsivamente, mas ele nega com a cabeça.

— Ravi, não vou fazê-lo dormir no sof...

— Comigo — interrompo de maneira firme e percebo que realmente perdi a cabeça.

Não estou raciocinando direito.

Assim que as palavras saem da minha boca, é a vez de Logan se desconcertar, já que ele me olha de boca aberta, parecendo completamente perplexo pela minha proposta.

— Na mesma cama que você? — ele pergunta, completamente incrédulo.

— É. Meu sofá é pequeno e desconfortável, não vou me sentir bem se você dormir lá. Você está me fazendo um favor. Faço uma barreira de travesseiros entre nós. Você fica de um lado, e eu, do outro. — Nem eu estou acreditando no que estou propondo. Logan muito menos, já que os seus olhos azuis ainda permanecem arregalados. — Eu vou pegar uma muda de roupa para você.

Levanto-me e não dou tempo para recusas. Eu estou com tanto medo de ficar sozinho esta noite, que, mesmo que ele dormisse no sofá, eu não me sentiria seguro. Pego uma calça de moletom e uma blusa preta no guarda-roupa e entrego nas mãos dele. Ele me olha sem reação por um instante, mas se levanta e vai até o banheiro.

Enquanto isso, preparo a cama. Posiciono três travesseiros no meio e me deito à esquerda, onde normalmente me deito. Espero em expectativa, e meu coração acelera quando ouço a porta do banheiro se abrir. As batidas estão tão descompassadas, que sinto que posso infartar a qualquer momento.

Logan aparece na porta e… Meu Deus!

— Isso é algum tipo de vingança? — ele diz, apontando para a roupa, e eu engulo em seco reparando no seu corpo. — Você quer que eu o acompanhe no mendigo *style*?

— Você nunca esteve tão bem — digo por impulsividade, observando-o começar a sorrir, e me arrependo da minha escolha de palavras. Tento corrigir: — Minhas roupas fazem milagres.

Ele solta uma risada e caminha até o outro lado da cama, deitando-se. Meu peito parece que vai explodir, mas apenas apago

a luz do abajur e fecho os olhos.

O silêncio preenche o quarto, e eu me viro de costas para ele. Penso em tudo, penso em nada. Fecho os olhos com força, tentando desviar todos os meus pensamentos. Sinto Logan se mover na cama e prendo a respiração.

— Você está com fome? — pergunto, inseguro.

— Não. Eu comi antes de vir — ele responde rápido. — Você está? Quer que eu peça algo?

— Não. Eu estou bem.

Prendo a respiração, e o silêncio volta a nos preencher. Conto carneirinhos, canto mentalmente, faço contas, mas nada resolve. Meu sono simplesmente não vem.

— Você quer uma escova de dentes? — pergunto, novamente.

Logan demora a responder, e eu chego a pensar que ele já pegou no sono, mas ouço o seu suspiro e percebo que ele está acordado.

— Eu escovei os dentes antes de vir para cá. Não se preocupe, eu estou bem, Ravi.

Estou ansioso e sei que, de certa forma, estou usando essas perguntas para comprovar que eu não estou sozinho. Estou agitado e percebo que meu coração não desacelera, mesmo eu respirando mais pesado para que isso aconteça.

Meu corpo, no entanto, estremece completamente quando sinto os dedos de Logan procurarem o meu cabelo, fazendo-me um carinho sutil. Perco o ar, mas não me movo. Ele enrola meus cachos no dedo, para então fazer um cafuné no meu couro cabeludo. Meu corpo inteiro se arrepia por seu toque singelo. Mordo os lábios tão forte que quase os machuco.

— Você está me tocando — sussurro. — Está tocando o cabelo ensebado que você tanto detesta.

Ouço sua risada baixa ecoar pelo quarto parcialmente escuro.

— O seu cabelo é a coisa mais linda dentre todas as coisas lindas que você tem.

Ele diz tão baixo, que eu me questiono se ele realmente disse isso.

E lá estão as borboletas: voando por todos os lugares do meu corpo.

Viro-me e encaro seus olhos azuis iluminados sutilmente pela fresta entre as cortinas. Seus olhos passeiam por todo o meu rosto com calma, para então pararem em meus olhos.

— Quem é você e o que fez com o Logan?

Ele dá um sorriso e volta os dedos para o meu cabelo enquanto fecha os olhos.

— Boa noite, florzinha — ele diz simplesmente, e eu passo tempo demais observando cada detalhe de seu rosto calmo e relaxado, até pegar no sono.

E mesmo quando o sono me atinge, ainda sinto seus dedos em meu cabelo.

Capítulo 18

Abro lentamente os olhos enquanto recupero a consciência. Os primeiros raios de sol invadem o meu quarto, e eu pisco os olhos lentamente para me acostumar com a claridade. Minha cabeça dói um pouco, e eu lembro que passei a noite chorando. Talvez seja por esse motivo que me sinto assim.

Não consigo me mexer e sinto meu corpo tão pesado, quase como se alguém estivesse me abraçando.

Paraliso.

Olho para baixo tentando fazer o menor movimento possível e percebo a mão de Logan pousada em minha barriga. Sua respiração calma e lenta bate diretamente em meu pescoço, e meu corpo congela.

Puta que pariu!

Ele está de conchinha comigo.

Meu coração acelera tanto, que quase ouço as batidas. Não sei o que fazer, não sei se me movo, não sei se saio de fininho, não sei se me finjo de morto ou só que ainda estou dormindo.

Eu vou morrer.

Sim, eu vou morrer...

Logan resmunga e cola mais o corpo no meu, me apertando em seus braços. Sinto uma protuberância.

Logan está duro?

Logan está de pau duro?

Prendo a respiração e tento não surtar. Respiro devagar, tentando não fazer barulho, mas, para o meu desespero, Logan

inclina levemente o quadril, pressionando ainda mais a ereção contra minha bunda. Estremeço por completo, soltando um suspiro e sinto cada pelo do meu corpo se arrepiar.

Mas que caralho…

Não é possível que eu esteja ficando excitado. Não é possível que ele esteja esfregando o pau duro em mim. Não é possível que eu esteja excitado por ele estar esfregando o pau duro em mim.

Fecho os olhos e tento me acalmar.

Eu preciso pensar, eu preciso… Merda!

É só uma ereção matinal, não tem nada demais nisso. Não há porque surtar. Isso é normal. Isso é completamente normal.

Cadê os travesseiros? Cadê a porra dos travesseiros?

Tento me manter o mais imóvel possível, mas me descontrolo e me mexo levemente. Logan solta resmungo longo e preguiçoso, mas no mesmo instante, dá um pulo na cama, afastando-se de mim. Viro-me depressa e observo seus olhos azuis arregalados.

— Cacete! — ele exclama baixinho.

— Você estava me encoxando — digo sem pensar, sentindo minhas bochechas arderem.

Logan leva a mão até a calça de moletom que ele veste e cobre a virilha.

Não olhe, Ravi. Não olhe. Não olhe.

Eu abaixo o olhar e me arrependo na hora.

Sua mão não consegue cobrir a ereção por completo, e meu Deus do céu! *Meu. Deus. Do. Céu!*

— Eu não estava o encoxando — ele retruca, sentando-se na cama, parecendo tão constrangido quanto eu. — Eu estava dormindo, foi inconsciente.

— Não parecia tão inconsciente para mim. — Olho para baixo mais uma vez, e ele parece entender o que estou insinuando. — Você está muito bem acordado para o meu gosto.

Ok, eu preciso simplesmente calar a boca agora.

— Eu só estou com vontade de urinar. — Ele me olha, e eu prendo a respiração. — Poupe-me, florzinha. Você tem um pau, sabe muito bem que essas coisas acontecem.

— Cadê os travesseiros? — Aponto para o meio da cama, e ele me olha erguendo a sobrancelha.

— Eu sei lá — ele diz, dando de ombros. — Quem me garante que não foi você que tirou os travesseiros durante a noite para ficar mais perto de mim?

Ele me lança um sorriso cafajeste, e eu tento me controlar para não dar uma travesseirada na cara dele por sua petulância.

— Coitado de você, docinho. — Eu finjo uma risada. — Vá sonhando!

Ele solta uma risada e logo em seguida boceja. Seus braços se erguem, espreguiçando-se, e eu fico hipnotizado, vendo os músculos do seu braço se contraírem. Os seus cabelos castanhos estão bagunçados, e seus olhos estão levemente inchados de sono.

Quase perco o ar quando ele se vira para mim, olhando-me nos olhos.

— Você está melhor? Dormiu bem? — Sua voz é tão calma e tão rouca, que eu somente assinto rapidamente.

— Nem vi a noite passar e estou melhor sim. Só estou um pouco inseguro de ficar aqui sozinho — confesso, baixinho.

— Você tem quem fique aqui com você nos próximos dias até que eu resolva tudo?

— Vou pedir à minha irmã que fique aqui comigo esse final de semana e peço para meus amigos revezarem nos dias de semana. — Engulo em seco, sentindo meu coração palpitar. — Obrigado por ontem, Logan, de verdade. Eu não caio de amores por você, mas sei ser grato.

— Não precisa agradecer. — Ele abaixa o olhar, e suas bochechas ficam vermelhas de repente. Ele está corando? Delegado Theron está corando? Ele pigarreia, disfarçando, e volta a me olhar. — Acho melhor eu ir então.

Ele começa a se levantar, mas eu seguro o seu braço. Ele olha para minha mão em sua pele, para depois erguer o olhar para mim.

— Você… pode esperar até a Laura chegar? — Sussurro, sentindo o medo me invadir de novo. — Eu posso preparar um café enquanto isso. Prometo que ela não vai demorar.

— Claro. Eu espero. Mas será que posso usar o banheiro? — ele pergunta, apontando para a virilha. — Sabe como é, né?! Preciso urinar.

Ele diz, sorrindo, e eu reviro os olhos, apontando para o banheiro. Ele se levanta, entra no banheiro e fecha a porta. Caio na cama, suspirando. Eu não estou acreditando que isso está acontecendo. Eu não acredito que Logan está na minha casa, que dormiu comigo, que amanheceu abraçando meu corpo, e que senti sua ereção em minha bunda. Tampo o rosto com um dos travesseiros e solto um grito abafado, tentando extravasar tudo o que sinto. Recomponho-me e me sento na cama.

— Tem uma escova de dentes nova na gaveta. Pode usar! — grito e volto a me jogar na cama.

Rolo pelos lençóis e me deito no travesseiro em que Logan dormiu. O perfume dele está empregado na fronha, e eu inspiro profundamente.

Merda, o que estou fazendo com a minha vida?

Tenho vontade de arrancar meu coração para me livrar de todos os sentimentos que me invadem. Eu não posso gostar de Logan, eu não posso sentir o que eu sinto, eu não posso baixar a guarda do meu coração justo por ele. Abraço o travesseiro e inspiro profundamente mais uma vez. É o melhor cheiro que já senti. É forte, gostoso e marcante. Seu cheiro é…

— O que você está fazendo?

Ergo a cabeça rapidamente e me deparo com Logan escorado no batente da porta do banheiro, encarando-me. Suas sobrancelhas estão erguidas, e ele pressiona os lábios, evitando um sorriso.

— Nada — digo rápido, soltando o travesseiro e dando um pulo da cama. — Apenas cochilei. Vou ao banheiro rápido e já ligo para Laura.

Passo por ele e empurro levemente o seu corpo para entrar no banheiro. Fecho a porta e solto o ar que nem sabia que estava segurando. Meu coração bate tão forte, que preciso me sentar no vaso para regular a minha respiração.

Quando consigo controlar meus batimentos cardíacos, eu escovo os dentes e lavo o meu rosto. Termino de fazer minha higiene e saio do banheiro. Para minha surpresa, Logan já está de farda. Ele está sentado na minha cama, mexendo distraidamente no celular. Quando ele ouve o barulho da porta, ele ergue o olhar para mim.

— Eu ia até lavar — ele diz, apontando para minha roupa que ele usou, agora perfeitamente dobrada sobre a cama —, mas, do jeito que você é, é bem capaz de reclamar do meu sabão em pó.

— Qual você usa? — pergunto, pressionando os lábios, torcendo para ele não desconfiar e cair novamente.

— Omo — ele responde, erguendo uma sobrancelha.

— Abaixa as calças que eu te como — digo e explodo numa risada incontrolável. Logan estreita os olhos para mim, mas também ri, negando com a cabeça.

— Florzinha — ele diz, parando de rir aos poucos, e me olha diretamente nos olhos —, eu poderia até retrucar essa sua piadinha, mas prefiro manter a minha réplica só para mim, em minha imaginação.

Paro de rir na hora e arregalo os olhos sentindo as minhas bochechas queimarem.

Ele acabou de flertar comigo?

Ok, Ravi, respire! Respire e disfarce.

— O café — digo rápido, apontando para porta do quarto e observo o sorriso de Logan se alargar pela minha inquietação repentina. — Vou preparar o café.

Viro-me e vou para a cozinha. Logan me acompanha e se escora no balcão de granito que a separa da sala. Permaneço de costas até me recuperar e até que as minhas bochechas parem de queimar. Pego as coisas de que preciso no armário e tento disfarçar o quanto estou balançado.

— Você por acaso sabe cozinhar? — ele pergunta, e eu assinto de costas.

— Sei — respondo, colocando a água com açúcar no fogo. Não me arrisco a olhar para ele, porque sei que as minhas bochechas ainda estão vermelhas.

— Será que tem dois neurônios dentro dessa cabecinha, e eu não sabia? — Ele diz divertido, e eu reviro os olhos.

— Vá à merda, Logan!

Volto para a sala para pegar o meu celular no sofá e ouço sua risada. Disco o número de Laura rapidamente enquanto espero a água ferver. Para minha sorte, ela atende de primeira.

— Oi, Laura. Sim, está tudo bem. E com você? Aqui… Será que você pode vir aqui hoje para ficar comigo no fim de semana? Quando chegar aqui, eu lhe conto tudo, mas preciso que você venha.

Meu coração dói ao lembrar da noite de ontem, ainda mais quando meus olhos pousam nos entulhos no canto da sala. Meu coração parece apertar, e o pânico ameaça se instalar de novo até Laura me confirmar que chegará em vinte minutos.

Volto para a cozinha e Logan ainda está apoiado no balcão, mexendo no celular. Quando ele percebe a minha presença ele o guarda no bolso e me olha.

— Ela vem? — ele pergunta, franzindo as sobrancelhas.

— Vem. Ela chega em vinte minutos, aí eu libero você — digo ao retirar a água do fogo para passar o café.

— Ravi… — Ele hesita ao falar meu nome, e eu ergo o olhar. Ele está me olhando sério, e eu gelo. — Podemos fazer o jogo da sinceridade agora? Você promete me responder a verdade?

Prendo a respiração, mas assinto.

— Só se você também responder às minhas perguntas. Todas com sinceridade. — Sirvo o café em duas xícaras e pego a torrada com patê que já guardo pronta na geladeira. Dou a volta no balcão com as xícaras na mão e entrego uma a Logan enquanto me escoro ao lado dele. — Manda!

Ele bebe um gole de café antes de me olhar. Sinto um gelo na espinha e não faço ideia do que ele vai me perguntar e muito menos sei o que vou perguntar a ele.

— Você está realmente melhor? Você quer que eu mande alguém aqui para ficar de patrulha?

Observo seu semblante sério, então respondo com sinceridade:

— Não sei. — Bebo um gole de café. — Não sei se isso vai se repetir. Acho que, com a ordem de restrição, ele vai pensar duas vezes antes de tentar qualquer coisa.

— Enquanto ela não sair, vou pedir a um dos policiais para acompanhá-lo todos os dias — ele diz com a voz firme. — Não vou arriscar.

Assinto, sentindo meu coração esquentar por seu cuidado.

— Minha vez — digo, tentando pensar em algo. — Você realmente acha meu cabelo ensebado?

Logan solta uma risada alta, jogando a cabeça para trás e nega com a cabeça logo em seguida.

— Essa é a sua pergunta?

— Sim — retruco rápido.

— Pois bem. Você quer mesmo a verdade? — ele diz, parando de rir aos poucos, e me encara. — De coração?

— Só a verdade, de coração. — Levo a xícara até a boca para que ele não veja o sorriso que ameaça brotar em meus lábios.

— Acho — ele responde, pressionando os lábios.

Sinto meu rosto queimar de raiva e de vergonha.

Esse filho da puta.

— Então por que ontem você me disse que meu cabelo era lindo? Você estava mentindo? — pergunto, irritado, sentindo minhas bochechas arderem.

— Eu não costumo mentir, Ravi — ele responde sério, e eu engulo em seco, sentindo seus olhos penetrarem os meus. — Mesmo sendo ensebado, seu cabelo ainda é a coisa mais linda.

Malditas borboletas. Morram, uma por uma.

Desvio o olhar para a xícara de café em minha mão, sentindo todo o meu corpo estremecer. Ficamos em silêncio até ele limpar a garganta.

— Minha vez — ele sussurra. — Algo em seu bloquinho de notas foi atualizado? Como se sente em relação a mim agora?

Ergo meu olhar e observo seu rosto. Seus olhos me queimam, e minhas pernas bambeiam só com o olhar que ele dirige a mim. Não sei o que responder, não sei como responder. Não sei se conseguirei mentir. Pigarreio, mantendo os olhos fixos nele.

— Eu não sei o que eu sinto por você, Logan — respondo, completamente sincero. — Você me causa coisas que eu odeio sentir, que eu não deveria sentir, que eu não sei descrever…, que me desconsertam.

— Que tipo de coisa? — ele sussurra descendo o olhar para a minha boca enquanto pousa a xícara no balcão. Meu coração se acelera, e eu engulo em seco. Seu olhar volta para os meus olhos, e eu perco o fôlego. — Que tipo de coisa, Ravi?

— Eu não sei… — Minha voz sai baixinha desta vez, e eu confesso com a maior sinceridade que existe em mim.

Logan dá um passo para frente, e eu estremeço. Meu coração vai parar na boca.

Ele estica o braço e toca em uma mecha solta do meu cabelo que está caída sobre o rosto. Seu olhar acompanha o movimento dos seus dedos quando ele a coloca atrás de minha orelha. Eu não consigo respirar. Eu simplesmente não consigo respirar. Seu olhar volta para o meu e então desce para a minha boca. Ele passa a língua por entre os lábios, umedecendo-os, então me olha nos olhos mais uma vez. Seu olhar parece procurar algo no meu. Ele olha

através de mim. Seu olhar crava-se na minha alma, e meu corpo inteiro estremece.

— Acho que quero muito beijá-lo agora — ele sussurra, e meu coração dispara.

Seguro-me no balcão para não cair pelo baque da sua confissão repentina.

— E eu acho que já lhe disse que não é para me tocar — sussurro de volta, sentindo minha voz extremamente trêmula e meus olhos levemente arregalados.

Nossos olhares ficam presos um no outro, e meu peito sobe e desce em expectativa.

— Lembro-me de algo assim... — Ele desvia o olhar para minha boca novamente. — Mas você disse sobre as mãos. Não impôs nada a respeito da boca.

Eu engulo em seco e não digo nada, apenas intercalo meu olhar entre seus lábios e seus olhos. Torço para que meus olhos não me delatem e ele perceba o quanto estou ansiando por isso. Logan também não diz nada, mas os passos curtos que ele dá em minha direção fazem meu coração palpitar. Ele está tão perto, que consigo sentir o cheiro de café vindo do seu hálito colidindo diretamente com a minha boca.

— Eu vou tocá-lo, Ravi — ele sussurra tão perto, que me faz perder os sentidos.

Eu não respondo. Eu não consigo dizer nada. Meu olhar se crava no seu, até que sinto sua mão procurar a minha nuca. Fecho os olhos e sinto seu rosto se aproximando do meu. Logan roça a boca na minha suavemente, e uma corrente elétrica bagunça todas as minhas células. Sua mão viaja para minha cintura e, antes mesmo que eu possa pensar em qualquer coisa, ele me beija.

Sua boca me invade com urgência. Sua língua se encontra com a minha, e percebo que ele não me beija com calma e com cuidado, pelo contrário, ele me beija com desejo, com força, com necessidade.

Ele me aperta em seus braços, e meu corpo estremece. Seus dedos invadem os meus cabelos, e ele os segura com força,

fazendo-me soltar um gemido em sua boca. Estou completamente entregue e absorto em seus lábios.

Logan caminha comigo, guiando meu corpo para trás até me prensar na parede, sem desprender a boca da minha. Seus dedos apertam a minha cintura, e eu arfo em meio ao beijo. Não consigo raciocinar, não consigo pensar em nada, só consigo sentir o gosto de sua boca enquanto nem sei se meu coração ainda bate. Sua boca é a coisa mais gostosa que eu já provei em toda a minha vida, estou completamente extasiado com o seu gosto.

Seu corpo colide com o meu, e o café em minha mão, já morno, é derramado entre nós. Deixo a xícara cair, e ela se espatifa no chão, mas Logan não parece se importar e não me solta. Ele continua a invadir minha boca, como se estivesse se afogando e minha boca fosse sua única salvação.

Relutantemente, levo minhas mãos para a sua nuca e arranho sua pele nua. Sinto Logan gemer em minha boca, causando uma sensação deliciosa em meu corpo. Sua mão desce para o meu quadril, e ele me traz ainda mais para perto, colando os nossos corpos. Percebo o quanto ele está excitado ao me beijar, e eu me sinto da mesma forma. Meu corpo está em combustão, perto de explodir. Sinto como se eu estivesse em outra galáxia, outra dimensão. Sinto-me tonto, inebriado, em frenesi, mas, para o meu total espanto, Logan se afasta abruptamente.

— Cacete — ele sussurra, passando as mãos pelos cabelos. Ele olha para o chão e nega com a cabeça copiosamente. Quando seus olhos encontram os meus, eu não sei o que pensar. — Desculpe-me, eu não deveria… Eu não deveria ter feito isso. Desculpe-me, Ravi!

Meu coração cai ao chão. Eu engulo em seco e olho para ele em total descrença.

Ele se arrependeu de me beijar?

Eu fiz algo de errado?

A campainha toca, e nós dois nos assustamos. Logan parece desorientado. Tento recuperar meus sentidos. Vou até a porta,

sentindo minhas pernas tremerem, e a abro para Laura. Ela entra e me olha, para depois olhar para Logan.

— Oi — ela diz, tentando soar simpática, com um sorriso no rosto, mas nenhum de nós dois responde.

Logan pigarreia, e olho para ele, entretanto seus olhos não encontram os meus. Ele mantém a cabeça baixa quando sussurra:

— Eu preciso ir.

Ele passa pela porta sem se despedir enquanto Laura me olha confusa. Sinto vontade de abrir um buraco no chão para me esconder.

— O que foi isso? — ela pergunta ao fechar a porta. — Por que ele saiu assim?

Sinto meu peito doer e meus olhos aguarem. Isso não deveria ter acontecido. Olho para Laura enquanto sinto meus lábios tremerem, então respondo com pesar:

— Porque ele me beijou.

Capítulo 19

Tantas coisas acontecem em um curto período, que nem ao menos tenho a capacidade de raciocinar e digerir.

Crio uma lista mental para tentar organizar meus pensamentos, que estão bagunçados e emaranhados na minha cabeça. São tantas sensações, tantos sentimentos, tantas dúvidas. Eu pareço estar entrando em curto-circuito, pareço uma confusão ambulante.

Ainda sinto o gosto de Logan em minha boca. A sensação dos seus toques em meu corpo, suas mãos obstinadas passeando por mim como se eu fosse um labirinto que ele gostaria de desvendar, sua língua ávida desbravando cada canto da minha boca, e de repente tudo acabou. Esvaiu-se de mim como se nada do que eu tivesse sentido fosse de fato real. Como se as sensações não passassem de um sonho do qual eu despertei.

Permaneço estático enquanto Laura me observa com os olhos atentos. Minhas forças parecem se dissipar, e eu só quero cair ao chão e esquecer de mim por um instante.

— Ravi — ela me chama ao se aproximar com calma, passando os braços sobre os meus ombros em um abraço —, por que você está chorando?

Agarro-me a ela como se isso fosse me salvar de alguma forma. Minha cabeça lateja, e eu sinto um aperto em meu coração.

Ele me pediu desculpas por ter me beijado. Ele simplesmente interrompeu o beijo e disse que não deveria ter feito aquilo.

Talvez tenha sido por impulso e ele se arrependeu logo em seguida. Talvez ele tenha se deixado levar pelo momento. Talvez eu

tenha insinuado alguma coisa que ele entendeu de outra forma.

Eu não sei. Eu simplesmente não sei.

— Porque estou perdido — choramingo no ombro de Laura enquanto ela me ampara. — Eu estou completamente perdido.

— Calma! — ela sussurra, puxando-me para o sofá. — Sente-se aqui e me conte o que aconteceu.

Tento recuperar o fôlego e olho para ela. São tantas coisas… Suas mãos acariciam de leve as minhas enquanto ela me lança o olhar que sempre me lançava quando éramos pequenos. Quando eu me machucava e chorava, Laura sempre dizia que era só esperar que ia passar. Eu esperava, e a dor realmente ia embora.

Agora, eu só quero perguntar a ela mais uma vez: Laura, será que se eu esperar, isso tudo também passa?

— Aron invadiu meu apartamento ontem e destruiu as minhas coisas — começo com a voz trêmula, e Laura desvia o olhar para o canto da sala, onde eu aponto. Ela leva as mãos à boca e me olha em choque.

— Ravi, meu Deus! Você precisa denunciar, precisa fazer alguma coisa. — E, como eu imaginei, ela fica histérica. — Esse maluco não pode simplesmente entrar na sua casa e destruir as suas coisas. Como ele entrou aqui? Por que ele fez isso?

— Ele arrombou a porta e fez isso porque me viu saindo com alguém.

— Com esse policial que estava aqui?

— Não — respondo rápido. — Com outro.

— Com outro quem?

— Isso não interessa, Laura. — Bufo, passando a mão pelo rosto, irritado por sua curiosidade. — Preste atenção nas coisas importantes.

— Estou prestando atenção, só estou tentando me situar. Quem era esse policial que estava aqui? — ela pergunta levemente confusa, e meu peito gela.

— É o delegado. Ele é o… Logan. — Meu coração se aperta quando falo o nome dele.

Mordo os lábios e posso jurar que ainda sinto o seu gosto passeando por minha boca.

Laura arregala os olhos, levando as mãos à boca mais uma vez.

— Logan? Logan? Aquele que não deveria ser mencionado? O amante? — ela pergunta baixinho.

— Você acabou de mencionar. — Solto um suspiro, revirando os olhos.

Laura dá uma risada baixa, e eu a encaro com um olhar duro.

— E ele o beijou? Como assim? — Ela se ajeita no sofá, como se estivesse animada com a fofoca, mesmo que seu semblante não demonstre. — Conte-me isso direito, porque eu estou chocada! Ele o beijou assim do nada?

Limpo a garganta e desvio o olhar.

— Na verdade, foi ele quem veio me ajudar ontem e acabou dormindo aqui. Eu estava apavorado, com medo de Aron aparecer de novo, e…

— Eu vou contar ao papai — ela me interrompe.

— Que Logan me beijou? — Arregalo os olhos.

— Não, bocó. Vou contar de Aron.

— Não, você não vai — digo firme. — Logan já pediu uma ordem de restrição e vai fazer um boletim de ocorrência. Não quero que eles fiquem sabendo disso.

— Mas e se ele aparecer de novo? E se ele machucar você? — ela indaga, com os olhos pesarosos.

Tenho vontade de dizer a ela que isso não vai acontecer, mas nem eu sei se acredito piamente nisso. Nego com a cabeça, tentando espantar o medo que volta a crescer dentro de mim.

— E você acha que o papai vai fazer o quê, Laura? Ele é estourado e já não é fã de Aron. Se ele fizer algo, será preso. E a última coisa que preciso é de um pai preso por matar meu ex-noivo. Além do mais, Logan é o delegado, ele já está resolvendo tudo. O que me resta é acreditar que isso não vai se repetir.

Inclino-me no sofá, olhando para o teto. Esfrego meus olhos e solto um suspiro.

— Ele é um doente — Laura diz baixo. — Nós nunca gostamos dele, porque achávamos que ele não tratava você como merecia. Só não interferimos porque era uma escolha sua.

Eu olho para ela, e seu semblante é sério. Tão sério, que poucas vezes a vi assim. Laura sempre foi um poço de delicadeza e calmaria. Para tirá-la do sério é preciso muito.

— Era tão ruim assim, Laura? — pergunto, sentindo a minha voz trêmula. — Como eu não percebia?

— Ah, Ravi… — Ela também se inclina e me olha, pareando o rosto com o meu. — Eu não sou especialista em romance, mas, para mim, aquilo que vocês tinham estava longe de ser amor. Não da sua parte, porque eu acho que no fundo houve sentimento do seu lado, só que de uma maneira errada. Você se apaixonou pela ideia do amor. Você via Aron como aquela paixão clichê de filmes adolescentes, e no fundo a gente sabe que as coisas não funcionam assim. Você se apaixonou por uma ideia que criou dele, não por quem ele era de verdade.

Pisco lentamente, tentando compreender o que ela me diz. Sei que ela tem razão, sei que talvez eu tenha inventado uma versão de Aron que só eu via. Mas, quando estamos apaixonados, tendemos a ver somente o que é bom e ignoramos todo o resto.

Laura parece ler os meus pensamentos quando diz:

— Amar o bonito é fácil, Ravi. Amar aquilo que nos agrada é simples. Mas isso não é amor. Amor não é você amar o perfeito, amor é amar alguém independentemente de suas imperfeições. É conhecer o pior de alguém e, ainda assim, admirá-lo. É saber que qualquer pessoa tem defeitos, alguns maiores que os outros, mas saber que as qualidades são infinitamente maiores. Aron não o via assim. Ele via você como um troféu bonito que ele poderia mostrar por aí. Eu nunca vi o olho dele brilhar genuinamente por você, irmão. Talvez, você tenha percebido isso naquele maldito dia, mas nós já tínhamos percebido isso havia tempos.

As palavras de Laura são como um soco em meu estômago, não porque são mentira, mas porque são verdade. É quando se sai da tempestade que se enxerga com clareza. Hoje consigo entender cada coisa que ela acabou de me dizer e agradeço por Aron ter esfregado isso em minha cara enquanto eu fingia que não via.

Talvez, se isso não tivesse acontecido, eu estaria vivendo nessa bolha até hoje. Talvez, se eu tivesse chegado naquele apartamento e o encontrado sozinho, eu ainda estaria com ele. Talvez, se Logan não estivesse na hora errada no lugar errado, eu jamais teria aprendido a abrir os olhos.

— Eu consigo ver isso agora.

— Eu sei que consegue e fico feliz que tenha se livrado dos sentimentos que tinha por ele. Eu só espero, de verdade, que ele não tente nada.

— Eu também espero que não. — Suspiro, voltando a olhar o teto.

— Posso perguntar sobre o beijo agora?

— Não — respondo rápido, fechando os olhos. — Eu não quero falar sobre isso.

Quando abro os olhos, percebo que ela me olha de soslaio e concorda com a cabeça, sorrindo minimamente.

— Então… quer fazer a noite das garotas? Com direito a brigadeiro e unhas pintadas? — ela pergunta, conseguindo arrancar de mim um sorriso sincero, mesmo que eu ainda esteja com um turbilhão de sentimentos que não consigo entender.

— Quero. — Olho para ela e sorrio levemente.



Laura passou o fim de semana inteiro comigo, e, apesar de ter insistido inúmeras vezes para saber mais de Logan, eu a cortei em todas as suas tentativas. Foi o método que usei para não pensar

no que aconteceu, apesar de vez ou outra ela me lembrar disso. Mas é ao acordar na segunda-feira que tudo me vem à tona. Em quarenta minutos precisarei estar na delegacia. Em quarenta minutos precisarei encarar Logan de frente. Em quarenta minutos terei que combater as borboletas inquietas em meu estômago.

Não sei como ele vai agir depois de tudo que aconteceu, e confesso que torci para que uma única mensagem apitasse em meu celular durante o final de semana, mas isso não aconteceu.

Não sei se vamos simplesmente nos evitar ou se vamos bater de frente. De qualquer forma, ambas as coisas nós sabemos fazer bem.

Visto meu uniforme e deixo Laura em casa antes de seguir para a delegacia. Cada quilômetro mais perto é uma batida mais rápida do meu coração. Vejo Alec e Dean conversando quando entro e lanço a eles um sorriso contido enquanto caminho até a minha sala.

Meus olhos viajam de imediato para o meu teclado, mas meu coração cai aos meus pés ao notar que ele está vazio.

Tento engolir o bolo que se forma em minha garganta ao constatar que não há mais um bombom sobre a minha mesa, como eu costumava encontrar de umas semanas para cá.

Sento-me e ligo o meu computador. Tento não pensar em nada que possa me distrair das minhas tarefas e começo a abrir as minhas planilhas para trabalhar. A voz de Logan no corredor chama a minha atenção. Ergo o olhar e percebo que ele está parado próximo a Alec e Dean. Rivera e Rony também estão com ele. Ouço meu nome e presto atenção na conversa. As vozes estão baixas e longe, mas faço um esforço para ouvir. Levanto-me e fico próximo à porta, fingindo que estou olhando alguma coisa nas pastas posicionadas na prateleira.

— … então preciso que o acompanhem em casa durante esta semana — Logan diz. — Podem se revezar se quiserem, mas preciso que o acompanhem. Vocês são os homens com quem mais posso contar nesta delegacia, por isso quero que seja algum de vocês.

— Eu posso acompanhá-lo — Dean se oferece.

— Você não — Logan diz rapidamente. — Você fará a ronda noturna no centro.

— Mas é o Rivera quem faz essa ronda — Dean fala, mas sua boca se fecha quando Logan lança a ele um olhar duro, com o maxilar completamente travado. — Desculpe, delegado.

— Você vai trocar de lugar com Rivera esta semana — Logan diz com a voz autoritária, e Dean concorda com a cabeça.

— Nesse caso eu posso acompanhá-lo — Rivera se oferece.

— Eu também posso — Alec faz o mesmo, e Logan parece ponderar, mas acaba pedindo a Rivera que faça isso.

Acho que ele deve pensar que Alec é mais próximo a mim e que talvez eu ainda não tenha contado a ele a respeito do meu passado. Talvez ele esteja evitando que Alec me faça perguntas que eu claramente não quero responder.

Observo Logan se virar e caminhar em direção à minha sala. Desespero-me, tentando voltar até a minha mesa.

Não derrube nada, não derrube nada.

Quase caio da cadeira, mas consigo me sentar a tempo de regular a minha respiração e fingir que estou concentrado. Segundos depois, minha sala é inundada pelo perfume que senti o final de semana inteiro ao abraçar o travesseiro que ele usou. Não preciso erguer o olhar para saber que ele está parado à minha porta.

— Baumer — ele me chama, e sua voz parece enviar choques elétricos por todos os poros da minha pele —, podemos conversar?

Relutantemente ergo o olhar e observo Logan escorado no batente. Sua farda impecável como sempre, seus olhos azuis profundos como habitualmente e suas sobrancelhas franzidas como se ele estivesse analisando meu rosto me fazem tremer. Reparo por um instante e me choco ao perceber o quanto Logan é bonito.

Desde quando ele se tornou bonito assim?

— Pode falar — digo seco, tentando disfarçar tudo o que eu sinto. Minha mão trava no mouse para que ele não possa ver o quanto estou tremendo.

— Você está melhor? — ele pergunta, desencostando-se da porta e dando alguns passos para dentro.

Não se aproxime, por favor. Não se aproxime. Não faça isso comigo.

— Estou — digo, reprimindo um suspiro. Seus olhos azuis ainda me analisam, e eu só imploro mentalmente para que ele os desvie de mim.

— Que bom. — Ele cruza os braços em frente ao peito e pronto, era só o que faltava para eu ficar com ainda mais raiva de mim mesmo. — Eu queria atualizá-lo sobre o que aconteceu. Bem, conseguimos pegar algumas filmagens das câmeras dos prédios em frente ao seu, e eu consegui confirmar que era de fato o Aron.

Ele me olha, parecendo esperar alguma reação vinda de mim, mas isso não me choca em nada, somente comprova o que eu já sabia.

Logan parece perceber minha hesitação e continua:

— Já registrei o boletim de ocorrência, e o pedido de ordem de restrição já está com o juiz. Ele provavelmente vai emitir na próxima semana. Enquanto isso, Rivera vai acompanhar você até a sua casa.

Seu olhar me encara de forma profunda, e eu pigarreio, limpando a garganta.

— Obrigado por me atualizar e por agilizar o processo.

Desvio os olhos dele para olhar para o computador. Engulo em seco tantas vezes, que sinto minha garganta secar. Espero que ele tenha entendido que não quero mais falar, mas, para o meu desespero, ele permanece em frente à minha mesa.

— Ravi — ele sussurra meu nome, e eu tenho vontade de bater a cabeça na mesa —, eu queria me desculpar por ter saído daquela maneira. Eu... sinceramente não sei…

Percebo sua hesitação e ergo o meu olhar.

— Não se preocupe, delegado Theron. — Tento manter minha voz firme, apesar do meu corpo inteiro tremer. — Aquilo não significou nada. Você não precisa se desculpar.

Ele olha no fundo dos meus olhos, mas eu não movo um músculo e não hesito. Sua mandíbula se contrai, e vejo o seu pomo de adão subir e descer lentamente. Ele abre e fecha a boca algumas vezes, parecendo querer dizer algo, mas então nega com a cabeça e descruza os braços, deixando-os cair rente ao corpo.

— Tudo bem. — Ele engole em seco mais uma vez. — Se você precisar de alguma coisa, você sabe onde me encontrar.

— Obrigado — digo rápido, desviando o olhar para a tela do computador mais uma vez.

Ele fica parado, e me pergunto o porquê de ele ainda não ter saído. Pareço perder o ar com a sua presença e só quero que ele saia da minha sala para que eu possa voltar a respirar. Meu coração está tão acelerado, que sinto meu peito doer.

— Eu me atrasei hoje… — ele diz devagar, e eu tenho vontade de perguntar a ele o que eu tenho a ver com isso, mas apenas ergo meu olhar, observando-o enfiar a mão no bolso e tirando de lá um bombom. — Não tive tempo de deixar isso antes de você chegar.

Meu coração se derrete completamente quando ele estica a mão em minha direção com o bombom entre seus dedos. Eu olho para sua mão e pego o bombom relutantemente. Nossa pele se toca por um instante antes de eu afastar meus dedos. Eu sinto uma vontade súbita de chorar, mas seguro.

— Obrigado — sussurro, trêmulo, e desvio o olhar.

— Por nada — ele também sussurra e permanece parado, mas não o encaro de volta.

Finjo estar digitando algo e então observo seu corpo se virar em direção à porta. Ele sai hesitantemente da minha sala, e eu me escoro na cadeira, finalmente respirando.

Capítulo 20

Tenho me mantido afastado, recluso em um casulo que construí para a minha própria proteção.

Faltei à sessão do Dr. Antony desta semana. Não tenho conversado com Lucca e Josh. Tenho recusado as ligações de Laura e só respondo por mensagem que estou bem e que ela não precisa se preocupar. Almoço com Alec todos os dias, mas finjo estar entretido demais no celular para manter uma conversa longa. Não visitei meus pais. Tenho feito o possível e o impossível para evitar Logan.

Apesar de achar que eu fosse sofrer com esse breve período de afastamento, eu não sofri. Eu tenho tido tempo para me aprofundar em mim sem ter que me explicar tanto. A solidão muitas vezes é reconfortante. Tenho até sentido menos medo de Aron. Não sei se é pela escolta de Andy Rivera ou se finalmente tenho caído em mim e percebido que tudo o que ele poderia fazer para me machucar ele já fez. Não há nada vindo dele que me abale mais. Sem contar que, se ele tentar algo, eu tenho uma arma e não hesitarei em usá-la se for preciso.

Não pedi para Lucca ou Josh passar a noite comigo durante esta semana. Confio nas três trincas que Logan pediu para o chaveiro instalar na porta. Além do mais, até que alguém tente arrombar, eu já vou ter acordado para me proteger.

— Ravi — Andy me tira dos meus pensamentos enquanto dirige a viatura. Sim, Logan fez questão de me fazer passar a vergonha de ter que ir para casa todos os dias de viatura. A única coisa boa que isso gerou foi que estou economizando gasolina. —

Sei que nós não éramos tão próximos, por isso não lhe fiz o convite antes. Mas queria saber se você está solteiro.

E lá vamos nós de novo…

— Eu estou solteiro, Andy — digo rápido, sem um pingo de interesse na voz.

— Que bom — ele diz, sorrindo ao desviar os olhos da estrada para me olhar brevemente. — Queria convidá-lo para a minha despedida de solteiro amanhã. Vou me casar mês que vem, e minha futura esposa me deu um *vale night.* Perguntei se você está solteiro porque não acho legal chamar os comprometidos para uma boate. E não se preocupe, lá tem diversidade.

Quase engasgo com a minha saliva. Primeiro por pensar que ele iria me chamar para sair ou algo assim. Desde quando me tornei tão pretensioso? Segundo por ele saber das minhas preferências. Eu deixo tão na cara assim?

Pigarreio, tentando disfarçar.

— Ah! Que bom, Andy. Fico feliz pelo casamento — tento soar simpático. — Quanto ao convite, não sei… não gosto muito de boate.

— Eu também não, ainda mais quando estou prestes a me casar. — Ele solta uma risada. — Mas foi Theron quem organizou e disse que a boate é muito boa. Ele tem alguns contatos importantes na cidade.

— Log… — interrompo-me rapidamente, tentando evitar a minha agitação. — Theron foi quem organizou a sua despedida de solteiro? Ele vai?

— Foi. E sim, ele vai. Ele também é meu padrinho de casamento. — Ele me olha por um instante. — É uma pena você não animar, seria le...

— Eu vou — interrompo-o e limpo a garganta. — Acho que vai ser bom para me distrair. Estou realmente precisando.

Ele parece me analisar por um instante, mas dá de ombros logo em seguida, soltando uma risada baixa.

— Ótimo então! Vai ser na Paradise, você conhece?

— Nunca fui, mas sei onde é — digo, observando-o estacionar em frente ao meu prédio.

— Ótimo. É amanhã, às 22hrs — ele diz, abrindo a porta e saindo da viatura.

Rivera me acompanha até a porta do meu apartamento todas as vezes. Ele olha em volta e confere, para só então ir embora. E hoje não é diferente. Já disse a ele que não precisava mais me acompanhar, mas ele disse que se não fizer isso, Logan o mata com crueldade. Então, deixei para lá. Quando ele acaba de conferir meu apartamento, ele me olha.

— Na portaria é só dizer meu nome. Theron conseguiu as entradas de cortesia, só o que for beber que cada um vai pagar.

— Combinado. Estarei lá.

Sorrio e me despeço dele. Quando Andy sai, deito-me na cama e reflito. Não quero dar o braço a torcer para nenhum sentimento me vencer, mas, ao mesmo tempo, quero me testar para ter a certeza do que realmente sinto. Preciso ver Logan fora da delegacia. Preciso saber como ele vai agir sem a farda o impedindo. Preciso saber o que vou sentir estando próximo a ele.

Levanto-me e vou para o banho, sabendo que esta noite provavelmente será perdida por eu passar um bom tempo procurando o que vestir para amanhã.



Percebo que me arrependi de ter vindo quando encaro a fachada da boate. É uma boate de strip? Logan realmente reservou uma boate de strip para a despedida de solteiro de um homem do qual ele será padrinho de casamento?

Ele só pode estar de brincadeira.

Eu não sei nem por que me espanto.

Relutantemente entro, dando o nome de Andy Rivera na recepção, e sou instruído a seguir por um corredor para uma parte reservada da boate. A música é tão alta, que por pouco não sinto meus tímpanos estourarem. As luzes fortes piscam, deixando-me levemente tonto. Avisto um sofá em couro preto posicionado entre uma grade e vejo Dean em pé, tampando o restante do sofá.

— Ravi! — Ele se aproxima ao notar minha presença, dando-me um abraço e um beijo no rosto. — Que bom que você veio.

— Pois é, eu vim. — Sorrio para ele.

Olho por cima do ombro de Dean apenas para observar Logan e Rivera sentados no sofá. Rivera ainda não me viu, mas Logan me percebe assim que meus olhos caem sobre ele. Ele estreita os olhos na minha direção, mas os desvia tão rapidamente, que eu sinto meu coração se acelerar. Percebo ele negar sutilmente com a cabeça e eu engulo em seco, mas não me abalo. Em vez disso, desvio do corpo de Dean apenas para cumprimentar Andy.

— Andy — digo alto por causa da música, e ele finalmente me vê.

Meus olhos desviam dele por um instante para olhar para Logan. Percebo que ele balança um copo de uísque nos dedos enquanto o observa, sem levantar o olhar para mim. Andy se levanta e me dá um abraço.

— Oi, Ravi! — ele me cumprimenta, parecendo animado. — Fico feliz que tenha vindo.

Sorrio e meus olhos vão para Logan mais uma vez. Preciso parar de olhar, mas simplesmente não consigo. Desço meu olhar pelo seu corpo e percebo que ele está todo de preto, dos pés à cabeça.

— Theron! — digo, e ele finalmente ergue os olhos azuis em minha direção. Lanço a ele um aceno de cabeça.

— Baumer! — ele responde, também dando um aceno de cabeça.

Tento controlar o alvoroço que inunda meu peito quando Andy abre espaço para que eu me sente. Ele aponta para o espaço vago no sofá entre ele e Logan, e eu reluto, olhando em volta,

esperando algum sinal de desaprovação. Quando não obtenho nada, apenas me sento e percebo Logan se ajeitar de forma rígida. Por um instante, tenho a impressão de que ele vai se levantar, mas surpreendentemente ele permanece ao meu lado. Fico irritado pela minha hesitação e pelo meu constrangimento. Eu não deveria me sentir assim. Não quando foi ele quem saiu do meu apartamento daquele jeito. Não quando fiquei plantado esperando uma explicação que não surgiu. Não quando ele parece não se importar.

Pensando nisso, respiro profundamente e jogo meu cabelo propositalmente em seu rosto, fingindo estar suado. Ouço sua bufada exasperada e sorrio.

— Está calor aqui, não é? — comento, divertido. — Tanto tempo que não venho a uma boate, que me esqueci de como era.

— Eu também não me lembrava, Ravi — Andy me responde, sorrindo. — Não sabia nem como seria esta noite.

— Espanta-me que quem tenha organizado sua despedida tenha escolhido justo uma boate de strip, Andy. É bem ousado para quem está prestes a se casar.

Andy solta uma risada, e percebo o corpo de Logan se enrijecer ao lado do meu. Mordo o interior da bochecha, sabendo que estou conseguindo exatamente o que eu quero.

— Logan me enganou — Andy diz, bebericando a cerveja em sua mão e sorrindo em direção a Logan. — Até acho melhor que seja uma boate gay. Não há risco de nada acontecer, mesmo se eu ficar morto de bêbado. Eu preciso preservar meu casamento que ainda nem aconteceu.

Solto uma risada exageradamente alta, jogando meu cabelo mais uma vez no rosto de Logan, que mais uma vez bufa.

— Sorte da sua noiva. Eu já fui corno e sei bem como é passar por isso — eu digo alto e tão ironicamente que Logan se engasga com o uísque, começando a tossir desenfreadamente ao meu lado. Viro-me para ele, fazendo a minha melhor cara de cínico: — Theron, está tudo bem?

Ele me fuzila com os olhos azuis, e não consigo conter o sorriso vitorioso que brota sutilmente em meus lábios.

— Estou — ele responde rápido, limpando a garganta. — Estou bem.

Prendo uma risada e me viro para Andy.

— Como faço para pedir uma bebida? Estou doido para beber hoje.

— Daqui a pouco o garçom passa com uma bandeja, e você pode pegar com ele — é Dean quem me responde.

Levanto-me, fazendo questão de surrar a minha coxa na de Logan, e caminho, movendo meu corpo numa lentidão calculada até parar em frente a Dean, que está de costas para o sofá.

— Você está muito charmoso, Dean. Sabe o que dizem, um homem de preto enlouquece qualquer um.

Ergo o meu olhar apenas para ver os olhos de Logan fixos em mim. Sua mandíbula retraída entrega sua irritação, no entanto ele desvia o olhar rapidamente, olhando para o copo de uísque que repousa em sua mão antes de virar o conteúdo em sua boca numa golada só.

— Obrigado, Ravi — Dean responde, sorrindo. — Sobre você, eu não preciso nem dizer. Você é lindo. Sempre.

Minhas bochechas queimam, e eu sei que isso se dá ao fato de que eu nunca soube receber elogios. Sorrio de forma natural e avisto um garçom passar por nós. O chamo com a mão, e ele vem em minha direção. Não pretendo ficar bêbado, mas preciso de algo que me dê coragem. Para quê? Eu ainda não sei.

— Eu quero uma cerveja — digo, entregando a minha comanda para o garçom e pegando a minha cerveja. Ele anota na comanda e me devolve logo em seguida. — Obrigado!

Levo a cerveja aos lábios e percebo Logan me observar de soslaio. Meus lábios se contorcem no gargalo evitando um sorriso, mas apenas me viro, escorando-me na grade do andar mais elevado para mirar o palco. Vejo a área e percebo que alguns homens dançam ao centro. Todos estão sem camisas, com os peitorais completamente definidos sendo expostos. Alguns usam calças apertadas, outros, apenas cueca, e, mesmo de onde estou, consigo ver o contorno de tudo. De absolutamente tudo.

Começo a balançar o meu quadril de forma tímida conforme a música toca e olho por cima do ombro disfarçadamente somente para comprovar que os olhos de Logan estão em mim. Quando ele percebe que o peguei me olhando, ele desvia o olhar e ergue o quadril, ajeitando-se no sofá e virando-se para Andy, iniciando uma conversa.

Dou outra risada baixinha, e Dean me chama.

— Você está bem? — ele pergunta, olhando-me.

— Acho que nunca estive tão bem. Há muito tempo não me sentia assim — respondo com sinceridade. — Por quê?

— Você tem ficado distante. Na delegacia eu quase não o vejo mais — ele comenta. — Se precisar conversar, Ravi, se estiver passando por algo, quero que saiba que estou aqui.

— Obrigado, Dean. Eu realmente aprecio isso. — Levo a cerveja até a boca, dando um gole rápido. — Eu só estava tirando um tempo para mim, para analisar alguns aspectos da minha vida, mas prometo que não vou mais ficar distante. Eu já estou bem melhor.

Ele me lança uma piscadela e volta a olhar para a pista. Continuo dançando sutilmente até Andy nos chamar.

— Vamos fazer um brinde. Aos meus colegas de profissão e à minha noiva maravilhosa, que daqui alguns dias se tornará minha esposa. — Vejo que ele tem quatro doses de tequila na mão, segurando-as entre os dedos. Ele entrega uma a Dean, uma para mim e uma para Logan.

— À felicidade de vocês — Logan diz, e todos nós repetimos.

Erguemos os braços e fazemos um brinde no ar, virando a bebida logo em seguida. Por precaução, trouxe no bolso o bombom que Logan deixou hoje em minha mesa. Passar mal porque a minha glicose caiu eu não vou.

Ergo meu copo vazio e brindo com Andy. Quando ele coloca os copos nas pequenas mesas posicionadas no centro do sofá, eu me aproximo.

— Andy, eu queria perguntar... Você não chamou o Alec?

Alec não comentou nada comigo, e fiquei sem graça de perguntar a ele se viria, já que não sabia se Rivera o tinha convidado.

— Eu chamei, mas ele me disse que era comprometido e preferia não vir.

— Comprometido? — Olho para ele confuso. — Alec nunca me disse que tinha alguém.

— Ou então ele só dispensou meu convite. Vai saber. — Ele dá de ombros rindo, mas eu fico pensativo.

Será que Alec está pegando alguém da delegacia? Por isso não quer me contar? Fico refletindo sobre a possibilidade, mas sei que vou conversar com ele a respeito na segunda.

Volto para a grade e observo o show. Para minha sorte, não há nudez. Eu ficaria desconfortável se houvesse. São apenas homens gostosos e musculosos de sunga, dançando para um monte de homens que ficam olhando e desejando seus corpos. Qual a graça disso?

— Eu vou descer um pouco — Dean diz. — Quer ir?

— Não. — Nego com a cabeça. — Vou ficar por aqui mesmo.

Ele assente, e o observo seguir o corredor em direção à pista. Evito olhar para Logan e sei que ele está desconfortável com a minha presença. Mas eu não ligo. Também não presto atenção na conversa dele e de Andy, apenas fico olhando e reparando nas pessoas na pista de dança. "*Ready for it"* da Taylor Swift começa a tocar, e me questiono por que nunca vou a boates gays se são elas que tocam as melhores músicas. Mas aí me lembro que passei sete anos da minha vida preso em um relacionamento e descubro a minha resposta.

Fico animado e começo a dançar de novo. Tento não parecer tão desengonçado. Sei que Logan está sentado atrás de mim e pode ver meus movimentos. Não preciso de um "*elogio*" sobre as minhas danças também.

Rebolo sugestivo, balançando meus quadris de um lado para o outro enquanto canto e jogo o cabelo para o lado.

— *No one has to know... In the middle of the night in my dreams, you should see the things we do, baby* — canto o refrão propositalmente alto enquanto rebolo o quadril, jogando o meu cabelo para trás.

— Logan? — ouço a voz abafada de Rivera atrás de mim. — Você está prestando atenção?

— Estou. — Logan pigarreia. — Estou prestando atenção.

Solto uma risada baixa e, quando a música acaba, viro-me e volto a me sentar no sofá, desta vez ao lado de Rivera. Mantenho os olhos na pista enquanto eles conversam. Não quero interromper. Não sei como me incluir, então apenas permaneço em silêncio e passo um bom tempo com os olhos fixos na pista.

Contudo, meus olhos são atraídos para o sofá quando observo um homem que estava a poucos metros de nós se aproximar de Logan e quase se debruçar assanhadamente sobre o corpo dele. Meu rosto queima, e eu desvio o olhar. Agradeço mentalmente por Andy estar entre nós e finjo não prestar atenção, levando a cerveja até a boca.

— Estou o observando há um tempo — o homem diz, e eu reviro os olhos. — Queria saber se você quer dançar essa música comigo.

Observo o rosto de Logan se contorcer em um sorriso, e, sem pestanejar, ele se levanta do sofá. Ele é tão fácil assim?

Estreito meus olhos em direção aos dois e engulo em seco quando observo a mão precisa de Logan viajar para cintura do homem. Meu rosto queima, e eu desvio o olhar, levando a cerveja até a boca.

Não consigo manter meus olhos distantes por muito tempo enquanto os dois praticamente se esfregam de forma depravada a poucos metros de mim. Sinto meu peito queimar quando Logan me encara ao descer a mão para o quadril alheio. Meu rosto flameja, e viro o restante do conteúdo da cerveja na boca, ainda com os olhos fixos nos dele.

Logan parece se divertir ao ver meu olhar preso a ele. Por esse motivo, relutantemente, o desvio, não dando brechas para ele

pensar qualquer coisa a respeito de mim. Quando a música acaba, sinto meu peito gelar e não sei qual vai ser a minha reação caso ele o beije em minha frente.

Não gosto de Logan, mas me sinto estranho. Ele me beijou há apenas alguns dias, e essa sensação de rejeição ainda está presente em mim, por mais que eu odeio senti-la.

Olho de soslaio disfarçadamente e observo que o homem praticamente se joga em Logan, rindo alto e se agarrando a ele como se ele fosse uma espécie de campo magnético. Logan, no entanto, pega delicadamente os pulsos do homem que estão espalmados em seu peito e sorri de forma charmosa.

É agora que eles vão se beijar. Que nojo!

Por algum maldito motivo, meu peito começa a subir e descer rapidamente, com a minha respiração completamente acelerada, e não consigo deixar de prestar atenção. Tento disfarçar, mas ouço quando Logan diz:

— Agradeço o interesse, querido. — Ele afasta os pulsos do homem. — Mas era só uma dança. Estou interessado em outra pessoa.

Engasgo com a minha própria saliva e começo a tossir. Sinto o olhar de Logan me queimar, sabendo que eu escutei o que ele acabou de dizer, mas me levanto rápido, não dando espaço para perguntas e suposições. Caminho pelo corredor em direção à pista e começo a pensar.

Então deve ser isso. Ele deve estar interessado em outro, por isso saiu daquela forma, por isso se arrependeu de me beijar, por isso recusou as investidas daquele homem.

Fico agoniado de curiosidade em saber por quem Logan está interessado, mas sei que não é ninguém da delegacia, ou pelo menos ele não deixa tão na cara assim. Sinto meu rosto queimar e vou até o bar. Inclino-me no balcão e chamo um dos bartenders.

— Oi, será que você pode me fazer um favor? — eu peço quando ele se aproxima.

— Pois não?

— Eu preciso de água. Só que eu quero que você coloque em copos para doses de vodca — falo, e o garçom me olha estranho.

— Você quer que eu lhe dê copos de vodca com água, é isso?

— Sim — assinto. — Dois, se possível.

O garçom me olha como se eu fosse imbecil, mas concorda, entregando-me dois copos de vodca cheios de água. Eu os pego, sorrindo, e faço um esforço para não derramar nem uma gota à medida que volto para área reservada por Andy. Percebo que mais três policiais da delegacia chegaram e estão conversando sentados nos bancos posicionados ao lado do sofá. Caminho devagar pelo corredor até os olhos de Logan me encontrarem.

Hora do show…

Com os olhos presos aos dele, observando as luzes da boate transitarem em seu rosto, eu viro o primeiro copo na boca, ainda andando. Deixo o copo vazio em uma das mesas e faço uma careta falsa. Ele me olha, franzindo as sobrancelhas, e logo em seguida eu viro o outro. Logan se levanta rapidamente, com o maxilar travado, e caminha rapidamente até mim, caindo como um patinho.

— Isso é vodca? — Ele puxa o copo da minha mão rapidamente. — Caralho, Ravi, que porra você está fazendo?

— Ah, meu pai voltou — reviro os olhos, puxando o copo da mão dele antes que ele cheire. — Dá um tempo, Logan! Eu sou crescido.

Ele me encara com os olhos firmes, e eu estremeço, mas lembro que era exatamente isso que eu queria.

— Você simplesmente caga para a sua saúde, não é?! Ou seu único neurônio bom parou de funcionar. Só pode! — ele diz, travando o maxilar. — A última vez que você bebeu, você lembra o que aconteceu. E você vai e repete?! Sinceramente, Ravi…

— Blá, blá, blá, chato para caralho! — Reviro os olhos, e ele me fuzila com o olhar.

Isso, Logan, extravase seus sentimentos.

— Eu vou levá-lo em casa! — ele afirma em tom sério, e eu solto uma risada, aproximando-me do corpo dele. Ele engole em seco, e eu olho no fundo dos seus olhos azuis, sentindo todo meu corpo esquentar.

— Olhe aqui, delegado Theron. Você não manda em mim. — Aponto o indicador em seu peito, deslizando-o por sua camisa. — E não aja como se você se importasse, porque eu sei que você não se importa.

Vamos, Logan, caia e me demonstre verdadeiramente como se sente.

Ele estreita os olhos, mordendo o interior da bochecha.

— O que você quer, Ravi? — Ele dá um passo em minha direção, e eu congelo. — O que você quer?

Seu corpo fica perigosamente próximo ao meu, e eu seguro a respiração por um instante. Não consigo desviar meus olhos dos dele.

— Não sei nem porque você está se dando o trabalho de falar comigo. Faça como faz sempre na delegacia e apenas finja que eu não existo.

Desvio do seu corpo e ameaço sair de perto dele, mas seus dedos firmes viajam até a minha cintura, e ele me segura, fazendo-me voltar exatamente para o lugar onde eu estava. Meu coração acelera, mas tento não demonstrar.

— O que você pensa que está fazendo? — Ele trava o maxilar, com as mãos pousadas em minha cintura.

— Estou me divertindo! Foi para isso que eu vim.

— Entupindo-se de vodca? — ele pergunta, parecendo irritado. — É assim que pretende se divertir? O que pretende, Ravi?

Sorrio para ele e mordo os lábios.

— O que eu pretendo, delegado Theron? — sussurro com a voz sedutora e observo seu pomo de adão subir e descer. Seus olhos permanecem cravados nos meus quando me aproximo ainda mais apenas para sussurrar: — Eu acho que pretendo ficar bêbado. Então eu vou beber mais duas doses de vodca.

Viro-me e volto a caminhar pelo corredor que dá acesso à pista, mas sinto dedos em meu pulso, puxando-me para trás. Logan me arrasta até a parede do corredor e me pressiona de maneira firme, segurando meu corpo no meio de suas pernas. Seus olhos furiosos pousam nos meus, e vejo sua mandíbula se retrair. Engulo em seco e fico paraliso por um instante. Seu corpo está colado no meu, e não sei se consigo disfarçar o meu desejo.

— Eu vou levá-lo para casa — ele diz entredentes, próximo demais ao meu rosto. — Você não sabe beber, e eu não vou arriscar que você tenha outra crise aqui.

Algumas pessoas passam por nós, mas eu não me importo. Para mim, agora, só existimos nós dois entre as luzes.

— Acho que corredores é uma coisa nossa… — sussurro, sorrindo. — E acho que não vou a lugar algum com você.

— Ravi, por favor… — ele fecha os olhos com força antes de abri-los novamente e me olhar. — Vamos poupar o trabalho.

Seu corpo está tão perto, que o meu ameaça dar sinais. Meu peito sobe e desce de forma rápida, e minha respiração acelerada colide diretamente com seu rosto.

Não se entregue, Ravi. Não agora.

— Você não deveria vir a uma boate se está interessado em alguém, sabia?! — insinuo sério, e ele me observa. — Acho que você deveria passar mais tempo investindo na pessoa do seu interesse em vez de ficar se esfregando na pista com qualquer um.

Logan solta uma risada baixa e nega com a cabeça. Seu braço sobe, e ele espalma a mão na parede, próximo à minha cabeça. Engulo em seco, mas tento controlar a minha respiração.

— Então você ouviu. — Um sorriso cafajeste brota em seus lábios, e eu não consigo responder. — Pois saiba que eu disse aquilo apenas para me livrar dele.

— Então você não está interessado em ninguém? — Ergo uma sobrancelha, e seus olhos passeiam pelo meu rosto.

— Na verdade, eu estou.

— Quem? — Não consigo segurar a minha boca.

— Não lhe interessa — ele responde, sorrindo.

— Se eu estou perguntando, acho que é sim do meu interesse — retruco rápido. — Quem é o azarento, pobre coitado?

Logan solta uma risada baixa e se afasta levemente de mim, tirando a mão da parede.

— Além de não ser da sua conta, não faz diferença. Eu não posso tê-lo — ele sussurra, e meu rosto queima.

Sinto uma raiva me invadir e pressiono os lábios para que eles não tremam.

— Por que não pode tê-lo?

— Porque não — ele retruca rapidamente.

— Então foi por isso que me beijou? — questiono, sentindo minhas bochechas queimarem. Logan não me responde, então insisto: — Por que me beijou aquele dia, Logan?

Seus olhos permanecem nos meus, encarando-me. Seu lábio treme, e percebo certa hesitação.

— Onde você quer chegar com isso, Ravi?

— Quero saber por que me beijou. Só isso — digo, sentindo minha voz querendo tremelicar, mas me recomponho de prontidão. — Consegue ser sincero e me dar uma resposta?

Ele pondera e desvia os olhos dos meus para fitar o chão. Soltando um suspiro exasperado, ele volta a erguer o olhar para mim.

— Porque eu quis — ele responde simplesmente.

Tento buscar algum traço de mentira em seu rosto, mas não consigo achar. Engulo em seco enquanto seus olhos permanecem nos meus. Meu rosto inteiro ferve, mas eu preciso saber.

Eu preciso sentir de novo.

Eu preciso confirmar os meus sentimentos para depois saber o que farei com eles.

Eu preciso saber se, mesmo interessado em outra pessoa, ele sente algo por mim.

Fecho os olhos com força e solto uma respiração pesada antes de abri-los novamente e olhar para ele.

— Então me beije de novo — peço baixinho e noto o corpo de Logan se enrijecer no mesmo instante.

— Ravi — ele praticamente geme meu nome enquanto me devora com o olhar —, não faça isso comigo.

— Por que você está tão relutante, Logan? — Ergo uma sobrancelha, mas me mantenho sério, apesar de todas as borboletas que estão voando em minha barriga neste momento. — É apenas um beijo, não é como se fosse importante.

— Para mim é, cacete — ele explode, com a voz mais alta. — Se eu tocá-lo mais uma vez, eu nunca…

Ele não termina e deixa a frase no ar, passando a mão pela testa, negando com a cabeça. Percebo a sua hesitação e parto para o ataque.

— Beije-me, Logan — sussurro, puxando-o delicadamente para mais perto de mim pela borda da camisa. Ele me encara, e percebo sua respiração ficar pesada. — Beije-me daquele jeito que você me beijou na minha casa. Tire-me o fôlego como você me tirou naquele dia. Eu juro que amanhã esqueço de tudo, mas, por favor, só me beije agora.

— Ravi — ele diz meu nome sussurrando como se estivesse sofrendo —, você está bêbado. Você não sabe o que está fazen...

Não espero ele terminar a frase e eu o puxo pela nuca fazendo nossas bocas colidirem. É só um encostar de lábios, mas é o suficiente para fazer meu coração acelerar. Logan ainda parece completamente relutante, então, afasto minimamente os lábios só para sussurrar em sua boca:

— Beije-me, delegado!

Logan solta um gemido entre meus lábios e hesita por um instante antes de enfiar a mão na minha nuca, puxando o meu cabelo fortemente, antes de procurar a minha boca e me beijar.

Meu estômago gela, e todos os pelos do meu corpo se arrepiam quando sinto sua língua tocar a minha. É ainda melhor do

que o primeiro beijo. Sinto o gosto de uísque brincar em sua boca enquanto ele me pressiona na parede, como se precisasse me beijar com o corpo inteiro.

Ele morde meu lábio inferior, puxando-o de leve, e eu arfo completamente entregue em sua boca. Ele separa nossos lábios apenas para descê-los distribuindo beijos molhados e preguiçosos por minha mandíbula até encontrar meu pescoço, onde ele passa a barba por fazer em minha pele. Eu preciso me segurar nele para não cair. Seguro seus ombros com força e jogo a cabeça levemente para trás. Estou ofegante e tão excitado, que poderia facilmente gozar somente com seus beijos.

Sua língua passeia pelo meu pescoço, chupando a minha pele com força, e eu gemo. Ele sobe os beijos até encontrar a minha boca de novo e me beija com ainda mais vontade. Seu corpo quente está grudado ao meu, e eu tenho uma vontade incontrolável de tirar a minha roupa.

Estou completamente inebriado, e ele me beija por um bom tempo antes de separar as nossas bocas. Quando ele se afasta minimamente, solto um suspiro alto e meus pulmões buscam por ar.

Ele encosta a testa na minha, pressionando os dedos em minha cintura, e solta uma respiração pesada, que colide diretamente com o meu rosto.

— Porra, Ravi, não faça isso — ele ofega baixinho. — Não faça isso comigo, cacete.

Seu corpo ainda está colado no meu, sua testa na minha. Sinto sua respiração rápida bater diretamente na minha boca, mas estou extasiado demais para me mover. Ele se afasta minimamente, olhando-me nos olhos, e eu não resisto.

— Eu quero beijá-lo de novo — sussurro, ignorando completamente a sua fala.

Não dou espaço para recusas e sou eu quem o puxa pela nuca desta vez, colando as nossas bocas novamente.

A boca de Logan é o pecado do qual eu quero me inundar, entregando-me, dissolvendo-me. Seu cheiro, seu gosto e suas mãos apertando meu corpo com tanta precisão me fazem perceber o

quanto estou excitado. Esqueço-me de todos os acontecimentos das nossas vidas e só quero mergulhar nele: em seus lábios, em seu corpo, em sua existência.

Por esta noite, eu quero Logan Theron.

Não me importo com quem passa, se alguém da delegacia está nos vendo; não me importo que haja burburinhos sobre nós dois na segunda-feira. Hoje, só por hoje, eu o quero por completo.

Quando nossas bocas anseiam por ar, exaustas, inchadas, dormentes, ele se afasta minimamente e me olha nos olhos.

— Eu vou levá-lo para casa — ele sussurra, puxando-me pelo pulso, e desta vez, eu não reluto.

Não sei o que ele quer dizer com isso e se vai acontecer algo a mais entre nós, mas meu corpo está sob seu comando, eu só me deixo ser guiado. Ele solta meu pulso apenas para entrelaçar os dedos nos meus, fazendo meu coração parar pelo seu gesto.

Não se importando em se despedir de Andy, ele simplesmente me guia até a saída. Suas mãos ágeis procuram pela minha comanda no bolso de trás da minha calça, e ele a paga, juntamente com a dele. Torço para que ele não tenha percebido que não há duas doses de vodca anotadas nela, mas seu atordoamento parece não o fazer notar.

Entro em seu carro, sabendo que estou completamente sóbrio, apesar da cerveja e da dose de tequila.

Permanecemos o caminho inteiro em silêncio. Apoio a cabeça no encosto do banco e observo seu perfil. Suas mãos apertam tanto o volante, que os nós de seus dedos ficam esbranquiçados. Suas sobrancelhas estão franzidas como se ele estivesse em conflito interno. Não digo nada, apenas observo ele dirigir e fico com tesão pela maneira como ele gira o volante com uma mão só. Preciso morder os meus lábios para não deixar escapar nenhum som da minha garganta.

Percebo o quanto estou sendo inconsequente, mas hoje, só hoje, não quero pensar em nada.

Quando estaciona, ele sai do carro sem me olhar, dá a volta e abre a minha porta. Ele pega a minha mão enquanto me arrasta

para dentro do prédio, como se eu fosse um menino birrento que não quer fazer as coisas.

Finjo estar bêbado quando abro a porta, e ele me guia até o meu quarto, sentando-me na cama antes de ir até a cozinha. Ouço ele abrir a geladeira e voltar segundos depois com uma jarra de água e um pedaço de bolo em mãos. Ele para em minha frente e me entrega o prato.

— Coma! — ele ordena, e eu pressiono os lábios segurando uma risada.

Pego o bolo e dou uma mordida, olhando para ele.

— Satisfeito? — pergunto de boca cheia, erguendo a sobrancelha.

— Muito — ele diz sério, observando-me mastigar. — Coma tudo!

Reviro os olhos e, quando termino de comer, ele posiciona a jarra em minha frente. Pego-a de sua mão e dou um gole. Logan então se ajoelha em minha frente, levantando a minha perna enquanto deixo o prato e a jarra em minha mesa de canto. Ele tira uma bota com cuidado e logo em seguida a outra, para então me deitar na cama e se sentar ao meu lado e me cobrindo.

— Tente dormir — ele diz sério. — Eu vou trancar a porta e passar a chave por baixo.

Pressiono os lábios quando ele me encara parecendo relutante demais em ir embora.

— Não vai nem me dar um beijinho de boa noite, delegado? — Faço um biquinho, e ele suspira pesado.

— Puta merda, Ravi — ele sibila, mas consigo ver o movimento de seus lábios.

— Se for tanto sacrifício assim, não precisa… — Não termino a frase, porque ele se inclina e roça os lábios no meus com delicadeza.

Sua mão delicada vai até o meu rosto, fazendo um carinho, e eu estremeço. É apenas um toque de lábios, mas é o bastante para me fazer sair de órbita.

— Boa noite, Ravi — ele diz ao se afastar minimamente, olhando-me nos olhos.

— Eu quero mais um beijinho.

Ele solta uma risada baixinha e se inclina, dando-me outro beijo. Não é um beijo profundo, ele apenas parece desfrutar dos meus lábios com calma e com adoração. Não contenho o suspiro quando ele se afasta e me encara mais uma vez.

Observo ele passar o olhar por todo o meu rosto, deslizando os dedos por minha bochecha.

— Para você, fora do trabalho, é florzinha — digo baixinho, e ele solta outra risada, negando com a cabeça.

— Boa noite então, florzinha — ele me lança um sorriso antes de se levantar.

Quero pedir que ele fique, mas não sei o que poderia surgir disso. Então, prefiro não dizer nada. Observo ele sair do meu quarto e ouço a porta se fechar instantes depois, com o barulho da chave escorregando no piso.

Meu coração está tão acelerado, que me viro de bruços e grito em meu travesseiro, dando soquinhos sobre o colchão.

Sinto meu celular vibrar no meu bolso instantes depois e me viro, sentando-me na cama. Meu coração quase para ao ver o nome de Logan na tela. Tento regular a minha respiração e atendo:

— Alô.

— Estou com meu celular ligado. Se precisar de mim, telefone — ele diz simplesmente e desliga.

Jogo-me na cama e, pela primeira vez em muito tempo, eu fecho os olhos para dormir com um sorriso idiota e incontrolável brotando em meus lábios.

Capítulo 21

Entro no consultório do Dr. Antony já sabendo que ele provavelmente vai me dar um sermão por ter faltado à última sessão. Fico esperando que ele me repreenda, mas, para a minha surpresa, ele me lança um sorriso terno assim que me vê.

— Boa tarde, Ravi — ele diz com a voz calma de sempre e aponta para a poltrona em sua frente. — Eu senti sua falta esta semana. Por favor, sente-se.

Ajeito-me na poltrona de veludo e batuco os dedos nervosos em minhas coxas. Mordo o lábio, sentindo uma ansiedade começar a brotar em mim, e tento me explicar antes que ele possa dizer qualquer coisa.

— Eu tirei um tempo para absorver algumas coisas, por isso faltei — confesso. — Mas eu liguei para saber se o senhor atendia aos sábados, porque eu precisava muito conversar.

Ele me lança um sorriso compressivo.

— É bom saber que você está mergulhando em si mesmo, Ravi — ele diz, ajeitando os óculos redondos enquanto cruza as pernas. — Sobre o que quer conversar? Aconteceu alguma coisa?

— Aconteceu. Na verdade, aconteceram várias coisas.

— Você gostaria de me contar? — ele pergunta, e eu balanço a cabeça rapidamente.

— Bem, primeiro eu queria dizer que, depois da nossa última sessão, eu percebi que não estava sendo honesto com meus sentimentos. Eu parei de sair com Dean, quis dizer a ele que não estávamos na mesma sintonia antes que ele pudesse se envolver de forma mais profunda comigo — começo dizendo, e Dr. Antony

me encara, parecendo prestar atenção. — Porém, no dia que eu ia dizer isso a ele, eu vi Aron, e ele me viu acompanhado de Dean.

— E o que você sentiu ao vê-lo, Ravi? — ele pergunta, franzindo as sobrancelhas levemente.

— Terror — assumo com a voz trêmula. — E ficou ainda pior depois do que ele fez.

— E o que ele fez?

— Ele invadiu o meu apartamento e quebrou todas os nossos presentes de casamento. Ele praticamente destruiu tudo.

Dr. Antony me encara com o semblante fechado e nega com a cabeça brevemente.

— Isso é muito sério! Isso deixou de ser um remorso velado e passou a ser uma ameaça concreta. Você tomou alguma providência?

Assinto rapidamente.

— Logan me ajudou. Ele fez um boletim de ocorrência e solicitou uma ordem de restrição, além de trocar a fechadura da minha porta.

— E você acha que ele voltará a ameaçá-lo?

— Acho que não. Aron sempre teve medo da lei. Acho que, no fundo, ele fez isso de cabeça quente, no momento da raiva. Mas eu espero, do fundo do meu coração, que ele não volte a me importunar mais.

— Fico aliviado por você ter tomado as devidas providências. E, se você se sentir ameaçado, Ravi, não hesite em pedir ajuda.

Concordo com a cabeça e fico calado por um instante, engolindo em seco. Dr. Antony parece me avaliar e perceber a minha inquietude.

— Aconteceu mais alguma coisa? — ele finalmente pergunta.

Sinto um nó começar a se formar em minha garganta quando eu assinto, mas preciso dizer. Preciso contar a ele. Preciso que isso saia de mim antes que eu exploda. Ele me encara, parecendo aguardar a minha resposta pacientemente.

— Aconteceu que… aconteceu… Eu não sei… aconteceu… — tento falar, mas as palavras parecem estar presas.

Dr. Antony me cede um sorriso terno de acalento.

— Você pode me falar o que está sentindo, Ravi. Você pode me dizer o que quiser. Eu estou aqui para ouvi-lo e entendê-lo da melhor forma possível.

Fecho os olhos rápido e me levanto, começando a andar de um lado para o outro no consultório. Dr. Antony nem se surpreende, ele já me conhece bem e parece estar acostumado com meus ataques de inquietude. Ele apenas permanece me encarando, esperando pelo que tenho a dizer.

Ah, que merda!

— Eu gosto dele — praticamente grito ao me virar e me espanto com o peso das palavras que saem da minha boca. Sinto meus olhos arderem, mas eu tento me manter firme. — Eu gosto dele. Eu gosto dele. Eu… gosto… dele.

Repito várias vezes, e é como se cada vez que eu dissesse comprovasse mais um pouco a veracidade.

Eu gosto do Logan.

Olho para o Dr. Antony, implorando por qualquer coisa. Qualquer palavra. Qualquer conselho. Qualquer alívio.

— Eu sei que chegaria esse momento, Ravi. Você já gostava dele, você estava apenas em negação — ele constata, tentando me confortar. Mas não me conforta, pelo contrário, isso me causa pânico.

Eu permaneço em pé e levo as mãos para o meu cabelo, olhando para o teto e soltando um longo suspiro.

— Eu odeio saber que eu gosto dele. Eu odeio sentir isso. Eu odeio o fato de que, de todas as pessoas desse mundo, meu coração decide bater forte por ele. Por ele e só por ele. — Tento recuperar o fôlego. — Eu odeio que ele me toque, porque não consigo pedir para parar. Eu odeio quando ele me beija, porque sua boca é a coisa mais maravilhosa que eu já provei. Odeio o fato de não conseguir parar de tremer quando estou perto dele. E odeio a porra das borboletas que ficam me invadindo quando ele aparece.

Odeio o cheiro dele, porque fica impregnado em mim. Odeio ele de farda, porque é a minha perdição. Odeio o jeito que ele cuida de mim. Odeio que ele me chame de florzinha, mas quase choro toda vez que ele me chama assim. Eu odeio como ele sempre me salva. Odeio Coca-Cola, porque sempre vou me lembrar dele quando ver ou tomar uma. Odeio corredores. Odeio bombons, porque fico ansioso quando chego na minha sala e procuro por um no meu teclado. Odeio que a vida tenha me testado assim. Odeio o fato de ter conhecido ele da maneira errada. Odeio a voz autoritária dele. Odeio quando ele fala do meu cabelo. Odeio quando ele cruza os braços em frente ao peito. Odeio tudo. Tudo, tudo, tudo. Mas odeio principalmente estar me apaixonando perdidamente por ele e por todas essas coisas que eu quero tanto odiar.

Assim que as palavras jogadas saem da minha boca, eu suspiro alto, como se um peso tivesse acabado de sair dos meus ombros. Olho para o Dr. Antony, mas como sempre, seu semblante é neutro.

— Acabou? — ele pergunta calmamente.

— Sim — digo emburrado, sentindo minhas bochechas esquentarem.

— Ótimo. Agora sente-se, por favor. — Ele aponta para a poltrona, e eu me sento com os braços cruzados em frente ao peito. Merda. Até essa mania eu peguei de Logan. Descruzo-os rapidamente, apoiando as mãos no braço da poltrona enquanto Dr. Antony parece me analisar. — Fico feliz que tenha desabafado, Ravi. Gostei da maneira como se expressou com clareza sobre como se sente. Há um tempo você me disse que não sabia o que sentia, e agora você parece saber.

— Ok — digo, apreensivo. — E o que eu faço com isso agora? O que eu faço com essa informação?

— Como você acha que ele se sente a respeito disso? — ele indaga.

— Ele não sabe — respondo rápido, mas paro para pensar. — Pelo menos eu acho que não.

— E você quer contar a ele?

— Não! — exclamo, arregalando os olhos. — O senhor ficou doido? — Pigarreio e estremeço, envergonhado. — Desculpe, Dr. Antony, não quis chamar o senhor de doido.

Ele solta uma risada baixa.

— Tudo bem, Ravi. Não se preocupe.

— É que eu não quero que ele saiba, porque sei que não é recíproco. — Sinto meu coração se apertar. — E eu tenho medo de que ele desdenhe de mim se um dia souber dos meus sentimentos. Logan é sincero, tão sincero, que às vezes chega a ser um pouco cruel, e eu não sei se eu suportaria a verdade dele a respeito disso.

— Tome o seu tempo, Ravi. Aperfeiçoe seu autoconhecimento. Quem sabe um dia você estará pronto para compartilhar isso com ele.

Quem sabe...

— E o que eu faço até lá? — pergunto, receoso.

— Você vive, Ravi — ele diz. — Você vive um dia de cada vez.



Chego à delegacia na segunda-feira, tendo a sensação de que meu coração pode sair pela boca a qualquer momento. Depois que admiti gostar de Logan, as coisas parecem ter mudado. Ainda sinto certa relutância a respeito dele, mas agora acho que estou finalmente desvinculando ele do Logan que conheci meses atrás.

Tenho medo de que ele perceba que eu gosto dele, e, só de pensar nessa possibilidade, meu coração se acelera. Eu só preciso manter a calma e não permitir que eu mesmo me denuncie.

Ele não está na delegacia, mas, milagrosamente, o bombom está sobre a minha mesa. Questiono-me em que horário ele faz isso. Eu nunca me atraso e tem dias que eu chego com antecedência, mas o bombom sempre está aqui.

No horário de almoço, encontro-me com Alec no restaurante. Ele me olha enquanto me sento em sua frente e franzo as sobrancelhas, esperando que ele comece uma conversa.

Para minha sorte, ele pergunta exatamente o que eu queria escutar.

— Como foi a despedida do Rivera?

Ótimo, agora é só jogar verde.

— Foi ótima. — Pigarreio, lembrando-me do porquê de ter sido ótima, e meu corpo esquenta pelo pensamento. Balanço a cabeça, recompondo-me e olho para Alec. — Por que você não foi?

Ele desvia o olhar e coça a nuca. Ordinário.

— Eu tive um imprevisto. — Sua voz tremelica um pouco.

— Imprevisto meu pau — rebato tão rápido e tão alto, que nem percebo que a garçonete está parada em frente à nossa mesa, com os olhos arregalados. Limpo a garganta e olho para ela, sem graça. — Desculpe-me, moça. Eu vou querer um do dia.

— Eu também — Alec diz logo em seguida. Ela assente, anotando os pedidos, e sai logo em seguida. Alec me olha, franzindo as sobrancelhas. — O que foi isso?

— Imprevisto, né?! — Estreito os olhos. — Engraçado... O Rivera me disse que você falou para ele que era comprometido, por isso não foi.

O semblante de Alec vacila, mas eu continuo encarando-o.

— É… — ele limpa a garganta. — Eu estou saindo com um carinha.

— Quem? — pergunto, erguendo uma sobrancelha.

— Eu não posso contar agora. A pessoa me pediu para não contar, porque ainda estamos nos conhecendo — ele se explica, mas eu não cedo, permaneço com os olhos fixos nele. — Qual é, Ravi? Eu posso ter os meus segredos.

— É da delegacia?

— Não, não é. — Um sorriso ameaça brotar em seus lábios, e eu estreito ainda mais os olhos.

— Você está saindo com o Dean? — indago e observo os olhos de Alec se arregalarem.

— Com o Dean? — Ele solta uma gargalhada alta e nega com a cabeça. — Se eu estivesse com ele, por que eu deixaria de ir à despedida, se ele também estava lá?

— É... Verdade — concordo após parar para analisar. Eu sou meio lerdo para essas coisas. — Quando é que vai poder contar sobre o seu amante secreto?

— Do jeito que estão indo as coisas? — Ele sorri. — Logo!

A garçonete volta com os nossos pratos, e eu desisto da conversa, pelo menos por enquanto. Ela posiciona a Coca na minha frente, e eu não me contenho em sorrir.

Eu nunca mais verei uma Coca da mesma forma. Eu sempre vou me lembrar de Logan.



Quando estou desligando o computador para ir embora, observo de soslaio um corpo se aproximando da minha porta. Minha sala é inundada pelo perfume de Logan, e meu peito gela.

— Ravi? — ele me chama baixo, e eu ergo o olhar apenas para me deparar com ele escorado no batente da minha porta, com os braços cruzados, exalando toda a sua exuberância.

Tento prender a respiração para disfarçar os efeitos que ele me causa.

— Sim? — Tento parecer indiferente, mesmo com seus olhos azuis cravados em mim.

— Os gatinhos estão liberados — ele diz, e eu ergo as sobrancelhas, dando um sorriso. — Eu vou buscar o Fred agora. Você quer ir comigo?

— Claro — respondo entusiasmado e percebo que ele não está tão sério como de costume. Suas sobrancelhas não se franzem

uma vez sequer desde que ele entrou em minha sala.

— Podemos passar no pet shop antes, para você comprar o que precisa.

— Tudo bem — digo animado e, por um instante, esqueço da noite de sexta-feira.

— Eu estou de carro. — Ele desencosta do batente e parece relaxar o corpo. — Você pode deixar o seu aqui. Eu o trago para pegá-lo quando terminarmos.

— Certo. Só vou finalizar aqui e encontro você no estacionamento.

Ele acena com a cabeça e sai da minha sala.

Ele não insinuou nada. Ele não mencionou nada. Não disse nada sobre a noite de sexta. E, sinceramente, não sei se sinto alívio ou pesar por isso.

Tento regular meu coração ao terminar de organizar as minhas coisas e vou atrás dele.

Quando entro no estacionamento, percebo-o escorado na porta do passageiro enquanto olha o movimento da rua. E eu só consigo pedir força ao universo para sobreviver a mais um momento de tentação.

Quando me vê, ele dá um leve sorriso e inclina o corpo apenas para abrir a porta para mim. Meu coração não para de errar batidas. Entro no carro, fingindo não sentir absolutamente nada, mesmo sentindo absolutamente tudo.

No caminho, ficamos em silêncio, mas desta vez não é constrangedor, é confortável. Quando chegamos ao pet shop, eu compro tudo de que preciso: areia e a caixinha, ração, petiscos, sachês, alguns brinquedos, uma caixinha de transporte.

Logan me ajuda a escolher tudo e, por incrível que pareça, ele não me insulta uma vez sequer enquanto demoro para escolher as coisas. Ele até me lança um sorriso contido vez ou outra.

Quando termino de pegar tudo, ele me acompanha até o caixa. Eu tiro a carteira do bolso para pagar, mas sinto sua mão na minha, impedindo-me.

— Eu vou pagar a primeira compra do Jorge, em agradecimento por você ter adotado ele. — Ele diz soltando a minha mão e tirando a própria carteira do bolso.

— Não precisa. Eu não quero ficar lhe devendo — insisto, mas ele me corta.

— A única coisa que você precisa me pagar são as duas doses de vodca na sua comanda de sexta — ele me lança um olhar sério, estreitando de leve os olhos, e eu estremeço.

Será que ele reparou? Será que ele notou que não havia duas doses anotadas na minha comanda? Meu coração se acelera, mas eu tento disfarçar.

— Na próxima eu pago — retruco rápido, disfarçando.

Ele concorda com a cabeça e morde os lábios de leve, evitando um possível sorriso.

Não pergunto nada, não digo nada, só permaneço calado, pegando algumas sacolas enquanto ele carrega as outras.

Quando chegamos à clínica, Logan cumprimenta os funcionários, e eu faço o mesmo. Uma das recepcionistas nos leva até uma sala de atendimento, nos pedindo para esperar que a veterinária vai trazê-los para nós em um instante. Ela fecha a porta e nos deixa sozinhos.

Eu me viro de costas para ele, fingindo olhar em volta enquanto batuco os dedos de forma nervosa na calça. Não quero dar abertura para que ele mencione nada, não quero que ele toque no assunto, mas para o meu alívio, ele parece estar evitando tanto quanto eu.

A porta se abre, e a veterinária entra, carregando uma caixinha de transporte. Fico animado na hora que ela a coloca sobre a mesa.

— Boa noite, senhores — ela diz, simpática, e nós dois respondemos um "boa noite". — Este é o pretinho, ceguinho de um olho. Vou buscar o branquinho e já volto.

Ela sai, e eu vou até a mesa, abrindo a caixinha devagar. Jorge parece assustado, mas eu o pego com cuidado.

Ele ainda parece filhote e não me arranha.

— Oi, meu amorzinho. Eu sou o seu papai, Ravi — falo, colocando-o no colo enquanto faço um carinho em seu pelo sedoso. — Sei que um dos seus olhinhos não funciona bem, mas é só um charminho seu. Você continua sendo a coisa mais linda deste mundo.

Percebo o olhar de Logan sobre mim, e, quando levanto o meu olhar para ele, ele o desvia para Jorge.

— Você sabe dar carinho? Meu Deus! Que coisa, não?! — ele zomba, pressionando os lábios enquanto acaricia a cabeça de Jorge.

— Oi? Não consegui ouvir. Você latiu alguma coisa aí?

Ele solta uma risada gostosa e nega com a cabeça.

— Oi, amiguinho. — Sua voz soa doce enquanto ele acaricia Jorge, e eu quase me derreto.

A porta se abre, e a veterinária entra novamente, segurando outra caixinha.

— Este é o branquinho sem o rabo. — Ela posiciona a caixinha na mesa. — Eu preciso atender agora, mas fiquem à vontade. É bem raro adotarem dois gatos ao mesmo tempo. Eu fico muito feliz que o casal tenha adotado os dois em conjunto.

Logan pigarreia, e eu arregalo os olhos.

— Não somos um casal — falamos ao mesmo tempo, e ela leva a mão ao peito rapidamente, parecendo constrangida.

— Oh, desculpe-me! — ela diz, parecendo desconcertada. — Eu pensei que fossem. Perdão! Eu preciso ir, fiquem à vontade.

Ela sai tão rápido, que eu fico com dó. Tenho vontade de rir, mas me seguro. Logan coça a nuca, limpando a garganta, e então se encaminha até a caixinha, tirando o Fred e o colocando no colo.

— Oi, amigão — Logan fala com o gatinho, e eu pisco os olhos lentamente, reparando nele. Quando ele me olha, eu desvio o olhar para a bolinha de pelo branca.

— Ah, ele é lindo! Ele tem um cotozinho no lugar do rabo. Parece um coelhinho. — Digo, erguendo a mão para fazer carinho

em seu pelo. — Oi, Fred! Sei que deve estar assustado, porque Logan é uma péssima pessoa, mas não se preocupe, aposto que ele será um bom pai para você. Para alguma coisa ele precisa servir, não é? — digo divertido e observo Logan erguer uma sobrancelha.

— Ha ha ha. Muito engraçado — ele diz, fingindo uma risada. — Pois saiba que eu sou um ótimo pai, florzinha.

Ah, não, borboletas. Por favor, não!

Tento disfarçar e não parecer tão balançado pelo apelido.

— Só acredito vendo — digo, dando os ombros.

— Você quer ir lá em casa conhecer meus gatos para comprovar?

Quando as palavras saem da sua boca, ele engole em seco e me olha. Seu semblante vacila como se ele se arrependesse de ter perguntado isso. Não sei se ele está sendo irônico ou se ele realmente está me fazendo um convite. Ele percebe minha hesitação e nega com a cabeça.

— Até parece que você iria...

E então percebo que ele está sim, falando sério.

— Eu quero — falo rápido, porém baixo, em completa impulsividade, sentindo meu coração acelerar dentro peito. — Eu gostaria de conhecer seus outros gatos.

Capítulo 22

— Você quer mesmo ir? — Logan me olha como se eu tivesse acabado de falar o maior absurdo existente, e eu me arrependo de ter me oferecido para ir até a casa dele.

— Você não estava me convidando, não é? — Dou um sorriso sem graça, querendo cavar um buraco no chão para me esconder.

— Não. Quer dizer, estava. — Ele para de falar e solta um suspiro longo, parecendo tentar regular a respiração. — Sim, eu convidei, só achei que você não aceitaria.

Desvio o olhar sentindo uma pontada na boca do estômago. Fico com raiva de mim mesmo por me entregar tão fácil.

— É que… eu achei que você fosse querer que eu comprovasse mesmo.

— Você insinuou que eu não sou um bom pai, Ravi. — Ele limpa a garganta, e eu definitivamente deveria cavar um buraco no chão agora.

— Eu só disse que acreditaria vendo. E nem sei porque eu disse isso, para falar a verdade. — Suspiro alto e caminho até a mesa, colocando Jorge de volta na caixinha. — Quer saber, Logan? Deixe isso para lá. Podemos ir?

Olho para ele, que também fixa o olhar no meu, analisando-me por um instante. Ele então acena com a cabeça e coloca Fred na caixinha.

Saímos da clínica e colocamos as caixinhas no banco de trás. Sento-me e fico calado, olhando para a estrada à minha frente. Minhas bochechas não param de queimar de vergonha.

Logan com certeza sabe da vodca, sabe que eu não estava bêbado, sabe que eu quis beijá-lo, e isso me desespera. Ele com certeza deve saber que sinto algo por ele, por isso não questionou nada até agora. Sinto seus olhos me observando de soslaio vez ou outra, mas não me arrisco a olhar de volta. No entanto, percebo que ele passou da delegacia, e eu me viro para encará-lo, franzindo as sobrancelhas.

— Você passou da delegacia, e eu preciso pegar meu carro — digo e observo os olhos dele se encontrarem com os meus antes de voltarem para a estrada.

— Ainda não estamos indo embora — ele rebate, e eu estreito os olhos.

— Para onde está me levando? — pergunto, sentindo meu coração se acelerar.

— Para minha casa, para eu surrar nessa sua carinha que eu sou, sim, um bom pai. — Ele dá um sorriso olhando para a estrada, e eu estremeço.

Não digo nada, apenas pressiono os lábios, evitando sorrir. Esse filho da puta...

O apartamento de Logan fica próximo à delegacia, e eu deduzo que é por isso que ele nunca se atrasa e é sempre um dos primeiros a chegar. Ele entra na garagem, e eu observo o prédio. Não é nada luxuoso, mas também não é um prédio qualquer. O salário de delegado deve ser realmente bom. Ele estaciona, e eu saio do carro, pegando a caixa de transporte de Jorge no banco de trás. Ele faz o mesmo com a de Fred.

— Preciso deixá-los afastados dos outros por enquanto. Fred precisa se adaptar primeiro. Vou colocar os dois no quarto de hóspedes enquanto você conhece os meus outros filhos — ele explica enquanto caminha em direção à portaria, e eu assinto, acompanhando-o.

Subimos no elevador e ficamos em silêncio até a porta se abrir no sexto andar. Logan sai primeiro, e eu o acompanho.

— Não vou dizer para não reparar na bagunça, porque provavelmente não tem bagunça. — Ele me olha enquanto tira as

chaves do bolso para abrir a porta. — Hoje foi o dia da faxineira vir, graças a Deus. Então, fique à vontade para reparar.

— Certo. — Solto uma risada envergonhada quando ele abre a porta.

Entro e percebo que o apartamento inteiro cheira a Logan. O seu perfume realmente impregna em todos os lugares. Olho em volta e noto que é pequeno, não tem muitos móveis e não há quase nada de decoração. Seu apartamento parece ter apenas o essencial, mas não deixa de ser aconchegante. Logan parece ser o tipo de pessoa que não gosta muito de exageros. Tudo está em perfeito estado, e nada parece fora do lugar.

— Dê-me o Jorge — ele pede, esticando a mão em direção à caixinha que seguro. — Vou colocá-lo junto com Fred no quarto de hóspedes.

Eu entrego a caixinha, e ele vai em direção a uma das portas enquanto eu fico parado na sala, olhando em volta e observando os detalhes do apartamento. Ouço uma porta se fechar, e ele volta logo em seguida.

— Cadê eles? — pergunto, procurando pelos gatos. — Não vieram aqui até agora.

— Eles provavelmente estão no meu quarto. É a hora do soninho da beleza. Venha. — Ele estica a mão em minha direção, e eu congelo. Olho para ele com os olhos arregalados, e ele percebe a minha relutância. — Venha, florzinha.

Ele balança a mão no ar, e hesitantemente eu seguro seus dedos, sentindo um choque percorrer a minha espinha. Caminho com ele até a outra porta, que está semicerrada, e, quando ele a abre por completo, eu vejo três bolinhas de pelo enroladas juntas em cima da cama. Percebo que ainda estamos de mãos dadas e solto seus dedos disfarçadamente, agindo da forma mais natural que consigo.

— Ei, galerinha. Papai chegou — ele diz, e os gatos parecem despertar do sono. Todos os três bocejam quase que em sintonia, e eu solto uma risada.

— Que gracinhas! Nem parecem seus filhos de tão bonitinhos que são. — Aproximo-me da cama enquanto Logan solta uma risada baixa.

A gatinha preta se arrasta até ele quando ele se senta na cama. O amarelo faz o mesmo, começando a se esfregar em seu braço enquanto ele faz carinho nos dois. Fico hipnotizado observando a cena e passo tempo demais olhando, até que ele percebe o meu olhar.

— Como… — Pigarreio, desviando o olhar para a gatinha preta. — Como ela sobe na cama? — Pergunto, sentando-me na cama ao lado dele.

— Tem uma rampinha que eu mandei fazer do outro lado da cama. Ela sobe por lá — ele diz enquanto me olha. — Eu lhe disse que ela era atentada. A paralisia nas patas traseiras não a atrapalha em nada. Ela sobe na cama a hora que quer.

Solto uma risada e olho para ela.

— Oi, mocinha — digo passando a mão por ela, mas assim que meus dedos tocam o seu pelo, ela me morde e me dá um tapa com uma unhada logo em seguida. — Ai, sua filha da puta!

Exclamo, balançando o dedo, e Logan solta uma gargalhada alta. Sua risada ecoa por todo o quarto, e eu fico hipnotizado pela maneira como ele parece estar confortável na minha presença.

— Ela é ciumenta e me defende — ele diz, parando de rir aos poucos. — Melhor você passar a mão só no Rony.

Ele aponta para o gatinho amarelo, e eu observo o gatinho cinza ainda deitado no meio da cama. Suponho que aquele seja o Harry.

— E aquele ali? — Aponto para o cinza. — Por que ele não se aproxima?

— Harry não gosta muito de mim — ele confessa, e é a minha vez de gargalhar.

— Já me identifiquei com ele. — Mordo os lábios, rindo.

— Pois é! — Ele sorri contido, e meu coração palpita. — Ele só me ama quando dou sachê para ele ou na hora de dormir.

Mas acho que é apenas uma desculpa para que eu o deixe dormir na cama comigo. De resto, ele sempre me ignora.

— É um bem que ele faz. — Solto uma risada baixa, e Logan revira os olhos.

— Falando nisso, eles devem estar esperando o sachê deles. Vou aproveitar e dar um para Fred e um para Jorge. — Ele se levanta da cama e me olha. — Você deve estar com fome. Vou pegar algo para você comer também.

— Não precisa.

— Você já está há mais de quatro horas sem comer, Ravi — ele diz sério. — Eu vou pegar algo para você comer e vou dar sachê para eles. Já volto.

Ele se vira, e percebo os três gatos o seguirem. Hermione, mesmo sem o movimento das patas traseiras, é a que mais corre, e eu solto uma risada ao perceber isso.

Aproveito que Logan saiu e dou uma olhada no quarto. É uma suíte, não muito grande, mas é maior que o meu quarto. Assim como na sala, não há muitas coisas. Só uma cama grande, uma televisão na parede com um aparador embaixo, um guarda-roupas embutido, e uma poltrona ao lado da cama. Passo a mão pela colcha macia e continuo olhando em volta. Levanto-me e vou até o aparador. Há somente um porta-retrato sobre ele. Eu o pego. A foto é de Logan mais novo, provavelmente na adolescência, com uma mulher mais velha. Fico reparando por muito tempo e penso que deve ser a mãe dele. Os olhos azuis são idênticos, e os traços, muito parecidos. Pego-me tão entretido com a foto, que nem percebo Logan na porta.

— Minha mãe — ele confirma com a voz séria, e eu volto o porta-retrato para o lugar.

— Desculpe-me — eu digo, ficando sem graça mais uma vez, mas tento disfarçar. — Eu não estava bisbilhotando, eu só quis ver a foto. Você se parece muito com ela.

Ele se senta na cama, e vejo um prato com dois sanduíches em sua mão.

— Vou levar isso como elogio, já que minha mãe era uma mulher muito bonita — ele comenta, abaixando o olhar para a mão enquanto apoia o prato no colchão.

Aproximo-me e me sento na cama de frente para ele. O "era" martela em minha cabeça, e engulo em seco. Não consigo me imaginar sem a minha mãe. Não sei como é perder alguém próximo assim. Queria saber o que dizer, mas só consigo sussurrar:

— Eu sinto muito por sua perda.

Ele me lança um sorriso fraco e arrasta o prato em minha direção.

— Coma — ele fala baixo.

Eu pego o sanduíche e olho para ele. Seu semblante mudou, e eu fico me perguntando o que eu posso dizer para que ele saiba que eu realmente sinto muito. Dou uma mordida no sanduíche e o encaro.

— Tem muito tempo? — pergunto.

— Alguns anos…

Assinto e dou mais uma mordida no sanduíche de atum. Não quero deixá-lo constrangido, então, tento perguntar outra coisa:

— Seu pai mora aqui na cidade? Você é próximo a ele?

— Meu pai também morreu — ele diz, olhando para mim, e eu paro de mastigar na hora, engolindo o pedaço de sanduíche praticamente inteiro.

Quase me engasgo e sinto as minhas bochechas queimarem.

— Desculpe-me, e-eu não sabia — gaguejo, sentindo vontade de chorar. — Desculpe-me!

— Não se preocupe. Você não tinha como saber. A maioria das pessoas do meu convívio também não sabem disso.

Eu fico tão sem jeito, que deixo o sanduíche no prato enquanto fico olhando para os meus dedos em meu colo. Logan também fica calado, e eu sinceramente não sei o que fazer. Tenho vontade de me despedir e ir embora para não o deixar constrangido. Tenho vontade de mudar de assunto, mas não consigo pensar em

nada para começar uma conversa. Tenho vontade de abraçá-lo por um instante, mas não sei como fazer isso.

Fico relutante sobre o que fazer, até que ouço sua voz:

— Meu pai era viciado em jogos de azar — ele sussurra, e eu levanto o olhar. — Ele era um homem bom, mas sucumbiu ao vício.

— Você não precisa me contar se não quiser — eu sussurro. — Eu fui invasivo, desculpe-me.

— Ninguém da delegacia sabe, mas eu quero contar. Talvez assim você entenda algumas atitudes que tomei no passado, e teremos um segredo um do outro para guardar — ele diz tão sincero, que sinto meu peito queimar.

Eu assinto e permaneço olhando para ele. Seus olhos parecem estar em um tom de azul mais escuro, e engulo em seco ao perceber que essa talvez, seja uma história da qual eu não gostaria de saber o final.

— Ele começou a perder tudo com o jogo. Primeiro foi o carro, depois a nossa poupança, depois a nossa casa. Minha mãe trabalhava muito para tentar nos dar algo enquanto ele perdia tudo no jogo. Ela pensou várias vezes em largá-lo, e todas as noites eu desejava que ela fizesse isso, mas ela não fez.

Observo seu semblante se entristecer e engulo em seco mais uma vez, tentando dissipar o nó que se forma em minha garganta.

— Quando já não tínhamos mais nada e sobrevivíamos com a ajuda dos nossos poucos familiares, meu pai pediu dinheiro a um agiota. Minha mãe não sabia a princípio, e eu muito menos, mas em vez de tentar reconstruir a nossa vida, ele simplesmente gastou todo o dinheiro em jogos mais uma vez e acabou perdendo tudo. Às vezes, ele aparecia com um olho roxo, com a boca sangrando, mancando, mas ele sempre inventava alguma desculpa para disfarçar. Até que ficou na cara que estava acontecendo algo. Minha mãe o pressionou, e ele admitiu que estava devendo dinheiro para um agiota. — Ele suspira. — Ravi, minha mãe trabalhou dia após dia, noite após noite, para tentar pagar a dívida. — Sua voz vacila, e eu me aproximo de seu corpo na cama, pegando a sua mão e

fazendo um carinho de leve no dorso. Não me importa o que ele vai achar disso, só preciso que ele saiba que eu estou ouvindo com atenção tudo o que ele está me contando.

Ele então continua:

— Ela tentou negociar a dívida, mas era muito dinheiro. Nem que ela quisesse, conseguiria pagar. Eu não sabia da dívida, só sabia do vício. Minha mãe chorava toda noite, às vezes a noite inteira, mas eu achava que ela estava chorando pelo vício dele. Meu pai continuou aparecendo machucado enquanto minha mãe tentava fazer das tripas coração para ir pagando aos poucos. Até que um dia, eles simplesmente cansaram de esperar pelo pagamento. — Ele engole em seco e pausa por um instante, desviando o olhar do meu. — Eu tinha só dezesseis anos, mas eu queria tanto ter feito algo. Eu queria ter tido a capacidade de protegê-los, mas eu não pude. Eu simplesmente não pude.

Percebo uma lágrima solitária rolar de seu olho e me aproximo ainda mais, passando o dedo por sua bochecha para limpá-la. Meu coração se aperta, e meu estômago embrulha. Não sei como aguentarei até o final, mas, se ele quer me contar, eu preciso ouvir.

— Eu cheguei da escola e encontrei os corpos — ele diz baixo, e tento não demonstrar o impacto que suas palavras me causam. Meu coração se parte em milhões de pedaços, e prendo a respiração por um instante, sentindo meus olhos arderem. Vejo lágrimas nos olhos de Logan, e meu peito se aperta ainda mais. — Eu senti tanta raiva do meu pai quando descobri tudo, que até hoje eu não sei se consigo perdoá-lo. Eu peguei minha mãe nos braços, Ravi. Ela ainda estava respirando e…

Logan abaixa a cabeça, encolhendo os ombros, e percebo que eu estou chorando quando o puxo para perto. Abraço-o com tudo o que tenho, com toda a força que consigo, com tudo que sou.

— Foi… foi por isso que você se tornou policial? — eu sussurro com a voz falhando, e ele concorda, com a cabeça apoiada em meu ombro.

— Eu senti raiva do meu pai. Ainda sinto, mesmo depois de treze anos. Mas eu senti mais raiva deles, de pessoas que usam as fragilidades e os vícios dos outros para fazê-los de escravos. Eles poderiam ter poupado a minha mãe, Ravi, e é essa a minha mágoa. Ela não tinha culpa, e eles a mataram mesmo assim, sem ao menos questionar nada. Sem culpa. Sem pudor. Enfiaram quatro balas nela sem se importar com nada. Sem nem se importar se ela tinha um filho que a amava mais que tudo e que só queria chegar da escola para vê-la. — Ele se afasta ligeiramente e me olha com lágrimas nos olhos. Seu rosto se contorce em dor, e seus lábios tremem levemente. — Eu desejei estar em casa e não na escola naquele momento, para que eles pudessem ter me matado também. Eu quis morrer inúmeras vezes e tentei outras tantas. Eu não tinha mais motivos para viver, eu não queria mais viver, e nem sei como eu estou aqui até hoje. Acho que ela tem um dedinho nisso, só pode.

Ele limpa as lágrimas, e eu engulo um gemido de dor que quer escapar da minha garganta.

— Faço terapia há anos — ele continua. — Comi o pão que o diabo amassou morando com parentes, entrei em depressão, tomei remédios controlados durante muito tempo, mas eu jurei que a morte da minha mãe não seria em vão. Com o pouco dinheiro que tinha, da pensão da morte deles, eu estudei para caralho e me tornei policial. Depois estudei mais e virei delegado. Tudo por ela, para dar às pessoas a justiça que ela não teve. E que talvez jamais terá, porque eu nunca soube quem fez isso. Mas eu prometi que, enquanto eu pudesse, eu faria justiça. Quando você tomou aquele tiro, Ravi, eu jurei para mim mesmo que não descansaria até pegar quem fez aquilo com você. E eu peguei. Minha vontade era matá-lo da forma mais cruel possível, mas eu sei que, se eu fizesse isso, eu me tornaria um deles. E eu nunca vou querer ser como eles. Eu quero fazer o certo e defender pessoas de bem, como a minha mãe era. Eu quis fazer por você o que nunca serei capaz de fazer por ela.

Ele morde os lábios com força, como se quisesse evitar um choro inevitável, e eu seguro o seu rosto com as mãos, fazendo carinho por sua pele.

— Eu sinto muito — sussurro, choroso. — Eu sinto muito, Logan. — Passo minhas mãos por suas bochechas e as beijo em seguida. Ele não diz nada, apenas fecha os olhos, sentindo os meus toques. Beijo seus olhos, primeiro o direito e depois o esquerdo. — Eu sinto muito.

Sinto minhas lágrimas se misturando às dele e vou beijando seu rosto até chegar em sua boca. Meus lábios tocam os deles delicadamente. Não há malícia, é apenas um ato de complacência por sua dor. Quero que ele saiba que estou aqui. Quero que ele sinta meu carinho, meu acalento. Quero que ele saiba que senti sua dor no fundo da minha alma. Não aprofundo o beijo, só mantenho nossos lábios colados por um tempo, até afastá-los minimamente para sussurrar mais uma vez:

— Eu sinto muito.

Logan encosta a testa na minha, puxando-me para o seu colo. Entrelaço as pernas em seu quadril e ele me abraça pela cintura. Fecho os olhos ao passar meus braços por seu pescoço e o abraço forte. Permanecemos assim até que ele pare de chorar, até que eu pare de chorar, até eu sentir minhas pernas dormentes, até que ele se acalme.

Não o solto, nem quando ele se deita na cama, levando-me junto. Ajeito minhas pernas, sem precisar soltá-lo. Ouço o choro cessar e mesmo assim não o solto. Nem quando meu choro também cessa. Nem quando acho que ele pegou no sono. Nem quando é a vez dos meus braços ficarem dormentes.

O silêncio que nos assola é tão grande, que as batidas do nosso coração se misturam em um único som, então o ouço sussurrar próximo ao meu pescoço:

— O que estamos fazendo, Ravi?

Sei muito bem o que ele está perguntando, mas não sei ao certo a resposta correta para essa pergunta. Então respondo a única coisa que vem em minha mente:

— Vivendo, Logan. Nós estamos vivendo.

Noto que, apesar da minha resposta, ele também não me solta. Nem quando são os braços dele que devem estar dormentes.

Nem quando ele adormece. Nem quando sua respiração se torna lenta.

Eu fecho os olhos e também pego no sono, sentindo a respiração dele bater como uma brisa de verão em meu pescoço. E nem assim eu solto.

Acordo um tempo depois e percebo que ainda estamos abraçados. Beijo sua testa, que está suada, e me desvinculo do seu abraço, levantando-me. Faço o possível para que ele não acorde. Sinto falta do calor do seu corpo assim que me levanto, mas não quero que ele fique constrangido ao acordar e notar que ainda estou aqui. Percebo que Harry, Hermione e Rony estão no pé da cama, dormindo tranquilamente.

Pego o meu celular no bolso e vejo que já são cinco da manhã. Saio do quarto dele na ponta dos pés e vou até o quarto de hóspedes. Fred e Jorge estão dormindo juntos na cama, e tenho dó de separá-los, mas preciso ir embora. Pego Jorge e coloco na caixinha. Quando termino, faço um carinho em Fred.

— Eu vou deixá-lo aí, Fred. Mas daqui a pouquinho seu papai o pega — sussurro. — É só para evitar que seus irmãos briguem com você. Ah, só um conselho: fique longe da Hermione, ela é atrevida.

Fred me ignora completamente, e eu solto uma risada baixa. Fecho a porta do quarto com delicadeza quando saio. Peço um Uber e, antes de descer, procuro uma caneta e um papel. Por sorte, acho um bloquinho de anotações com uma caneta em cima do balcão da cozinha. Rasgo uma página e começo a escrever:

Você é um homem bom e justo, Logan.

Nunca se esqueça disso.

E eu realmente sinto muito.

Obrigado por compartilhar comigo algo tão pessoal. E obrigado por todo o resto, pelo qual talvez eu não tenha sido capaz de lhe agradecer quando devia.

P.S.: Só para atualizá-lo:

O “não gosto” estará riscado assim que eu pegar o meu bloco de notas.

Em cima estará escrito “admiro”.

(acho que pulei o “tolero”)

P.S.1: você é realmente um bom pai.

Para você,

Florzinha.

Deixo o bilhete em cima da mesa, pego a caixinha de Jorge e tranco a porta, passando a chave por baixo da fresta, exatamente como ele fez uns dias atrás comigo.

Capítulo 23

Chego em casa e agradeço por Jorge ter comido. Eu acabei deixando todas as coisinhas dele no carro e não tive como pegá-las. Não sem precisar acordar Logan.

Assim que fecho a porta, eu me ajoelho e abro a portinha da caixa. Ele sai e começa a dar uma volta pela sala, descobrindo cada móvel e já afiando as unhas no meu sofá. Solto uma risada baixa quando ele volta e passa o corpinho na minha perna, esfregando-se.

— Sua nova casa não é grandes coisas, filho, mas prometo que será muito feliz aqui — coço levemente suas costas e sinto suas cabeçadas na minha mão enquanto ele ronrona. — Papai deixou suas coisas no carro do Logan, mas assim que as lojas abrirem, eu vou em um pet shop antes de ir trabalhar, para comprar um pouquinho de ração para você comer por hoje.

Levanto-me e vou até a cozinha. Pego uma vasilha com água e a deixo no cantinho da sala. Vou até o banheiro, e Jorge me segue. Deixo a porta aberta para que ele fique comigo no banheiro e percebo que adotei um fiscalzinho de banho. Ele se deita no tapete e fica olhando, entretido, os pingos de água que escorrem no box de vidro.

Mergulho no chuveiro, molhando o cabelo, e fecho os olhos, deixando a água cair sobre meu rosto. Penso em Logan e noto que ultimamente ele tem sido a coisa que mais ocupa a minha mente. Ele me pareceu tão frágil, tão indefeso, tão aberto, que percebo que ele mostrou a mim uma versão dele que quase ninguém conhece. Meu coração se aperta quando penso em tudo que ele me contou. Eu não consigo imaginar o tamanho de sua dor. Não consigo sequer ter uma ideia de tudo que ele precisou enfrentar.

Pude ver por detrás da camada que ele criou para se proteger. Pude ver o que não é bonito e o que ele esconde a sete chaves. Pude ver através da máscara que ele usa como refúgio para sua dor, e sinto como se tivesse me conectado a ele de uma forma tão profunda, que talvez eu jamais consiga me desconectar.

Saio do banho, enrolando uma toalha na cintura e outra na cabeça. Jorge começa a miar, e percebo que talvez ele ainda esteja com fome. Olho no relógio da sala e noto que já são seis da manhã.

— Papai vai só trocar de roupa e vai achar algum lugar para comprar ração para você — digo baixinho para ele.

Ouço a campainha tocar e levo um susto. Quem em sã consciência toca a campainha dos outros nesse horário? Reviro os olhos e ignoro, mas ela toca mais uma vez. Fico receoso e olho no olho mágico. Meu coração acelera quando vejo que é Logan.

Abro a porta rapidamente, sem me importar que estou apenas de toalha. Seu olhar viaja até o meu antes de descer pelo meu corpo de forma lenta e calculada. Engulo em seco quando seus olhos voltam para os meus e afasto meu corpo levemente, escondendo-o parcialmente atrás da porta.

— Oi — digo, sentindo minhas bochechas queimarem.

— Oi — ele responde sério. Percebo que seus olhos estão inchados e que ele está de farda. Seu cabelo, porém, está molhado. Ele provavelmente já está indo para a delegacia. — Você esqueceu isso.

Ele ergue os braços com as sacolas em mãos e as coloca ao lado da porta na parte de dentro do apartamento. Tento controlar a respiração e meu coração acelerado e limpo a garganta.

— Você está bem? — pergunto, mordendo os lábios devido à ansiedade, e ele me olha com um semblante mais neutro.

— Estou. — Ele faz uma pausa — Desculpe-me por ontem. Normalmente eu não sou frágil daquele jeito, mas também não costumo tocar naquele assunto, justamente por esse motivo.

— Está tudo bem. Você não precisa se desculpar — asseguro. — Você não tem motivo nenhum para se desculpar, Logan.

Ele permanece me olhando por um tempo e então observa Jorge na sala. Ele dá um sorriso mínimo e me olha novamente.

— Ele deve estar faminto. Ainda bem que eu trouxe a comidinha dele, porque se dependesse de você, ele morreria de fome. — Ele dá uma risada leve, e aí está meu Logan de volta.

— Pois saiba, docinho, que eu já estava saindo para comprar a comida dele. Ao contrário do que você pensa, eu também sou responsável.

Ele para de sorrir aos poucos e se abaixa, pegando uma das sacolas no chão e me entregando.

— Esta é para você — ele diz enquanto eu pego a sacola nas mãos. — Você não comeu seu sanduíche ontem e não pode ficar sem comer. Fiz dois sanduíches para você comer agora de manhã.

— Não precisava — engulo em seco, implorando para que meu coração pare de bater tão rápido.

— Só coma. Cuide da sua glicose, Ravi. — Ele abaixa o olhar para o chão, depois volta a erguê-lo, descendo-o novamente pelo meu corpo parcialmente nu. Sinto-me completamente exposto. — Então… eu vejo você mais tarde?

Tenho vontade de chamá-lo para entrar, mas, por algum motivo, eu travo. Ele provavelmente recusaria, de qualquer forma.

— Eu o vejo mais tarde — respondo e observo ele me lançar um aceno de cabeça, com um sorriso sutil nos lábios.

As borboletas estão em festa dentro de mim, e eu só quero bater com a cabeça na parede.

Ele me encara uma última vez antes de se virar, e eu fecho a porta, deslizando por ela, suspirando.

Por quê, Deus? Por quê?

Jorge se arrasta até as minhas pernas, e eu percebo que de fato agora sou pai. Não posso mais ficar tendo crises adolescentes por uma paixonite. Por esse motivo, levanto-me e vou ajeitar as coisinhas dele pelo apartamento. Dou a ele o que comer e como o meu sanduíche antes de ir para a delegacia.



Tenho passado por tantas coisas, que tenho me esquecido um pouco das pessoas que me cercam. Sinto saudades de Lucca, Josh, Laura, meus pais. Sei que precisei tirar um tempo para mim e que todos eles tentaram manter contato, mesmo eu me afastando, mas às vezes é necessário ficar no escuro para conseguir ver as coisas com mais clareza.

Aproveito que já está chegando ao fim do expediente e pego meu telefone no bolso, discando o número de Lucca. Após três toques, ele atende.

— Está vivo então?! Já estava mandando a polícia atrás de você. Ah, não, espera… — Ele solta uma gargalhada, e eu sorrio, negando com a cabeça.

— Oi, Lu! Também senti sua falta.

— Não parece, já que sumiu do mapa. Você está bem?

— Eu estou, e você?

— Tem certeza?

— Tenho. — Solto um suspiro. — Agora estou bem. Liguei para saber se você quer sair hoje. Tomar uma cerveja em algum bar e aproveitar uma noite fresca de sexta comigo.

— Hoje não dá, Ravi. — Ouço-o pigarrear na linha. — Eu tenho um compromisso daqui a pouco.

— Que compromisso? — pergunto.

— Um aí…

— Hm… — resmungo, intrigado. — Tudo bem. Fica para a próxima então. Amanhã passa lá em casa.

— Beleza. Cuide-se, Ravi! Sério. E, por favor, não suma.

— Você também — respondo e desligo.

Disco para Josh, mas a ligação cai na caixa postal. Bufo e vejo Alec caminhar segurando algumas pastas pelo corredor. Levanto-me e vou até ele.

— Alec! — exclamo, e ele se vira, lançando-me um sorriso. — Vamos tomar uma hoje?

— Ah, Ravi… — ele diz, coçando a nuca. — Hoje eu não posso, eu já tenho compromisso.

— Com o carinha lá? — pergunto, franzindo as sobrancelhas com os olhos estreitados.

— É. — Ele solta uma risada baixa. — Com o carinha lá.

— Beleza. — Dou de ombros, decepcionado. — Fica para a próxima então.

Dou um sorriso breve a ele e me viro, voltando a caminhar para minha sala. Justo hoje, que queria sair, dois amigos meus têm compromisso na mesma hora. O que me resta é ligar para Josh, e torcer para ele…

Paro de andar, arregalando os olhos.

Dois amigos meus, que se conheceram por minha causa, que estavam se olhando daquele jeito, que passaram a noite inteira flertando…

Não é possível.

Viro-me antes de ele entrar na sala.

— É o Lucca — digo alto, e Alec para de andar, permanecendo de costas para mim. — Você está saindo com o Lucca.

Ele se vira, e percebo seus olhos cor de âmbar levemente arregalados enquanto ele faz uma expressão estranha com o rosto.

— E-eu, hein. De onde você tirou isso, Ravi? — ele gagueja.

Esse ordinário! Esses ordinários!

— Puta que pariu! Eu não estou acreditando que vocês dois esconderam isso de mim — minha voz sai alta, e eu abaixo o tom, lembrando que ainda estou na delegacia e que a maioria dos

policiais ainda está aqui. Bufo e nego com a cabeça. — Por que não me contaram?

— Eu não sei do que você está falando, Ravi. — Ele coça a nuca mais uma vez.

— Corta essa, Alec! Eu sei que é com Lucca que você está saindo. Por que esconderam isso de mim?

— Ok! — Ele passa a mão na testa, soltando uma lufada longa de ar. — Eu estou saindo com o Lucca — ele confirma, e eu sinto minhas bochechas queimarem de raiva. — Mas, antes que você pense bobagem, nós não contamos para ninguém. Você é meu amigo, ele é seu amigo. Ficamos com medo de contar porque estávamos apenas nos conhecendo, e nem eu queria atrapalhar nossa amizade falando dele, nem ele queria atrapalhar a de vocês falando de mim.

— Nossa — digo, negando com a cabeça —, mas que desculpa bosta essa de vocês.

— Estávamos esperando o momento certo para contar. — Alec abaixa a cabeça e volta a me olhar. — Só que, quanto mais escondíamos, mas ficávamos com receio. A gente ia contar mais cedo ou mais tarde, só estávamos nos preparando.

— Vocês dois estão na minha lista! — exclamo frustrado, estreitando os olhos para ele. — Lista de amigos que são péssimos.

Me viro e volto para minha sala, mesmo ouvindo Alec me chamar. Estou com raiva, não por eles terem escondido, mas por terem pensado que eu influenciaria alguma coisa no relacionamento deles.

Disco o número de Lucca e, quando ele atende, eu apenas digo:

— Não estou bom com você. Você acabou de entrar na minha lista de péssimos amigos. Não me contar que está com o Alec? Sinceramente, Lucca…

— Rav… — Ele não termina, porque desligo a chamada em sua cara.

Disco o número de Josh enquanto caminho de um lado para o outro em minha sala, e por sorte, desta vez, ele atende.

— Apareceu a margarida.

— Josh — eu o corto —, você sabia que o Lucca está saindo com o Alec?

— Qual resposta você quer ouvir? — ele pergunta, e eu bufo.

— Eu sinceramente não sei porque eu tenho amigos. Ninguém me conta nada nesse caralho — falo, sentindo minhas bochechas queimarem mais uma vez.

— Se o conforta saber, eu não soube vindo da boca dele, Ravi. Eu vi uma mensagem de Alec no celular dele e deduzi. Ele não me confirmou, mas sabe como é, eu sei ler expressões corporais — ele diz, e eu reviro os olhos.

— E não pensou em me contar? Em compartilhar isso comigo? — pergunto, irônico.

— Eu não. Isso não é assunto meu.

— Olha, sinceramente, eu estou a pé de amizades. Eu só queria tomar uma cerveja hoje com os meus amigos, e olha só, não tenho amigos. Eu não quero falar com vocês três. Esqueçam que eu existo e me risquem do caderninho de amizade por um bom tempo. Tchau!

Não espero sua resposta e desligo a chamada. Apoio-me na mesa e solto um suspiro, frustrado.

— Meu Deus! Quanta infantilidade! — Ouço a voz de Logan vindo da porta da minha sala, mas não me viro para olhá-lo.

— Vá à merda! — rosno baixinho, mas aposto que ele ouviu. Para a minha sorte, já passou da hora do expediente, e provavelmente não precisarei passar três dias em casa de suspensão.

— Você está no pré? — ele pergunta com a voz divertida, e eu reviro os olhos. — Tem horas que me pergunto como você veio parar nessa profissão. Quando for enfrentar algum bandido, você vai brincar de par ou ímpar para ver quem atira primeiro?

— Ai, Logan — digo ao me virar e me deparo com seus olhos azuis em mim —, me erra!

Ele solta uma risada.

— Seus amigos nem sempre vão lhe dizer tudo, Ravi. Aprenda a lidar com o fato de que as pessoas têm seus próprios limites.

— Você é o que agora? Psicólogo? — pergunto, bufando. — E desde quando escuta as minhas conversas?

— Desde quando você grita, parecendo não se importar com quem ouça. — Ele cruza os braços em frente ao peito, e eu perco a força nas pernas.

Sento-me na minha cadeira e desvio o olhar dele. Permaneço de cabeça baixa até ele pigarrear. Hesitantemente, levanto o olhar e percebo que ele ainda está parado em frente à minha mesa, olhando para mim.

— Você ainda está aí? Não foi embora ainda, não? — Ergo uma sobrancelha.

— Não. — Ele dá um sorriso mínimo. — Estava pensando em tomar uma cerveja também. Quer ir comigo?

Sinto minhas bochechas queimarem. Ele ouviu a conversa inteira, esse intrometido.

— V-Você está me chamando para sair? — Amaldiçoo-me por gaguejar.

— Sair, sim. Encontro, não — ele retruca rápido. — Por mais que eu saiba que você está morrendo de vontade de sair comigo em um encontro, é apenas uma saída normal. — Ele pressiona os lábios, evitando um sorriso, e eu congelo, mas tento disfarçar.

— Era para rir? Porque, nossa, essa foi boa! — digo abaixando a cabeça para que ele não veja minhas bochechas coradas.

— Então está bem, já que você não quer ir... — ele diz, e eu ergo o olhar. Ele dá de ombros e começa a sair da minha sala.

Meu coração acelera.

— Ok! — digo rápido, sentindo meu coração pular no peito, e ele se vira. — Tudo bem! Vamos sair! Mas não pense que estou indo porque quero ir a um encontro com você. Eu estou indo porque realmente preciso de uma bebida hoje.

Logan me lança um olhar e um sorriso que me desconcertam por inteiro. Seguro-me na cadeira para não derreter.

— Pego você às nove, florzinha — ele diz, virando-se e saindo da minha sala.

Vou para casa sentindo meu coração quase sair pela boca. Jorge está dormindo tranquilamente no sofá quando coloco comida e água para ele. Tomo um banho bem longo antes de sair e me trocar.

Visto uma calça jeans preta *skinny*, uma blusa preta com estampa de bolinhas brancas e uma bota preta. Olho-me no espelho, ajeitando meu cabelo longo, e tento fazer com que ele não fique tão bagunçado. Encaro meus olhos verdes e vejo que não mudei nada, mas a tristeza não é mais um traço em meu semblante.

Passo bastante perfume e tenho medo de ter exagerado. Estou nervoso, mas tento respirar. Meu celular vibra, e vejo uma mensagem de Logan:

Estou te esperando ��

Meu coração dispara no peito. Ele me mandou um *emoji* de flor? Solto uma risada, negando com a cabeça enquanto me despeço de Jorge e desço. Vejo o carro dele estacionado na porta do meu prédio, e minhas mãos tremem.

Entro no carro veículo e sou inundado por seu perfume e por um sorriso gentil que ele me lança. Percebo novamente que ele está todo de preto e noto que essa é mesmo a sua cor. Ninguém no mundo fica tão bem de preto como Logan Theron.

Ele também parece reparar em mim, olhando-me de cima a baixo lentamente, parando em meus olhos.

— Vou pedir a Marina um aumento para você — ele diz, sorrindo.

— Um aumento? Por quê? — Franzo as sobrancelhas.

— Para você poder comprar roupas melhores. — Ele solta uma risadinha baixa, e eu reviro os olhos. — Estou brincando! Hoje você está… apresentável.

Minhas bochechas queimam por suas palavras, e minhas mãos suam, mas eu finjo não me abalar.

— Nossa, você é tão engraçado, Logan. Estou rindo tanto, só que por dentro — digo, e a risada dele aumenta enquanto ele dá partida no carro. — Já olhou para você? Você só usa preto. Está mesmo achando que ainda está na fase emo?

— Eu sou um homem sério, florzinha. — Ele me lança um olhar rápido antes de voltá-lo para a estrada. — Sou discreto.

— Sei — respondo, ajeitando-me no banco. — Aonde vamos?

— Há um bar aqui perto. Acho que você vai gostar — ele diz, e eu permaneço olhando para a estrada, para evitar qualquer traço de agitação da minha parte por olhá-lo.

Quando chegamos, percebo que é um bar ao ar livre. Há algumas mesas posicionadas próximo à calçada. Não é nada agitado, apesar de cheio. Logan acha uma mesa, e nos sentamos um do lado do outro, para o meu desespero.

— Você quer cerveja? Ou prefere vodca? — ele pergunta sério, e eu estremeço na cadeira.

— Cerveja mesmo.

Ele concorda, mordendo os lábios, chama um garçom e pede duas cervejas.

Ficamos em silêncio até o garçom voltar com a cerveja. Dou um longo gole, e Logan faz o mesmo. Acho que, no fundo, nós dois não sabemos o que estamos fazendo.

— Então… — ele começa dando uma longa pausa como se pensasse em como iniciar uma conversa —, como está o Jorge?

— Ele está bem. Ele já arranhou meu sofá todo, acredita?

— Acredito. — Logan solta uma risada baixa. — Ele está marcando o território.

— Pois é. — Rio com ele. — E o Fred? Como está sendo a adaptação?

— Eu ainda estou deixando-o no quarto. Coloquei um cercadinho para separá-los. Hermione não gostou muito do novo irmão.

— E ela gosta de alguma coisa? — Levanto o dedo que foi mordido pela gata. — Ela é uma fera! E me furou com aqueles dentinhos afiados.

— Quer um beijinho para sarar, florzinha?

Quase me engasgo ao ouvir sua pergunta.

— C-Claro que não — gaguejo, e ele solta uma gargalhada.

— Dê-me o dedinho, Ravi — ele parece zombar da situação, e eu lanço um dedo do meio em direção a ele. Logan gargalha alto desta vez.

— Este é o dedo que você merece!

Abaixo o dedo e levo a cerveja até a boca para evitar que ele veja meu sorriso. Mas, assim que deixo a cerveja na mesa, ele pega a minha mão e leva o meu dedo até a boca, beijando-o enquanto me olha.

Sinto seus lábios em minha pele e seu olhar fixo no meu. Estremeço e solto um suspiro, mas puxo a minha mão rapidamente, limpando a garganta antes de beber outro gole rápido de cerveja. Observo Logan morder os lábios e pigarrear.

— Sarou? — ele pergunta.

— Não. Agora eu provavelmente vou morrer de raiva.

Ele solta uma gargalhada gostosa, fazendo-me rir também, e nega com a cabeça. É confortável estar na precisa dele, e eu jamais pensei que isso fosse possível. Logan é inegavelmente divertido e apaixonante, e eu odeio ter que admitir isso.

— Conte-me uma coisa, Ravi — ele diz depois de um tempo, e meu coração se acelera. — Quem lhe deu aquelas vodcas?

Eu congelo no lugar e faço um esforço para não arregalar os olhos. Fico sem saber o que responder, e ele parece perceber, já que continua:

— Não sei se você sabe, mas eu percebo as coisas. E eu percebi que não havia nenhuma vodca anotada na sua comanda.

Desvio os olhos dele, sentindo meu estômago gelar. Levo a cerveja até a boca novamente, pensando no que posso responder.

Eu hesito por um instante e então respondo:

— Foi um bartender gatinho que ficou me olhando na pista e me ofereceu.

— Duas? — Ele ergue uma sobrancelha.

— É — retruco rápido, torcendo para que ele acredite.

— De uma vez só? — Ele me olha com uma cara de deboche. — Ele lhe deu duas doses de vodca de graça de uma vez só?

— Foi. — Minha voz sai mais fina do que o normal, e eu sinto uma vontade quase incontrolável de rir, mas me seguro.

— O bartender?

— É, Logan. Que saco! — exclamo, irritado por sua insistência. — Você acha o quê? Que eu queria beijar você?

Merda!

— Então você se lembra — ele pressiona os lábios, e eu me arrependo do que acabei de falar.

Merda!

— Vagamente — afirmo, tomando mais um gole da bebida, completamente desconcertado.

— Lembra-se do beijinho de boa noite também? — Seus olhos azuis se iluminam, e seu sorriso se alarga enquanto ele leva a cerveja até a boca.

— Nossa, você não sabe mesmo ser sutil.

— Só quero saber onde estou pisando, Ravi — ele diz baixo, e meu coração se acelera.

— Aconteceu, está bem? Vamos morrer por causa disso? Não, não vamos. Eu ainda não gosto de você — retruco com a voz levemente trêmula. Tento desviar os olhos, mas não consigo.

— Ainda… — Ele dá uma pausa, parecendo refletir, passando sutilmente a língua nos lábios. — Então tem a possibilidade de gostar?

Estremeço na cadeira e preciso segurar na mesa para não cair. Ele estreita os olhos em minha direção, como se esperasse uma resposta.

— Você tirou a noite para me fazer perguntas? Está me interrogando por acaso, delegado? — indago, tentando controlar toda a queimação que sinto no estômago.

— Como eu disse, eu só quero saber onde... — Logan não termina a frase, porque somos interrompidos.

— Olhe só, que casalzinho lindo.

Meu sangue parece ser drenado do meu corpo quando me viro e dou de cara com Aron parado atrás de nós.

Capítulo 24

Não tenho tempo nem de soltar um suspiro que está preso na minha garganta quando os olhos de Logan pousam em Aron e ele se levanta. Desespero-me e tento segurá-lo, mas seu braço desliza por entre meus dedos com uma facilidade que me assusta. Logan espalma as mãos no peito de Aron, que tropeça, dando alguns passos para trás. Levanto-me e tento mais uma vez segurá-lo, mas não consigo.

— Eu vou matar você, seu desgraçado! — Logan grunhe, e eu estremeço.

A fúria em sua voz é palpável. Vejo as pessoas das outras mesas pararem para nos assistir, e eu sinto tanta vergonha, que gostaria de simplesmente desaparecer.

— Qual é, Logan? — Aron diz, sorrindo à medida que se recompõe, e eu sinto um nojo brotar em mim ao ouvir sua voz. — Decidiu pegar as minhas sobras?

Consigo agarrar o braço de Logan antes de ele ir para cima de Aron e o seguro com todas as minhas forças. Logan não me empurra, e sei que ele só não faz isso por medo de me machucar.

— Não vale a pena — sussurro para ele, com os olhos apavorados, mas Logan não me olha. Sua mandíbula está tão travada, e seus olhos tão sombrios, que sinto medo. — Por favor, Logan! Só vamos embora.

— Ah, que lindo! — Aron debocha. — Já está controlando o namoradinho. Você sempre se contentou com pouco mesmo, Ravi. Não me espanta em nada você estar dando para o Logan.

— Logan, por favor — imploro quando sinto ele tentar se desvencilhar do meu aperto. — Por favor, só vamos embora.

Logan não me olha quando enfia a mão no bolso, pegando seu celular rapidamente. Ele disca um número e coloca o telefone na orelha.

— Rivera, a ordem saiu? — ele pergunta, mantendo os olhos em Aron. — Ok. Obrigado.

Ele desliga o celular calmamente, colocando-o no bolso, e me olha pela primeira vez desde que Aron chegou. Sua pupila está tão dilatada, que mal consigo ver o azul de seus olhos. Seu semblante é tão fechado, que suspeito de que nunca tinha o visto assim, com tanto ódio.

— Desculpe-me, Ravi, mas terei que resolver isso do meu jeito.

Ele aproveita o meu vacilo e se desvincula dos meus dedos. Quando percebo, ele está indo para cima de Aron acertando o punho certeiro em seu rosto. Tento impedi-lo, mas Logan dá outro soco, e mais um, e mais um, até que Aron revida. Quando ele acerta Logan, eu solto um grito estrangulado. Sei que Aron também é forte e tenho medo de que ele machuque Logan.

Não me importo com as pessoas se levantando e praticamente nos cercando, achando que estão vendo um espetáculo. Aproveito que um homem se aproxima, tentando apartar a briga, e faço o mesmo, tentando tirar Logan dali. Para o meu desespero, eles caem no chão enquanto trocam socos. Eu estou tão desesperado, e minhas mãos tremem tanto, que não sei o que fazer.

Logan consegue ficar por cima, sentando no tronco de Aron, e começa a disparar soco atrás de soco, sem ao menos importar onde está acertando. Eu me aproximo e tento agarrar seus ombros, mas ele não para. Aron se debate, acertando alguns golpes dispersos em seu abdômen.

— Logan! — eu grito desesperado, segurando seus ombros. — Logan, já chega!

Um homem tenta me ajudar a tirá-lo de cima de Aron, mas Logan se esquiva da sua tentativa.

— Não encosta em mim, caralho! — ele vocifera para o homem, e eu estremeço.

Quando Aron finalmente para de revidar, Logan cessa o punho, parando de socar por um instante enquanto se levanta rapidamente.

Seguro seu ombro e percebo que seu lábio inferior sangra, mas ele não me olha. Seus olhos raivosos estão fixos em Aron, que ainda está no chão. Ele está muito pior que Logan, bem mais machucado, e isso me alivia de certa forma.

— Peço que vocês se retirem — quem eu suponho ser o dono do bar diz atrás de nós — ou eu chamarei a polícia.

— Não se dê o trabalho — Logan diz entredentes, sem desviar o olhar de Aron —, eu sou delegado!

Observo Aron se contorcendo no chão, levando a mão ao queixo, mas para o meu desgosto, ele solta uma risada alta em completo escárnio.

— O que um cuzinho não faz, não é?! — ele diz alto, e minhas bochechas queimam de vergonha e raiva. — Espanta-me saber que você, Ravi, mesmo sendo tão ruim de cama, tenha gemido tão gostosinho assim para o Logan.

Meus lábios tremem, e sinto as lágrimas quentes escorrerem pelo meu rosto. Evito olhar em volta por vergonha das pessoas terem ouvido o que ele acabou de dizer sobre mim e sobre a nossa intimidade.

Logan não responde, ele apenas caminha para fora do bar em passos largos, e meu coração cai no chão. Eu não consigo acreditar que ele tenha me deixado aqui sozinho.

Tento me mexer, mas não consigo. Estou em pânico e meu corpo treme tanto, que tenho medo de entrar em colapso. Minhas lágrimas não param de cair, e eu só quero sair deste lugar o mais rápido possível. Aron me olha sorrindo, parecendo se divertir com o meu desespero, e eu sinto vontade de vomitar. Ele começa a se levantar e eu dou três passos para trás, completamente apavorado.

Antes que ele consiga se erguer por completo, Logan aparece em meu campo de visão e dá um chute no meio do seu

peito, fazendo-o cair de novo ao chão.

Um grito oco e desesperado me escapa quando vejo Logan tirar a arma da cintura e apontar para a testa de Aron. Perco o fôlego quando ele destrava a arma.

As pessoas ao redor começam a gritar, dissipando-se rapidamente, mas apenas ouço ruídos. Minha mente se transforma em um borrão. Corro até Logan e seguro seu braço com firmeza. Minhas lágrimas embaçam meus olhos, e eu sou tomado por um desespero que me assola.

— Logan! — chamo-o em completo desespero, com a voz trêmula, mas ele permanece olhando para Aron.

— Você não vai atirar em mim, não é, Logan? — Aron diz, e sei que há medo em sua voz, mas não perco meu tempo olhando para ele.

— Logan, abaixe a arma — peço desesperado, mas ele não me olha. Seu maxilar trava ainda mais, e eu imploro, chorando: — Olhe para mim, Logan. Por favor, olhe para mim e abaixe a arma.

Vejo os seus dedos tremem em volta da pistola e sei que ele está cego de raiva, mas preciso fazer com que ele me olhe. Então, levo meus dedos até o seu rosto delicadamente e faço um carinho sútil.

— Logan — imploro mais uma vez. Solto um suspiro quando ele finalmente me olha. Seu rosto está vermelho, e seu lábio sangra, mas são seus olhos que me prendem. Consigo ver raiva, fúria, magoa e dor nos olhos azuis que me encaram. — Ele não vale a pena — sussurro. — Você não é como eles, então, por favor, abaixe a arma.

Ele permanece me olhando enquanto vejo de soslaio Aron estático no chão, com os olhos arregalados.

— Escute ele, Logan. Por favor, não atire em mim — Aron diz, fazendo-me ser inundado por uma fúria que eu até então desconhecia.

Aproximo-me de seu corpo e chuto o seu rosto, com toda força que eu tenho, ouvindo seu resmungo de dor logo em seguida.

— Cale a porra da sua boca, seu cretino filho da puta! — eu grito, extravasando toda a minha raiva, a minha mágoa e o meu ressentimento. — Eu não me importo nenhum pouco se você levar um tiro bem no meio da sua testa. Inclusive, até agradeceria. Mas não vou deixar o Logan estragar a vida dele com a sua insignificância, seu merda do caralho!

Assim que grito as palavras, sinto meu peito subir e descer, mas, quando me viro para Logan, observo-o me encarar e abaixar a arma. Solto um suspiro pesado de alívio, que não dura muito tempo, já que ouço o barulho de sirene ao longe.

Quando olho para a avenida, percebo uma viatura se aproximando. Logan mantém a arma à vista e me olha. Nossos olhos se encontram, e ele dá um aceno de cabeça, como se me dissesse em silêncio que está tudo bem, que ficará tudo bem.

Quando a viatura para, percebo que é Andy Rivera que sai dela, junto de mais dois policiais da delegacia. Eles provavelmente estavam fazendo ronda no bairro.

— Delegado Theron! Baumer! — ele faz uma reverência. — O que temos aqui?

— Imaginei que alguém chamaria a polícia — Logan diz para Rivera. — Levem esse indivíduo e façam um boletim de ocorrência por desacato, ameaça e perturbação. Não esqueça de anexar à ordem de restrição quando ela sair e ao primeiro boletim por invasão e danos materiais.

— Não! — Aron ergue o corpo levemente em espanto. — Eu não posso ter ficha criminal. Isso vai estragar a minha vida.

— Pensasse nisso antes de fazer as merdas que você fez, filho da puta! Eu estou cagando para o que você pode ou não pode. O que mais quero é foder sua vida — Logan vocifera, olhando para ele.

— Eu juro, eu nunca mais tento nada. Eu nunca mais chego perto de vocês. — A voz de Aron deixa nítido seu desespero. — Eu juro que nunca mais incomodo você, Ravi. Por favor!

Ignoro os seus pedidos, mas ele continua:

— Eu fiquei com ciúmes, foi só isso. Eram nossas coisas, Ravi. Eu só fiquei com raiva. E agora, vendo vocês dois juntos, eu acabei me exaltando.

Não me dou o trabalho de responder, apenas permaneço observando Logan.

— Mantenham ele detido o máximo que puderem, mas não na minha delegacia. Não quero precisar ver a cara desse filho da puta. Levem ele para o Melz e peçam aos policiais de lá para darem a um tratamento especial antes de ele ser liberado.

— Logan, por favor — Aron insiste, mas Logan o ignora.

— Podem algemar — Logan ordena com a voz autoritária, e eu sinto meu corpo tremer.

— Ravi, por favor — Aron praticamente grita, mas eu apenas olho para ele enquanto Rivera o levanta, colocando as algemas em seus pulsos. — Por favor!

— Não se preocupe, Aron. Você é réu primário, vai ficar detido só por alguns dias — Logan diz quando Rivera termina de algemá-lo. — Mas eu juro que se você se aproximar do Ravi de novo, eu o caço até no inferno. Eu juro que eu aperto o gatilho com vontade e sumo com seu corpo. Sua família não vai ter nem um caixão para chorar em cima.

Ele engole em seco com os olhos atordoados. Olhos esses que um dia amei e pelos quais hoje não sinto nada além de desprezo. Aron me dá nojo.

— Podem me dar só um minutinho com ele? Eu preciso dizer uma última coisa. — Logan solicita olhando para Rivera, e todos dão alguns passos para trás.

Fico olhando enquanto Logan se aproxima e então pega Aron pela gola da camisa pareando seu rosto com o dele. Prendo a respiração quando Logan começa a sussurrar, quase inaudível:

— Se um dia eu tiver o privilégio de fazer amor com o Ravi, ele não vai gemer, ele vai gritar o meu nome. Ele não vai precisar fingir, porque eu vou amar ele do jeito certo, coisa que você não fez. — Meu coração para por um instante, e apesar de Logan falar baixo, para que só Aron escute, eu também consigo ouvir. — E, se

um dia você ousar falar dele daquela maneira novamente, Aron, eu juro para você que eu arranco o seu pau e faço você engolir. Estamos entendidos?

Aron não diz nada, e Logan o empurra pelo peito, dando um sinal para Rivera, que o guia até a viatura. Meu coração está acelerado, e sei que as minhas bochechas estão vermelhas, já que meu rosto não para de queimar. Limpo as lágrimas remanescentes, que já estão praticamente secas, e Logan me lança um olhar desolador enquanto ouço o barulho da sirene se afastar.

— Desculpe-me — ele sussurra, e eu nego com a cabeça.

Vou até ele e passo meus braços por cima de seus ombros, abrigando-me em seu abraço. Ele acaricia minha cabeça enquanto eu me encaixo na curva do seu pescoço.

— Sinto muito por você ter presenciado isso e pelas coisas que você precisou ouvir hoje, Ravi.

— Tudo bem. Agora está tudo bem — sussurro de volta, querendo acreditar piamente nisso.

— Eu preciso conversar com o gerente do bar e depois eu o levo em casa — ele diz, afastando-se minimamente do meu corpo. — Pode ser?

Concordo com a cabeça rapidamente e olho em volta, percebendo que algumas pessoas voltaram para o bar, mas outras não, simplesmente foram embora. As que ficaram nos olham como se fôssemos criaturas de outro planeta, e eu me sinto completamente envergonhado. Só quero sair daqui o mais rápido possível e nunca mais quero ter que voltar a esse bar. Logan chama o gerente, e ele caminha hesitantemente até nós.

— Algumas pessoas saíram do seu estabelecimento sem pagar por causa da briga, e eu quero arcar com o prejuízo.

— Não foram muitas. Não se preocupe. Eu não sabia que o senhor era delegado — o homem diz, parecendo levemente sem graça.

— Não é por isso que não vou arcar com as minhas responsabilidades, senhor. Preciso do valor — Logan rebate com a voz rígida.

Sinto-me na obrigação de pagar ou pelo menos ajudar a pagar, afinal isso tudo aconteceu por minha causa.

— Logan, eu que tenho que pagar — digo rápido, mas ele nega com a cabeça de prontidão.

— Você precisa do dinheiro para comprar shampoo, florzinha — sua voz sai séria, e o dono no bar nos observa, mas não consigo conter uma risada baixa.

— Vá à merda! — exclamo, e Logan me lança um sorriso tão doce, que me faz derreter por completo.

— Senhor — Logan diz, voltando o olhar para o homem e parando de sorrir —, eu não tenho a noite inteira. Fale-me o valor.

— Acredito eu que tenha sido em torno de trezentas libras. — Ele pigarreia, hesitante.

— Nós pedimos duas cervejas, isso já está incluso? — Logan pergunta, e o homem assente.

Logan então entra na parte interna do bar para pagar o prejuízo, e eu fico sozinho na área externa. Passo a mão pelo cabelo e mais uma vez eu não sei o que pensar e nem o que sentir.

Estou em êxtase e em pânico, aliviado e apreensivo, eufórico e desesperado, tudo ao mesmo tempo.

Quando Logan volta, ele me guia até o carro, onde permanecemos em silêncio. Fico pensando nas palavras dele para Aron, e meu coração dispara outra vez. Sinto como se eu sempre fosse me surpreender com Logan, porque eu sempre espero o pior dele, e, mesmo assim, ele sempre me surpreende de uma forma positiva.

Quando ele estaciona, eu me viro para ele, observando seu rosto. O corte no lábio já está seco, e percebo algumas escoriações em sua pele. Mas é a sua mão direita que me preocupa. Os nós dos seus dedos estão quase em carne viva.

— Deixe-me fazer um curativo em sua mão e na sua boca. Eu tenho um kit de primeiros-socorros em casa — ofereço e percebo certa relutância de sua parte.

No entanto, ele me olha com o cenho franzido por um instante antes de concordar com a cabeça.

Subimos em silêncio, e ele se senta no sofá ao lado de Jorge, que parece indiferente à nossa presença enquanto tira um cochilo. Pego o kit no banheiro e volto instantes depois, ajoelhando-me diante dele.

Os olhos de Logan pousam em mim, e eu começo a limpar sua mão. Passo a gaze pelos nós de seus dedos com a maior delicadeza, limpando o sangue seco. Ele não diz nada e nem resmunga, mesmo eu tendo consciência de que provavelmente está doendo. Quando termino de limpar, enfaixo sua mão e então me levanto.

Pego um algodão molhado e me inclino sobre seu corpo. Observo seu rosto de perto e engulo em seco. Logan é lindo, e estar tão próximo, observando cada um dos seus traços, só me faz ter certeza disso. Seu olhar me queima e não sai de mim nem por um instante. Passo o algodão molhado no corte em sua boca com a mão leve enquanto olho para os seus lábios semiabertos. Ergo o meu olhar e o encaro. Meu coração se acelera tanto, e estamos tão próximos, que tenho medo de que ele ouça as batidas. Por impulso, passo uma perna de um lado do seu corpo e a outra do outro. Logan não hesita, não fala, não me impede, e então eu me sento em seu colo.

Seus olhos ainda estão cravados em mim quando sinto suas mãos subirem lentamente pelas minhas coxas, depois pelo meu quadril, até chegarem à minha cintura, onde ele aperta firme, causando-me um arrepio. Seguro o gemido que fica preso na minha garganta à medida que meu corpo inteiro pega fogo.

— Quero que me ame do jeito certo, Logan — sussurro próximo à sua boca e sinto seus dedos apertarem ainda mais a minha pele. — Eu quero saber como é ser amado do jeito certo.

Capítulo 25

Logan não diz nada com a boca, mas seus olhos me dizem muito. Espero que os meus respondam o que não falamos em voz alta.

Inclino-me e começo a me levantar, sentindo seus dedos deslizarem por minha cintura. Fico em pé no meio de suas pernas, e ele pisca lentamente para mim, como se buscasse algum traço de hesitação que não existe.

Mordo os lábios e subo os dedos pela minha camisa, começando a soltar o primeiro botão. Seus olhos me queimam quando desabotoo o segundo, o terceiro, o quarto, até a minha camisa se abrir por completo. Deslizo-a pelos meus ombros e a deixo cair no chão.

Logan engole em seco, e observo sua mandíbula se contrair à medida que seus olhos observam meu tronco nu. Inclino-me minimamente, apenas para pegar a sua mão esquerda.

— Toque-me, Logan — sussurro, pousando sua mão em minha cintura, sobre a minha pele nua e em chamas. — Toque-me!

Seus olhos ainda estão presos nos meus quando ele se levanta do sofá, ficando de frente a mim. Prendo a respiração quando seus olhos percorrem meu rosto até pousarem em minha boca. Ele ergue a mão e circula meus lábios com o polegar, lenta e delicadamente, no toque mais singelo que eu já senti. Sua mão desliza pelo meu pescoço, até encontrar a minha nuca, e eu fecho os olhos, inclinando a cabeça para trás. Sinto os lábios de Logan na minha clavícula, subindo até o meu pescoço, por minha mandíbula, até parar na minha bochecha. Arrepio-me com cada um dos movimentos que ele faz. Seus lábios roçam nos meus, e eu sou

inundado por um formigamento que sinto desde as pontas dos pés até a cabeça.

— Ravi… — ele diz meu nome em um gemido sussurrado, e eu renuncio a tudo em que um dia acreditei e que senti.

Sei que não há mais volta quando sua boca encosta na minha, quando sua língua me invade e ele me prende em seus braços. Sei que nunca mais serei o mesmo depois que ele me tocar, mas eu permito, eu quero e eu preciso que ele me toque.

Ele só desprende a boca da minha para tirar a camisa, passando-a pela cabeça de forma desesperada, como se tivesse medo de morrer se não voltasse a me beijar. E ele beija, ainda mais intensamente, ainda mais profundamente, ainda mais desesperado. Gemo em seus lábios quando ele me pega no colo, passando as minhas pernas por sua cintura, e caminha comigo até meu quarto. Sua mão desliza por minha coxa, até encontrar com a minha bunda, e ele a aperta forte, cravando os dedos sobre o tecido. Eu arfo de tesão.

Meu corpo incendeia quando ele me posiciona na cama, apoiando-se nos cotovelos sobre mim. Ele separa as nossas bocas apenas para me olhar, levando a mão até a minha testa e afastando uma mecha de cabelo que cai em meus olhos. Seu olhar volta para o meu, e ele parece olhar através de mim. Ele se inclina e dá um beijo nos meus lábios, então se afasta novamente.

— Minha florzinha — ele sussurra, olhando-me nos olhos.

Meu coração parece explodir no peito, então ele sorri e volta a me beijar como eu nunca havia sido beijado antes. Nossas línguas parecem ter sido feitas para dançar juntas. Nossos corpos se pertencem. Nossa energia se complementa.

Ele pressiona o corpo sobre o meu, e consigo sentir sua ereção em minha coxa. Não evito o gemido quando ele se abaixa e distribui beijos pelo meu pescoço, como se explorasse cada centímetro da minha pele. Sua língua curiosa passeia por cada canto, e eu me sinto queimar por dentro.

Abaixando-se um pouco mais, ele beija meu tórax, até encontrar o meu mamilo. Seus olhos não desviam dos meus à

medida que sua boca me explora, e eu me sinto ser inundado por um prazer que até então, desconhecia.

Logan circula o meu mamilo direito com a língua, antes de prendê-lo entre os dentes. Solto um gemido gritado enquanto ele prende o outro mamilo entre os dedos. Ele o solta e me lança um sorriso antes de voltar a chupá-lo. Eu estou tão excitado, que meu pau lateja dentro da calça. E ele mal começou a me tocar.

Logan desce a boca pelo meu torso, beijando a minha barriga, e circula meu umbigo com a língua. Meu coração se acelera quando ele para no cós da minha calça. Prendo a respiração quando ele se ajoelha no meio das minhas pernas, tirando minhas botas e meias.

Seus dedos encontram o botão da minha calça, e ele a desabotoa, olhando-me nos olhos. Meu coração descompassado parece parar quando seus dedos começam a descê-la, e eu ergo meu quadril para ajudá-lo. Sinto minhas bochechas queimarem de vergonha e mordo os lábios, sabendo que ele está me vendo apenas de cueca.

Apesar da vergonha, eu não me sinto nem um pouco desconfortável, pelo contrário, eu nunca estive tão à vontade ao lado dele.

Logan levanta minha perna e a posiciona no ombro, começando a distribuir beijos pela minha panturrilha, subindo até o interior das minhas coxas. Ele posiciona a mão em cima da minha ereção coberta pela cueca, e eu mordo os lábios para não gemer quando ele a aperta. Minha respiração acelera, e sinto que posso desmaiar de prazer a qualquer momento.

Logan desce a minha perna com cuidado e coloca os dedos na borda da minha cueca para então descê-la devagar. Sinto minhas bochechas queimarem mais uma vez quando ele libera a minha ereção, tirando a minha cueca por completo.

Ele passa um tempo olhando para o meu corpo e depois sobe os olhos para os meus.

— Você é lindo — ele diz baixinho, e eu estremeço, lançando a ele um sorriso contido, mordendo os lábios logo em

seguida.

Ele circula minha ereção com os dedos, e eu tremo. Um simples toque, e eu estou pronto para explodir. Fecho os olhos quando ele começa a me masturbar, descendo a mão por toda a minha extensão para depois subir.

— Olhe para mim — ele ordena. — Olhe para mim enquanto eu o chupo, policial Baumer.

Abro os olhos e percebo que essa é a terceira vez que eu quase morro, e os olhos azuis de Logan são as últimas coisas que eu vejo.

Ele abaixa a cabeça e circula minha glande com a língua. Eu mordo os lábios tão forte, que sinto que posso rasgá-los a qualquer momento. Logan desce a boca por minha extensão, e me contorço debaixo dele. Seus movimentos são precisos, mas delicados. Fortes, porém sutis.

Ele desliza os lábios por meu pau, e eu sinto choques percorrendo todos os poros do meu corpo. Ele não tira os olhos de mim enquanto me chupa, e eu gostaria de emoldurar essa imagem em um quadro na minha mente, para sempre.

Minhas pernas tremem tanto, e sou inundado por tanto prazer, que não consigo mais conter os gemidos entrecortados que escapam da minha boca. Estou a um passo de explodir de tesão.

— Logan — eu gemo o nome dele, e ele aumenta a intensidade.

Ele o enfia todo na boca, e sinto seu nariz encostar na minha barriga. Solto ainda mais gemidos e tremo incontrolavelmente sob seu corpo. Logan me retira da boca, mantendo a mão me masturbando.

— Você quer gozar, florzinha? — ele pergunta com a voz rouca, e eu estremeço.

— Q-Quero — gemo com a voz falhada enquanto Logan me masturba ainda mais rápido. — Eu… Eu… Eu não vou aguentar.

— Então me deixe prová-lo — ele sussurra. — Deixe-me saber seu gosto. Goze na minha boca.

Agarro-me aos lençóis e jogo a cabeça para trás quando Logan volta a sugar a minha glande. Olho para ele estremecendo quando o primeiro jato de gozo me escapa.

Solto um último gemido e sinto minha respiração ofegante quando Logan sorri para mim, engolindo-me por completo. Ele passa o dedo em uma gota de gozo que respingou ao lado de seu lábio e se aproxima de mim, colocando o dedo entre nós.

— Prove — ele diz com a voz rouca. — Sinta como você é delicioso, Ravi.

Ele coloca o dedo próximo aos meus lábios, e eu o chupo, sentindo meu gosto, olhando em seus olhos. Logan morde os lábios e franze as sobrancelhas, contemplando-me, e retira o dedo da minha boca apenas para voltar a me beijar desesperadamente.

Desço a mão até o cós de sua calça e começo a desabotoá-la. Logan chuta os sapatos e retira as meias ainda com a boca na minha e ergue-se logo em seguida para se livrar da calça. Seu corpo volta a se deitar sobre o meu, e consigo sentir o seu volume através da cueca, encostando com a minha ereção e causando uma fricção deliciosa.

Começo a abaixar a sua cueca e circulo os dedos em sua ereção. Logan geme meu nome, e eu suspiro em rendição. Sua voz rouca e ofegante me deixa inebriado de prazer. Começo a masturba-lo dentro da cueca, e ele morde meus lábios com força, puxando-os. Logo em seguida se afasta minimamente do meu corpo apenas para retirar a cueca.

Em instantes, estamos completamente nus, com os corpos colados. Sinto sua pele quente e macia sobre a minha e o abraço, passando meus braços por seu ombro, querendo o máximo de contato enquanto ele beija cada parte do meu pescoço. Ele flexiona o quadril, imitando um movimento de penetração, e só isso basta para que eu gemer alto, arranhando suas costas com a ponta das unhas.

— Entre em mim — sussurro desesperado e sinto ele gemer sobre o meu pescoço. — Eu preciso de você dentro de mim agora.

Tateio a mesa de canto e abro a gaveta, buscando por um frasco de lubrificante e um pacote de camisinha, então os entrego a Logan. Ele se inclina e se senta sobre as pernas.

O vejo completamente nu pela primeira vez, e meus olhos percorrem cada centímetro do seu corpo em completa admiração enquanto ele coloca a camisinha. Percebo que ele nota o meu olhar quando um sorriso de lado começa a adornar seu rosto e ele me olha.

— Admirando?

— E como não admirar? — confesso, sentindo as minhas bochechas corarem, e assisto ao seu sorriso se alargar.

Logan passa uma quantidade boa de lubrificante em sua ereção coberta pela camisinha e nos dedos e volta a se deitar sobre mim. Já estou completamente duro de novo, só pelo fato de ter observado seu corpo instantes atrás. Ele então rodeia a minha entrada com um dos dedos, e eu tremo pela sensação. Quando seu dedo desliza para dentro de mim, eu gemo alto, não contento o meu desejo. Logan beija a minha boca e me invade com outro dedo, fazendo-me perder completamente os sentidos ao começar a me dedar, preparando-me para ele.

— Posso? — ele sussurra, e eu só quero implorar para que ele se enfie em mim o mais rápido possível, o mais forte possível, o mais fundo possível, mas apenas concordo com a cabeça.

Logan, então, retira os dedos e se posiciona no meio das minhas pernas, deslizando sua ereção em minha entrada. Fico hipnotizado e olho para ele em puro encantamento quando seus olhos se encontram com os meus e ele sorri. Seu sorriso só se desfaz quando ele se abaixa para me beijar, inclinando de leve o quadril e começando a me penetrar. Quando ele desliza para dentro de mim, nós dois soltamos um suspiro alto e simultâneo.

— Cacete... — ele geme baixinho na minha boca.

Sou inundado por um tesão imensurável quando ele sai por completo, para então se afundar em mim outra vez.

— Logan! — gemo tão alto, que por pouco não grito.

Ele começa a se movimentar, e mordo seu ombro com força, ouvindo-o gemer meu nome arrastado. Nossos corpos colidem quando ele começa a entrar e sair de mim mais rápido e mais fundo. Arranho suas costas com força, não contendo o meu desejo, e ele geme alto desta vez.

— Caralho, Ravi — ele ofega. — Caralho!

Ele se ergue e levanta as minhas pernas, colocando-as em seu ombro. Grito de prazer quando ele entra ainda mais fundo e atinge a minha próstata repetidas vezes. Ele segura firme em minha cintura, e eu sinto o mundo perder a gravidade por um instante. Meu corpo é apenas um emaranhado de prazer, e nossos olhos não se desgrudam enquanto ele me tem. É tão voraz, tão visceral, tão significativo, que me sinto nas nuvens. Suas mãos passeiam pelo corpo, invadindo-me com tudo o que tem, e eu me entrego com tudo o que eu tenho.

Logan retira as minhas pernas do ombro e se inclina sobre o meu corpo, virando-me para que eu fique por cima. Ergo-me espalmando as mãos em seu peito e jogo o cabelo, para que ele saia do meu rosto. Logan me lança um sorriso doce e malicioso na mesma proporção e logo em seguida morde os lábios. Sua mão viaja para os meus fios e ele os puxa com vontade, arrancando de mim um gemido gostoso. Sua mão livre viaja até a minha cintura, guiando-me à medida que eu rebolo o meu quadril em seu pau.

Logan ofega e crava as unhas em minha pele. Seu pau lateja dentro de mim, e sei que ele está prestes a gozar. Ele solta o meu cabelo apenas para segurar minha cintura com força, começando a movimentar o quadril, metendo em mim tão forte e tão fundo, que eu estremeço.

— Goze… — ele geme, ordenando. — Goze para mim, florzinha. Eu não estou aguentando mais segurar.

Suas palavras são como comandos em meu corpo, e eu reviro os olhos sentindo meu pau pulsar. Gozo pelo seu abdômen, e Logan grunhe, dando mais três estocadas, gozando dentro da camisinha, em mim.

Caio sobre seu corpo, completamente exausto e extasiado. Sinto seu peito subir e descer sob o meu e ouço as batidas rápidas do seu coração sob a minha pele. Ele tenta recuperar o fôlego enquanto eu também tento recuperar o meu.

Com delicadeza, ele desliza os lábios e beija a minha testa suada com carinho, passando os dedos levemente pelas minhas costas.

Eu percebo que nunca me senti assim, nunca senti como se eu pudesse morrer a qualquer momento por puro prazer.

Permaneço em cima dele por um bom tempo até rolar para o lado. Ele tira a camisinha, coloca-a no chão e me puxa para ficar sobre seu peito. Não falamos nada até a nossa respiração voltar ao normal, mas Logan acaricia os meus cabelos enquanto eu circulo o dedo sobre o seu peito, fazendo desenhos imaginários em sua pele.

Estou tão em êxtase, que sinto que poderia chorar a qualquer momento. Meus pensamentos me invadem, assim como a minha insegurança. Tento controlar o aperto que surge em meu coração, mas é em vão.

— Logan — eu o chamo baixinho, levantando o rosto e notando seus olhos fechados.

— Hm? — ele murmura sorrindo, ainda de olhos fechados e passa os dedos no meu cabelo.

— Foi bom? — pergunto sussurrando e percebo seu corpo se enrijecer no mesmo instante. Ele abre os olhos para me olhar de forma séria. — Eu fui bem… no sexo?

As sobrancelhas de Logan se franzem, e ele me observa como se buscasse algo em meu rosto. Tenho medo de que ele me responda que não foi bom ou que não foi como ele imaginava, porém, prendo a respiração quando ele afasta o corpo minimamente do meu.

— O que você está me perguntando, Ravi?

Ele me encara por um instante e afasta ainda mais, sentando-se na cama. Meu coração despenca do peito, e eu também me sento.

— Eu só… eu só queria saber se foi como você esperava — deixo escapar com a voz trêmula, mas Logan solta uma risada baixa, negando com a cabeça.

— Eu não estou acreditando nisso. — Ele passa as mãos pelos cabelos, parecendo frustrado, e eu me arrependo do que acabei de perguntar.

— Logan… — Passo a mão em seu braço, mas ele se desvincula do meu toque.

— Isso era uma espécie de teste, Ravi? — Ele me olha, e percebo seu rosto avermelhar. — Um teste que eu não passei? É isso?

— Não! — eu grito ao perceber que ele começa a se levantar da cama. — Não, Logan. Eu só… Eu…

Tento falar, mas minha voz não sai. Ela simplesmente não sai. Sinto minhas mãos começarem a tremer ao observá-lo vestir a cueca rapidamente e em seguida pegar a calça no chão, também começando a vesti-la.

— Logan… — Ajoelho-me na cama.

— Eu não estou acreditando que caí no seu joguinho, Ravi. Eu não estou acreditando que cai nisso. Eu não acredito que você estava brincando comigo todo esse tempo.

Sinto meus olhos arderem e me levanto, vestindo a minha cueca.

— Eu não estava brincando, Logan — asseguro com a voz falhada. — Você entendeu errado. Desculpe-me!

— Entendi errado? — Ele me olha. — Que porra de pergunta é essa?

— Eu só queria saber. — Minha voz sai trêmula.

— Para quê? Para que você queria saber, Ravi? — Ele me olha nos olhos, e sua voz se eleva. Tento controlar a minha respiração e engulo em seco. — Você estava o tempo todo pensando nisso? Enquanto eu estava dentro de você, era nisso que você pensava, Ravi?

Eu nego com a cabeça repetidas vezes, mas ele apenas se senta na cama de costas para mim e começa a calçar os sapatos. Meu coração se despedaça. Eu não sei por que eu perguntei aquilo, não sei por que eu tive que estragar o nosso momento. Não sei por que quebrei o encanto.

Começo a me desesperar e me aproximo, tentando tocar seu ombro, mas ele se esquiva do meu toque mais uma vez.

— Logan — eu sussurro com a voz chorosa, e ele me olha.

— Você se aproximou de mim só para se vingar, não foi, Ravi? — A voz dele falha. — Só para comprovar até onde o trouxa aqui iria.

Ele não espera a minha resposta e começa a caminhar para a sala, com sua camisa nas mãos. Levanto e o sigo, sentindo raiva por ele pensar que eu me vingaria dele.

— Você fala como se não tivesse se aproximado de mim por culpa. Você, no fundo, tripudiava sobre a minha dor, Logan — eu grito.

— Vá à merda, Ravi — ele vocifera, caminhando até a porta.

— Todos os bombons, a Coca, era tudo por culpa, não era? — eu grito, sentindo a minha voz ficar embargada por causa do choro que quer brotar em minha garganta. — Não era, Logan? Você nunca gostou genuinamente de mim. Você já me falou que sentia que tinha uma dívida comigo e só estava pagando a sua dívida.

Ele para e me olha. Seu maxilar trava, e ele nega com a cabeça.

— Eu não consigo olhar na sua cara, Ravi — ele diz com a mão na maçaneta e engole em seco. — Eu vou embora.

— Vá, Logan! Vá então! — eu grito apontando para a porta. — Vá e suma da minha vida. Você já está acostumado a fugir mesmo, covarde!

— Eu sou covarde, Ravi? Eu? — Ele solta a maçaneta e dá dois passos em minha direção. — Não sou eu que me deito com

alguém por puro capricho, para aumentar a porra do meu ego, para lidar com a minha insegurança, sem me importar com mais nada.

Ele grita, com o rosto completamente vermelho, e eu sinto as minhas lágrimas escorrendo por minhas bochechas. Limpo-as com raiva e olho para ele.

— Eu o odeio tanto, Logan!

— Odeia? — ele pergunta, olhando-me, e então volta até a porta, abrindo-a. Ele me olha uma última vez só para dizer: — Ótimo, porque é recíproco.

Logan sai batendo a porta, e meu coração se parte em mil pedaços. Minhas pernas cedem, e eu caio de joelhos no chão, tapando os olhos enquanto choro.

Capítulo 26

Minha cabeça dói tanto, que não consigo saber se estou mesmo escutando a campainha ou se estou apenas alucinando. Tento abrir os olhos e sinto minhas pálpebras inchadas por ter passado a noite inteira chorando. Ao pensar na noite passada, sinto como se estivesse apreciando uma vista linda por um bom tempo, mas de repente, por descuido, meus pés deslizaram, fazendo-me cair de um precipício.

Onde foi que começou a dar errado?

Por que eu fiz aquela maldita pergunta?

Acho que, no fundo, eu só queria que ele me achasse bom. Que ele me achasse bom o suficiente para ele. Mas eu não fui. Eu acabei estragando as coisas. Sempre soube que seria suicídio me apaixonar por Logan. Mas, eu pensei que seria uma morte rápida, e não uma morte lenta e tortuosa.

Escuto a campainha novamente e desperto. Levanto-me rapidamente, tropeçando em minha cama, e corro até a porta.

Penso que ele voltou, veio dizer que me entende, que nós dois nos equivocamos, que sente o mesmo que eu sinto por ele. Mas, quando abro a porta, minha esperança se esvai.

— Ah, são vocês — digo sem um pingo de animação na voz, transparecendo a minha decepção, e me viro, deixando a porta aberta.

— Nossa! Você já foi mais educado — Josh bufa, entrando no meu apartamento, seguido de Lucca. — E vá vestir uma roupa, porque eu não sou obrigado a vê-lo de cueca em pleno sábado de manhã.

— Ah, não encha, Josh! — Volto para o quarto e me jogo na cama.

— Quem é esse *pitiquinho* aqui? — Lucca pergunta ao ver Jorge. — Oi, *fofuxinho*!

— É meu filho! Aproveitem e coloquem comida para ele, por favor. A ração está em cima do balcão.

— Você não me contou que tinha adotado um gato — Lucca diz, parado em frente à minha porta.

— Então acho que estamos quites, já que você também não me conta as coisas — retruco, emburrado.

— Você ainda está com raiva de nós? — Ele se senta em minha cama e não espera a minha resposta. — Desculpe-me, Ravi! Foi mesmo uma bobagem esconder. Não quero que você fique assim por isso.

— Eu não estou assim por isso — bufo, sentando-me na cama. — Você é meu melhor amigo, Lucca. Você e Josh. E eu estou muito feliz que você esteja conhecendo um homem tão legal quanto Alec. Ele é uma das melhores pessoas que eu conheço. Eu só… não lidei bem com a notícia e sei que exagerei na minha reação. Desculpe-me.

— Você não precisa se desculpar. Foi uma bobagem. — Lucca segura minha mão carinhosamente, e eu sinto vontade de chorar.

— Você adotou um saco sem fundo, Ravi! — Josh se aproxima da porta e se senta na cama. — Ele já comeu a comida toda que eu coloquei. Gato esfomeado da porra!

— Não fale assim do meu filho — digo baixo e me deito na cama de novo, soltando um suspiro.

Até Jorge me lembra Logan.

Começo a me lembrar da noite passada e escondo os olhos com as mãos, começando a chorar incontrolavelmente.

— Ravi? — Lucca se deita ao meu lado, tentando tirar minha mão dos meus olhos. — O que foi?

— Eu estou… Eu estou apaixonado por aquele filho da puta — eu soluço em meio choro e sinto meus lábios tremerem. — Eu estou tão apaixonado que dói. Dói meu coração.

— Por quem? — ouço Josh perguntar.

— Pelo Logan — eu sussurro, choroso. — Eu estou completamente apaixonado por aquele imbecil que só me faz sofrer. Aquele desgraçado. Aquele idiota. Aquele implicante de merda. Aquele… Aquele…

O choro não me permite terminar. Sinto um carinho de Lucca em meu braço.

— O amante delegado? — ouço Josh sussurrar para Lucca.

— Sim, Josh — eu respondo, tirando a mão dos olhos e olhando para ele. — No fim das contas, não passamos disso: o amante e o corno.

Percebo as bochechas de Josh se avermelharem e me sinto mal por ter falado com ele dessa forma.

— Desculpe-me, Ravi — Josh diz com a voz pesarosa. — Eu não quis...

— Eu que peço desculpas, mas, às vezes, sinto que é isso o que realmente somos — digo baixo. — O momento em que nos conhecemos nos marcou para o resto das nossas vidas, e não dá para mudar isso.

— Vamos sair dessa, Ravi — Lucca diz, tentando me confortar. — Vocês vão se acertar, e vai ficar tudo bem, você vai ver.

— Não vai, Lucca — fungo. — Ontem dissemos e fizemos coisas das quais não podemos voltar atrás. Não acho que tem como desquebrar o quebrado.

— Mas, se colar direitinho, juntando os caquinhos, ainda fica bonito — Josh diz, sorrindo para mim. — Pode não voltar a ser a mesma peça, mas será uma peça única, diferente de todas as outras que já foram criadas.

Sinto meu coração se apertar, mas sorrio levemente, limpando as minhas lágrimas e assentindo.

— Vamos sair dessa fossa. Eu vou fazer um café da manhã especial para você — Lucca diz, animado, levantando-se e me puxando pelo braço, apesar dos meus resmungos. — Vou fazer panquecas, ovos mexidos, um café fresquinho, e… Isso é uma camisinha? Usada?

Lucca dá um pulo para o lado, fazendo uma cara de nojo, enquanto Josh se inclina para ver.

— É uma camisinha — ele diz com a voz repleta de repulsa. — Que nojo, Ravi! Você transou ontem?

Minhas bochechas queimam de vergonha, e eu me inclino rapidamente, pegando a camisinha, levando-a até o banheiro para jogá-la no cesto. Volto para o quarto, querendo cavar um buraco para me esconder.

Por sorte, eles não insistem em saber quem é o dono da camisinha, ou talvez saibam bem quem seja, mas preferem não tocar no assunto. De qualquer forma, eu fico agradecido.

— Vocês vão fingir que não viram isso — digo sério, e Josh cai na risada.

— Que nível de intimidade nós temos, puta que pariu! — e le diz, ainda rindo, e eu nego com a cabeça.

— Pense pelo lado bom — Lucca diz entre risos — é sinal de que o Ravi tirou as teias de aranha ontem. Já estava passando da hora!

— Parem com isso! — Reviro os olhos, irritado, enquanto os dois se acabam de rir achando que a minha vida sexual é uma pauta engraçada.

Apesar da minha irritação, eu também solto um riso por suas gargalhadas altas, mas reviro os olhos logo em seguida e começo a caminhar até a cozinha.

Deixo Lucca preparando o café enquanto Josh brinca com Jorge como se compartilhassem do mesmo neurônio e vou até o banheiro, tomar um banho longo.

Assim que volto para a sala, sento-me na mesa e tento me distrair, mas, meu pensamento traiçoeiro sempre volta para a noite de ontem. Penso nos beijos de Logan, no seu toque, nele me

tomando para si, nos seus olhos vasculhando todo o meu corpo. Sinto como se jamais pudesse ser tocado daquela maneira por mais ninguém no mundo.

Seu beijo ainda está marcado em meus lábios. Seu gosto, em minha língua. Seu cheiro, por toda a minha pele. Suspiro alto e sinto vontade de chorar mais uma vez, mas seguro. Lucca me entrega uma xícara de café, e eu tento sorrir, apesar de não conseguir fazer isso muito bem.

Lembro-me de cada toque, como se sua digital tivesse sido gravada em mim como tatuagem. Tenho vontade de simplesmente desaparecer do mapa quando penso que segunda-feira terei que ir trabalhar. Vamos nos esbarrar, porque é inevitável, mas não sei como agirei diante dessa situação. Desta vez, não é uma implicância boba, não é ansiedade, não são simplesmente ofensas que não levam a nada, porque dessa vez nos machucamos, e nos machucamos sério.

Sinto meus olhos se aguarem, mas pisco várias vezes enquanto levo a xícara de café até a boca.

Acho que algumas coisas não tem conserto. Acho que eu simplesmente não nasci para o amor ou para ser amado.



Chego na delegacia na segunda-feira de manhã com o coração na boca. Hoje está sendo mais difícil vir trabalhar do que quando eu descobri que Logan era o delegado. Acho que, no fim das contas, a mágoa pesa muito mais que o ódio na balança dos sentimentos.

Cumprimento Dean e Rivera no caminho até a minha sala, torcendo para que eles não puxem papo. Rivera também não menciona nada sobre o que presenciou no bar, e acho que isso, de certo modo, é em respeito a Logan.

Hoje eu só quero fazer o meu trabalho o mais rápido possível para voltar para casa o quanto antes e ficar com Jorge, sentado no sofá, comendo besteiras e assistindo a comédias românticas para me afundar ainda mais na minha tristeza e na minha solidão.

Entro na minha sala, e, pela primeira vez desde que comecei a trabalhar aqui, eu fecho a porta. Não quero que ninguém entre e não quero que ninguém me veja. Hoje eu só quero ser invisível.

A primeira coisa que eu faço é abrir a gaveta e pegar o meu bloco de notas. Arranco a primeira página e rasgo em vários pedaços, sentindo meus olhos marejarem. Eu não sinto mais nada do que escrevi na primeira página, então ela não serve mais para nada. Sento-me em minha cadeira e solto um suspiro longo.

Não quero chorar, não vou chorar, eu não vou…

Olho para o meu teclado, e há um bombom em cima dele. Meu coração palpita, porque sei que o de sexta eu já comi, então ele deixou esse hoje, mesmo depois da briga. Ele deixou um bombom para mim mesmo depois de tudo que dissemos um para o outro.

Sinto as lágrimas que tanto tentei evitar descerem pelo meu rosto e fico com raiva, sem nem saber ao certo o porquê. Pego o bombom e jogo-o no lixo com tanta força, que a lixeira até balança.

Ligo o meu computador e tento não pensar nele, em seu maldito toque, em sua maldita boca percorrendo todo o meu corpo, em seus malditos beijos e… *argh*!

Vou até a lixeira e pego o bombom. Abro-o e o enfio todo na boca, sentindo o doce se misturar com o salgado das minhas lágrimas, que descem como cachoeiras.

Ouço batidas na porta e quase me engasgo. Meu coração para por um instante e eu seguro a minha respiração até a porta se abrir, revelando Alec.

Suspiro de alívio e de decepção. Limpo as lágrimas disfarçadamente e fungo.

— Posso entrar? — ele pergunta, e eu assinto. Ele entra e parece reparar em meu rosto, que provavelmente está vermelho e

inchado. Ele franze o cenho ao se aproximar da minha mesa. — Está tudo bem, Ravi?

— Está — pigarreio. — Está tudo bem, sim.

— Não parece. — Ele me encara. — Você está chorando?

— Não. — Ajeito-me na cadeira, desviando os olhos dele. — Eu só estou com alergia. Sou alérgico a pólen.

Oh desgraça de vida!

Eu nem tinha me dado conta de que agora até a porra do pólen me lembra Logan. Mas que inferno!

— Estamos no outono. — Ele ergue uma sobrancelha.

— Mas sempre sobra um pólen aqui, um pólen ali. — Tento sorrir. — Sabe como é.

— Então *tá*. — Ele dá de ombros, ainda parecendo desconfiado, mas muda de assunto: — Vim saber se ainda está com raiva de mim e se vai me abandonar no almoço.

Seus olhos pesarosos pousam nos meus, e meu coração se aperta.

— Não, Alec. Não estou mais com raiva. Na verdade, na hora eu também não fiquei. Só dei piti mesmo — assumo, e ele solta uma risada baixa, mas não consigo acompanhá-lo. — E sim, vou almoçar com você. Eu jamais vou abandonar meu companheiro de almoço. Eu o encontro lá.

Ele me lança um sorriso terno e concorda com a cabeça.

— Combinado então.

Ele me analisa por um instante antes de sair da minha sala, e eu sei que ele estava pensando em dizer algo, mas não disse. De qualquer forma, sinto-me aliviado por ele não ter perguntado mais nada.

Volto os olhos para a tela do computador e abro minhas planilhas, pensando em como o dia de hoje vai ser agonizantemente longo.



Para minha surpresa, a Coca-Cola é deixada na minha mesa na hora do meu almoço. Talvez ele esteja fazendo isso de propósito, para me provar que não era por pena que ele fazia tudo isso. Ou talvez ele já tenha deixado o mês inteiro pago, e a garçonete apenas as entrega para mim. Não sei ao certo o motivo, mas prefiro não pensar nisso agora para não chorar na frente de Alec. Ele percebe que eu estou calado e não tenta puxar papo. Talvez ele pense que eu esteja me afastando, como há algumas semanas eu fiz, e prefiro que ele pense isso a comprovar que eu estou de coração partido.

Quando estamos voltando do almoço e entrando na delegacia, percebo Logan no corredor, caminhando em nossa direção. Ele me olha por um instante, mas desvia o olhar e hesita. Minhas pernas parecem perder o comando, mas eu tento me manter firme. Percebo sua relutância em desviar do corredor, mas ele já está no meio do caminho, e é inevitável passar por nós. Meu coração erra todas as suas batidas, e eu sinto uma pontada no estômago. Olho para ele e me lembro do seu corpo no meu, tocando-me como eu jamais tinha sido tocado antes; da sua boca desfrutando cada centímetro da minha pele; do seu gosto…

Mais alguns passos, e iremos nos esbarrar. Não consigo conter o turbilhão de sensações que me invade e sinto minha respiração se acelerar.

Antes que passe por nós, ele ergue a cabeça por um instante, mas seus olhos não encontram os meus, ele olha apenas para Alec.

— Cooper, Baumer. — Ele dá um aceno rápido e passa por nós de cabeça baixa, como se não tivesse acabado de levar cada pedacinho do meu coração com ele.

Solto um suspiro preso em minha garganta e percebo que agora não passamos de conhecidos que se conhecem mais do que

deveriam.

Capítulo 27

Li uma vez, em uma revista de astronomia, que astronautas que passam muito tempo no espaço, em baixa gravidade, normalmente perdem massa muscular no coração, fazendo com ele diminua de tamanho. Eu tenho me sentindo como um astronauta, mesmo com os pés cravados em terra firme e envolto por gravidade.

Faz três dias, e bombons ainda são deixados em minha mesa. Três dias que Logan cruza comigo no corredor e não me olha nos olhos. Três dias que eu me faço de invisível para que ninguém veja a minha dor. Três dias que eu sinto como se meu coração diminuísse de tamanho.

A vida tem sido dura comigo, e às vezes me questiono se fiz alguma coisa tão ruim para merecer metade das coisas pelas quais eu passei.

Antes de ir para a delegacia, eu passo no consultório do Dr. Antony para a sessão da semana. Pensei em desmarcar, mas, no fundo, sei que preciso das palavras dele.

Dr. Antony sabe exatamente o que dizer quando estou perdido, e, por mais que talvez não absorva as coisas que ele me diz na hora, eu sempre lembro delas em algum momento. Ele talvez seja quem me conhece mais do que qualquer um, e é confortável estar em sua presença, mesmo quando não tenho nada a dizer.

Assim que entro no consultório, seus olhos pousam em mim, e ele me lança um sorriso gentil. Não consigo dizer nada e apenas caminho de cabeça baixa, sentando-me na poltrona em frente a ele.

— Bom dia, Ravi — ele saúda com a voz calma de sempre, só que desta vez, diferentemente das outras sessões, sua voz sai

mais baixa. — Eu não vou lhe perguntar como está se sentindo, porque vejo que não se sente muito bem hoje. Quer me contar o que aconteceu?

Fico em silêncio por um instante e não ergo o meu olhar. Encolho-me na poltrona, recostando-me no encosto de veludo, e sinto meus olhos arderem.

— O senhor se importaria se eu ficasse calado hoje? — pergunto, sentindo a primeira lágrima rolar de meus olhos. — Eu só preciso chorar um pouquinho e prometo não fazer muito barulho para não incomodar o senhor.

Quando termino a frase, eu desabo. Escondo meu rosto com as mãos e choro.

Choro pelos os sete anos da minha vida que foram jogados no lixo, choro por ter sido abandonado no altar, choro pela traição de Aron, choro pelo bilhete, choro pela festa perdida, pelos presentes que ele que quebrou. Choro por Logan, por nossa história, por não ter tido a oportunidade de conhecê-lo de outra forma, pela vida não ter sido delicada comigo. Choro por meu coração ser idiota, fazendo-me apaixonar-me pela única pessoa pela qual eu não queria me apaixonar. Choro por tudo que foi arrancado de mim, por não poder ter a oportunidade de saber como é ser amado direito. Choro por tudo e por todas as coisas.

— Ravi — Dr. Antony me chama com a voz baixa —, eu posso esperar até que você se sinta confortável para me contar tudo o que aconteceu para você ficar assim. Mas quero lhe dizer que não tem problema nenhum em chorar. Às vezes nossas emoções extrapolam o limite, e a única maneira que conseguimos controlá-las é através do choro. Se suas emoções estão bagunçadas, liberte-as e recomece. Você enfrentou muitas coisas durante os últimos meses e tem o total direito de se sentir da maneira que se sente a respeito de tudo. Mas lembre-se, Ravi: o momento mais escuro da noite é quando está perto de amanhecer. Nenhuma escuridão dura uma eternidade.

Limpo as minhas lágrimas à medida que novas lágrimas se formam e não digo nada. Eu não consigo dizer nada.

Dr. Antony parece perceber e continua:

— Às vezes achamos que a dor, a angústia, a tristeza e a mágoa nunca vão passar. Mas tudo passa, Ravi. Até aquilo que é bom. Compreenda que somos feitos de fases, como a lua, e é normal ficarmos tristes e perdidos. Mas é só uma fase, e quando ela acaba, começamos a enxergar as coisas de outra forma. Sinta-se lisonjeado de sentir. Você sempre sente muito, Ravi, mas tente pensar pelo lado bom: algumas pessoas não sentem nada. O excesso é ruim, mas é o escasso que maltrata.

Ergo meu olhar e olho para o Dr. Antony, sentindo-me grato por ele sempre saber o que dizer para me confortar.

— O luto é longo, mas não deixe que sua vida seja um luto eterno. Faça com que suas emoções sejam vistas e ouvidas, não as guarde só para você. É melhor dizer tudo e se arrepender, do que trancar a sete chaves aquilo que nunca será proferido. As pessoas nunca saberão como você se sente se você não contar a elas. As coisas seriam mais fáceis se tivesse um jeito certo de fazê-las, mas isso infelizmente não existe. Fazemos aquilo que podemos, que conseguimos e que desejamos. Por isso, os sentimentos são tão voláteis. Cada pessoa é um universo inexplorado que talvez nunca saberemos como explorar, mas aprecie cada estrela que você encontrar no caminho; às vezes é tudo que o outro tem para oferecer. Um sussurro às vezes impacta mais que um grito, Ravi. Então, não tenha medo de se abrir. Mostre as suas estrelas e aprecie as estrelas que são mostradas a você.

Meu choro começa a cessar, e eu concordo com a cabeça, confirmando para ele que absorvi todas as suas palavras.

Fico espantado com o quanto ele me conhece, mesmo que eu não diga uma única palavra. Às vezes, sinto como se ele estivesse na minha cabeça e conseguisse ler todos os meus pensamentos, que muitas vezes guardo só para mim.

Ficamos em silêncio o restante da sessão, e eu repasso tudo que ele me disse várias e várias vezes em minha cabeça. O silêncio com Dr. Antony beira a paz, e era exatamente isso que eu precisava sentir.

Ao sair do seu consultório, entro no carro para ir para a delegacia. Sei que cheguei no nível mais elevado da minha decadência quando ligo o rádio do carro e começo a cantar e chorar com o refrão de "*Baby*", do Justin Bieber, enquanto estou parado no sinal. Eu grito a melodia, não me importando nem um pouco com o senhorzinho que me observa horrorizado no carro ao lado.

Assim que estaciono, eu penso em todas as palavras de Dr. Antony e percebo que as pessoas às vezes precisam de alguém que as dê um norte para seguir. Precisamos de uma luz que clareie nossos pensamentos quando a nossa mente só pensa em escuridão.

Logan jamais saberá como eu me sinto se eu não disser isso a ele. Ele jamais saberá que me arrependo das coisas que eu disse se eu não demonstrar o meu arrependimento. Em outro momento, para outra pessoa, eu esconderia as minhas estrelas, mas para Logan eu quero mostrar todas as minhas galáxias.

Respiro fundo, limpando as lágrimas que restam em meu rosto e preparo o meu coração para me abrir para ele. Talvez eu receba uma resposta que eu não goste de ouvir, ainda assim ele vai saber como eu me sinto.

Saio do meu carro e vou em direção à entrada da delegacia. Vejo alguns policiais exaltados, mas não me importo em parar. Vou direto para a sala de Logan.

Eu preciso falar. Eu preciso que ele saiba que nada do que disse naquela noite é verdade. Eu não o odeio, eu nunca odiei, nem quando eu quis muito odiá-lo. Nem assim eu consegui.

Sigo a passos largos, com o coração nas mãos, mas, para a minha surpresa, a porta está fechada, e as luzes estão apagadas. Engulo em seco ao parar no corredor e disfarço, voltando para a minha sala.

Acendo as luzes e vou direto à minha mesa. Meu coração se quebra quando vejo o meu teclado vazio. Engulo o bolo que se forma em minha garganta e nem assim hesito em querer contar para ele como me sinto. Agora só vai ser mais difícil.

Sento-me em minha cadeira e começo a trabalhar, tentando me distrair enquanto ele não chega. Ouço gritos no corredor e inclino meu corpo, vendo Rivera alterado, conversando com outros policiais que tenho certeza de que não pertencem a essa delegacia. Não consigo ouvir a conversa, e eles saem tão rapidamente, que não dá tempo nem de tentar. Vejo Dean passar por minha sala, parecendo atordoado, e me levanto, indo até ele.

— Dean — eu o chamo, e ele se vira. Seu semblante está fechado, e percebo que é a primeira vez que o vejo assim. — O que está acontecendo?

— Esta delegacia está um caos, Ravi — ele diz, parecendo frustrado. — A maioria de nós está virada desde ontem, e pelo visto vamos ter que virar hoje novamente.

— Por quê? — pergunto, franzindo as sobrancelhas. Logan provavelmente está resolvendo alguma coisa, e deve ser por isso que ainda não chegou. — Aconteceu algo?

— Ontem foi uma confusão. — Ele passa a mão pelos cabelos pretos, bufando. — Tivemos que ir para a estrada de última hora, porque uma quadrilha que estávamos investigando havia meses estava saindo da cidade com um caminhão carregado de armas e drogas. Saímos daqui às pressas, junto com mais três remessas de policiais das delegacias próximas. Aqueles filhos da puta sabiam que íamos atrás e estavam preparados. Conseguimos parar o caminhão, mas eles estavam esperando. Trocamos tiros, e eles conseguiram fugir. Theron passou por cirurgia hoje de manhã, e não sabemos quando o delegado reser...

— O quê? — interrompo-o, sentindo minhas pernas fraquejarem e meu coração parar de bater. — O que você disse, Dean?

— Disse que não sei quando o delegado reserva chegará para continuarmos a operação.

Eu engulo em seco, sentindo meus lábios começarem a tremer.

— Não — eu praticamente grito, sentindo minhas forças se esvaindo. — Não essa parte, a parte que Theron passou por

cirurgia.

— Ele levou um tiro, Ravi — Dean fala com a voz embargada, e meu coração cai no chão. — Ele acabou sendo atingindo por um dos traficantes ontem de madrugada.

— E-Ele levou um tiro? — gaguejo, sentindo meus lábios tremerem incontrolavelmente enquanto o pânico se instala em mim. — Como ele está, Dean? Como ele está?

Eu me desespero, sentindo meus olhos arderem. Os policiais me olham assustados pelo meu tom de voz exaltado, mas eu não me importo. Não agora. Dean me olha com olhos apreensivos ao perceber o meu desespero.

— A última vez que eu liguei, ele estava saindo da cirurgia — ele diz e meu coração para.

— Que hospital que ele está? — pergunto desesperado. — Que hospital que ele está, Dean?

— No Klever Center.

Eu corro até a minha sala, pegando as minhas coisas e a chave do carro. Dean vem até mim, me pedindo para ter calma, mas eu o ignoro completamente e saio correndo da delegacia.

Meu coração está tão acelerado e eu sinto tanto pânico, que minhas pernas perdem o comando. Pego meu celular com as mãos trêmulas e peço um Uber, porque sei que não tenho nenhuma condição de dirigir agora.

Imagino que ele deve estar sozinho no hospital. Ninguém deve ter ido ficar com ele, já que ele perdeu os pais e não me contou nada sobre parentes que se importam com ele. Essa constatação faz meu coração se despedaçar. Ele está sozinho, e eu preciso estar com ele agora.

O Uber chega em alguns instantes, e eu entro no carro, sem saber o que fazer. Eu preciso vê-lo, eu preciso ficar com ele, eu preciso saber se ele está bem.

Eu só preciso… Eu só preciso…

Começo a tremer e percebo que estou entrando em pânico, mais do que quando eu levei um tiro.

Eu preciso me acalmar. Ele precisa de mim calmo. Tento respirar devagar, como eu sei que ele me mandaria fazer.

Vou respirando mais lentamente até estar na porta do hospital, onde meu coração dispara mais uma vez. Corro pelos corredores, e as pessoas se assustam por eu estar de farda e completamente atordoado. Vou até a recepção, onde uma recepcionista me olha com os olhos arregalados.

— Eu preciso ver o Logan Theron — peço sem fôlego.

— Senhor, não estamos no horário de visitas — ela retruca, parecendo hesitante ao ver o meu estado.

— Você não está entendendo — engulo o choro. — Ele está sozinho, moça. E eu preciso que ele saiba que eu estou aqui com ele.

— Eu sinto muito, senhor. Mas só permitimos visitas no horár... — ela para de falar, assustando-se, quando eu bato a mão com força sobre o balcão.

— Eu estou cagando para o horário de visitas desta porra de hospital! Eu preciso que você me diga o quarto em que ele está e eu vou entrar lá agora. Eu sou policial, caralho, e ele é o *meu* delegado. Eu preciso estar lá com ele agora! — praticamente grito, sentindo meu rosto queimar, e me arrependo imediatamente ao ver o olhar de pavor que ela me lança, mas não volto atrás.

Nunca precisei usar da minha profissão como pretexto para nada, mas hoje eu usarei todas as armas que eu precisar usar.

Ela engole em seco, voltando os olhos para a tela de computador.

— Ele está no quarto 406, eu vou liberar para o senhor — ela diz baixo ,e eu engulo em seco.

— Obrigado. E me desculpe por gritar com você, eu só estou nervoso. Eu realmente preciso vê-lo.

Ela assente, e eu entrego meus documentos para ela liberar a catraca.

Começo a correr em direção ao elevador, mas ele demora muito, e eu decido subir pelas escadas. Quando chego no quarto

andar, já estou completamente ofegante, mas não paro. Procuro os quartos, atordoado, até achar o 406.

Meu coração para na boca, e eu giro a maçaneta. Vejo Logan deitado na cama e, como eu imaginei, completamente sozinho. Solto um suspiro longo e me aproximo, sentindo meu corpo inteiro tremer. Ouço os bips das máquinas e percebo seus olhos azuis, que tanto me encantam, fechados.

Paro ao lado da cama, observando-o, e toco com delicadeza a sua testa, descendo o dedo pela têmpora até chegar em suas bochechas. A pele quente queima meus dedos, e não consigo evitar o choro. Puxo uma cadeira que está escorada na parede e me sento ao lado da cama.

Pego a mão de Logan, entrelaçando-a com a minha, e a levo até a boca. Beijo cada um de seus dedos e os nós que ainda estão com uma tonalidade arroxeada. Deito a cabeça por cima de sua mão na beirada da cama.

— Oi, meu docinho — digo com a voz embargada. — Eu não sei se você pode me ouvir agora, mas eu estou aqui. Eu estou aqui e não vou a lugar algum — sussurro, sentindo as minhas lágrimas começarem a cair por sua mão.

Os bips das máquinas causam um eco na minha cabeça, e eu permaneço quietinho, apoiando a minha cabeça sobre a mão dele enquanto sinto a tristeza me consumir.

— Hoje, ao chegar à delegacia, eu iria direto para a sua sala para lhe dizer como me sinto e para lhe pedir desculpas; mas, como sempre, a vida parece nos testar, Logan. Talvez sejamos dois teimosos que não deveriam insistir em algo que sabemos que nos machuca, mas eu não vou deixar a vida ditar isso. Não por nós. Não por mim. — Solto um suspiro pesado. — Eu não tinha preparado um discurso nem nada do tipo. Eu só ia chegar e despejar tudo, afinal você sabe como eu sempre ajo por impulso, de qualquer forma. Provavelmente você não entenderia metade das coisas que eu falaria, porque sei que eu não conseguiria falar essas coisas olhando nos seus olhos sem gaguejar ou sem me debulhar em lágrimas. Acho que você já percebeu o quanto sou dramático e chorão… e implicante também, eu assumo. Mas eu nunca pensei

que precisaria dizer isso com você inconsciente em uma cama de hospital. Achei que seria difícil lhe dizer tudo isso olhando em seus olhos, mas agora, aqui, com você assim..., está sendo muito, muito, muito pior.

Vou dizendo enquanto minhas lágrimas rolam por sua mão quente.

— Às vezes eu me pergunto como seríamos se não tivéssemos nos conhecido da maneira que nos conhecemos. E acho que, no fundo, eu acabaria me apaixonado por você de qualquer forma, porque você é apaixonante, Logan. Não há como ficar ao seu lado sem admirá-lo. E hoje, conhecendo-o melhor, eu consigo admirá-lo ainda mais. Então, por favor, deixe-me continuar o admirando. — Soluço e mordo os lábios com força, fechando os olhos. — Eu não posso perder você. Eu simplesmente não posso.

Tento recuperar meu fôlego e continuo, com a voz falhada e totalmente embargada:

— Você é o homem mais forte, mais corajoso e mais justo que eu conheço. Mas foi um burro por levar um tiro. Olhe, sinceramente, Logan... Eu até entendo eu ter levado um, mas você… Você não. Então eu preciso que você reverta isso, porque eu não conseguiria viver em um mundo onde você não exista — suspiro pesado, sentindo meu peito doer. — Quem vai implicar com o meu cabelo oleoso? Quem vai desdenhar das minhas roupas, falando que eu sou brega? Quem vai deixar um bombom para mim todos os dias, mesmo não conseguindo olhar na minha cara? Quem vai me xingar por eu ser desleixado com a minha saúde? Quem vai me chamar de florzinha? Quem vai me tocar, mesmo eu dizendo para que não me toque? Quem vai me salvar enfiando uma Coca-Cola em minha boca? Quem? Quem, Logan? Quem vai cuidar de mim com tanto carinho como você cuida? Quem? — Engasgo com o meu choro e estremeço. — Então, por favor, por favor, por favor, por favor, não morra… Eu preciso tanto de você aqui comigo. Não me deixe sozinho.

Meu choro se torna mais alto enquanto meus ombros tremem tanto, que mal consigo ouvir um sussurro.

— Você sabe que eu só estou de olhos fechados, não é, florzinha?

Capítulo 28

Ergo meu olhar lentamente apenas para me deparar com olhos azuis me encarando de perto. Os cílios pretos e longos piscam para mim, e sinto minhas bochechas enrubescerem quando percebo que ele ouviu absolutamente tudo o que eu disse.

Ele acaricia o meu rosto com as pontas dos dedos, e eu estremeço.

— V-Você ouviu tudo? — gaguejo.

— Tudo — ele sussurra.

— E você não vai morrer? — Minha voz sai trêmula, mas eu preciso ouvir dele, mesmo sabendo que ele está fora de perigo.

— Não, florzinha, eu não vou — ele assegura.

Assim que confirmo que ele está realmente bem, eu dou um soco em seu braço, ouvindo ele soltar um resmungo dolorido logo em seguida.

— Ai meu braço, Ravi. — Ele faz uma careta de dor, e eu me arrependo.

— Meu Deus! Desculpe-me! Foi sem querer. Foi na hora da raiva. Eu acertei seu ferimento? — Aliso seu braço com as mãos trêmulas.

Ele solta uma risada baixa, negando com a cabeça, mas não me parece tão feliz. Meu coração estremece.

— Foi um tiro na coxa, Ravi. Aliás, não exatamente na coxa, um pouquinho mais para cima.

— Você levou um tiro na virilha? — pergunto espantado, arregalando os olhos, e ele solta outra risada baixa.

— Não. — Ele solta um suspiro. — Foi na parte posterior na coxa, mais precisamente na bunda — ele diz sério, e eu solto uma risada.

— Você levou um tiro na bunda, Logan? Na bunda? E eu jurava que não poderia piorar... — digo, limpando as lágrimas remanescentes do rosto enquanto minha risada vai cessando.

— Você acha que esse apoio — ele pergunta, apontando para o travesseiro embaixo do seu corpo — está aqui à toa? O vagabundo me acertou quando eu estava me virando. Eu estava distraído e paguei por isso com um tiro na bunda — ele diz, voltando a passar os dedos no meu rosto. — Eu só passei por cirurgia para retirar a bala. Eu vou ficar bem.

Eu sinto raiva por ele não ter me avisado que estava acordado e dou outro soco em seu braço, ouvindo os seus resmungos outra vez.

— Seu filho da puta! — vocifero, sentindo meu rosto esquentar. — Por que você não me falou que estava acordado? Eu estava aqui aos pratos, e você não se importou em dizer nada, Logan? Ficou se fingindo de morto?

— Nossa, eu fui tão carinhoso com você quando você levou um tiro, e, quando sou eu, você me agride — ele solta um gemido em forma de risada. — As máquinas estavam com meus sinais vitais, Ravi. Não tinha como eu me fingir de morto. Além do mais, se você tivesse prestado atenção, teria percebido que meus batimentos cardíacos aumentaram quando você começou a falar.

Engulo em seco, tentando acalmar meu coração. Eu estou tão nervoso, tão apreensivo. Agora ele sabe de tudo. Ele sabe como eu me sinto, e isso me apavora. Solto um suspiro preso em minha garganta ao pensar nisso, e ele continua:

— Além disso, eu queria ouvir cada uma de suas palavras, porque eu sabia que, se você soubesse que eu estava ouvindo, você não diria nem metade das coisas que falou.

Seu semblante volta a ficar sério, como poucas vezes eu vi. Mordo os lábios, sentindo meu coração se acelerar, e sei que ele tem razão. Nossos olhares estão presos um no outro enquanto o

silêncio nos rodeia. Seus dedos ainda estão pousados em minha bochecha, acariciando-me de leve.

Sei que ele sabe que eu espero uma resposta, mas não forço. Espero até que ele se sinta preparado para me dizer o que quiser. Então ele solta um suspiro longo, e eu preparo o meu peito para receber sua sentença.

— Você não deveria ter se apaixonado por mim, Ravi — ele sussurra, olhando-me com um semblante triste, e meu coração simplesmente para.

Está aí a resposta que eu não queria ouvir.

Meus lábios tremem, e eu preciso fazer um esforço enorme para não chorar ainda mais. Tenho vontade de dizer a ele que ele não fez nada para impedir que isso acontecesse, mas lembro que eu sou o único responsável pelo o que eu sinto.

— Por quê? — arrisco-me a perguntar, engolindo o choro e tentando juntar todos os cacos do meu coração, que acabou de ser despedaçado. Seus olhos azuis ainda estão nos meus quando os vejo brilhar. — Você não sente o mesmo por mim, é isso?

— Não — ele responde rápido. — Eu sinto muito mais.

Olho para ele confuso, sem saber ao certo o que ele quer dizer.

— Eu não estou entendendo — respondo sincero, com a voz trêmula, e o ouço soltar outro suspiro

— Você não deveria ter se apaixonado por mim porque eu já parti seu coração. Mesmo que indiretamente, mesmo que sem querer, mesmo não tendo controle sobre isso, eu parti o seu coração, Ravi, e talvez eu jamais saiba como reparar isso.

Ele me olha com tristeza e passa os dedos em minha bochecha, subindo por minhas têmporas, para depois descer para o meu maxilar. Eu não consigo dizer nada. Sou tomado por um turbilhão de sensações que não sei descrever.

— Eu tenho medo de que eu seja sempre uma lembrança ruim para você — ele sussurra. — Eu tenho medo de que você jamais me desvincule daquele dia. Tenho medo de que toda vez que

você me olhe, você me enxergue como me enxergou naquele corredor. Como me enxergou na delegacia no primeiro dia. Tenho medo de que você ainda não tenha desassociado a minha imagem à do homem que estava presente no pior dia da sua vida. Por isso eu estava tão relutante. Por isso eu interrompi o nosso beijo. Por isso eu me segurei tantas vezes para não o beijar, para não fazer amor com você. Por isso surtei quando você fez aquela pergunta.

Meus olhos permanecem fixos nos dele, mesmo eu querendo a todo custo desviá-los, mesmo quando não consigo mais evitar as lágrimas, mesmo sentindo meus lábios trêmulos.

— Quando você me disse que queria transar comigo — ele continua —, minha vontade era arrancar sua roupa naquela droga de salão e ter você ali mesmo. Mas você estava bêbado, e eu sabia que não fazia ideia da metade das coisas que estava falando. E quando eu neguei, por esses motivos, você jogou na minha cara que eu tinha dormido com ele e não dormiria com você. Você disse que estava me testando, Ravi. Você só me beijava com a desculpa do álcool. E, de um jeito ou de outro, tudo girava em torno do que aconteceu entre nós naquele dia.

Sua voz falha, mas ele limpa a garganta.

— Quando conversamos, eu fui sincero. Eu disse que não ia transar com você por um único motivo: porque eu sabia da sua insegurança e eu não ia me provar para você dessa forma. Eu queria transar com você e só com você, como duas pessoas que sentem algo uma pela outra. Naquela noite, eu dei tudo de mim, eu o amei como nunca tinha amado outra pessoa em toda a minha vida, e, quando eu achei que estava tudo bem, que eu o tinha em meus braços, você me fez aquela pergunta. — Suas sobrancelhas se franzem levemente. — Não estou colocando a culpa em você, não é isso, eu sei das suas inseguranças. Algumas, inclusive, fui eu que implantei, mas não quero que pense que é culpa sua, porque não é. Nem estou dizendo que você me usou ou me testou. Estou dizendo que, naquele momento, eu soube que você não tinha superado e esquecido. Pelo menos não completamente. Aquela pergunta me destruiu, junto com todas as outras coisas que você me disse logo em seguida, porque ali eu soube que você ainda não

estava preparado para me ver sem a venda do passado. Que aí, dentro de você, por menor que seja, tem uma parte que ainda não se curou. Que a insegurança ainda está presente, mesmo tendo se apaixonado por mim.

Suas palavras me atingem como um trem desgovernado, porque sinto que ele tem razão, por mais que eu queira negar. Não consigo dizer absolutamente nada, porque, assim como ele, eu também quero ouvir tudo que ele tem a me dizer, mesmo que doa.

— Eu estava na hora errada e no local errado, Ravi, mas aquilo não me define. Eu estava no meio da traição, mas eu não sou o traidor. — Sua voz falha, e vejo seus olhos se aguarem. Meu coração se aperta no peito. — Eu não tive culpa, mas carrego o fardo. Você não foi o único machucado nessa história, Ravi. Eu também fui. Eu nunca quis carregar o título de amante, como várias vezes você me chamou. Eu também fui vítima. Eu também fui enganado. Eu também sofri. Mas nunca ninguém me deu tapinhas nas costas, dando-me as condolências por como eu me senti. Eu era o "outro" e não o "oficial", então eu não tinha direito de sofrer. Eu acabei sendo condenado antes mesmo de ter um julgamento.

Ele limpa a lágrima que escorre pelo meu rosto e me olha com os olhos tristes.

— Eu não estou dizendo isso porque quero magoá-lo e nem para que você tenha pena de mim. Eu estou lhe dizendo como eu me sinto — ele sussurra. — Eu conheci o seu pior, Ravi, e ainda assim eu o quis perto de mim. E não foi por pena, como você acredita que tenha sido. Foi porque eu não conseguia evitar. — Ele dá uma longa pausa. — Quando você me perguntou do porquê do apelido, eu quis usar metáforas justamente para você interpretar da maneira que quisesse. Mas a verdade é que você é uma flor, e eu sou alérgico. Ficar perto de você me machuca, porque eu sei que, por mais que eu queira muito, por mais que eu deseje com toda a minha alma, por mais que eu anseie mais que tudo, talvez eu nunca tenha um jardim. E não é por merecimento e nem por medo, é porque isso foi tirado de nós.

Seus dedos ainda roçam na minha pele, e engulo várias vezes para dissipar a vontade de chorar alto por suas palavras.

— Eu queria tanto voltar no tempo. Eu queria tanto não ter conhecido ele. Eu queria tanto voltar três meses antes de você bater naquela maldita porta. Talvez eu nunca tivesse o conhecido também, Ravi, mas com certeza não doeria tanto quanto dói agora. Eu não quero me machucar e não quero machucar você. Foi por isso que lhe disse que queria saber onde estava pisando. Mas eu preciso que você deixe de me ver como aquele Logan, daquele maldito dia, e enxergue a mim, o Logan. Só o Logan. — Ele suspira mais uma vez. — Eu sei que não faço ideia de tudo que você passou e do que teve que enfrentar por causa disso, mas eu preciso que seus olhos se abram para me ver, só a mim, e não ao que nos liga ao passado. Mas, infelizmente, eu acho que você ainda não está pronto para isso.

Seus olhos me encaram com tristeza, e eu solto um longo suspiro, como se estivesse finalmente conseguindo respirar.

— Você não me quer, Logan? — arrisco-me a perguntar baixinho, com a voz trêmula. — É isso? Você está me dispensando?

Ele solta uma risada baixa, sem humor, e nega com a cabeça, ainda me olhando.

— Bote o seu único neuroniozinho para funcionar, florzinha — ele belisca de leve a minha bochecha. — Eu quero você. Acredite em mim quando eu digo que o quero mais que tudo. Mas eu quero você curado, eu quero você por completo, eu quero você por inteiro. Eu não quero o Ravi que ainda tem uma linha invisível ligada ao passado. Eu quero você quando você estiver pronto para me querer também. Eu não quero que você se apaixone por mim no automático, Ravi. Não quero que se apaixone porque é inevitável. Eu quero que você tenha certeza absoluta de que se curou, de que esqueceu por completo, de que está pronto. Eu quero que você saiba todos os motivos pelos quais se apaixonou por mim. Quero que você se apaixone quando estiver pronto.

Ele me encara sério, e eu estremeço.

— Você acha que está, Ravi? Curado e pronto?

Minha garganta se fecha, e eu perco o fôlego.

— Eu não sei — respondo, sincero.

— Foi o que eu pensei. — Ele me lança um sorriso triste. — E não tem problema não saber. Nenhum de nós dois teve tempo de superar por completo, porque a vida simplesmente nos juntou. Fomos nos curando em cima de onde doía. Apagamos o fogo com fogo. E não me leve a mal, você nunca me machucou, Ravi. Nunca. Eu sempre amei suas provocações e sempre amei provocá-lo, mas, ao contrário de você, eu o machuquei. Sem querer, mas machuquei.

Solto o ar que estou prendendo e acaricio os seus dedos, um por um.

— E você está pronto?

— Para você? Sempre estive — ele diz sem hesitar, com a voz segura.

Perco a voz, e permanecemos nos olhando por um longo tempo enquanto o silêncio preenche o quarto mais uma vez. Seus dedos ainda roçam na minha bochecha quando ele sussurra:

— Preciso que você saiba o que quer, Ravi. Preciso que você saiba quem sou e que esteja curado. Caso contrário, passaremos os dias nos machucando. — Ele engole em seco. — Serão pequenos machucados, mas, com o tempo, serão tantos pequenos machucados que se tornarão uma ferida que nós não poderemos mais cicatrizar. E não quero que nos percamos no caminho porque não soubemos lidar com isso quando deveríamos ter lidado. Você entende?

Eu assinto rapidamente.

— Eu acho que você tem razão — sussurro. — Eu acho que eu preciso de um tempo.

— Eu sei. E eu vou esperá-lo — ele assegura, com os olhos nos meus. — Mesmo que você descubra que não há cura, eu ainda o esperarei. — Ficamos em silêncio por alguns instantes, então ele continua. — A vida só me deu golpes, Ravi. Sempre. Durante toda a minha vida, eu fui golpeado, de novo e de novo e de novo. Mas, de uma maneira ou de outra, eu consegui me reerguer. Aí você apareceu, e eu percebi que os golpes não tinham acabado. Eu quis manter você por perto, porque eram apenas soquinhos vez

ou outra com os quais eu sabia como lidar. Mas tê-lo sem realmente tê-lo, Ravi, vai ser um golpe que eu não sei se consigo aguentar. Eu prefiro viver a vida esperando por você.

— E o que fazemos então? — pergunto.

— A gente vive, Ravi. — Ele me lança um sorriso triste. — Eu o esperando, e você se curando, mas a gente vive.

Eu assinto e abaixo a cabeça, deitando-me em sua mão sobre a cama. Sua outra mão encontra os meus cabelos, e ele os acaricia de leve.

— Eu posso ficar aqui com você por um tempinho? — pergunto, sentindo minhas lágrimas começarem a rolar.

— Claro, minha florzinha.

Fecho os olhos e permanecemos em silêncio. O bip das máquinas é o único som que escutamos. Meu coração dói, mas não da maneira que pensei que fosse doer. Dói porque eu levei um choque de realidade.

Eu finalmente entendi as coisas pelo ponto de vista dele. Eu consegui compreender de uma vez por todas que Logan também era uma vítima e sofreu com tudo isso.

Foi um baque para nós dois. De formas diferentes, mas foi. E, apesar de querer me jogar em seus braços e dizer a ele que estou pronto, eu sei que não estou. Talvez eu realmente precise de um tempo para pensar em tudo, para colocar as minhas ideias no lugar, para enxergar Logan da maneira que ele é.

Ouço a porta se abrir, tirando-me dos meus pensamentos, e abro os olhos. Uma enfermeira entra com um carrinho e me olha.

— Senhor, não estamos em horário de visitas — ela diz com a voz firme, e eu olho para Logan.

Ele estreita os olhos como se soubesse o que eu fiz para entrar ali, e eu pigarreio. Ele me lança um sorriso e nega com a cabeça.

— Burlando as regras do hospital, florzinha? — ele pergunta, e dou de ombros, evitando um sorriso.

— Desculpe-me — eu falo envergonhado para a enfermeira. — Eu precisei vê-lo.

Ela ignora a minha fala e caminha em direção à cama.

— Eu preciso trocar o curativo e peço que o senhor volte amanhã — ela diz, e eu olho para Logan mais uma vez.

Ele assente como se me dissesse que está tudo bem e me desse permissão para ir embora.

— Você vai ficar bem? — sussurro, olhando em seus olhos.

— Vou — ele confirma. — E você? Vai ficar bem?

— Vou. Nós vamos. — Lanço a ele um sorriso contido. — Você precisa de alguma coisa? Quer que eu vá para sua casa para cuidar dos seus filhos?

— Não precisa. Carmem, a minha faxineira, vai ficar lá enquanto eu estiver aqui. Além do mais, eu não confio em você e na Hermione juntos, sozinhos — ele solta uma risada baixa e verdadeira, e meu coração amolece.

Aproximo-me e beijo os seus lábios com carinho. Quando me afasto, seus olhos encontram-se com os meus.

— Fique bem e não morra — digo, sério. — Eu não estava mentindo quando disse que não quero viver em um mundo onde você não exista.

— Eu não vou morrer — ele responde baixinho. — Eu ainda tenho que viver muito para esperar você, não é?

— É. — Sorrio para ele e me levanto.

A enfermeira nos olha com um semblante repleto de impaciência, mas eu não ligo. Caminho até a porta e, quando vou girar a maçaneta, ouço sua voz:

— Ravi? — ele me chama. — Por que docinho?

Ele pergunta, e eu me viro, dando um sorriso a ele.

— Porque você é um docinho de limão, Logan: doce e azedo na mesma medida. E… porque eu sou hipoglicêmico.

Ele solta uma risada gostosa, e eu sorrio de volta antes de passar pela porta. Saio do quarto sabendo que meu coração está

ficando com ele.

Pego um Uber e volto para a delegacia. Meu coração está tão acelerado, mas sei que preciso disso para me curar completamente. Entro em minha sala e solto um suspiro antes de deixar as minhas coisas e ir para o departamento pessoal. Bato na porta entreaberta, e Marina me olha, lançando-me um sorriso.

— Marina, eu posso entrar?

— Claro, Baumer. — Ela aponta para a cadeira. — Sente-se. Em que posso ajudar?

Respiro fundo ao me sentar, sabendo que essa é a primeira dentre todas as outras coisas que preciso fazer para recomeçar.

Lanço a ela um sorriso antes de dizer:

— Eu vim pedir demissão.

Capítulo 29

Marina me olha parecendo um pouco atordoada. Suas sobrancelhas se arqueiam, e ela pigarreia como se não acreditasse no que eu acabei de dizer. Eu não recuo e não hesito, comprovando a ela que não estou brincando.

— Aconteceu algo, Ravi? — ela pergunta sutilmente. — Você está insatisfeito com alguma coisa?

Nego com a cabeça, sentindo meu coração disparado no peito, e percebo que não há nada que me deixe desconfortável aqui.

Conheci pessoas maravilhosas que me fizeram me sentir acolhido, sem me julgar por eu ser um policial que fica atrás da mesa e que, na maioria das vezes, é impulsivo. Nunca ninguém aqui me julgou ou duvidou do meu profissionalismo ou do meu carácter. E eu serei eternamente grato por tê-los conhecido.

Alec se tornou meu amigo íntimo, meu companheiro de almoço e quem me deixa sempre confortável em qualquer situação. Dean Feyden é o cara mais gentil e educado que eu conheço, e sempre me tratou com respeito, mesmo quando eu estava inseguro. Rony é maduro e doce e nunca me julgou, nem quando presenciou os meus ataques de fúria. Andy Rivera é tão profissional e tão amigável, que me arrependi de não ter me aproximado dele antes. A própria Marina, que é simpática e adorável, reconheceu meu trabalho, mesmo eu às vezes duvidando de mim mesmo. E Logan Theron, o meu Logan, é o delegado mais justo, mais honesto e responsável com quem eu já tive o prazer de trabalhar. O homem mais forte, determinado e irritante que eu conheço, e quem me fez enxergar a vida com outros olhos.

Apesar disso tudo, eu preciso ficar longe. Eu preciso me afastar de tudo. Eu preciso de um tempo para me reencontrar e me entender melhor.

— Não, Marina — respondo, oferecendo um sorriso. — Eu só preciso de um tempo para mim e tenho que começar pedindo demissão.

— Suas férias estão tão próximas — ela diz com a voz pesarosa, fazendo-me perceber que já vai fazer um ano que estou aqui. Nem havia me dado conta de que já passou tanto tempo. — Eu posso adiantá-las, se você quiser.

Nego com a cabeça, ainda sorrindo.

— Eu não sei se quero voltar. Eu prefiro deixar a vaga aberta para ser preenchida por alguém a ficar segurando sendo que eu nem sei o que vou fazer de agora em diante.

— Você quer a transferência para Willton? — Ela tenta mais uma vez.

— Não. Estou pedindo conta. De vez.

Ela assente com a cabeça, e seus olhos vão para a tela do computador enquanto ela digita algo. Instantes depois ela volta a me olhar, lançando-me um sorriso contido.

— Vou dar baixa — ela informa. — Em no máximo dois dias, faremos o seu acerto, e ele caíra na sua conta.

— Obrigado — agradeço, sentindo um aperto no meu coração. Mesmo assim, sorrio. — Eu vou adiantar tudo que ficou pendente. Ficarei até mais tarde e vou deixar tudo preparado para o próximo policial que pegar o cargo. Não vou deixá-los na mão.

— Eu sei disso. — Ela sorri em minha direção. — E, Ravi..., o delegado está sabendo disso?

— Não. Mas ele eventualmente vai saber.

— Tudo bem. Se você mudar de ideia, prometo que farei de tudo para readmiti-lo.

Ela me lança uma piscadela, e eu solto uma risada com um aceno de cabeça. Estico a mão em direção a ela, e ela a aperta.

— Boa sorte, Ravi. Eu não lhe desejo nada além de coisas maravilhosas, seja qual for o caminho que você pretende trilhar.

— Obrigado, Marina. — Levanto-me. — Obrigado pelo carinho de sempre.

Saio da sala dela e volto para minha. Olho ao meu redor e solto um longo suspiro ao me dar conta de que eu adoro este lugar, apesar de ter odiado tanto no começo. Esta delegacia acabou se tornando a minha segunda casa, e eu sentirei falta de estar aqui.

Passo os dedos sobre o teclado que sempre abrigou um bombom e em minha cadeira que sempre me salvou quando eu precisei. Solto um riso baixo e me sento para deixar tudo em ordem antes de ir embora.

Quando termino, olho no relógio e já passa das onze da noite. Tenho vontade de mandar uma mensagem para Logan, perguntando como ele está, mas ele deve estar dormindo devido aos remédios, e prefiro não manter contato para não correr o risco de desistir de tudo e voltar às pressas para os braços dele.

Começo a pegar as minhas coisas e abro as gavetas. Encontro o meu bloco de notas guardado e sorrio. Abro uma em uma das folhas e começo a escrever:

Eu sou <u>apaixonado</u> pelo Logan.

(Do admiro, eu pulei para a paixão. Acho que não sei seguir etapas direito.)

Estou indo me curar, espero que entenda que esse é um passo que eu precisei tomar para que isso fosse possível.

Ia escrever para você cuidar da sua bunda, mas se alguém ler isso, pode pegar mal para você.

P.S.: cuide da sua bunda.

P.S.1: preciso de você inteiro.

P.S.2: prometo lavar meu cabelo sempre.

P.S.3: prometo cuidar da minha glicose.

P.S.4: sentirei sua falta, delegado.

Para você,

Florzinha.

Acabo de escrever e arranco a página. Pego as minhas coisas e, antes de fechar a porta, dou uma última olhada pela sala, soltando outro longo suspiro. Desta vez, de saudade antecipada.

Vou em direção à sala do Logan, que, para minha sorte, está destrancada. Quando abro a porta, seu cheiro me invade. Sinto vontade de chorar, mas não vou, não mais. Aproximo-me de sua mesa e posiciono o bilhete embaixo do teclado.

Quando saio, percebo que a delegacia está praticamente vazia, tendo somente os polícias que fazem plantão noturno. Fico receoso por não conseguir me despedir de Dean, Andy e Rony, mas sei que ainda vou ter a oportunidade de vê-los novamente.

Olho uma última vez para a delegacia antes de sair pela porta e sorrio. Eu fui feliz aqui. Eu encontrei uma parte de mim, que eu tinha perdido, aqui. Eu fiz amigos, cresci e me apaixonei aqui.

Meu sorriso se alarga antes de eu me virar e ir para o meu carro, sabendo que estou encerrando uma fase apenas para dar início a outra.

Quando chego em casa, Jorge está me esperando. Dou comida para ele e, enquanto ele come, tomo meu banho. Deixo a água cair sobre o meu corpo e não me contenho em me lembrar de Logan. Lembro-me de seu toque, de sua boca, de seu gosto, de seu cheiro. Lembro-me dele me invadindo e me tomando para si.

Deslizo a mão pelo meu corpo e percebo o quanto estou excitado pela lembrança. Mordo os lábios ao envolver meu pau com os dedos enquanto revivo nossa noite em minha cabeça. Delicio-me com a sensação de estar me masturbando e gozando com o nome dele preso em meus lábios, sonhando com o dia em que isso acontecerá novamente, de fato, e não só em minha imaginação.

Quando meu corpo relaxa envolto em prazer, acabo de me lavar e saio do banho.

Assim que me deito, Jorge se aninha comigo, e não tenho tempo para pensar em mais nada antes do sono me atingir.



— Eu vou viajar — cuspo e recebo olhares perplexos em minha direção.

— Viajar para onde, filho? — minha mãe pergunta, olhando-me confusa.

— Por aí. — Levo uma garfada de macarrão até a boca, percebendo quanta saudade sinto da comida da minha mãe. — Ah, e antes que eu me esqueça, eu pedi demissão.

Meu pai quase se engasga enquanto os olhos surpresos de Laura e de minha mãe se mantêm presos em mim.

— Como assim demissão? — meu pai questiona.

— Cheguei e falei "vim pedir demissão". — Volto a dar garfadas no macarrão, dando de ombros. — Assim.

Laura me lança um sorriso e nega com a cabeça antes de levar o garfo até a boca. Acho que, no fundo, ela sabe o porquê disso.

— Mas assim, do nada? — minha mãe pergunta e não espera a minha resposta para me bombardear com novas perguntas. — Aconteceu alguma coisa, Ravi? Fizeram alguma coisa com você? Alguém o maltratou lá?

— Não, mãe. Ninguém me maltratou.

— Ravi, se alguém tiver feito algo, preciso que me fale — meu pai aumenta o tom de voz. — Eu vou lá e tiro satisfações.

— Pai, não se preocupe — asseguro. — Ninguém fez nada. Além do mais, eu sou um homem feito e sei me defender. Eu

só preciso de um tempo para mim. Vou viajar para colocar algumas ideias no lugar. Eu só preciso me afastar um pouco, de tudo.

O silêncio se faz presente, mas os olhos atentos dos três ainda estão presos em mim. Não me importo e volto a comer como se não estivesse sendo observado. Olho para Laura e sinto meu coração apertar.

— Laura, preciso que você fique no meu apartamento — peço, pesaroso. — Preciso que fique com o Jorge enquanto eu viajo.

— Com o gatinho? — ela pergunta, e eu assinto. — Eu fico, sem problemas. Ah, e você ainda tem aquele caderno?

Sei muito bem do que ela está falando, e confirmo com a cabeça. Ela me lança um sorriso largo e uma piscadela antes de voltar os olhos para o prato.

— E para onde você vai, filho? — minha mãe questiona, e eu dou um sorriso largo.

— Vou para Itália. De lá vou para Romênia e, por fim, Grécia.

— E você vai ter o dinheiro para arcar com isso?

— Ah, mãe, eu dou um jeito. Cartão de crédito existe por um motivo. E outra, eu também vou receber um acerto bom. Acho que vai dar para fazer tudo que eu quero e ainda vai sobrar alguma coisa para me manter quando eu voltar.

— E vai viajar por quanto tempo? — meu pai me pergunta, com um semblante fechado.

— O tempo que eu precisar, pai. Mas eu vou dando notícias, não se preocupem. Eu vou ficar bem.

Volto a comer, e as perguntas cessam. Agradeço por não ter que me explicar mais. Eu já estou farto de ter que me explicar. Eles parecem entender, e passamos o restante da tarde sem tocar no assunto.

Assim que saio da casa dos meus pais, eu volto para o meu apartamento. Passo o restante da noite assistindo a um filme no sofá, com Jorge. Meus pensamentos voam para Logan de tempos

em tempos, e já sinto saudade dele, mesmo sendo o primeiro dia que me mantenho afastando.

Mando mensagem para Lucca e peço a ele que chame Josh e Alec para virem amanhã até o meu apartamento. Aproveito que meu voo é só no dia seguinte e quero passar a noite com eles.

Quando acordo, arrumo as minhas coisas e já deixo a mala pronta em meu quarto, fazendo o check-in online. Não tenho passagem de volta, só comprei as de ida e voltarei somente quando achar que devo.

Antes dos meninos chegarem, quebro o chip do meu celular. Pretendo ligar para os meus pais de algum telefone público só para dar notícias e para que eles não mandem o FBI atrás de mim.

Eu pretendo ficar invisível por um tempo e sei que será melhor assim.

— Você o quê? — Alec me pergunta de olhos arregalados.

— Pedi demissão. Você não notou que não fui trabalhar ontem? — Franzo as sobrancelhas em direção a ele.

— Percebi. Até pensei em lhe mandar uma mensagem, mas achei que você estivesse passando mal ou resolvendo alguma coisa, e não que tivesse saído da delegacia. Logan já sabe disso?

— Não, não sabe. — Sinto meu coração doer. — Estamos dando um tempo.

— Tempo de quê? — Lucca pergunta. — Vocês estão namorando?

— O quê? Vocês se pegam? — Alec interrompe antes que eu responda. — Meu Deus! Bem que eu desconfiava que toda aquela implicância era tesão enrustido.

Prendo uma risada e, antes que eu consiga responder, Josh me interrompe.

— Acho que no começo era ódio mesmo, já que Logan era o amante — Josh fala, e Alec arregala os olhos.

— Quê? Não estou entendendo — Alec diz, e eu me irrito.

— Dá para vocês pararem e me deixarem explicar? Que inferno! — Meu tom de voz se exalta, e os três me olham

surpresos.

Solto uma respiração profunda presa em meus pulmões e me sento no sofá. Passo as mãos pelo cabelo e começo:

— Primeiramente, eu quero que vocês parem de se referir a ele como amante. Logan não foi amante, porque ele não sabia de nada. Logan foi outra vítima de Aron.

— Desculpe-me — Josh diz, envergonhado, e eu assinto. — Foi sem querer.

— Quem é Aron? — Alec pergunta.

— Aron era meu noivo, Alec — finalmente conto. — Namorei com ele por sete anos, e ele me abandonou no altar. Quando fui até o apartamento dele para tirar satisfações, descobri que ele também estava com Logan.

Fico surpreso com o quão firme minha voz sai. Percebo que não sinto mais nada ao contar isso e sorrio para mim mesmo, orgulhoso. Alec, no entanto, me olha com o semblante atordoado e se senta no sofá ao meu lado.

— Ah, agora faz um pouco de sentido vocês terem se tratado daquela maneira na delegacia.

— Eu odiava o Logan naquela época por esse motivo. Mas agora eu consigo ver que ele também não teve culpa. — Solto um suspiro. — E, no fim das contas, acabei me apaixonando por ele.

Alec me lança um sorriso, erguendo as sobrancelhas.

— E ele por você, pelo visto. Ninguém dá Coca para os outros de graça, Ravi. — Ele diz divertido, e eu solto uma risada.

— É, acho que tem razão.

— Então por que pediu demissão? — Lucca pergunta, aproximando-se.

— Porque abrimos o nosso coração e percebemos que eu ainda não estou curado dos meus traumas. Por isso quero passar um tempo viajando. Por isso pedi demissão.

— Quem vai ficar com o *pitiquinho* esfomeado? — Josh indaga.

— A Laura — respondo. — Ela ficará aqui enquanto isso.

— E quanto tempo você pretende ficar fora?

— Não sei, Lucca. Ainda não decidi. Acho que só o tempo suficiente para me reencontrar.

— E se você descobrir que não se reencontrou? — Alec pergunta, e eu engulo em seco.

— Aí eu tento de novo. — Lanço um sorriso aos três. — Eu não posso passar o resto da minha vida à mercê de um trauma. Minha vida não se resume há 7 anos. Não se resume àquele dia. Não se resume a um abandono e a uma traição. Eu sou mais do que o Aron fez de mim e eu preciso enxergar isso de uma vez por todas.

Eles ficam em silêncio, até Josh se pronunciar:

— Você é forte. Você pode não ter se curado por completo, mas a pior parte você enfrentou e superou com bravura. Você só precisa se livrar dos pequenos estilhaços que sobraram.

— Sim. — Lanço um sorriso em direção a ele. — Por isso chamei vocês aqui, para contar e me despedir.

Levanto-me e vou até a cozinha, onde pego as taças de vinho e as encho. Entrego uma para cada um.

Lanço um sorriso, observando os meus amigos e levanto a minha taça, sabendo que, sem eles, talvez eu não tivesse conseguido enfrentar tudo isso.

— Um brinde ao começo da minha nova vida. — Sorrio.

— À nova vida — Josh diz.

— Um brinde — Alec parece acrescentar.

— Ao recomeço — Lucca complementa.

Todos ao mesmo tempo.

— Isso ficou péssimo. Vocês não sabem brindar, não, caralho? — pergunto, rindo, e os três caem na gargalhada comigo.

— Certo, vamos tentar de novo. O que vamos falar? — Lucca pergunta, e eu penso.

Lembro-me de Logan e das palavras dele. Dou um sorriso largo e ergo a taça mais uma vez.

— À cura — digo.

— À cura — todos repetem, desta vez em sincronia.

Levo a taça até a boca, sabendo que daqui a doze horas embarcarei em um avião para me reencontrar, e eu não poderia estar mais animado para recomeçar a minha vida.

Diário de viagem.

Dia 2.

Faz dois dias que cheguei à Itália. Costa Amalfitana é, sem dúvidas, um dos lugares mais lindos que eu já tive o prazer de conhecer. O mar daqui tem a cor dos olhos de Logan quando ele está feliz — o mais perfeito tom de azul topázio.

Aluguei um albergue mais em conta, mesmo assim, é um rim. Posso até não voltar curado, mas com certeza voltarei falido.

Já estou com saudades do Jorge. Espero que ele esteja bem com Laura.

Também estou com saudades de Logan, mas vou fingir que não.

Eu estou bem e tenho aproveitado o dia andando pelas ruas da cidade, respirando novos ares.

As praias são lindas e, dessa vez, me preparei e não peguei insolação no primeiro dia.

Obrigado, protetor solar.

Dia 5.

Passo horas do meu dia sentado na areia, ouvindo o barulho das ondas enquanto observo vários barcos sumirem no horizonte.

Percebi com isso que algumas pessoas são como barcos. Elas são feitas apenas para levar as outras de um trajeto a outro.

Muitas vezes eu jurei ser barco. Muitas vezes me fizeram me sentir como barco.

Mas eu quero ser o porto.

Desta vez, não quero ser o trajeto, eu quero ser o destino.

E estou preparando as minhas terras.

Dia 8.

Hoje é meu último dia na Itália. Vou pegar o voo para a Romênia em poucas horas.

Sentirei saudades de Carlotta, a dona do albergue. Ela não fala uma palavra em inglês, eu não sei nem o básico do italiano, mas acabamos nos tornando amigos. Isso me comprovou que a linguagem do carinho é universal.

Sentirei saudades da comida dela e de como ela sempre batia à minha porta de manhã cedinho para me entregar uma xícara de café quente, com um sorriso terno nos lábios.

Quando fui me despedir, ela me disse: "Tempo al tempo, Ravi."

E é isso que estou fazendo.

Estou dando tempo ao tempo.

Dia 12.

Bucareste é uma cidade encantadora. Contratei um guia para me levar a alguns pontos turísticos, já que a cidade é maior e a comunicação é mais difícil.

Eu jamais pensei que visitaria a Romênia em minha vida, mas tenho conhecido lugares lindos por aqui. Passo a maior parte do tempo visitando pequenas lojinhas no centro.

Percebi que, até hoje, eu não derramei nenhuma lágrima e não tive vontade de chorar.

Tenho refletido sobre muitas coisas, mas principalmente sobre como a vida é baseada mais em pequenos eventos do que em grandes catástrofes.

Coisas pequenas que são frequentes causam mais estrago do que coisas grandiosas de uma vez só. A gente só não percebe isso.

Sei que o mal que Aron me fez não foi só no dia do nosso casamento. Foram as infinidades de pequenas coisas que ele fez comigo durante o relacionamento inteiro. Eu só não percebia.

Liguei para os meus pais e recebi quase dez minutos de sermão por não estar com meu celular, mas disse que sempre daria notícias, assim que possível. Laura me disse que Jorge está bem, mas que vez ou outra ele fica me esperando na porta. Precisei desligar rápido para não chorar.

Amanhã irei para Transilvânia e estou muito empolgado para conhecer alguns castelos. Sei que será um passeio e tanto.

P.S.: não sinto saudade do Logan.

P.S.1: estou mentindo.

Dia 17.

Conheci o Castelo de Bran hoje, mais conhecido como o Castelo do Drácula. Pedi que o guia tirasse tantas fotos minhas, que ele começou a me olhar estranho. Esse filho da puta me cobra o olho da cara e ainda acha ruim que eu peça para ele tirar fotos? Eu hein?!

Acho que Logan adoraria este lugar, mesmo porque ele ainda está na fase emo vampiro, sempre de preto.

Seria Logan um projeto de Drácula?

Ele realmente tem fascínio pelo meu pescoço, preciso ficar atento a isso.

Desculpe pela letra sem capricho, mas estou escrevendo rápido porque estamos indo visitar outro castelo, e o guia está me olhando estranho de novo por eu estar atrasando todos.

Sei que o outro castelo também me fará lembrar de Logan, já que ele não saiu da minha cabeça desde que comecei essa viagem.

Dia 21.

Ah, Santorini…, como é bom estar de volta.

Fiz questão de ficar no mesmo hotel e, por incrível que pareça, com o mesmo guia turístico da minha "lua de mel". Estou repetindo todos os passeios, mas não me importo, eu faria isso mil vezes se fosse possível.

Aprendi a gostar da Grécia, e esse é um dos meus lugares preferidos no mundo. Mal posso esperar para tomar o meu gim na beira da praia.

Hoje senti minha glicose baixa e tomei uma Coca, mas percebi que ela é muito mais gostosa quando é Logan quem a coloca em minha boca. Também tem todo o charme de quase enfiar a garrafa na minha goela… deve ser isso.

Estou com saudade de Jorge.

Espero que ele esteja comendo direitinho.

Sinto saudade do Dr. Antony e sei que, apesar do sermão vir por eu ter faltado às minhas sessões, ele também vai me entender e terá orgulho do meu avanço.

Dia 24.

Hoje acordei pensativo e preferi ficar no hotel. Estar aqui me traz muitas recordações das quais eu não gosto. Mas, diferentemente de tantas vezes, não sinto vontade de chorar. Eu olho para trás e percebo o quanto as coisas melhoraram desde então.

Minha vida deu uma reviravolta depois que bati na porta do apartamento de Aron. E sei que tudo mudou depois que meus olhos pousaram em Logan naquele dia.

Talvez eu precisasse ser quebrado para finalmente conhecer a minha melhor versão. E eu estou conhecendo, dia após dia.

Aron me tirou muitas coisas, mas eu não deixarei que ele me tire mais nada. Nem a minha felicidade, nem meu sorriso, nem a minha esperança, nem a minha força, nem mesmo os meus sonhos, e nem Logan.

Principalmente Logan. Especialmente Logan.

Dia 28.

Hoje acordei pensando nas pessoas que mais amo no mundo e em como cada uma delas, sem nem ao menos perceber, me ajudou para que eu enxergasse as coisas com clareza.

Lembro-me das palavras da minha mãe quando voltei para casa depois do casamento arruinado e de como ela tinha razão quando disse "Aposto que, daqui a um tempo, você vai lembrar de tudo isso e achar graça. As coisas levam tempo para se curar, Ravi, mas, quando se curam, curam-se para sempre."

Lembro-me com carinho de Dr. Antony, que sempre será a pessoa que mais me ajudou quando eu precisei: "Chegará um momento, Ravi, em que você vai voltar a gostar de alguém. As barreiras que você está construindo em seu coração vão começar a tremer. É natural que você queira repelir esse sentimento, você sofreu uma grande decepção. Mas acredite em mim quando eu digo que haverá pessoas pelas quais vale a pena derrubar as muralhas que demoramos tempo demais construindo."

Lembro-me de Laura quando ela definiu o amor e me fez enxergar que não era nada daquilo que eu jurava ser: "Amar o bonito é fácil, Ravi. Amar aquilo que nos agrada é simples. Mas isso não é amor. Amor não é você amar o perfeito, amor é amar alguém independentemente de suas imperfeições. É conhecer o pior de alguém e, ainda assim, admirá-lo. É saber que qualquer pessoa tem

defeitos, alguns maiores que os outros, mas saber que as qualidades são infinitamente maiores."

Lembro-me de Josh, mostrando-me que tudo na vida tem conserto: "Mas, se colar direitinho, juntando os caquinhos, ainda fica bonito. Pode não voltar a ser a mesma peça, mas será uma peça única, diferente de todas as outras que já foram criadas."

E, por fim, lembro-me de Logan me dizendo: "Por mais que eu queira muito, por mais que eu deseje com toda a minha alma, por mais que eu anseie mais que tudo, talvez eu nunca tenha um jardim. E não é por merecimento e nem por medo, é porque isso foi tirado de nós."

E é justamente com Logan que eu discordo. As pessoas só conseguem tirar de nós aquilo que nós permitimos.

E eu não permitirei que ninguém nesse mundo destrua o nosso jardim.

Eu quero florescer para ele. Só para ele.

P.S.: Ravi do passado, tivemos uma evolução e tanto.

Estou orgulhoso de você.

Solto um suspiro alto e abro um sorriso largo ao escrever a última frase no caderno:

Obrigado, Grécia.

Foi aqui que eu comecei o meu luto, e é aqui que ele acaba.

Capítulo 30

Logan Theron

Dois meses antes

Ganho alta do hospital depois de cinco dias internado naquele inferno. Preciso aprender a não me distrair e não me virar na hora errada.

Confesso que fui para a operação com o pensamento longe e paguei caro por isso. Eu não deveria estar pensando em Ravi enquanto estávamos trocando tiros, mas, inevitavelmente, eu estava.

Nem sei por que precisei ficar tanto tempo no hospital por causa de um mero tiro na bunda. Nem foi grave e tão sério assim.

Arrependo-me da minha frase assim que me sento na minha cama e sinto uma dor excruciante… na bunda.

Cacete!

Com bastante calma, deito-me e solto um suspiro alto. Rony, Hermione, Harry e Fred se juntam a mim, e percebo que a Carmen fez um excelente trabalho ao aproximar os quatro enquanto eu estava fora. Hermione, para a minha surpresa, aceitou Fred numa boa, e eu me derreto todo ao vê-la lambendo-o como forma de aceitação.

Sinto mais dor que o normal e acho que os efeitos dos analgésicos estão passando. Preciso me levantar para tomá-los, mas, por enquanto, só quero descansar um pouco na minha casa, na minha cama, com os meus filhos, para matar a saudade que eu estava sentindo.

Pego o meu celular pela milésima vez para ver se tem alguma mensagem de Ravi, mas, para a minha angústia, não há nada. Tem cinco dias que não tenho notícias, e isso me abala mais do que imaginei que abalaria.

Preciso dar a ele o tempo de que ele necessita, apesar de querê-lo com todas as minhas forças. Quero saber como ele está e fico na corda bamba entre ligar e não ligar. Por fim, procuro o nome dele em minha agenda. Observo o número na tela por tempo demais, mas, quando estou prestes a ligar, ouço a campainha.

Não estou esperando ninguém, e a única pessoa que sabe que eu ganhei alta é Rivera, que me trouxe para casa do hospital.

Levanto-me com certa dificuldade e, por precaução, pego a minha arma. É sempre bom estar preparado, ainda mais com tudo que tem acontecido. Olho no olho mágico antes de abrir e vejo um homem de terno e gravata que nunca vi na vida. Abro a porta, e ele me olha sério.

— Delegado Theron?

— Pois não? — respondo com a mão em minha arma, que está posicionada na parte de trás da minha calça.

— Meu nome é Teodoro, e sou oficial de justiça — ele diz, calmamente. — Estou tentando pela terceira vez lhe entregar a intimação, mas não o encontrei em casa antes.

— Intimação? — pergunto, franzindo o cenho.

— Sim. A intimação para a audiência de agressão e abuso de autoridade que o senhor — ele abaixa o olhar para o papel — Aron Johnson está movendo contra o senhor.

Fico paralisado por um instante e, logo em seguida, solto uma risada alta por reflexo enquanto o oficial de justiça me olha sem reação.

— O filho da puta está movendo um processo contra mim? É sério isso?

— Sim, senhor. A audiência está marcada para daqui a um mês. O senhor deve saber todos os trâmites de uma audiência. — Ele me entrega o papel e busca outra folha na pasta que carrega em mãos. — Por gentileza, assine aqui, para comprovar que o senhor recebeu a notificação.

Solto a mão da arma apenas para assinar a folha. Era só o que me faltava. Aron ainda se acha no direito de me acusar de agressão, mesmo sendo acusado de tantas coisas. O oficial de justiça se retira, e eu fecho a porta, lendo a intimação.

Agressão, coerção, violência policial, má conduta…

Nego com a cabeça e solto um suspiro irritado. Ligo para um conhecido que é advogado e explico para ele a situação. Preciso de um advogado de defesa, para que esse bosta não consiga me prejudicar.

Tomo dois comprimidos de analgésicos e me deito na cama. Meu pensamento ainda está em Ravi quando fecho os olhos, mas agora o espaço que era só dele está sendo invadido pela raiva que sinto de Aron.

Acordo várias vezes durante a noite, sentindo um incômodo ao me mover na cama. Sempre que me viro e acabo esbarrando no ferimento. Solto um gemido e posiciono um travesseiro por baixo do meu quadril para ver se melhora e assim eu consigo dormir a noite inteira.

Enquanto tento recuperar o sono, pego o meu celular mais uma vez, mas ao invés de discar, eu mando uma mensagem para Ravi:

Estou pensando em você

Espero que esteja bem ��

Aguardo por um instante, mesmo sabendo que é madrugada e ele provavelmente não vai responder. Então, em poucos instantes, eu me dou por vencido pelo sono e adormeço.

Um mês e vinte dias antes.

Tenho me recuperando bem e já consigo me mover mancando menos. Daqui a dois dias voltarei à delegacia e ao trabalho, e eu não vejo a hora de isso acontecer.

Ravi deve estar sentindo falta dos bombons, mas fico menos preocupado com a glicose dele, porque deixei as Cocas pagas por um mês.

Já é a quinta mensagem que eu mando para ele e não obtenho resposta, mas continuo mandando, pois sei que, apesar de não me responder, ele deve estar pelo menos lendo e sabendo que eu me preocupo.

Um mês e dezoito dias antes.

Entro na delegacia e levo um susto. Há balões em todos os lugares e cartazes me desejando boas-vindas. A maioria dos meus homens está presente e faz questão de me cumprimentar, um por um.

Apesar de sorrir, retribuir os abraços e agradecer, meus olhos ainda procuram por Ravi. Só quero vê-lo logo, saber como ele está, como ele vai reagir à minha presença.

Só de pensar em vê-lo, meu coração acelera no peito. Meus olhos vão até a sua sala, mas ela está vazia.

— Cadê o Baumer? — pergunto a qualquer um, mas minha voz sai abafada pelas vozes que ouço, e ninguém me responde.

— Já está pronto para voltar, delegado? — Ouço a voz de Rony enquanto ele me puxa para um abraço.

Olho mais uma vez para a sala de Ravi antes de olhar para ele. Rony me lança um sorriso, e eu tento dissipar meus pensamentos.

— Sim, estou pronto. — Lanço um sorriso em sua direção.

— Estávamos ansiosos pela sua volta, delegado. Esta delegacia não é a mesma sem você — Feyden me diz, e eu também sorrio para ele.

— Obrigado. — Engulo em seco. — Vocês sabem do Baumer? Não vi ele até agora. Ele foi o único que não veio me cumprimentar.

— Baumer saiu — Rony me diz.

— Saiu para onde?

— Da delegacia. — É Feyden quem responde. — Ele se demitiu faz uns dez dias.

— O Ravi pediu demissão? — Minha voz falha.

Paraliso, tentando compreender o que Feyden acabou de me dizer. Apesar de ninguém confirmar, consigo ver no semblante deles que sim, é verdade.

Por que ninguém neste caralho me avisou? Por que não fizeram questão de me comunicar isso?

Desvio-me dos policiais que estão à minha volta e vou em direção à sala da Marina, mesmo ouvindo o meu nome ser chamado. A porta está semicerrada, e eu apenas entro. Quando Marina me vê, ela me lança um sorriso.

— Seja bem-vindo de volta, delegado Theron — ela me cumprimenta de forma simpática, mas estou tão atordoado, que nego com a cabeça.

— Policial Baumer pediu demissão? — pergunto, notando minha voz falhar pela segunda vez.

— Pediu. Ele me comunicou do pedido no início da semana passada.

— E você não pensou em me ligar para me contar isso? — questiono, sentindo minhas mãos suarem de nervoso.

— Você nunca quis saber sobre demissões e contratações quando elas aconteciam. — Ela franze as sobrancelhas, mas seu tom de voz permanece gentil. — E normalmente você sabe da maioria, porque todos conversam com você antes.

— Dessa eu gostaria de ter sido avisado. — Viro-me, passando as mãos pelos cabelos e soltando um suspiro frustrado.

— Desculpe-me, Theron. As próximas farei questão de avisar.

Quero dizer a ela que estou pouco me fodendo para as próximas. Neste momento, Ravi é tudo que me importa.

— Aproveitando que está aqui — ela diz —, já vou lhe comunicar que estou recebendo alguns candidatos e acho que até o final de semana a vaga estará preenchida.

— Não! — Viro-me rapidamente, olhando para ela e engolindo em seco. — A vaga é do Ravi.

— Ele renunciou à vaga e pediu demissão.

— Mesmo assim. — Limpo a garganta. — Ele vai voltar, Marina.

— Acho que ele não vai voltar. Ele me disse que estava pedindo demissão de vez, e olha que eu dei muitas opções.

— Mas que merda! — xingo baixo. — Marina, segure a vaga dele. Ele vai voltar, eu tenho certeza disso — imploro, mesmo sem ter certeza alguma do que estou falando.

— Você sabe que eu não posso esperar muito tempo. Além do mais, ele organizou tudo antes de sair. Se eu não contratar alguém rápido, o departamento administrativo vai se tornar o caos que era antes.

— Dê-me um mês. Um mês, e você pode voltar com as entrevistas.

— E quem vai ficar lá enquanto isso?

— O Bob — digo prontamente.

— Meu Deus! — ela diz, rindo. — Você sabe que foi justamente pelo Bob estar no departamento que tivemos que pedir ajuda para outra delegacia, não sabe?

— Eu faço o trabalho dele então — retruco rápido. — Eu trabalho dobrado, viro a noite aqui, eu não me importo. Só me dê um tempo, eu sei que ele vai voltar.

Marina relutantemente assente, e eu solto um suspiro preso em minha garganta. Pego o meu celular no bolso e caminho até a minha sala, ignorando todos em volta. Sei que estou sendo um tanto ingrato pela a festa surpresa que fizeram em minha homenagem, mas tudo que consigo pensar agora é em Ravi e em sua demissão.

Assim que fecho a porta da minha sala, eu disco o número dele. Espero em expectativa, mas cai direto na caixa postal.

Merda!

Tento de novo, e novo, e de novo.

E nada.

Sento-me em minha cadeira sem me importar com a dor que sinto e fito o teto. Tento controlar a minha respiração, que está mais pesada que o normal, inspirando e expirando de forma lenta. Tento pensar em algo, mas nada me vem à cabeça.

Eu sabia que ele precisava de um tempo, eu só não contava que esse tempo seria do trabalho também.

Quando abaixo o meu olhar, vejo um pedaço de papel sob o meu teclado. Pego rapidamente e leio. Minhas mãos tremem tanto que mal consigo segurar o papel, mas tento ler cada palavra com cautela.

— Ah, florzinha — suspiro ao terminar de ler.

Mesmo entendendo os motivos, eu não consigo evitar o aperto que sinto em meu peito. Preciso saber notícias dele, preciso saber como ele está, preciso vê-lo.

Tento acalmar o meu coração e guardo o bilhete no bolso. Tenho que voltar lá fora e conversar com os meus policiais. Por isso, recomponho-me antes de sair da minha sala. Finjo que está tudo

bem e peço desculpas pelo meu comportamento, tentando o meu melhor para esconder tudo o que sinto.



Trabalho no automático pelo restante do dia e agradeço por não ter nada de importante na minha agenda, já que a minha cabeça está longe. Assim que dá o horário do meu expediente, pego o carro e vou até a casa de Ravi. Eu preciso conversar com ele e pedir a ele que volte para a delegacia. Eu sei que ele precisa do emprego e que talvez ele tenha se precipitado em ter feito essa escolha.

Subo as escadas correndo, sentindo meu ferimento latejar, mas não paro. Bato à porta tão forte quanto as batidas agitadas do meu coração. Quando a porta começa a se abrir, meu coração se acelera ainda mais, mas é a irmã dele quem me atende.

— Oi — ela diz, lançando-me um sorriso enquanto me observa. — Logan, certo?

— Isso. — Dou um aceno de cabeça, olhando para o apartamento. — O Ravi está aí? Eu preciso muito falar com ele.

— Não, ele não está. — Ela para de sorrir, e seu semblante vacila. — Sinto muito, mas o Ravi foi viajar. Estou aqui para ficar com o Jorge enquanto isso.

— Como assim, viajar? — Minha voz se altera, e eu abaixo o tom. — Fale-me onde ele está, eu preciso saber dele. Eu preciso falar com ele.

Eu praticamente imploro, mas ela me lança um sorriso contido, de decepção.

— Eu só sei que ele foi para a Itália, depois vai para Romênia e depois para a Grécia.

Ela diz, e eu fico sem reação. Ele viajou para o exterior? Eu não consigo raciocinar direito.

— Onde na Itália? — pergunto, sentindo meu coração palpitar. — Eu preciso ir atrás dele.

— Eu realmente não sei. Ele não quis nos dizer. Ele disse apenas que iria viajar e que não sabia quando voltaria.

Meu coração cai ao chão.

Merda. Merda. Merda. Merda.

— Você tem falado com ele? Tem algum número em que eu consiga falar com ele? — Minha voz está tão trêmula, que preciso respirar fundo para conseguir pronunciar as palavras direito.

— Falei poucas vezes. Ele está sem o celular. — Ela diz e solta um suspiro. — Logan, ele está bem. Ele precisava disso, e acho que nós dois sabemos o porquê. Não se preocupe. Quando ele estiver pronto, ele vai voltar.

Meu peito se aperta, e sei que ela tem razão. Eu pedi que ele se curasse. Eu pedi que ele se preparasse. E foi a escolha que ele tomou para que isso fosse possível.

— Você pode dar um recado a ele, caso ele ligue? — pergunto incerto, engolindo em seco, e ela assente. — Diga para ele não demorar muito e que… eu esperarei.

Ela me lança um sorriso largo, como se entendesse.

— Eu direi, mesmo sabendo que, no fundo, ele sabe muito bem disso.

Jorge se aproxima da porta, e eu me abaixo para fazer um carinho nele. Quando ele se cansa e volta para o apartamento, dou um aceno de cabeça e me despeço de Laura. Voltando para o meu apartamento, eu pego uma garrafa de uísque e bebo no gargalo. Eu preciso ficar bêbado para me anestesiar. Preciso lidar com essa notícia e tentar aliviar a falta que ele me faz.

Um mês antes.

Sento-me na cadeira junto com o meu advogado dentro de uma sala de conciliação. Passo a mão pelos cabelos, frustrado, sabendo que a última coisa que quero ver é Aron na minha frente. Meu advogado, Dr. Nick, aproveita que estamos sozinhos e se inclina para falar comigo.

— Não diga nada — ele ordena baixo. — Mesmo se ele provocar você ou o fizer sentir raiva, não perca a sua razão. Esta audiência é muito séria, Theron, e você pode ter até o seu mandato cassado. Então não intervenha.

Aceno com a cabeça, sabendo que, apesar de tudo, eu não darei a Aron o gosto de me arruinar. Ouço a porta se abrir e não faço questão nenhuma de olhar para trás. Aron, com o seu advogado, aproxima-se e se senta à nossa frente. Olho para ele e fecho os punhos por baixo da mesa. Ele me olha, arqueando as sobrancelhas como se estivesse me desafiando e dá um sorriso, em completo escárnio. Minha vontade é voar no pescoço dele, mas, para não fazer isso, aperto com força os braços da cadeira.

O juiz entra logo em seguida, acompanhado de três guardas. Ele se senta e olha para cada um de nós antes de voltar o olhar para o papel em sua frente.

— Boa tarde a todos — ele saúda, e todos nós respondemos. — Estamos aqui hoje para averiguar a acusação de agressão, coerção, violência policial e má conduta que o senhor Aron Johnson está movendo contra o senhor Logan Theron. — Ele se vira em direção ao advogado de Aron. — É isso mesmo?

— Sim, meritíssimo — o advogado dele responde.

— Certo. — Ele vira a página e cruza os dedos sobre a mesa. — Podemos começar com o relato do que aconteceu.

— Meu cliente estava em um bar no dia 14 de agosto, quando foi atacado pelo delegado Logan Theron com murros e pontapés. Além disso, meu cliente foi ameaçado com uma arma de fogo.

— Ok — o juiz diz calmamente. — E o que aconteceu anteriormente para que o delegado o atacasse? Preciso do relato completo — o juiz pergunta, mas o advogado de Aron hesita. —

Não está entendendo a minha pergunta? Estou perguntando quais foram os fatos que ocorreram antes da briga. Ninguém ataca outrem sem algum motivo prévio, a não ser que essa pessoa tenha algum transtorno psicológico, o que não parece ser o caso da outra parte, já que se trata de um delegado, e delegados passam por testes psicotécnicos e psicólogos rigorosos antes de tomar posse do cargo.

Vejo o sorriso de Aron diminuir enquanto o advogado dele conserta a postura na cadeira, afrouxando a gravata.

— O senhor Theron provocou o meu cliente porque estava na presença do ex-noivo dele. Ele utilizou do cargo para intimar Aron para que não se aproximasse do ex-noivo.

— E o ex-noivo estava sendo coagido de alguma forma? — o juiz pergunta.

— Estava. — É a vez de Aron falar, e eu solto uma risada baixa, negando com a cabeça.

— Objeção, meritíssimo — meu advogado fala, e eu olho para ele. — Permissão para rebater diante dos fatos caluniosos contra o meu cliente.

O juiz concede, e meu advogado abre a pasta sobre a mesa, retirando alguns papéis e entregando ao juiz.

— Aron Johnson tem um boletim de ocorrência por invasão a domicílio e danos materiais feito por Ravi Baumer, que está sendo inserido nesta audiência como ex-noivo, sendo que ele não é uma característica, e sim uma pessoa e deveria ser tratado como tal. O ato de invasão foi previamente comprovado através de câmeras de segurança da região, e as imagens foram anexadas juntamente com o boletim de ocorrência. Aron também tinha uma ordem de restrição que estava em andamento quando se aproximou do meu cliente, que estava acompanhado por seu colega de profissão, ambos sem farda, no bar Tikos, na noite de 14 de agosto. Em forma de defesa, o meu cliente solicitou que Johnson não os importunasse, porém este começou a provocá-los, insultando Ravi Baumer com palavras de baixo calão se referindo à intimidade do ex-casal diante de toda uma plateia que estava presente. Foi iniciada uma briga, e ambos

se agrediram. O delegado deu voz de prisão, como é de costume nesses casos. Suponho que a parte oposta tenha algum corpo de delito que confirme que ele também revidou às agressões.

O juiz assente e se vira para Aron.

— Você fez corpo de delito? — ele pergunta, e o advogado nega com a cabeça. — O senhor está acusando a outra parte de agressão e não fez corpo de delito?

— Meu cliente ficou detido por três dias na delegacia de Willton e saiu tão debilitado, já que sofreu agressões por parte dos policiais da delegacia, que ele não teve cabeça para providenciar um exame.

— O senhor tem testemunhas? Tem câmeras no estabelecimento? — o juiz pergunta, e o advogado nega. — Então os senhores estão fazendo a acusação de agressão com base em quê? Não há evidências das agressões, não há testemunhas oculares, não há relatos.

O advogado de Aron pigarreia, e o semblante de Aron vacila. Permaneço olhando para ele, com os olhos estreitados, mas ele não me olha de volta.

— Pois bem, senhores, já que não houve resposta, eu vou prosseguir. Vejo no processo que uma testemunha foi intimada para depor.

O semblante do meu advogado enrijece, e posso apostar que ele não sabia que haveria testemunha. De qualquer forma, o advogado de Aron também não disse nada a respeito, então, não sei de quem se trata.

— Guarda, permita a entrada de Yun Felter — o juiz diz, e eu olho para o meu advogado, confuso. Não faço ideia de quem seja.

Quando o guarda abre a porta, deparo-me com o dono do bar. Merda! Eu estou fodido.

Sei que ele presenciou tudo e estou com receio de que ele me acuse. Ele se senta na cadeira e se apresenta como dono do estabelecimento. O juiz faz algumas perguntas, inclusive sobre o sistema de câmeras.

— Senhor juiz, meu bar não possui câmeras, porque é um estabelecimento pequeno, mas eu estava presente quando tudo aconteceu.

— E o que tem a dizer, senhor Felter? — o juiz pergunta, e eu já me preparo para o baque.

— Esse senhor — ele responde ao apontar para Aron — se aproximou da mesa do casal e começou a falar coisas que eu não gostaria de ter que repetir. Quando vi, os dois já estavam no chão.

Engulo em seco quando ele diz a palavra "casal" e pressiono os lábios para não sorrir.

— Quem iniciou a briga?

— Eu não sei. Eu não vi — ele diz, e eu arregalo os olhos, porque eu sei que ele está mentindo. Ele sabe que fui eu que parti para cima de Aron, que fui eu que iniciei a briga.

— Ele está mentindo — Aron grita, batendo as palmas da mão na mesa, e o juiz olha para ele de forma rígida. — Logan veio para cima de mim.

— Se o senhor não controlar o seu cliente — o juiz fala com a voz firme, direcionando-se ao advogado —, eu vou encerrar esta audiência dando total direito à outra parte.

Todos ficamos em silêncio até o juiz voltar à postura normal, olhando para o dono do bar.

— Foi feito o uso de força excessiva? Ameaça?

— Não, senhor — Felter nega rapidamente. — Inclusive, alguns clientes se dissiparam sem pagar por causa da briga, e o delegado fez questão de arcar com os custos do meu prejuízo.

O juiz anota algo e volta a olhar para Felter.

— O senhor estava presente quando os policiais fizeram a apreensão de Aron Johnson?

— Sim. Três policiais chegaram em uma viatura e o levaram.

— Houve força excessiva?

— Não. Eles só o algemaram e o levaram — ele responde firmemente.

— O senhor gostaria de adicionar mais alguma coisa?

— O outro homem que estava com o delegado estava desesperado. Ele chorava muito, parecia estar em pânico e não era pela briga em si, era por medo dele — ele aponta para Aron.

— Agradeço por sua ajuda, senhor Yun Felter. Foi de muita serventia. Pode se retirar agora.

Ele sai, e o juiz volta a analisar os papéis em sua frente. Aron me olha com os olhos raivosos, mas eu não movo um músculo enquanto o encaro de volta.

— Pelo que me foi relatado, o senhor Aron Johnson estava importunando o ex-companheiro, Ravi Baumer, enquanto ele se encontrava na presença de seu colega de profissão, Logan Theron. Foi iniciada uma briga, cuja única testemunha não notou quem começou. As agressões foram mútuas, e foi efetuada uma prisão.

— Ele puxou a arma para mim, ele me ameaçou de morte várias e várias vezes — Aron interrompe o juiz com o tom de voz elevado.

— Você tem alguma testemunha que comprove isso, já que o dono do bar desmentiu a sua versão?

— Não, mas eu posso procurar alguém que estava presente na hora — Aron diz, parecendo desesperado, e o juiz o olha com as sobrancelhas franzidas.

— Quando se intima alguém, senhor Johnson, o que se espera é que haja uma preparação e provas para comprovar os relatos. Ele não precisa provar que é inocente, já que, pela lei, todos são inocentes até que se prove o contrário. O senhor, que está acusando, é quem deve provar que ele é culpado. E, pelo que me foi relatado, o senhor não tem nada além da sua palavra, e isso, em uma corte, não vale de absolutamente nada.

Aron se cala, e o advogado dele ajeita a gravata mais uma vez, parecendo completamente desconfortável.

— Pois bem, vou encerrar esta audiência, já que não vejo motivos para continuá-la. A parte quer adicionar alguma coisa? — Ele aponta para mim, e eu assinto.

— Eu quero, meritíssimo — digo firmemente. — Eu não iria, mas agora eu quero. Quero que seja solicitada uma medida de restrição. Não quero que esse indivíduo se aproxime de mim. Vou deixar passar o processo por calúnia e difamação, mas quero dar continuidade aos outros boletins que já estão em andamento.

— Pois bem — o juiz assente e começa a anotar. — Vou inserir isso no processo.

— Ele não pode fazer isso — Aron grita. — Ele não pode simplesmente sair disso assim. Eu fui agredido e ameaçado.

— Senhor Johnson, se o senhor me interromper mais uma vez ou falar quando não lhe for permitido, eu mesmo o prenderei por desacato. — O juiz aumenta o tom de voz. — Então peço que se controle.

Aron bufa frustrado, e eu sinto uma onda de alívio me invadir.

— Concederei a ordem de restrição agora. Assim que saírem desta sala, o senhor não pode se aproximar por mais de 100 metros, nem de Ravi Baumer e nem de Logan Theron. Caso a medida seja descumprida, o senhor será preso. Entendido? — o juiz pergunta, mas Aron hesita. — Entendido, senhor Johnson?

— Sim — ele responde hesitantemente, com o maxilar travado.

— Diante dos fatos, declaro esta audiência encerrada. Tenham uma boa tarde. — O juiz se levanta da cadeira e vai em direção a porta.

Meu advogado junta as documentações e as guarda na pasta enquanto eu permaneço olhando para Aron. Tenho tanta raiva dele, que a minha vontade é de soca-lo até que ele desmaie. Mas, em vez disso, levanto-me da cadeira e olho para ele, bem no fundo dos seus olhos.

— Eu ainda vou me casar com o Ravi, Aron — digo com a voz firme. Seu semblante vacila, e consigo ver o ódio em seus olhos. — Eu ainda vou me casar com ele, e você vai se remoer por toda a vida, porque eu vou fazer tudo aquilo que você não fez e vou ser para ele tudo aquilo que você nunca foi. No fim das contas, você

nos fez um favor. Espero não ter o desgosto de precisar ver a sua cara nunca mais na minha vida. Caso contrário, já sabe, não é?

Não espero resposta e apenas me viro, saindo da sala e torcendo para que ele nos deixe em paz de uma vez por todas.

Quinze dias antes.

Já é o terceiro copo de uísque que bebo ouvindo "*Angel*", de John Secada, no repete. Há tantas coisas que eu queria ter dito para o Ravi, tantas coisas que eu guardei quando deveria ter escrito em cartazes para ele.

Meus pensamentos estão tão bagunçados e meu coração está tão apertado, que não sei mais o que sentir. E se ele perceber que não era paixão? E se ele descobrir que não há cura? E se ele acabar percebendo que jamais vai me perdoar? São tantos e *se's.* Tenho medo de descobrir que estou pronto para ele, mas que ele talvez jamais fique pronto para mim.

Será que ele está cuidando da glicose? Será que ele está se cuidando? Será que ele pensa em mim? O saber dói, mas é o não saber que tortura.

Pego o meu telefone e disco o número dele inúmeras vezes, e todas as vezes a ligação cai na caixa postal.

Merda, Ravi. Merda!

Eu sou apaixonado por você. ��
Eu sou completamente apaixonado por você

Mando a mensagem, mesmo sabendo que ele não vai receber. Viro o copo de uísque, sentindo o líquido queimar a minha garganta. Limpo meus olhos e sinto meu peito se apertar.

— Volte para mim, florzinha… — sussurro para as paredes. — Volte para mim.

Não consigo me conter e choro por não saber o que fazer com os sentimentos que esmagam o meu peito.

Dias atuais.

Chego em casa completamente exausto.

Tenho feito hora extra para conseguir organizar o administrativo e enrolar a Marina. Mesmo tendo se passado mais de um mês, eu sempre me esquivo dela nos corredores. Não quero correr o risco de ela me confrontar. Por isso, tenho feito tudo que posso para que o departamento não dê indícios de piora. Estou cansado e, apesar de estar sobrecarregado, Ravi não sai dos meus pensamentos nem um minuto sequer.

Deixo as minhas coisas no sofá e passo um tempo com meus filhos. Dou a comida e me distraio brincando um pouco com eles. Quando eles se cansam e vão dormir, eu tiro a minha farda e vou tomar um banho. Apenas deixo que a água caia sobre os meus ombros enquanto meus pensamentos me invadem de forma avassaladora.

Dois meses sem nenhuma notícia, sem nenhuma mensagem, sem nada. Começo a acreditar que ele realmente não vai voltar. Nunca tinha pensado nessa hipótese, mas preciso começar a preparar o meu coração para ela.

Não sei há quanto tempo estou no banho quando ouço de longe a campainha. Desligo o chuveiro para ver se não é coisa da minha cabeça, mas ela toca novamente. Enrolo a toalha no quadril e saio do banho sem me secar. Estou tão distraído, que nem olho no olho mágico antes de abrir a porta. Provavelmente deve ser algum vizinho enchendo o raio do saco.

Quando abro a porta, eu perco o fôlego, e meu coração palpita tanto, que tenho medo de estar sofrendo um infarto. Pisco os olhos lentamente para ver se estou enxergando direito ou se estou

apenas alucinando. Engulo em seco, não sabendo o que fazer, mas é quando ele abre um sorriso doce para mim que eu caio na real.

— Ravi?

Capítulo 31

Logan Theron

Meus olhos percorrem cada minúcia de seu rosto devagar, como se eu precisasse olhar bem para acreditar que é verdade. Ravi está parado à minha porta, e eu não sei se consigo respirar.

Ele morde os lábios de forma nervosa, e eu reparo o quando ele está diferente. Sua pele está mais bronzeada, seu semblante está mais leve, e ele cortou o cabelo. Reparo em tudo e percebo que agora seus cachos vão só até a altura do maxilar. Ele conseguiu ficar ainda mais lindo do que pensei que fosse possível.

Permanecemos por um bom tempo nos olhando em silêncio. Seus olhos verdes ficam presos em mim enquanto os meus permanecem presos nos dele. Eu não consigo falar nada e sinto meu maxilar doer de tanto que estou o travando.

— Oi, Logan — ele finalmente diz, com a voz trêmula, e seus olhos verdes tão intensos parecem começar a brilhar.

Seguro-me na porta para não cair por medo do que ele tem a me dizer. Engulo em seco e pisco rápido, tentando recuperar a minha sanidade.

— Eu me chamo Ravi Baumer e eu tenho vinte e cinco anos — ele começa a falar, e eu sinto meu corpo inteiro estremecer. — Sou policial administrativo e não tenho experiência nenhuma nas ruas. Sou hipoglicêmico e costumo ser resgatado com frequência por um par de olhos azuis que está sempre com uma Coca nas mãos, pronto para me salvar. Levei um tiro, e, quando pensei que

fosse morrer, a última coisa que vi foram os mesmos olhos azuis. Eu faço terapia uma vez por semana, sou implicante, imaturo e chorão. Tenho um gato chamado Jorge. Fui abandonado no altar no dia do meu casamento, e, sinceramente, essa foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido, porque foi naquele dia que eu conheci você. Sempre pedi para que você não me tocasse, porque eu sabia que quando isso acontecesse, eu não ia querer ser tocado por mais ninguém neste mundo. Estou dizendo tudo isso porque estou pronto. Estou aqui com tudo o que sou e com tudo o que tenho, esquecendo todos os meus traumas, todas as minhas inseguranças e toda a minha relutância, para ter a chance de conhecer você de novo. Desta vez, conhecê-lo do jeito certo. Eu sou uma flor, mas eu abdico de todo o meu pólen apenas para fazer morada no seu jardim.

Ele estica a mão trêmula em minha direção, e eu perco o fôlego. Fico sem reação por um instante, tentando absorver suas palavras, mas em seguida abro o maior sorriso do mundo, tendo a certeza de que ele voltou para mim.

A minha florzinha voltou para mim.

Seguro a sua mão e solto um suspiro antes de falar:

— Olá, Ravi. Eu me chamo Logan Theron, tenho trinta anos e sou delegado. Tenho quatro filhos. Levei um tiro na bunda, porque estava distraído demais pensando em um certo policial implicante e chorão. Aprendi tudo sobre hipoglicemia nos últimos meses e faria tudo por um hipoglicêmico que normalmente não está nem aí para a saúde. Sou autoritário, mas, com você, eu fico mansinho. Eu estava o esperando e o esperaria pelo tempo que fosse necessário. Você é a flor mais preciosa do meu jardim, e, mesmo você tendo apenas um neurônio que funciona bem, saiba que é um prazer conhecê-lo.

Digo, apertando levemente os seus dedos e sentindo meu coração explodir no peito. Ele sorri para mim, e eu sinto como se o mundo tivesse voltado à órbita.

— Ah, e seria estranho se eu lhe dissesse que, mesmo o conhecendo agora, eu já sou completamente louco por você, Ravi?

Ele solta uma risada gostosa, enchendo o meu coração e fazendo-o retornar ao tamanho original.

— Não, seu bobo — ele diz, sorrindo —, porque eu também sou louco por você.

Ele dá três passos para frente e coloca os braços em torno do meu pescoço, jogando-se em meu colo. Seguro-o firme enquanto fecho a porta e sinto seus beijos estalando por todo o meu rosto.

— Eu estava com tanta saudade. — Ele para os beijos e me olha nos olhos, deixando escapar algumas lágrimas.

— Eu também estava morrendo de saudade de você, minha florzinha. Eu senti tanto a sua falta. — Desprendo uma mão de suas coxas apenas para acariciar os cabelos que eu tanto amo. — Você não faz ideia do quando eu estou feliz por você ter voltado para mim.

Ele segura meu rosto, sorrindo em meio às lágrimas, e então me beija.

Beijo ele com toda a saudade que eu senti e com toda a paixão que sinto. Invado sua boca sem nenhum pudor ou cuidado. Aperto tanto o seu corpo no meu, que sinto que a qualquer momento podemos nos tornar um só. Gemo de saudade em sua boca enquanto sinto meu corpo ferver de desejo.

Ele para o beijo apenas para sussurrar com os lábios colados nos meus:

— Estou com tanto tesão, que estava pensando em como eu iria rasgar sua roupa quando eu chegasse aqui. Bom que você facilitou meu trabalho.

Ele desprende as pernas da minha cintura, ficando em pé na minha frente. Mordendo os lábios, ele começa a se ajoelhar lentamente com os olhos presos em mim. Meu corpo inteiro treme em expectativa. Seus dedos vão para o nó da toalha, e ele o desata, fazendo-a cair ao chão segundos depois.

Seu olhar percorre o meu corpo nu e depois volta a se fixar nos meus olhos com puro desejo.

— Você está sempre preparado assim? — ele pergunta baixinho, com um sorriso nos lábios.

— Para você? — Ergo uma sobrancelha, dando um sorriso. — Sempre.

Quando seus dedos rodeiam o meu pau, eu solto um gemido alto. Ele então aproxima os lábios e passa a língua em minha glande, fazendo-me questionar se eu ainda tenho algum pingo de sanidade em minha mente. Jogo a cabeça para trás e fecho os punhos tentando me controlar.

Ele vai me matar.

— Olhe para mim, delegado — ele sussurra, e eu volto a olhá-lo. — Quero que assista a mim enquanto eu chupo seu pau.

Ele definitivamente vai me matar.

Ravi solta uma risadinha com os olhos presos em mim, e sei que ele está repetindo a frase que eu lhe disse quando o amei pela primeira vez. Seus lábios voltam para o meu pau, e eu posso jurar que nem sei mais qual é o meu nome.

Observo sua boca subir e descer lentamente pela minha extensão, e minha respiração acelera. Prendo meus dedos em seus cabelos, e ele arfa no meio do boquete, causando uma vibração deliciosa em mim.

— Cacete, florzinha — sussurro com a respiração entrecortada —, você quer me matar.

Ele aumenta o ritmo, olhando-me, e arranha minha pele desde o meu peito até a minha virilha com a ponta das unhas. Travo os dedos em seu cabelo e aperto com força, apenas para senti-lo arfar de novo.

Seus movimentos precisos, sua boca gostosa deslizando no meu pau, seus olhos intensos presos em mim… Eu não estou aguentando. Eu não vou aguentar.

Puxo o seu cabelo para trás, fazendo seus lábios se afastarem do meu pau, ficando ligados a ele apenas por um fio de saliva. Levanto-o, segurando firme em seus braços, e volto a beijar sua boca com força. Desabotoo a sua camisa e desço os beijos pelo seu pescoço enquanto ele geme meu nome. Chupo com força a sua clavícula, não me importando nem um pouco se vou deixá-lo marcado.

Sem desgrudar a boca da minha, ele me guia e me empurra no sofá. Quando caio, ele me lança um sorriso safado, tirando a sua roupa na velocidade da luz. Observo cada movimento que ele faz e, quando ele fica nu, percebo o quanto ele está excitado.

Ravi se aproxima, inclinando o corpo e colocando as mãos em minhas coxas, arranhando-as com as unhas. Ele me olha antes de olhar para baixo e fazer um biquinho, deixando a saliva escorrer de sua boca até o meu pau. Eu paro de respirar quando ele espalha sua saliva e se senta em meu colo.

— Tenha-me assim. Eu sou seu.

E lá se vai o resto da minha sanidade mental.

— Ravi — eu ofego baixinho enquanto ele ergue o quadril e se encaixa em meu pau, que pulsa em desejo.

Com a ponta dos dedos, ele o guia para sua entrada e então começa a se sentar de novo, sendo lubrificado apenas por sua própria saliva.

Aperto sua cintura com tanta força, que ele geme enquanto sinto meu pau deslizar lentamente para dentro dele.

— Caralho — eu gemo, apertando os meus dedos em sua pele —, eu vou gozar antes mesmo de entrar por completo em você.

— Goze — ele diz baixo. — Mas se gozar, continue metendo, porque eu quero fazer amor com você a noite inteira.

Mordo os lábios com força e sinto o meu pau entrar por completo quando sua bunda se encontra com as minhas coxas e ele solta um gemido arrastado.

Espalmo minhas mãos em sua bunda macia, deixando-o mais aberto para mim, e levanto o seu quadril levemente apenas entrar nele com força de novo.

Ravi grita, e é como música para os meus ouvidos.

Volto a beijá-lo enquanto ele rebola o quadril sobre mim, subindo e descendo. Sei que estou com tanto tesão, que provavelmente não vou aguentar por muito tempo. Quando ele começa a gemer em minha boca, eu dou um tapa forte em sua

bunda e uso a outra mão para masturbar o seu pau melado de pré-gozo.

Ravi me abraça e treme, e sei que, assim como eu, ele também não vai durar muito. Seu corpo suado se prende ao meu, e nossos beijos desajeitados e repleto de desejo fazem meu corpo flamejar. Quando ele grita, eu sinto seu prazer quente escorrer pelos meus dedos e então, finalmente, permito-me gozar dentro dele, enchendo-o com todo o meu prazer.

Ravi morde meu ombro com força, e, mesmo sem fôlego, começo a me movimentar de novo. Pego-o no colo e me levanto, indo em direção ao meu quarto.

Posiciono-o na cama e o viro de lado, encaixando-me atrás dele. Penetro-o mais uma vez, tendo meu gozo como lubrificante. Ele crava as unhas em meu quadril quando começo a entrar nele de ladinho. Meu corpo inteiro pega fogo, e só quero me afundar em Ravi o máximo que consigo.

Afasto o cabelo de sua nuca para beijar sua pele quente.

— Que saudade, florzinha — sussurro em seu ouvido e sinto os pelos da sua nuca se arrepiarem. — Eu estava com tanta saudade de você.

Ele se vira minimamente apenas para encontrar a minha boca e me beija desesperado. Não me importo com nada além de amá-lo. Eu só quero estar dentro dele, quero ser dele, quero que ele seja meu.

Nossos suores se misturam, e eu passo minha mão por todo o seu corpo até encontrar a sua ereção, então começo a masturbá-lo de novo. Ele está tão sensível e se contorce tanto de prazer, que sinto que posso gozar a qualquer instante.

— Logan, eu... vou gozar de novo. — Seu corpo estremece, e seu pau lateja em minha mão.

Aumento os movimentos e, quando ele começa a gozar nos lençóis, eu subo a mão e aperto os dedos em torno do seu pescoço para prolongar ainda mais o seu orgasmo. Sinto a sua jugular pulsar rapidamente sob as minhas digitais e estremeço de prazer, gozando dentro dele novamente.

Perco as forças, afundando-me na curva do seu pescoço, inalando o seu perfume e respirando ofegante. Abraço ele tão forte, que tenho medo de machucá-lo. Ficamos quietinhos, tentando recuperar o fôlego por um instante, até ele virar para mim e me olhar nos olhos, sorrindo.

— Porra, delegado — ele sussurra. — Eu quero de novo.

Ele me lança um sorriso safado enquanto me vira de costas para a cama, montando em meu colo. Meu fôlego ainda não está completamente restaurado, e meu coração ainda parece bater em ritmo descompassado, mas jamais desperdiçaria a chance de amá-lo pela terceira vez seguida.

Quando gozamos juntos e não aguentamos mais, puxo-o para o chuveiro comigo e tomamos um banho longo. Aproveito a oportunidade para espalhar beijos por toda a sua pele, e Ravi fica grudado em mim como um bicho-preguiça enquanto a água cai sobre o seu corpo. Eu só quero que ele não me solte nunca mais.

Quando saímos do banho, eu dou a ele uma roupa minha e troco os lençóis. Deito-me, e ele se deita em meu peito, ficando em meus braços. Beijo sua testa com carinho e o aperto forte, sentindo seu corpo quente contra o meu.

— Florzinha — falo, acariciando a sua nuca com a ponta dos dedos —, você me esperou levar um tiro para me falar sobre os seus sentimentos?

Ele solta uma risada e ergue o olhar para o meu rosto.

— Achei que fosse uma hora apropriada — ele se aconchega mais em meu peito. — Além dos mais, foi na sua experiência de quase morte por um tiro na bunda que percebi que realmente estou apaixonado por você — ele diz, e eu solto uma risada.

— Pois eu acho que você percebeu tarde.

— Ah, é? E quando você percebeu? — Ele me olha, intrigado.

— Quando você colocou os pés na minha delegacia pela primeira vez. Ali eu soube que estava fodido.

— Mentiroso! — Ele me dá um tapa no ombro, rindo, mas eu permaneço sério, porque é verdade.

— Eu não costumo mentir, Ravi.

Eu sabia que eu me apaixonaria por ele. Mesmo tentando evitar a todo custo, foi mais forte do que eu. Não pude evitar sentir o que eu sentia.

— Então você falava que meu cabelo era ensebado porque você estava se apaixonando por mim? — Ele ergue as sobrancelhas. — É isso?

— Sim e não — pressiono os lábios para evitar uma risada. — Seu cabelo é levemente ensebado mesmo.

— Não parecia pensar nisso enquanto estava puxando-o. — Ele franze o nariz, parecendo irritado, e eu solto uma risada, negando com a cabeça.

Passo os dedos pelos cachos molhados e suspiro.

— Você cortou.

— É, cortei. — Suas bochechas coram levemente, e ele desvia o olhar. — O que você achou?

— Eu achei — respondo, levantando o seu queixo com a ponta dos dedos até seus olhos encontrarem os meus — que você ficou a coisa mais linda deste universo.

Ele cora mais uma vez e me lança um sorriso tímido que me faz derreter de amor.

— Sério, Logan? — Ele morde os lábios.

— Sério, florzinha. Ficou lindo!

— Eu ia cortar mais curto, mas eu lembrei que essa é a coisa mais linda dentre todas as coisas lindas que eu tenho. — Ele solta uma risadinha baixa, que me faz rir também.

— Você fica lindo de qualquer jeito. É impossível não ficar. — Aperto-o em meus braços. — Como foi a viagem? Eu fui até o seu apartamento, e sua irmã me disse que você foi viajar.

— Foi ótima. Eu realmente precisava de um tempo afastado — ele diz sério, circulando meu peito com o indicador. — Eu

conheci tantos lugares diferentes. Fui até o castelo do Drácula e me lembrei de você.

— Ah, é? Por quê? — pergunto, erguendo as sobrancelhas por já imaginar o que ele pode dizer. Vindo de Ravi, eu espero qualquer coisa.

— Você é emo, sabe? E eu acho que você ia se sentir em casa lá — ele diz, e eu solto uma gargalhada alta.

— Eu não sou emo, Ravi.

— É sim. Você ainda não se livrou da sua fase emo — ele diz, sorrindo, e encosta os lábios nos meus levemente, dando-me um beijo rápido. — Eu tirei muitas fotos, depois vou lhe mostrar todas. Eu voltei faz um mês, mas precisei de mais um tempinho para colocar a cabeça no lugar.

— Eu sei que precisava — digo sincero, mesmo tendo sofrido esses dois meses em espera.

— Ah, e estou praticamente falido. De verdade.

Engulo em seco e seguro seu rosto com as mãos.

— Volte para a delegacia, florzinha — peço, olhando em seus olhos. — Lá é seu lugar. Você é o melhor policial administrativo que eu conheço. Tudo bem que só conheço você e o Bob, mas você é muito melhor que ele, eu juro.

Ele solta uma risada, e seus ombros balançam. Ele nega com a cabeça e me olha.

— Comparar-me ao Bob é sacanagem. — Ele para de rir aos poucos. — Eu renunciei à vaga, não há como voltar, mesmo se eu quisesse.

— Então… — começo a dizer, então paro por um momento para limpar a garganta —, na verdade, sua vaga ainda está aberta. Eu fiquei no seu lugar todo esse tempo.

— Você? — Ele ergue o corpo e me olha aparentemente incrédulo.

— É. Eu não deixei a Marina preencher a vaga.

— Sério? — Ele franze as sobrancelhas e me olha parecendo intrigado. — E você acha que eu posso voltar assim, do

nada? Dois meses depois, como se nada tivesse acontecido?

— Se você quiser, pode. — Dou de ombros. — A vaga é sua. Eu segurei a vaga justamente para você poder voltar.

Ele fica sério por um instante, provavelmente ponderando sobre aquilo. Meu coração acelera. Eu quero que ele volte, porque ele é um ótimo profissional, e sei que ele gosta do que faz.

— Eu amo as pessoas daquele lugar. — Ele solta um suspiro. — Sério, eu amo trabalhar lá e eu sou pai, eu preciso colocar a comida na mesa, ou melhor, o sachê.

Solto uma risada baixa.

— Isso quer dizer que você vai voltar? — pergunto em expectativa.

— Acho que sim. — Ele me lança um sorriso contido e morde os lábios.

Ergo-me e abraço o seu corpo.

— Jura? — pergunto, entusiasmado. — Jura, amor?

Deixo escapar o apelido, e o corpo de Ravi se enrijece sob meus braços. Ele se afasta minimamente para me olhar com os olhos surpresos. Engulo em seco, mas, para o meu espanto, seu semblante muda, e ele abre um sorriso.

— Juro, amor — ele repete o apelido, e meu coração palpita. — Eu posso voltar semana que vem, senhor delegado? — Ele utiliza uma voz sensual para tentar me persuadir, como se isso fosse necessário. — É que eu preciso ajeitar algumas coisas antes de voltar. Ainda não organizei minha vida.

— Pode. Pode levar o tempo que precisar, policial Baumer. Eu enrolei a Marina um mês, eu consigo enrolar mais alguns dias.

Ele me lança um sorriso, e eu beijo seus lábios rapidamente. No entanto, fico levemente apreensivo, e ele parece perceber.

Sei que preciso contar a ele sobre Aron, mesmo que isso nos cause algum constrangimento. Ele precisa saber, e é melhor que saiba o quanto antes para que não fique nada mal resolvido entre nós.

— Eu preciso lhe contar uma coisa — digo sério, e ele me olha franzindo as sobrancelhas.

— O quê? — ele pergunta, sentando-se na cama com as pernas cruzadas.

— Aron entrou com um processo contra mim, por causa da agressão no bar.

— O quê? — Percebo suas bochechas ficarem vermelhas de raiva, e ele se agita. — Aquele cretino desgraçado. Eu vou matar ele, Logan. De verdade, agora eu vou matar aquele filho da puta.

— Calma, florzinha — falo baixo, segurando os seus dedos trêmulos. — Não se preocupe, não deu em nada. Pedi uma ordem de restrição, e agora ele não pode se aproximar mais de nós dois.

— E será que isso adianta? — ele questiona com a voz falhada e com os olhos pesarosos. — Será que ele realmente vai nos deixar em paz agora? Eu não aguento mais essa situação. Maldita hora que eu me envolvi com aquele desgraçado.

— Se ele não deixar, ele vai preso, Ravi. Acho que ele, no fim das contas, não vai querer arriscar isso. Ele só achou que poderia ganhar alguma coisa de mim, mas ele não conseguiu.

Ravi solta um suspiro frustrado e me olha.

— E agora, Logan, o que nós fazemos? — ele pergunta manhoso, e eu quase morro de amor.

Puxo ele para o meu colo e beijo sua boca com carinho, abraçando sua cintura.

Afasto os lábios e olho em seus olhos só para dizer:

— Agora, florzinha, nós vivemos, só que, desta vez, nós vivemos juntinhos.

Capítulo 32

— Logan! — grito o nome dele, correndo desesperado para a sala. — Logan!

Logan aparece no corredor do quarto instantes depois completamente atordoado, encarando-me com os olhos — ainda inchados — arregalados.

— O que foi, florzinha? — ele pergunta, caminhando até mim completamente desnorteado por ter acabado de acordar. — O que foi?

— Essa gata está me perseguido. Ela quer me matar — aponto para a pequena fera que está há dois minutos tentando morder e amputar a minha perna. — Eu fui fazer um café da manhã para você não ir trabalhar sem comer nada, e ela veio me atacar.

Logan reveza o olhar entre mim e Hermione por um instante e, para o meu espanto, ela vai rastejando lentamente até o potinho de ração, fingindo-se de santa e sofrida. Essa ordinária fingida!

Logan lança uma última olhada para ela antes de me olhar e soltar uma gargalhada alta.

— Puta que pariu, Ravi! Que susto! Eu achei que fosse algo sério.

— E é sério — fecho o semblante. — Ela realmente estava pensando em me matar.

— Não estava, não. Ela só tem ciúmes de você porque você está roubando o papai dela — ele se aproxima do meu corpo e me

puxa delicadamente pela cintura. — Ela vai ter que se acostumar a me dividir com você, e vocês terão que aprender a conviver.

Ele aproxima o rosto, o encaixando na curva do meu pescoço, e cheira a minha pele, desde a minha clavícula até o meu maxilar. Arrepio-me com a sensação e estremeço, esquecendo-me completamente da filhotinha de satanás.

— Você dormiu bem? — ele sussurra com a voz rouca em meu ouvido, abraçando-me ainda com o rosto colado em meu pescoço.

— Dormi — respondo baixinho, passando os braços por seus ombros, sentindo sua pele quente. — E você?

Ele inclina a cabeça e me olha, passando a ponta dos dedos em meu rosto.

— Eu dormi com você em meus braços, não tem como dormir mal assim.

Ele beija levemente os meus lábios, e eu estremeço mais uma vez, parecendo me derreter em contato com o seu corpo.

Eu mal consigo acreditar que estou aqui, com ele, depois de tudo. Apesar de não acreditar, também não me parece um sonho, porque eu senti cada sentimento me invadir na pele: a raiva, a mágoa, o rancor, a repulsa, a negação, a admiração, o medo, a angústia e a paixão. Vivi cada uma das fases diante dele. E ele, pelo visto, viveu o mesmo.

Abraço seu corpo quente e macio e solto um suspiro de alívio por notar que ambos crescemos, amadurecemos e nos apaixonamos. Que, apesar de completamente absurdo, era inevitável.

Era óbvio que eu iria me apaixonar por Logan. E foi mais forte do que eu, mesmo eu tentando evitar esse sentimento a todo custo. Não sei o que somos agora, mas sei que somos algo e que, acima de tudo, estamos vivendo.

— Eu nem acredito que você está aqui — ele sussurra sobre a minha pele, parecendo ler os meus pensamentos e fazendo meus pelos se arrepiarem.

Ainda estou preso em seus braços quando sussurro de volta:

— Eu estou aqui e não vou a lugar algum. Não sem você, delegado.

Sinto a vibração da sua risada leve e permanecemos abraçados no meio da sua sala, até ele relutantemente se desvincular de mim.

— Eu preciso ir trabalhar, florzinha. Você quer ficar aqui me esperando?

— Sozinho? Com a Hermione? — pergunto rápido. — Nem pensar! Eu vou para casa.

Logan solta uma risada gostosa e nega com a cabeça.

— Eu ainda vou trancar vocês dois num quarto até vocês se tornarem amigos — ele diz em um tom divertido, mesmo eu estando revirando os olhos, e me puxa pela cintura. — Tome um banho comigo. Nós tomamos café, e depois eu o deixo em casa.

Concordo com a cabeça, já que sei que seria impossível eu negar de qualquer forma.

Nos despimos de frente um ao outro com a maior intimidade do mundo. É estranho pensar que, até alguns meses atrás, eu me sentia desconfortável em sua presença. Hoje, nada parece fora do lugar. Eu consigo me mostrar a Logan completamente: de corpo e alma. E o melhor disso é que eu já mostrei a ele o meu lado feio, implicante e retraído, e agora terei a oportunidade de mostrar o que é bonito, a minha entrega e todas as vertentes que eu nunca fui capaz de expor.

Entramos no chuveiro, e ele me vira de costas mergulhando o meu corpo na água. Suas mãos ágeis vão para o meu cabelo, e ele o lava com carinho, com cuidado e delicadamente. Seus dedos escovam o meu couro cabeludo, e eu quase me derreto sobre os azulejos do banheiro, completamente excitado por seus toques.

— Seu cabelo não fica tão ensebado quando eu lavo.

Seu comentário me faz rir e revirar os olhos.

— Ah, vá à merda, Logan!

Ele solta uma risada alta que causa um eco no banheiro enquanto prende meu cabelo nos dedos e arrasta os fios para o

lado, deixando minhas costas à mostra. Sua risada, no entanto, morre quando ele começa a espalhar beijos pela curva do meu ombro, deslizando os lábios por minha nuca até chegar na parte de trás da minha orelha. Sua mão precisa me segura pela barriga, espalmando os dedos por minha pele e me trazendo para trás, fazendo meu corpo colar no seu. Sinto sua ereção roçar delicadamente pela minha bunda e fecho os olhos.

— Quero amar você — ele sussurra com a voz rouca em meu ouvido.

Quase perco a força nas pernas e inclino a minha cabeça para trás, apoiando a minha nuca em seu ombro, fechando os olhos.

— Então me ame!

E é isso que ele faz. Logan me ama. Ele me invade enquanto espalmo as minhas mãos nos azulejos, olhando por trás do ombro apenas para encontrar seus olhos azuis me devorando. Os nossos corpos molhados colidindo causam um barulho alto e erótico que preenche todo o banheiro, misturando-se com os nossos gemidos altos e repletos de prazer.

Suas mãos curiosas desbravam com destreza cada centímetro do meu corpo. Sua boca obstinada percorre cada poro da minha pele. Seu corpo me leva ao extremo, e eu finalmente entendo o que é ser amado do jeito certo.

Entregues ao prazer, exaustos e completamente ofegantes, saímos do banheiro e nos vestimos. Ainda com as pernas bambas, eu me visto primeiro e observo enquanto Logan termina de vestir a farda, ajeitando os cabelos molhados no espelho. Fico observando seus detalhes enquanto ele se arruma. Quando ele passa o seu perfume típico, o quarto inteiro começa a cheirar como ele. Ele me olha de soslaio e sei que estou parado, olhando para ele de boca aberta. Logan parece perceber o meu olhar e vira o rosto de relance, lançando-me um sorriso de lado.

— Está me secando, florzinha?

Fecho a boca e limpo a garganta, desviando o olhar:

— Não.

Ele ri e nega com a cabeça antes de caminhar até mim, puxando a minha cintura e me dando um beijo na bochecha.

— Você é um péssimo mentiroso.

Minhas bochechas queimam, e sigo até a cozinha, nos servindo uma xícara de café, já que foi a única coisa que consegui fazer com a filhotinha de satanás tentando me atacar. Terminamos o café e nos preparamos para partir. Logan se despede dos filhos com tanto carinho, que eu não me contenho em sorrir. Ele checa as vasilhas de água e então saímos do apartamento.

Quando Logan estaciona o carro em frente ao meu prédio, não me contenho em encher seu rosto de beijos à medida que ouço sua risada baixinha. Eu já estou com saudades e, se pudesse, passaria o dia inteiro colado nele.

— Você vem me ver mais tarde? — choramingo.

— Oh, minha florzinha... — Ele alisa meu rosto com a ponta dos dedos. — Eu vou trabalhar correndo só para vir vê-lo.

— Promete?

— Prometo!

Ele me beija, e nos despedimos. Sinto meu coração doer quando ele dá partida no carro e permaneço na calçada enquanto vejo o carro dele virar na esquina.

Ainda não sei o que sentir, como sempre, mas, desta vez, todos os sentimentos que me rodeiam são bons, e não há nada que faça eu me sentir relutante em me entregar a ele.

Eu estou finalmente rendido.



Acordo com Logan mais uma vez em meus braços e passo tempo demais observando seu rosto. Seus cílios longos quase se encontram com o topo das bochechas. Sua respiração lenta e calma escapa dos lábios finos entreabertos. Seu nariz arrebitado, suas

maçãs do rosto protuberantes, sua barba castanha por fazer... Solto um suspiro. Logan é lindo! Tão lindo, que me sinto um idiota por não ter reparado antes.

Passo os meus dedos delicadamente por sua pele e sorrio por estar feliz e amando a última pessoa por quem pensei que me apaixonaria.

Inclino-me, dando um beijo em seu maxilar e subo a boca até encontrar sua bochecha. Ele abre lentamente os olhos e me olha, piscando lentamente. E eu percebo que a paixão realmente trabalha de formas misteriosas.

— Logan — digo após dar um beijo em seus lábios e sentir seus braços me envolverem —, como eu vou contar aos meus pais sobre nós dois?

— Eles sabem de mim? — ele pergunta, e meu coração dói.

Sei muito bem o que ele quer dizer. Ele quer saber se eu contei para os meus pais sobre todos os eventos que aconteceram conosco. Ele parece esperar uma resposta, e eu nego com a cabeça, hesitante.

— Não. — Fico pensativo. — Pelo menos, eu acho que não. Não acho que Laura tenha contado.

— Então me apresente do jeito que você quiser: meu homem, meu gostoso, meu delegado delícia — ele sugere com a voz sedutora, e eu dou um tapa em seu ombro, ouvindo sua gargalhada gotosa. — Apresente-me como quiser, florzinha. Como você quer me apresentar?

Paro para pensar e mordo os lábios por um instante antes de dizer a única coisa que se passa em minha cabeça:

— Como meu namorado.

A frase sai rápida e baixa demais, e sinto minhas bochechas queimarem repentinamente.

— O quê? — Ele franze as sobrancelhas. — Não ouvi.

— Porra, Logan, você precisa urgentemente procurar um otorrino. — Fico irritado, e ele solta uma risada.

— Você que tem a dicção péssima e não fala as coisas direito — ele zomba. — O que você disse?

Meu rosto inteiro ferve de vergonha, e tento falar mais devagar quando sussurro:

— Eu disse que quero apresentá-lo como meu namorado.

— Como seu namorado? — Ele me olha parecendo genuinamente surpreso.

— Sério?! — pergunto irritado, e ele sorri largo, mordendo os lábios.

— Você está me pedindo em namoro, florzinha? — Ele ergue as sobrancelhas, sorrindo. — Espera que vou pegar o celular para gravar este momento.

Ele solta uma risada ao perceber o meu semblante fechado e aperta ainda mais a minha cintura, beijando meu rosto.

— Estou brincando. Você quer namorar comigo?

Meu coração acelera por sua pergunta, e eu mordo os lábios antes de responder timidamente:

— Eu quero.

— Então me peça! — ele rebate, dando de ombros, e tenho vontade de socá-lo.

— Você já não estava pedindo?

— Não. Eu perguntei se você quer namorar comigo.

— E eu disse que eu quero — digo como se fosse óbvio. — Você pediu!

— Eu não pedi, você que me pediu primeiro.

— Eu não pedi. Eu disse que queria apresentá-lo como namorado. — Bufo ao perceber que ele está pressionando os lábios, evitando uma risada. — Ah! Vá à merda, Logan!

— Eu quero. Eu peço — ele se rende, beijando a minha boca, e meu coração explode no peito. Ele só separa nossos lábios para sussurrar: — Eu faço o que você quiser.

— Então namora comigo! — digo firme, apesar de sentir como se o meu coração estivesse querendo parar de bater.

— Namoro, florzinha. — Ele sorri e me beija de novo, virando meu corpo na cama e se deitando sobre mim. — Eu namoro com você.

Sinto as suas mãos passearem pela lateral do meu corpo, mas solto um suspiro ao desprender nossas bocas, completamente ofegante.

— Eu tenho psicólogo agora.

Logan bufa.

— Nós não vamos nem fazer um amorzinho para comemorar o nosso namoro? — Ele faz um bico manhoso.

— Agora não. Eu preciso ir.

— Você quer que eu o leve?

— Não precisa. Durma mais um pouco, ainda é cedo. Dê comida para o Jorge, por favor. Eu volto em uma hora, e poderemos passar o sábado inteiro juntos.

Quando relutantemente me levanto da cama, ele me dá um tapa forte na bunda. Viro para trás e observo ele me olhar com um sorriso safado no rosto.

— Não demore — ele diz com a voz rouca, apertando a ereção sob a cueca para que eu veja. — Eu quero muito comer meu namorado a tarde inteirinha.

Dr. Antony, eu espero que reconheça os esforços que preciso fazer para ver o senhor.

Gemo frustrado e vou até o banheiro batendo a porta, ouvindo a risada de Logan ecoar pelo quarto. Esse filho da puta sabe o que faz comigo.

Tomo um banho rápido e, quando saio do banheiro, percebo que Logan está cochilando abraçado a Jorge. Meu coração explode de amor! Caminho até eles, inclino-me na cama e dou um beijo em cada um antes de pegar o meu carro e ir para o consultório.

Ao entrar na sala, sento-me e batuco os dedos nas coxas, esperando o sermão, mas, para o meu espanto, Dr. Antony me lança um sorriso terno.

— Estava sentindo sua falta — ele diz com a voz calma.

— Achei que o senhor fosse me xingar depois de eu ter passado dois meses sem vir às consultas.

— Eu jamais irei xingá-lo, Ravi. Especialmente agora. Não posso correr o risco de tirar esse sorriso bobo do seu rosto.

— Está tão óbvio assim? — pergunto sentindo minhas bochechas corarem e ele assente de prontidão.

— Você está radiante!

Tenho vontade de dizer: quem não estaria? Depois de levar tanta surra de piro...

Solto uma risada contida e nego com a cabeça. Melhor não... Existe um limite, e eu não pretendo ultrapassá-lo. Não com o Dr. Antony.

Limpo a garganta, disfarçando a risada.

— Obrigado, Dr. Antony. Eu estou genuinamente feliz.

— Que ótimo, Ravi. Quer me contar o motivo dessa felicidade?

Solto um suspiro.

— Bem, depois da nossa última sessão, eu procurei Logan para me declarar e falar sobre os meus sentimentos. Eu quis derrubar minhas muralhas por ele e ia fazer isso, mas descobri que ele tinha levado um tiro. Fui até o hospital e me declarei mesmo assim. Eu fiquei desesperado achando que ele estava em perigo, mas foi um tiro na bunda, e ele ficou se fingindo de morto para me ouvir falar.

Dr. Antony solta uma risada genuína, como poucas vezes eu testemunhei.

— Bem a cara dele fazer isso — ele comenta casualmente.

Fico intrigado.

— O senhor conhece o Logan? — pergunto, franzindo as sobrancelhas, e ele nega com a cabeça rapidamente.

— Conheço somente através do que você me fala. — Ele ajeita os óculos. — Mas prossiga. E depois disso?

— Depois disso, ele falou que só estava de olhos fechados e me contou como se sentia. Ele pediu para que eu me curasse para voltar para ele. Então eu pedi demissão e fui viajar para colocar minha cabeça no lugar. Voltei há um mês e fiquei mais recluso. As únicas pessoas que sabiam da minha volta eram os meus pais, minha irmã e meus três amigos: Lucca, Josh e Alec. Eu acabei descobrindo que eu não sofria por amar Aron, Dr. Antony. Nunca foi por isso. Foi pelo trauma, foi pela situação, foi por ter sido traído, enganado, humilhado. Não sofri porque o amava, sofri porque ele feriu o meu ego, a minha dignidade, a minha confiança. Então fiz uma limpeza no meu apartamento e joguei fora tudo aquilo que me remetia ao passado, inclusive o terno do dia do casamento. Cortei meu cabelo, refleti, li, estudei. E, quando me senti preparado, eu procurei Logan.

— Isso é muito bom. Esse tempo que você tirou para si mesmo é precioso. É assim que colocamos a cabeça no lugar.

— Sim. — Concordo com a cabeça. — A intenção nunca foi abandonar nada. Nem a minha carreira, nem a minha vida, nem Logan. Eu precisava me afastar de tudo por um tempo. Meu luto acabou durando dois meses.

— Não, Ravi — ele contesta baixo. — A jornada pela cura demorou dois meses para acontecer. Seu luto durou um ano. Luto e cura são coisas diferentes.

Passo alguns instantes refletindo sobre as suas palavras e dou um aceno de cabeça.

— O senhor tem razão.

Luto e cura são coisas diferentes. Você pode viver o luto sem querer buscar a cura ou pode procurar a cura em meio ao luto, e foi isso que eu fiz.

— Ah, e Logan me pediu para voltar para a delegacia.

— E você quer voltar?

— Muito. Eu amo aquele lugar, amo a minha profissão, amo fazer o que faço.

— E em relação ao Logan, como vocês estão?

— Estamos namorando — confesso, sentindo minhas bochechas queimarem. Nem eu mesmo acredito nisso. — As coisas estão acontecendo. Antigamente eu teria medo por estar vivendo isso, mas agora eu não tenho mais. Acho que nunca estamos preparados de fato, mas eu estou pronto para enfrentar o que for preciso. Eu quero viver esse amor, eu quero conhecê-lo melhor, eu quero estar com ele, nos braços dele, sem me importar em me preparar para os baques da vida. E acho que, assim como eu, Logan também está pronto para enfrentar o que for ao meu lado.

Dr. Antony abre um sorriso e me lança um aceno de cabeça.

— Isso que é viver, Ravi. É não estar preparado e, mesmo assim, enfrentar a vida de frente — ele diz com a voz doce. — Eu estou muito orgulhoso de você!

— Obrigado — digo timidamente. — O senhor tem grande parte nisso.

— Não! O mérito é todo seu! Eu poderia passar horas aqui falando e o analisando; se você não tivesse interesse, as minhas palavras não serviriam para nada. Mas você ouviu, você absorveu, você as transformou em ações, você enxergou. Isso tudo é seu mérito, só seu e de mais ninguém — diz ele. — E não pense que é porque as coisas estão finalmente dando certo que você se livrará de mim. Ainda quero vê-lo de quinze em quinze dias.

— Graças a Deus! — Solto um suspiro e abro um sorriso ao dar uma risada contida. — Eu não quero parar de fazer terapia com o melhor terapeuta deste mundo, mas estou aliviado por ser de quinze em quinze dias, porque estou completamente falido.

Dr. Antony solta uma risada alta pela primeira vez em nossas sessões, e eu não me contenho em sorrir.

— Eu vou lhe dar um desconto, Ravi, em nome da nossa amizade e por estar muito orgulho de você — ele diz em um tom bem-humorado, e eu assinto, sorrindo. Ele cruza as pernas como de costume e ajeita os óculos mais uma vez. — Agora me conte tudo sobre a viagem.



Na segunda de manhã, paro o meu carro no estacionamento da delegacia, e meu coração dispara. Ao entrar, surpreendo-me com todos os policiais me aguardando na entrada. Meus olhos marejam, e eu não contenho o sorriso largo que brota em meus lábios.

Vejo Logan parado com os braços cruzados e me olhando, e sei que isso é ideia dele, já que mais ninguém sabia que eu estava voltando. Ele me lança um sorriso, parecendo orgulhoso, e sinto meu coração acalentar-se dentro do peito.

— Ravi! — Feyden se aproxima e me abraça. Olho para Logan mais uma vez, e seu sorriso some na hora, dando espaço apenas para olhos estreitados e maxilar travado. Solto uma gargalhada e abraço Feyden com carinho. — Que bom que você voltou!

— Não consegui ficar longe por muito tempo — digo ao me afastar. — Eu amo este lugar. Estava com saudade.

— Você fez falta. Fico feliz que tenha voltado.

— Você voltou? — Alec se aproxima. — Você não me falou nada sobre voltar a trabalhar, seu cretino!

— Pois é, voltei. — Puxo o seu corpo para um abraço. — Seu companheiro de almoço está de volta.

— Ah, merda! — Ele dá uma risada ao me soltar. — Acabaram as Cocas para mim na hora do almoço.

— O quê? — Olho para ele com os olhos arregalados. — Você estava tomando as minhas Cocas, Alec?

— Logan deixava pagas, ué. — Ele dá de ombros, pressionando os lábios. — Eu falava para a moça do restaurante que ia lhe entregar e tomava. Não ia desperdiçar uma Coca gelada.

Solto uma risada e nego com a cabeça, sabendo que agora terei que voltar a dividir a minha Coca do almoço com Alec.

Rivera, Rony e Bob também se aproximam, abraçando-me, assim como o restante dos policiais. Quando termino de cumprimentar todos, vejo de longe Marina sorrindo e vou até ela. Puxo-a para um abraço, e ela solta uma risadinha.

— Muito obrigado, Marina, por ter me aceitado de volta.

— Agradeça ao delegado. Nunca vi tanto empenho em segurar uma vaga assim.

Lanço a ela um sorriso e caminho até Logan. Aproximo-me lentamente e passo os meus braços em volta do seu pescoço, abraçando-o. Ele me aperta pela cintura, e eu me esqueço por um instante de que aqui somos apenas colegas de trabalho, e preciso manter o profissionalismo.

— Obrigado, delegado — sussurro em seu ouvido. — Você é o melhor delegado deste mundo!

Ele assente em meu ombro e se afasta para me lançar um sorriso.

— Estou feliz que você tenha voltado, florzinha. O administrativo o espera.

Assinto, sorrindo, e ele me lança uma piscadela. Caminho em direção à minha sala, e solto um suspiro ao entrar. Está tudo exatamente como eu deixei quando saí. Aproximo-me da mesa e vejo um bombom em meu teclado. Solto uma risada baixa ao perceber que, mesmo tudo tendo mudado, parece que nada mudou.

Sento-me e ligo com o computador, sabendo que voltarei a fazer aquilo que amo fazer, no lugar onde eu amo estar, com os melhores colegas de trabalho que eu poderia ter.

Passo a maior parte da manhã organizando o setor. Quando dá meio-dia, eu almoço com Alec e divido a Coca com ele — mesmo ouvindo sua infinidade de reclamações por não ter uma Coca inteira mais. Conto a ele que Logan segurou a minha vaga e também sobre o nosso namoro. Alec não parece se surpreender e me parabeniza, sorrindo. Acho que, no fundo, todos que convivem conosco sabiam que isso aconteceria, era só uma questão de tempo.

Peço a ele que não conte a Lucca e Josh, porque eu quero contar pessoalmente. Quero dar a notícia com Logan presente, e quero que meus amigos o conheçam de verdade. Ele assente, e voltamos a comer.

Volto a trabalhar na parte da tarde e estou tão envolvo em organizar tudo, que só percebo que já passei da hora quando sinto o perfume de Logan inundar a minha sala. Ergo o olhar e noto que ele está parado em minha frente, com os típicos braços cruzados em frente ao peito enquanto me encara estreitando os olhos. Só consigo pensar em como senti saudades disso.

— Policial Baumer, seu expediente acabou faz duas horas.

— Eu sei. É que estou organizando algumas coisas. Você fez um bom trabalho, mas não tão bom assim. — Solto uma risada, mas ele permanece sério, encarando-me. Engulo em seco quando ele ergue uma sobrancelha.

— Queria lhe ensinar uma lição extremamente essencial para qualquer policial.

Ele se vira, fechando a porta e abaixando as persianas. Meu coração se acelera. Ele leva a mão até o quadril e puxa uma algema que está presa em seu bolso, rodando-a no dedo indicador.

Eu arregalo os olhos, e meu pau pulsa na hora. Ele não vai fazer isso, vai?

— Eu nunca vi um policial que nunca usou algemas — ele dá dois passos lentos para frente e se inclina sobre a minha mesa, com os olhos presos nos meus. — Teste comigo, policial Baumer. Serei sua cobaia. Use-as como quiser.

Eu perco o fôlego. Ele quer fazer isso aqui? Na minha sala? Na delegacia?

— Logan... — eu solto o nome dele em forma de gemido e seguro os braços da cadeira.

— Eu já disse que aqui, para você, é delegado Theron.

Sua voz autoritária e rouca emite ondas diretamente para minha virilha, e tenho medo de ter gozado nas calças.

Ele espalma as mãos sobre a madeira e me encara nos olhos.

— Vamos, policial Baumer, eu não tenho a noite inteira. O que você quer fazer com isso? — Ele ergue a algema, e eu mordo os lábios.

Se ele, que é o delegado, não está ligando para nada, quem sou para rejeitar. Já que ele quer brincar, ele que aguente.

Levanto-me, ainda encarando-o, e me posiciono na lateral da mesa. Inclino meu corpo até que meu peito se encontre com a madeira e empino a bunda, jogando meu cabelo para o lado para encarar o seu olhar. Coloco os braços para trás e sorrio ao perceber seu corpo se enrijecer e seu semblante vacilar.

— Quero usá-las assim. Mostre-me do que você é capaz, *delegado Theron.*

Ele nega com a cabeça e morde os lábios com força.

— Ravi — ele geme, mas o interrompo.

— Para você, aqui, é policial Baumer.

Ele me lança um sorriso malicioso e se aproxima, parando atrás do meu corpo. Inclino o rosto para o lado, para olhá-lo por cima do ombro, e observo enquanto ele abre as algemas. Com calma e com delicadeza, ele as posiciona em meu pulso, fechando-as logo em seguida. Ele me segura pelas algemas e me puxa de forma bruta, fazendo minhas costas colidirem diretamente com seu peito, arrancando de mim um suspiro surpreso.

— Você vai se arrepender disso, florzinha. Vai se arrepender de ter me provocado assim — ele sussurra rouco em meu ouvido, e meu pau lateja de desejo dentro da calça.

— Estou pagando para ver! — digo, tentando parecer firme, apesar de o meu corpo inteiro estar trêmulo.

Ele espalma a mão nas minhas costas, fazendo-me debruçar sobre a mesa novamente, e passa as mãos pelo o meu quadril, apertando-me com firmeza. Solto um suspiro de surpresa quando sinto ele abaixar a minha calça junto com a cueca de forma abrupta, deixando-me completamente exposto da cintura para baixo.

— Separe as pernas! — ele ordena com a voz rouca, e eu me esqueço de respirar.

Faço o que ele manda e separo levemente as pernas. Sinto a ponta dos seus dedos passear por minha panturrilha, subindo lentamente para a parte interna das minhas coxas até deslizar por minha fenda. Ele passa os dedos lentamente por minha entrada, e eu fecho os olhos. Ele retira a mão com rapidez, e prendo um suspiro pela ardência quando ele desfere um tapa forte em minha bunda. Mordo os lábios para não gemer. Ele se ajoelha por trás de mim e passa a língua onde acabou de bater antes de descê-la por minha coxa, onde ele suga a pele com força. Estou completamente entregue quando sinto sua língua subir para uma banda de minha bunda, e, sem aviso, ele a morde com força, fazendo-me choramingar. Estou com tanto tesão, que sinto o pré-gozo pingar do meu pau completamente duro.

Ofego baixinho quando sua língua se aproxima da minha fenda. Sinto sua saliva quente e perco a força nas pernas quando ele rodeia a minha entrada com a ponta da língua.

Sinto que posso perder a consciência a qualquer momento, mas não me importo nada de estarmos na delegacia. Eu só quero esse homem dentro de mim o mais rápido possível, o mais forte possível, o mais bruto possível. Solto um gemido alto e sinto a mão de Logan indo em direção à minha boca, tampando-a.

— Controle-se, policial Baumer. Eu estou apenas começando.

Ele volta a língua para a minha entrada, lambendo-me e chupando-me, deixando-me completamente melado por sua saliva. Quando ele me deixa completamente molhado, lambuzado por sua saliva, sinto a ponta do seu dedo começar a me invadir e tento me soltar das algemas para me segurar na mesa.

Ele solta uma risada baixa e se ergue, mergulhando dois dedos de forma bruta em minha entrada. Com a mão livre, ele puxa o meu cabelo para trás e procura a minha boca apenas para morder o meu lábio enquanto me deda de forma forte e rápida. Gemo em êxtase em sua boca.

— Eu vou comê-lo aqui, na sua sala, e vou meter bem forte e bem gostoso, para compensar todas as vezes que você me fez raiva, que me fez querer jogá-lo nessa mesa e fodê-lo até você perder a consciência.

— Logan — gemo de olhos fechados e sinto seus dedos saírem de mim para logo em seguida levar um tapa forte na bunda.

— Delegado Theron! — ele me corrige com a voz rouca e firme, e minhas pernas tremem.

— S-Sim, delegado. Desculpe — eu gaguejo com a respiração entrecortada.

Ele sobe a mão da minha bunda para segurar o meio da algema. Mal consigo respirar quando ouço o barulho de um zíper se abrindo. Meu coração acelera, e quase perco a força nas pernas quando sinto ele entrar de uma vez só, deslizando e mergulhando o seu pau duro dentro de mim.

Eu não posso gritar. Eu não posso gritar. Puta merda!

Minhas pernas cedem, e ele me segura firme pelo quadril enquanto me invade.

— Caralho, que tesão! — arfo baixinho.

Logan beija a minha nuca e chupa a pele com força à medida que entra e sai de mim como se isso fosse uma necessidade vital. Nossos corpos colidem, e tenho medo de que algum policial de plantão nos ouça, mas aí eu lembro que estou dando para o delegado, e, mesmo se alguém ouvir, ninguém vai ousar falar nada. Gemo mais alto quando ele se choca veementemente contra minha próstata.

— Você vai gozar para mim sem usar as mãos. Acha que consegue, policial Baumer?

— É você quem está me comendo, delegado. Eu gozaria apenas olhando para você.

Logan grunhe e começa a rebolar o quadril, e puta que pariu!

Reviro os olhos e dou um grito abafado. Ele continua atingindo a minha próstata, e eu não resisto ao prazer. Estremeço, gozando no chão, mesmo sem nenhum estímulo em meu pau.

Ele solta um suspiro em forma de gemido, e sinto sua porra quente me preencher instantes depois. Seu corpo cede, e ele se deita sobre o meu.

— Seja bem vindo de volta, minha florzinha — ele sussurra ofegante em meu ouvido. — E não se preocupe, eu não vou lhe dar uma advertência por ser o policial mais gostoso deste mundo e por me induzir a comer você no trabalho.

Tento recuperar meu fôlego, sentindo os vestígios do meu orgasmo se dissipando aos poucos.

— Filho da puta.

Ele solta uma risada e se inclina, erguendo meu corpo e me prendendo nos braços, beijando-me com delicadeza, nem parecendo o mesmo de dois minutos atrás. Ele se afasta e sai de mim. Sinto seu prazer escorrer pelas minhas coxas, e solto um suspiro. Suas mãos vão até a algema que prende meus pulsos, e ele a abre, retirando-as. Antes que eu faça qualquer coisa, ele se recompõe, fechando a calça, e sobe a minha, vestindo-me. Eu me seguro na mesa por um instante para não cair enquanto giro os punhos doloridos, um de cada vez.

— Recomponha-se e vamos para casa, florzinha — ele diz de forma doce. — Eu não consigo mais dormir sem ser com você ao meu lado.

Ele me olha sorrindo, e eu percebo que amo todas as versões deste homem e sei que amarei todas que ainda vou conhecer.

Capítulo 33

Logan aperta tanto os meus dedos, que sinto que eles podem se quebrar a qualquer momento. Olho para ele de relance, e seus olhos azuis estão levemente arregalados.

Eu nunca tinha visto ele assim, tão nervoso.

— Se você apertar mais a minha mão, ela vai quebrar — digo e sinto ele afrouxar o aperto.

— Desculpe-me, florzinha. Eu só... Eu só estou ansioso — ele me olha, franzindo as sobrancelhas. — E se eles não gostarem de mim?

Seus olhos azuis piscam rapidamente, e eu entrelaço os nossos dedos. Tenho vontade de dizer a ele que o máximo que pode acontecer é meu pai querer socá-lo, minha mãe desmaiar e Laura julgá-lo, mas, tirando isso, vai ficar tudo bem.

— Eles vão gostar, docinho. Tenho certeza.

Ele assente, nervoso, e eu abro o portão da casa dos meus pais. Pedi para minha mãe preparar um almoço e disse que levaria uma visita. Não contei a eles sobre Logan e sobre o nosso namoro, já que queria fazer isso pessoalmente.

Permanecemos de mãos dadas quando meu pai abre a porta da frente. Seus olhos vão imediatamente para Logan e para as nossas mãos juntas.

Eu engulo em seco e, antes que eu diga qualquer coisa, minha mãe aparece por trás do meu pai. Ambos olham para Logan e depois para mim. Sinto-me na obrigação de dizer algo. Caso contrário, meus dedos pagarão por isso.

— Mãe, pai, este é o Logan — limpo a garganta de forma nervosa —, o meu... namorado.

Logan solta a minha mão apenas para esticá-la em direção ao meu pai. Sei que ele está nervoso, mas, por incrível que pareça, sua mão não treme.

— É um prazer conhecê-lo, senhor Baumer — ele diz com a voz um pouco falhada.

Meu pai olha para a mão de Logan antes de apertá-la. Sinto um alívio ao perceber que o semblante do meu pai não está fechado e olho para minha mãe, percebendo que ela está sorrindo.

— Entre! — meu pai diz ao soltar a mão dele, abrindo caminho para que entremos.

Logan assente e cumprimenta a minha mãe com um abraço. Meu coração se derrete, porque sei que, mesmo estando nervoso, ele está fazendo de tudo para ser agradável.

Laura está na cozinha quando entramos. Ao ver Logan, ela lança um sorriso largo em direção a ele e o abraça.

Sentamo-nos à mesa, e minha mãe começa a nos servir. Meu pai observa Logan, que quase enfia a taça de água inteira na boca ao sentir os olhos dele sobre si.

— Então, Logan, onde vocês se conheceram? — meu pai pergunta, e vejo Logan engolir em seco.

— Na delegacia, senhor — ele responde após limpar a garganta. — Trabalhamos juntos.

— Ah, você também é policial?

— Ele é o delegado — digo antes que Logan responda e observo meu pai quase se engasgar com a água.

Um silêncio beirando ao constrangedor nos inunda antes de minha mãe começar a servir a comida, puxando assunto com Logan.

— Você parece tão novinho para ser delegado, Logan. Deve ser muito inteligente e deve ter se esforçado muito para conseguir o cargo.

— Obrigado, senhora Baumer. Fico lisonjeado pelos elogios, e, sim, eu me esforcei muito para conseguir passar no concurso —

Logan diz, e eu aperto seus dedos por debaixo da mesa. Quando seu olhar se encontra com o meu, eu lanço a ele um sorriso.

— Não precisa me chamar de senhora, meu querido. Pode me chamar de Dora — minha mãe diz, simpática. — Você prefere lasanha de carne ou de frango?

— De carne, por favor. — Ele sorri para ela, e ela lhe serve.

Meu pai se mantém calado enquanto observo o olhar de Laura sobre nós dois. Logan conta a eles sobre o concurso e sobre alguns dos casos da delegacia. Escuto cada palavra que ele diz com os olhos vidrados nele. Percebo que Logan me fascina. Tudo nele é encantador, e eu preciso me policiar para não ficar olhando para ele como um psicopata.

Quando terminamos de comer, meu pai chama Logan para tomar uma dose de uísque na sala. Tenho medo do que meu pai possa dizer, mas Logan assente de prontidão e me olha como se dissesse que ficará bem. Enquanto isso, ajudo a minha mãe e Laura a tirar a mesa e lavar as louças.

— Eu vi — Laura sussurra ao me entregar um prato para que eu seque.

— Viu o quê?

— O brilho. — Ela para e me olha com um sorriso nos lábios, explicando-se: — O brilho nos olhos. Eu vi! Não só nos seus, mas nos dele também.

Meu coração se acelera com a sua constatação.

Tudo é diferente com Logan. Somos sinceros, abertos e transparentes. Conhecemos primeiro todos os lados ruins um do outro para só então conhecer o lado bom. Percebo que nós nunca criamos uma imagem equivocada um do outro, pelo contrário, vimos aquilo que não era bonito e, ainda assim, nos admiramos.

— Sério, Laura? — pergunto, sentindo minhas bochechas queimarem.

— Sério, irmão! — ela assente. — E o mais engraçado disso é que, mesmo sendo recente, eu vi coisas que eu não vi em sete anos — ela diz baixinho. — Não o deixe escapar, Ravi. Não é

todo dia que o amor bate à porta. Além do mais, o amor é só para os corajosos.

Ouço uma risada alta, fazendo-me sair do transe que as palavras de Laura me causaram, e paro para ouvir. É meu pai? Meu pai está gargalhando? Caminho até a porta da sala e percebo o rosto do meu pai vermelho de tanto rir.

— O que é tão engraçado? — pergunto, erguendo uma sobrancelha.

— Nada, filho. Coisas de sogro e genro — meu pai diz, levando o copo de uísque até a boca e abraçando Logan de lado.

Olho para Logan, que também está sorrindo. Não há nem um traço de constrangimento em seu rosto, e suspiro aliviado por eles estarem se dando bem. Minha mãe se aproxima de mim e sussurra ao meu ouvido.

— Ele é muito bonito, filho. Um poço de educação e, além de tudo, é delegado.

Olho para ela e solto uma risada baixa, sabendo que Logan é muito mais do que só isso. Ele é doce, gentil, irritante, cuidadoso, preocupado, altruísta. Além disso, ele não é só um delegado, ele é meu delegado delícia.

Logan percebe o meu olhar e me lança uma piscadela, sorrindo. Sei que enfrentamos uma das batalhas do nosso relacionamento e sei que conseguimos passar por ela sem muitas turbulências.



Estou preparando alguns petiscos quando ouço a porta se abrir. Chamei Lucca e Josh para conhecerem Logan e para que ele os conheça. Da maneira certa, desta vez.

Também chamei Alec, já que, além de namorado de Lucca, ele também se tornou meu amigo íntimo.

Paro para pensar no quão estranho é eu estar tão apaixonado por Logan. E mais estranho ainda é a gente se dar tão bem, sendo que há meses eu não o suportava.

Ouço ele entrar no apartamento, fechando a porta, e em seguida sinto seus braços em volta da minha cintura, abraçando-me.

— Eu trouxe vinho, cerveja e tequila — ele beija minha nuca por cima dos meus cachos. — Não sabia ao certo do que seus amigos gostam, então preferi trazer algumas opções.

— Não precisava, docinho. Eu já tinha comprado — digo, acabando de cortar as fatias de queijo.

— Florzinha, você está sem dinheiro. Não quero que fique gastando se eu posso ajudá-lo.

Viro-me para olhá-lo, e Logan dá um beijo delicado em meus lábios, segurando o meu rosto com as mãos.

— Inclusive, eu estava pensando esses dias... Eu tenho ficado muito aqui, e você tem ficado muito lá em casa — ele soa levemente nervoso. — A gente não se desgruda nem para trabalhar. Por que a gente não pula uma etapa e você vem morar co...

Meu coração acelera, e agradeço por Logan ser interrompido pela entrada dos meninos no apartamento.

Ainda não sei se estamos preparados para dar esse passo. Tenho medo de Logan parar de gostar de mim caso me veja por completo. Tenho medo de, quando a rotina bater, o encantamento dele por mim acabar.

Tento não pensar nisso, disfarçando a minha inquietude, e o puxo pelas mãos até a sala. Percebo a resistência de Alec quando ele vê Logan, afinal, ele é o nosso chefe, e eles não tem muita convivência fora da delegacia.

— Lucca, Josh — eu digo —, este é o Logan.

— Ah, o famoso Logan. — Lucca aperta a mão dele, e Logan solta uma risada.

— Ravi falava tanto de mim assim?

— Ô, se fala — Josh responde, e minhas bochechas queimam quando Logan me olha. — Prazer, cara. É bom finalmente conhecê-lo.

— Eu digo o mesmo. — Ele sorri e se vira pra Alec. — Cooper.

— Oi, delegado — Alec o cumprimenta com a voz insegura, e Logan nega com a cabeça.

— Aqui, eu sou só Logan.

Alec concorda com a cabeça, e eu os chamo até a cozinha. Posiciono os petiscos na bancada e sirvo as bebidas. Começo pelas cervejas que Logan trouxe e fico feliz por Lucca puxar papo para quebrar o silêncio. Sirvo algumas cervejas enquanto conversamos. Lucca e Logan parecem se dar bem de primeira, e fico feliz por estarem se conhecendo de maneira tão natural. Depois da terceira cerveja, Josh se levanta e busca a garrafa de tequila.

— Vamos tomar uma dose? — ele sugere, e todos assentimos.

Ele vai até o armário, buscando os copos, e serve uma dose para cada um. Levanto-me, busco o sal e pico alguns limões.

Todos bebem e me encaram, já que continuo com o meu copo intacto nas mãos.

— Não vai beber, Ravi? — Lucca aponta para dose em minha mão.

— Vou. Mas quero beber de outro jeito. — Olho para Logan com um sorriso sapeca. — Afaste a sua cadeira para trás.

Ele estreita os olhos, mas faz o que eu ordeno. Eu me encaixo no meio das suas pernas enquanto ele as separa, e então coloco uma rodela de limão em sua boca.

— Pornografia uma hora dessas? — Josh comenta, e eu solto uma risada, mas Logan permanece sério, com os olhos cravados em mim.

Eu dou um sorriso para Logan e abaixo sua camisa. Apoio minha mão livre em sua coxa, passando a língua lentamente desde sua clavícula até o seu maxilar. Sinto o corpo de Logan se enrijecer,

arrepiando-se, e coloco o sal onde fiz o rastro de saliva. Olho dentro dos olhos dele antes de sorrir e virar a tequila. Em seguida, lambo lentamente todo o caminho até seu maxilar e pego a rodela de limão que está em seus lábios com a boca.

— Eita, porra! — Josh comenta, sorrindo, e eu solto uma risada.

Assim que termino, Logan me vira e me puxa para o seu colo, apertando os dedos em meu quadril. Para a minha sorte, os meninos se distraem, indo encher os copos.

— Você não deveria ter feito isso, florzinha — ele sussurra ao meu ouvido. — Eu estou com tanto tesão, que poderia rasgar sua roupa e comer você aqui mesmo.

Sua voz sai rouca, e eu me arrepio por inteiro. Sinto sua ereção pressionando a minha bunda e me ajeito em seu colo ao perceber a minha se formando.

— Estamos acompanhados — sussurro de volta. — Comporte-se, delegado.

— Você não sabe como é gostoso ouvir você me chamando de delegado, Ravi. Se sua intenção era fazer meu pau abaixar — ele diz, inclinando levemente o quadril, e pressionando a ereção em minha bunda —, sinto em lhe dizer que isso só fez piorar.

Com certa relutância, levanto-me do seu colo e observo Logan ajeitando as calças quando eles voltam para sala nos entregando uma taça de vinho. Logan cruza as pernas e me lança um olhar fuzilante.

Solto uma risada e nego com a cabeça, levando a taça de vinho até os lábios e tomando um gole rápido.

— Vamos passar trote para alguém? — Josh sugere, e Alec arregala os olhos.

— Mas que ideia imbecil, Josh! Quem passa trote para as pessoas nos dias de hoje? Pelo amor de Deus, tenha senso.

Logan solta uma gargalhada alta, levantando-se da cadeira.

— Então foi de uma noite assim que surgiu a ideia dos trotes — Logan comenta, bem-humorado, e Alec parece desconcertado.

— Eu não estava presente — Alec diz rápido, e eu solto uma gargalhada.

— Sei… — Logan diz. — Eu topo! Já até sei para quem podemos passar. Anote o número. — Logan pega o celular no bolso, pressionando os lábios, e Lucca começa a anotar.

— Para quem vamos ligar então? — Lucca pergunta com o celular em mão.

— Ele se chama Feyden.

— Ah não, Logan. — Solto uma risada. — Coitado do Dean.

Logan muda o semblante na hora ao me encarar.

— Você não ficou com dó quando me falou para abaixar as calças.

Josh dá uma gargalhada alta, e eu nego com a cabeça, sentindo minhas bochechas queimarem. Eles parecem me ignorar. Lucca disca o número de Feyden e coloca a ligação no viva-voz.

Quando ele atende, eu pressiono os lábios, levando a taça até a boca para tentar disfarçar o meu sorriso.

— Alô, Feyden, você conseguiu? — Lucca pergunta.

— Quem está falando? — Dean pergunta do outro lado da linha.

— Só me responda se você conseguiu?

— Consegui o quê?

— Limpar o cu com um bombril.

— Vá passar trote para a sua avó, filho da puta. — Feyden diz ao desligar a ligação, e Logan cai numa gargalhada, assim como todos nós.

— Isso é muito bom! — ele diz em meio às gargalhadas, limpando as lágrimas.

— Eu sou um homem sério, policial Baumer — debocho ao imitar sua voz. — Blá blá blá, porra nenhuma! Era só uma desculpa para me dar uma advertência.

— Acho que a minha idade mental diminuiu drasticamente depois que o conheci, florzinha — ele fala em tom divertido e me dá um beijo na bochecha.

— Sei... — respondo, rindo.

Eles tentam ligar novamente para Feyden, mas ele recusa a ligação. Lucca bufa, frustrado.

— Já que não temos mais ninguém para passar trote, vamos brincar de eu nunca? — Josh pergunta, e eu sinto um gelo na espinha. — Você bebe quando já tiver feito aquilo que o outro perguntar.

Não digo nada, apenas olho em expectativa para os quatro e espero que eles respondam por mim.

— Vamos. O Josh sempre tem as piores ideias, mas são as mais engraçadas — Alec comenta, sentando-se no chão.

Lucca busca o vinho em cima da mesa, e nos sentamos, fazendo uma rodinha. Ele enche os copos e se senta.

— Eu começo — ele se prontifica. — Eu nunca transei em local público.

Fico meio relutante em não beber, já que não sei se a delegacia pode ser considerada um lugar público, então todos nós bebemos.

— Sua vez, Ravi — Lucca indica.

— Eu nunca fiz sexo a três — digo e me espanto ao ver que Logan e Josh bebem.

Sinto uma pontada na boca do estômago e engulo em seco. Logan parece perceber o meu desconforto e me lança um sorriso contido, dando de ombros como se estivesse se justificando.

A sinceridade as vezes é um chute no saco.

— Eu nunca brochei — Alec diz, e eu bebo. Já brochei muitas vezes com Aron. E para minha surpresa, Logan também bebe. Josh, Lucca e Alec, em contrapartida, não tomam.

— Eu nunca fingi orgasmo — Logan diz, e novamente nós dois bebemos.

Quase me engasgo ao ouvir Josh rir alto.

— Vocês dois estão com problemas na vida sexual? Eu posso receitar um remedinho, se quiserem.

— Nunca brochei ou fingi orgasmo com Ravi, mas infelizmente ele não foi meu único parceiro — Logan rebate com tanta naturalidade, que eu sinto minhas bochechas queimarem.

Josh parece ficar com vergonha, e eu solto uma risada sem graça. Lucca percebe o constrangimento e continua:

— Eu nunca fui ativo.

Lucca e Alec bebem, assim como Logan. Os olhares se voltam para mim, e sinto minhas bochechas queimarem mais fortemente. Engulo em seco e aperto os meus joelhos.

— Ok! — Alec toma a palavra, e eu sinto os olhos de Logan me queimando de soslaio. — Não tem como a próxima não ser esta: eu nunca dei o cu.

Não me espantando nem um pouco ao ver que Logan não leva o copo até a boca enquanto Lucca gargalha ao ver Josh quase jogar a bebida no chão. Eu bebo, sentindo minhas bochechas queimarem, mas sou acompanhado por Lucca e Alec.

Pelo visto, Logan não mentiu quando disse que não dá, só come.

— Você nunca deu o cu, Josh? — Lucca zomba, e ele nega com a cabeça rapidamente. — Você também não, Logan?

— Chega dessa brincadeira! — digo, levantando-me e os interrompendo antes que Logan diga algo. — Já estou ficando bêbado.

— Mas esse não era o intuito? — Josh diz, e eu nego com a cabeça.

— Não, o intuito era vocês conhecerem Logan, e não traumatizarem ele.

— Chato! — Josh bufa, levantando-se. — Vamos indo então, galera? Já está tarde, e eu tenho plantão amanhã.

Alec e Lucca concordam, também se levantando.

— Não precisam ir embora — Logan diz. — Podemos beber mais um pouco.

— Acho que já está na hora, Logan — Lucca diz. — Mas não se preocupe, estamos sempre aqui, você vai se cansar de ver a nossa cara.

Logan assente, sorrindo, e nós nos despedimos. Fico espantado ao vê-lo abraçar os três como se fossem amigos de infância. Acredito que eles se deram bem genuinamente.

Assim que os meninos vão embora, Logan me ajuda a ajeitar as coisas, organizando a bagunça e colocando os copos na pia. Ele me fala que adorou os meninos e que espera que eles também tenham gostado dele.

Ao terminarmos, eu vou até o banheiro, e quando saio ele já está deitado na cama. Percebo que ele está quieto e me aconchego ao lado dele. Ele me aperta pela cintura, levando-me para mais perto dele.

— Você não escovou dentes, seu porquinho — digo, e ele solta uma risada.

— Eu já vou. Daqui a pouquinho.

Ele procura distraído por algum canal enquanto eu passo os pés em sua canela, a fim de esquentá-los.

— Florzinha?

— Hm? — murmuro.

— Podemos usar o nosso arsenal de sinceridade agora? — ele diz baixinho, e eu me inclino para olhá-lo.

— Podemos — respondo inseguro e mordo o interior da bochecha.

Ele solta um suspiro longo e me encara com os olhos azuis sérios antes de perguntar:

— Você quer tentar?

— Tentar o quê?

— Fazer sexo comigo.

— Mais? — Arregalo os olhos, e ele solta uma risada baixa. — Logan, se fizermos mais sexo, entramos para o *Guinness World Records.*

— Não, amor, *você* fazer *comigo* — ele fala pausadamente, e eu finalmente entendo.

— Você quer me dar o cu, Logan? — Pressiono os lábios. — Você?

— Nossa, Ravi, você é tão romântico e delicado. — Ele bufa, rindo, mas logo fica sério novamente, passando os dedos delicadamente pelo meu rosto. — Se você quiser experimentar, não vejo porque não podemos tentar. Não sei se você já percebeu, mas você faz de mim o que quer, Ravi. E eu permito isso com o maior prazer do mundo. Se você quiser tentar, podemos tentar. Você quer?

Meu coração se derrete com a oferta, mas eu nego com a cabeça rapidamente.

— Por mais que eu aprecie muito a sua dedicação, eu dispenso. — Inclino-me sobre o seu corpo, sentando-me em sua virilha. — Eu só fico em cima de você, delegado Theron, para cavalgar.

Ele me lança um sorriso safado antes de cravar os dedos em minha bunda, movimentando o meu quadril.

— Então cavalgue, florzinha — ele sussurra. — Cavalgue no pau do seu homem.

Arrepio-me por completo e só tenho tempo de pegar o lubrificante na gaveta e tirar as nossas cuecas antes de senti-lo me invadir por completo.

Nosso desejo extrapola qualquer métrica razoável. Eu e Logan pegamos fogo e não fazemos questão nenhuma de apagá-lo, e eu percebo que tudo que vivi antes dele era apenas um ensaio. Logan é a peça principal. Ele parece ler meus pensamentos, já que sussurra enquanto se afunda em mim:

— Você é o melhor em tudo, minha florzinha. Você é absolutamente o melhor da minha vida — ele morde meu lábio, e eu gemo em sua boca.

Ele também é o melhor da minha vida, e eu alcanço o orgasmo pensando nisso.

Ele abraça a minha cintura, e eu adormeço deitado sobre o seu corpo.

Quando acordo, percebo que Logan ainda está dormindo. Jorge está entre nossas pernas, e eu solto um suspiro, percebendo que, após tanto tempo na escuridão, eu finalmente estou feliz.

As minhas inseguranças, aos poucos, estão se dissipando. Meus traumas também. Tenho evoluído como ser humano e tenho pensado em mim mais do que costumava pensar. Sei que Logan tem uma parcela nisso e que a minha cura só foi bem sucedida porque eu sabia que, na outra ponta, ele me aguardava.

Meu coração parece que nunca vai parar de crescer, e, olhando para ele, eu sinto que eu não sabia o que era viver até então. Passo meus dedos sobre sua barba rala e observo seu semblante sereno.

— Eu te amo — sussurro baixinho, encostando meus lábios em sua bochecha, mesmo tendo em mente que ele está dormindo.

Encosto minha testa em sua têmpora e fecho os olhos, sendo inundado pelo perfume que exala de sua pele.

— Eu também te amo — ele sussurra de volta com os olhos fechados, e sinto como se meu coração parasse.

Inclino a cabeça e vejo-o abrir lentamente os olhos, olhando-me, com os cantos da boca se inclinando em um sorriso. Levo um susto, e meu coração se acelera. Não era para ele ter ouvido.

— Mas que caralho, Logan — exclamo irritado, erguendo-me na cama. — Que mania feia de se fingir de morto.

— O que eu posso fazer se você só se declara para mim quando acha que eu não estou ouvindo?

— Eu não me declarei.

— Não? — Ele ergue as sobrancelhas. — Então o que foi aquele “eu te amo” sussurrado?

Sinto um gelo na espinha, e as borboletas voam por todas as partes do meu corpo.

— Você ouviu coisas — digo, desviando o olhar.

— Você é péssimo em mentir, Ravi. — Ele se senta na cama e pega o meu rosto com as mãos, fazendo-me olhá-lo. — Fale que me ama. Vamos, fale. Fale de novo, florzinha.

Ele se repete com carinha de pidão, e eu mordo os lábios, evitando um sorriso largo.

— Não.

— Eu finjo que estou dormindo de novo. — Ele se deita na cama rapidamente e fecha os olhos. — Pronto, eu estou dormindo.

— Você é um imbecil! — Solto uma gargalhada e me deito ao lado dele.

Ele vira o rosto e me olha com os olhos azuis mais lindos que já vi na minha vida. Com a ponta dos dedos, ele tira uma mecha de cabelo da minha testa e me olha sério.

— Não tem problema você demonstrar sentimentos por mim, Ravi — ele diz baixinho. — Eu não vou usá-los a meu favor ou contra você. Eu nunca faria isso. Eu sinto o mesmo, então não há por que esconder. Sentimentos são feitos para ser expostos.

Fico em silêncio, mergulhado em seus olhos, e paro para refletir. Acho que ele tem razão, apesar da minha relutância em me abrir e me expor depois de tudo que aconteceu, depois de tudo que passamos.

— Você quer que eu grite? — ele pergunta, erguendo o corpo da cama. — Pois eu grito.

Ele se levanta e vai até a janela, completamente pelado. Eu solto uma risada nervosa e me ajoelho na cama, observando-o se inclinar.

— Eu amo o policial Baumer — ele grita da janela, e minha risada aumenta.

— Pare, Logan. São sete da manhã.

— Eu estou pouco me fodendo. — Ele grita de novo: — Eu amo a minha florzinha.

Tento evitar um sorriso, mas não consigo. Meu coração parece querer explodir dentro do peito, e eu nego com a cabeça quando ele me olha sorrindo.

— Meus vizinhos vão me expulsar deste prédio — eu digo, ainda sorrindo, enquanto o observo se aproximar da cama e engatinhar até mim.

— Eu amo você, Ravi, e não tenho medo nenhum de dizer isso. — Ele segura o meu rosto. — Quando eu perdi minha mãe, eu gostaria de ter dito a ela que a amava quando eu saí pra ir para a escola, mas eu não disse. E mesmo sabendo que ela sabia que eu a amava, eu gostaria de ter dito, porque saber que é amado é uma coisa, e ouvir que é amado é outra. Eu quero que você saiba que eu o amo pelas minhas atitudes e quero que ouça que eu o amo da minha boca. Foda-se se é cedo, foda-se se há três meses você me odiava, foda-se se a nossa história é mais complicada do que as outras, foda-se. Eu amo você, entendeu? Eu amo você.

Seus olhos penetram nos meus, e sei que ele não está mentindo. Logan nunca mentiu para mim, pelo contrário, ele sempre foi sincero. Sincero até demais. Acredito nele quando ele diz que me ama. Acreditaria nele se ele me dissesse qualquer coisa.

— Eu também amo você — eu confesso baixinho, e ele me lança um sorriso largo.

— Meu Deus, eu vou gravar.

— Pare, docinho — digo manhoso, e ele solta uma risada baixinha.

— Cadê o bloquinho de notas?

— Está ali — aponto para a mesa de canto.

— Vá lá riscar o "sou apaixonado pelo Logan" para escrever "eu amo o Logan" embaixo.

Eu nego com a cabeça, sorrindo, e ele me encara sério por um instante, antes de sussurrar:

— Mora comigo, florzinha? Vá lá para casa e leve o nosso filho.

Meu coração palpita tanto, que preciso respirar mais profundamente para não tremer.

— E se não der certo? — Engulo em seco, sentindo uma insegurança conhecida me invadir. — E se a gente brigar? Nós

estamos juntos há pouco tempo. E se... E se você se arrepender?

— Brigar a gente vai. Nós brigamos desde o dia em que nos conhecemos. Mas, se não der certo, a gente tenta de novo e de novo e de novo, até dar certo — ele diz sério. — Eu não vou desistir de você, Ravi, e espero que você também não desista de mim. De nós.

Mordo os lábios em ansiedade e sinto meu coração se acelerar. Eu tenho tento medo de perdê-lo, de que ele deixe de gostar de mim, de que ele perceba que é só uma paixão passageira.

— Eu vou pensar, pode ser?

— Pode — ele assegura, tomando o meu rosto entre as mãos. — Se você estiver com um pé atrás por causa da Hermione, eu prometo de dedinho que vou brigar com ela se ela quiser amputar a sua perna.

Ele leva os dedos até a boca, beijando-os, e eu solto uma risada, subindo em seu colo, sabendo que eu sou completamente apaixonado por esse homem. Sei que desta vez as etapas estão acontecendo da forma certa, e que eu não pulei nenhuma, por mais que tenham acontecido mais rapidamente do que as do início. E eu finalmente percebo que amar Logan é fácil. Difícil mesmo sempre foi odiá-lo.

Capítulo 34

Seis meses depois

— Você é um imprestável — digo bufando ao ver Logan se jogar no sofá.

— Amor, eu não vou deixar as vasilhas na pia. Eu vou lavar, só não vou lavar agora.

— Não precisa mais, Logan — exclamo, zangado, caminhando em direção a ele. — Eu já lavei.

Seus olhos azuis me analisam, e eu coloco as mãos na cintura, completamente irritado.

— Por que você lavou?

— Porque você não lavou.

— Eu lhe disse que eu ia lavar — ele retruca sério.

— Mas não lavou — digo com a voz mais alta.

— As coisas não tem que ser na hora que você quer, Ravi. — Sua voz também se eleva, tornando-se firme, e eu bato o pé de forma nervosa no chão. — Você precisa entender isso.

— Aham. — Reviro os olhos.

— Era só vasilha — ele fala como se não fosse nada, e eu fico ainda mais irritado.

— Era vasilha suja, e eu não gosto de deixar vasilha suja na pia. Você sabe muito bem disso.

— Amor — ele suspira —, eu disse que eu ia lavar.

— Mas não lavou — eu repito, observando-o passar a mão na testa, igualmente irritado.

— O que você quer que eu faça, Ravi? Quer que eu lave a merda da vasilha agora? Eu lavo então — ele diz, começando a se levantar do sofá.

— Logan — eu praticamente grito, e ele se senta no sofá novamente —, eu não quero que você faça nada. Eu já fiz tudo. Você não ouviu quando eu disse que já lavei as merdas das vasilhas porque você não fez isso? Ah, não, não ouviu, porque você tem problema de audição.

— Nossa, você é tão difícil, florzinha. — Ele solta um suspiro exasperado e joga o controle da televisão no sofá. — Puta merda!

— Ah, é? Sou, Logan? — contesto, sentindo minhas bochechas se esquentarem. — Então por que você me chamou para morar com você, já que eu sou tão difícil assim?

— Porque eu amo você, cacete — ele grita, encarando-me. — Porque eu amo você e quero você perto de mim. Porque eu não consigo passar um dia sem ouvir suas reclamações sobre as vasilhas, sobre as roupas espalhadas e sobre a cama que eu não arrumo, além das outras milhares de implicâncias que você tem com tudo. Eu posso ouvir isso para o resto da minha vida, Ravi. Eu só não quero que em toda briga ou discussão você pense em alugar outro apartamento. Eu sou bagunceiro, e você é organizado. Olha que coisa! A gente dá um jeito, mas eu não quero ficar sem você. Você é insuportável, florzinha, porra, insuportável! Mas eu não trocaria nossa vida por nada nesse mundo. Nem quando você dá os seus *pitis* sobre a Hermione ou reclama de limpar a areia ou quando me manda ir à merda, o que acontece pelo menos duas vezes ao dia. Eu o amo, Ravi. Eu o amo e quero ficar com você, por isso o chamei pra morar comigo. Satisfeito?

Ele ergue as sobrancelhas e permanece me encarando. Pressiono os lábios e estreito os olhos.

— Não — digo rápido.

— Ah, puta que pariu! — Ele solta um suspiro alto, olhando para o teto, batendo as mãos na coxa.

— Você esqueceu de me dar um beijinho — digo manhoso, e ele me olha. — Você fala que me ama e não me dá nem um beijinho?

Ele solta uma risada, negando com a cabeça, e me chama com a mão. Vou correndo e pulo em seu colo no sofá.

— Oh, florzinha insuportável e dengosa essa que eu tenho, viu? — ele diz, ainda rindo e me apertando pela cintura.

— Eu amo você, meu delegado delícia. Amo. Amo. Amo. — Espalho beijos pelo seu rosto, mas paro por um instante e olho sério para ele. — Mas da próxima vez que você deixar vasilha suja na pia, eu juro que eu esfrego sua cara nelas para lavar.

Ele solta uma risada gostosa e me beija... e eu percebo o quanto é leve ter Logan na minha vida, mesmo quando brigamos por nada.

Desde que vim morar com ele, há quatro meses, eu não tive nenhum episódio de hipoglicemia, porque ele cuida de mim. Às vezes, acho até que ele quer me tornar diabético, já que em toda compra ele sempre traz algumas barras de chocolate e um fardinho de Coca-Cola para que nunca fique sem nada aqui caso eu tenha uma crise.

Meus pais não se importaram com a ideia de eu morar com Logan, já que sou homem feito e consigo me sustentar, apesar de Logan não deixar que eu gaste com nada aqui. A única coisa que ele me faz comprar com meu dinheiro é xampu, e eu não sei se odeio ele por isso ou se o amo ainda mais.

Hermione tem se comportado, mas à noite, se eu invado o espaço dela na cama ou se abraço Logan e a toco sem querer, a mordida é certeira. Jorge se adaptou muito bem. Ele e Fred fazem tudo juntos enquanto Harry e Rony são os velhos rabugentos da casa.

Quem diria que eu estaria morando com Logan e com nossos filhos — que são cinco gatos, porém juntos somam oito olhos, quatro rabos e seis patas funcionais, e eu os amo mesmo assim, exceto Hermione, por quem eu só simpatizo.

Eu e o Logan brigamos todos os dias por absolutamente nada em específico, mas sempre acabamos fazendo as pazes. Logan não mentiu quando disse que teria paciência comigo, porque ele tem até demais. Eu sei o quanto sou difícil e implicante, mas a paciência dele sempre me ganha e resolve tudo.

A delegacia já sabe que estamos namorando, e Logan não fez questão nenhuma em negar. Chegamos e vamos embora juntos todos os dias, no mesmo carro, e seria inevitável eles acabarem especulando. Nenhum policial me trata diferente por saber que eu namoro o chefe, nem mesmo Dean. Acho que, no fim das contas, as coisas entre nós realmente acabaram bem, e continuamos amigos sem nenhum ressentimento.

Lucca, Josh e Alec vem todo final de semana para a nossa casa. Chega a ser engraçado como eles e Logan se deram bem. Ninguém menciona o dia fatídico do casamento, e Josh parece ter finalmente esquecido de atribuir o "*amante*" ao nome de Logan.

Meus pais também sempre nos visitam, assim como Laura. Meu pai se tornou fã de carteirinha de Logan, enquanto minha mãe e Laura são só elogios.

Se alguém houvesse me dito que eu estaria nos braços dele um ano depois de tudo o que aconteceu, eu riria da cara dessa pessoa. Mas cá estou eu, completamente apaixonado por ele.

O único momento em que ficamos separados é quando eu vou para a consulta com o Dr. Antony de quinze em quinze dias e quando Logan vai ao terapeuta dele uma vez ao mês. Queria apresentar o Dr. Antony para ele, mas prefiro não interferir, já que ele disse que faz acompanhamento há anos. Ele deve gostar do seu terapeuta e deve estar acostumado a se consultar com ele.

— Precisamos nos arrumar — ele sussurra com os lábios colados nos meus. — A confraternização da delegacia é daqui a pouco.

Cheguei tão cansado — e ainda tive que lavar as vasilhas que o bonitinho não fez questão de lavar ontem à noite —, que por pouco não me esqueço de que a confraternização é hoje. Mordo seus lábios com delicadeza e sussurro:

— Não dá tempo nem de fazer um amorzinho de reconciliação?

Ele solta uma risada na minha boca e crava os dedos em minha bunda.

— Eu arrumo tempo para isso. Eu faço o relógio parar para amar você, florzinha.

Ele se levanta comigo em seus braços e caminha até o banheiro. Desprendo-me do seu colo quando sinto a pia atrás de mim. Logan tira a minha blusa e a sua em uma velocidade impressionante. Ele vira o meu corpo, e sinto suas mãos espalmarem a minha bunda antes de ele começar a descer a minha calça de moletom. Ele se inclina e beija a extensão das minhas costas até o cós da minha cueca, causando-me arrepios. Minha cueca é abaixada de forma lenta, e ele segura uma das minhas coxas, inclinando-a sobre a pia do banheiro.

Sinto ele se ajoelhar por trás de mim, abrindo-me com as mãos e circulando a minha entrada com a ponta da língua. Não consigo evitar o gemido que escapa da minha boca. Suas mãos massageiam a minha pele enquanto sua língua performa majestosamente.

Levo a mão até o meu membro e me masturbo lentamente, acompanhando o ritmo da sua língua. Jogo a cabeça para trás quando ele intensifica os movimentos, deixando-me completamente molhado por sua saliva.

— Logan — gemo o seu nome e sinto a ardência de um tapa em minha bunda.

— Gema assim de novo, que eu o marco todo.

— Ah, Logan — gemo mais alto de propósito e sinto outro tapa, ainda mais forte. — Gostoso!

Ele se levanta abruptamente e me pega pelo pescoço, fazendo minhas costas colidirem com seu peito. Ele pincela o pau lentamente em minha entrada, e eu cravo as unhas em seu quadril, gemendo de tesão.

Sinto seu pau percorrer toda a minha fenda, imitando movimentos de penetração, e fecho os olhos em expectativa.

— Entre em mim, amor. — Solto um suspiro em forma de gemido.

— Você está implorando, florzinha?

— Estou — respondo seu fôlego. — Entre em mim.

Sinto seu pau deslizar lentamente para dentro, alargando-me por inteiro. Solto um grito quando ele crava os dedos em meu quadril e o sinto por completo dentro de mim. Minhas pernas tremem, e eu me apoio na pia, para não cair no chão.

— Caralho! — exclamo quando ele começa a se movimentar, saindo e entrando em mim de forma lenta, porém forte.

— Olhe a visão do paraíso que eu tenho quando estou dentro de você — ele puxa o meu cabelo, fazendo-me erguer a cabeça e me olhar no espelho. — Veja-se enquanto fazemos amor.

Percebo minhas bochechas vermelhas e o olhar de Logan me queimando em desejo através do espelho. Seus dedos apertam a minha cintura enquanto meu corpo colide com o seu conforme suas investidas. Estou hipnotizado e não consigo tirar os olhos dele. Ele me puxa levemente para trás para ter acesso ao meu pescoço. Uma das mãos ainda está no meu cabelo quando ele começa a chupar a minha pele e dar beijos quentes e molhados por toda a minha nuca. Sua outra mão desliza pelo meu corpo até encontrar meu mamilo e o prende com os dedos.

— Eu amo ter você, Ravi. Amo seu corpo, amo seu cheiro, seu beijo, seu gosto, amo estar dentro de você — ele sussurra em meu ouvido, aumentando os movimentos, e eu gemo ainda mais alto.

— Eu amo você. Eu amo você. Eu amo você — repito baixinho e sem fôlego, sentindo-o atingir minha próstata seguidas vezes.

Volto a me masturbar, ainda olhando no espelho, e gozo com a imagem do rosto dele se contorcendo de prazer enquanto me preenche.

Assim que ele sai de dentro de mim, ele me prende nos braços e caminha comigo até o chuveiro. Ele liga a água sobre nós, e sinto os pingos quentes caírem em minha pele. Ainda estou sem

fôlego quando sua boca procura a minha, mas não reluto, apenas o beijo com a mesma intensidade de sempre.

Ele só se afasta o suficiente para lavar o meu cabelo e para ensaboar meu corpo. Seus toques sempre me causam arrepios, e sinto que posso me derreter a qualquer momento. Ele desliza o sabonete pelo meu corpo e, quando chega na parte de trás, ele me lança um sorriso safado ao passar os dedos entre a minha fenda.

Ele beija a minha boca, deslizando um dedo para dentro de mim, e eu arfo de prazer.

— Logan — gemo manhoso e quase caio quando ele tira o dedo abruptamente de mim.

— Precisamos ir, florzinha. Estamos atrasados — ele diz naturalmente, e eu dou um tapa em seu ombro ouvindo-o resmungar.

— Filho da puta — digo bravo, e ele solta uma risada baixa.

— Mais tarde, quando voltarmos, eu termino isso. — Ele dá um tapa estalado em minha bunda e se lava antes de desligar o chuveiro.

Acabo de me vestir enquanto Logan dá comida para os nossos cinco gatinhos. Estou finalizando o cabelo quando ele entra no quarto.

— Nossa! — Logan solta um assobio ao me olhar. — Que homem lindo!

— Ué. — Viro-me para olhá-lo. — Eu não era a pessoa mais brega que você conhecia e blá blá blá? — Ergo uma sobrancelha, confrontando-o.

— Isso era implicância. Era só para deixá-lo irritado e pra secá-lo sem que você notasse — ele confessa, rindo, e eu abro a boca em choque. Ele parece perceber o meu espanto e continua: — Até parece que você não me secava também, florzinha. Na primeira oportunidade que teve, você falou do meu pau.

— Não falei não.

— Falou sim. Você disse que eu tinha sido castrado acidentalmente. Engraçado que, para pensar nisso, você teve que

dar uma conferida antes, não é?

— Ah, Logan, vá à merda — digo, rindo e me virando para o espelho.

— Já estava caidinho por mim e ficava fazendo charminho, não é, florzinha? — Ele me abraça por trás e me dá beijos na nuca.

— Não estava, não — resmungo, contorcendo-me pelos arrepios que seus beijos causam em minha pele.

— Estava, sim. Doidinho por mim! — Ele me dá um último beijo antes de me virar. — Está pronto?

Assinto e entrelaço os nossos dedos.

Logan dirige até o mesmo salão da última festa. Durante todo o caminho, sua mão pousa em minha coxa, e eu adoro essa sensação. Adoro nossa intimidade, adoro como temos a liberdade de falar o que quisermos, adoro o modo como eu nunca fico constrangido na presença dele e, acima disso, eu adoro nós dois.

Entramos de mãos dadas e percebo alguns olhares sobre nós. Este é o primeiro gesto de intimidade que demonstramos na frente dos policiais, porque na delegacia, de fato, somos reservados — exceto em algumas ocasiões no final do expediente quando nos encontramos na minha sala…

— Eu preciso resolver algumas coisas da bonificação. Preciso conversar com a Marina — ele me informa. — Você me espera?

— Espero. Vou procurar uma mesa.

Logan assente e me dá um selinho antes de beijar a minha bochecha e caminhar para perto do palco. Enrubesço por ele ter me beijado na frente de todo mundo, mas ajo naturalmente e caminho em direção às mesas.

Avisto Cintia e Rony sentados em uma delas, e ela acena animadamente para mim. Quando chego perto, ela se levanta e me abraça.

— Oi, Ravi. Que saudade de você!

— Saudade de você também, Cintia. Que bom que você veio.

— Estou contando com outro dia de princesa — ela fala ao me soltar, e eu solto uma risada genuína.

— Vamos torcer — eu respondo, e ela aponta para uma das cadeiras ao seu lado. Sento-me, e ela me lança um sorriso enorme enquanto cumprimento Rony.

— Você e o Theron então? — ela pergunta, e minhas bochechas queimam mais uma vez.

— Pois é, menina… — digo timidamente, e ela solta uma risada.

— Ravi, não é bajulação, nem nada, mas vocês formam um dos casais mais lindos que eu já vi na vida. Não é, Rony? — Ela se vira de relance para ele, que assente para mim, sorrindo. — E fico feliz por estarem juntos.

— Obrigado — agradeço, corando. — Ele me faz muito feliz.

Somos interrompidos por um garçom que passa com algumas bebidas. Cintia pede uma champagne enquanto eu peço uma lata de Coca. Hoje não pretendo beber, para não ter um episódio de hipoglicemia aqui, como da última vez.

Paro para observar o salão, e está mais cheio do que a última festa. A decoração está bem similar, com algumas flores espalhadas, e o DJ já está ao lado do palco, tocando músicas mais baixas. Dou um gole na bebida e observo algumas pessoas em volta. Sinto dedos em minhas costas e me viro, deparando-me com Dean e outro rapaz.

— Ravi!

— Oi, Dean! — Levanto-me de prontidão para cumprimentá-lo.

— Gostaria de lhe apresentar uma pessoa — ele diz, e meus olhos vão para o rapaz ao seu lado, que sorri em minha direção. Sorrio de volta e olho para Dean. — Este é o León, meu namorado. León, este é o famoso policial Baumer.

Eu estico a mão em direção a ele, e ele a aperta.

— É um prazer conhecê-lo, León.

— O prazer é todo meu.

Ele diz de forma simpática, e percebo os olhos de Dean brilharem para ele. Fico feliz por Dean ter encontrado alguém. Ele é uma das melhores pessoas que eu conheço e merece estar feliz. Sorrio tanto ao olhá-los, que as minhas bochechas doem.

— Estão gostando da festa? — pergunto, tentando puxando assunto.

— Está tudo ótimo, e a trilha sonora está impecável — León diz, animado, e eu concordo.

— Vocês estão bebendo alguma coisa? Sentem-se aqui conosco. Logan está resolvendo algumas coisas, mas já já ele aparece.

— Eu, na verdade, gostaria de ir ao banheiro — León responde, olhando para Dean.

— Eu também preciso ir — comento. — Quer que eu o acompanhe?

— Claro. — Ele dá um beijo em Dean, que se senta ao lado de Rony logo em seguida.

— Dean — eu o chamo, atraindo sua atenção —, não se preocupe, vamos falar só um pouquinho mal de você.

Dean solta uma gargalhada, e eu acompanho León até o banheiro.

Vou até uma das cabines e quando saio, percebo León em outra cabine. Ele não fecha a porta por completo, e noto através do espelho, quando ele ergue a camisa, que há uma faixa enrolada em torno do seu tórax.

— Meu Deus, você se machucou? — pergunto preocupado ao me virar. — Você precisa de ajuda?

Ele solta uma risada e me olha.

— Eu não estou machucado, Ravi. Eu sou um homem trans. Ainda não fiz a minha mastectomia e gosto de usá-la. — Ele aponta para a faixa. — Mas ela às vezes fica desconfortável, e eu preciso ajeitar para que pare de me incomodar.

— Ah, desculpe-me — digo envergonhado. — Eu não sabia. Você quer ajuda?

— Não precisa pedir desculpas, e está tranquilo. Já estou acabando. — Ele termina de se ajeitar e abaixa a camisa. — Prontinho.

Ele sai da cabine e ajeita os fios pretos mais longos enquanto se olha no espelho. Fico ainda mais feliz por saber que Dean é uma pessoa completamente livre de preconceitos e, para falar a verdade, não esperava nada diferente vindo dele.

— León — eu o chamo ao terminar de lavar as mãos, e ele me olha —, fico muito contente de saber que Dean está feliz. Ele é um cara sensacional e tem sorte de ter encontrado você. Eu espero muito que esse amor perdure.

— Ele fala muito de você, Ravi. No começo até achei que fosse uma quedinha, mas, vendo você agora, percebo o porquê de ele gostar tanto assim. Ah, e me convite para o casamento com o delegado. Ele me contou que vocês namoram.

Minhas bochechas queimam, e eu rio de nervoso com a menção do casamento.

— Pode apostar que chamarei.

Quando voltamos para o salão, vejo Alec, Lucca e Josh na entrada. Acompanho León até a mesa, e chamo Alec com as mãos assim que ele me olha. Eu convidei Josh, já que eu tinha um convite extra, e Logan adorou a ideia.

Após as devidas apresentações, eles se sentam conosco. Quando Josh descobre quem é o Dean, ele pressiona os lábios, evitando uma risada, mas eu piso forte em seu pé, fazendo-o me olhar com os olhos arregalados.

— Eu não ia rir — ele cochicha ao se acomodar do meu lado.

— Melhor evitar — digo, tentando disfarçar com um sorriso.

Assim que eles pedem a bebida, ouço a música para parar por um instante. Vejo Logan subir no palco e, antes de começar o discurso, ele me lança uma piscadela, e eu lanço um beijinho no ar em direção a ele.

— Boa noite a todos — ele diz com a voz firme, e meus olhos brilham em admiração. Todos nós respondemos, e ele continua: — Mais uma vez estou aqui, com uma felicidade imensa em comemorar mais um ano na presença de profissionais tão dedicados como vocês. É sempre uma honra falar sobre como tenho orgulho da nossa equipe e de todos que colaboram para ela ser o que é. Como sempre, eu farei a entrega das bonificações, e, se tiverem alguma reclamação, falem com a Marina, eu não tenho nada a ver com isso.

Ouço risadas e rio. Coitada da Marina.

Ele limpa a garganta e prossegue:

— Sem mais delongas, tenho aqui os envelopes com os nomes dos policiais que ganharão uma bonificação pelo bom trabalho que têm desempenhado este ano. Todos vocês são dignos deste prêmio, mas fazemos de forma justa, para continuar incentivando o ótimo trabalho que é feito todos os dias — ele abaixa o olhar, abrindo o primeiro envelope. — O primeiro da noite é o policial Alec Cooper, por seu empenho e dedicação nas rondas escolares.

Alec faz uma careta surpresa ao perceber o nome dele sendo chamado, e eu solto um grito aplaudindo.

— Vá, Alec. É você! — eu exclamo, animado.

Ele me olha e então se vira para Lucca, que o parabeniza e dá um beijo em seus lábios. Ele se levanta parecendo envergonhado e caminha até o palco.

Batemos palmas e assobiamos alto, sabendo que, pela segunda vez, a nossa mesa é a mais barulhenta da confraternização. Logan sorri e o abraça antes de posar para a foto e entregar o envelope. Quando Alec volta, percebo seu sorriso se alargar.

— Gente, eu estou besta! Eu nunca tinha ganhado essa bonificação, e olha que foram cinco anos esperando — Alec comenta, sorrindo.

— Você merece, amor — Lucca fala, orgulhoso.

— Agora veja se usa esse dinheiro para comprar sua própria Coca, ordinário — digo, e ele solta uma risada alta.

— A sua é mais gostosa, sabe? Ela tem um gostinho diferenciado de grátis.

Lanço a ele um dedo do meio e volto os olhos para o palco, vendo Logan abrir o segundo envelope.

— O próximo é o policial Dean Feyden, por seu excelente preparo em missões táticas.

Solto outro grito e vejo Dean beijar León em comemoração. Sorrio para ele e ouço mais assobios e palmas. Logan o abraça quando ele chega ao palco e posa para a foto. Pelo visto, ele finalmente desencanou de Dean.

Assim que Dean volta à mesa, Logan abre o último envelope.

— Por último, mas não menos importante, ao policial Derreck Bob — Logan começa e faz uma pausa —, pelo seu empenho em… se empenhar.

Vejo Bob levantar de uma mesa mais afastada e o aplaudo. Ele parece imensamente feliz, sorrindo de orelha a orelha, e eu fico feliz por Marina ter visto seu esforço.

Assim que Logan faz o discurso de agradecimento e libera o DJ, ele volta para a nossa mesa e se senta ao meu lado. Passamos metade da noite conversando e rindo sobre as besteiras que Josh fala. Cintia fica quase sem ar de tanto rir, assim como León, que se acaba na risada.

Logan bebe uísque e me lança olhares vez ou outra. Quando peço outra Coca, percebo ele tirar o lacre da latinha em que eu estava tomando ao entregá-la para o garçom. Quando uma música lenta começa a tocar, percebo Alec se levantar com Lucca, assim como León e Dean.

— Não se preocupe, Josh — Cintia diz. —, os casais estão indo para a pista, mas eu vou ficar aqui com você e com o Rony. Meus pés estão me matando.

— Que bom, senão eu teria que afogar minhas mágoas aqui sozinho — ele solta uma risada.

Logan então, percebendo a brecha, levanta-se e estende a mão para mim. Olho para ela antes de subir o olhar.

— Vamos dançar, florzinha? — ele pergunta, sorrindo, e eu assinto, pegando sua mão.

Ele me guia até a pista de dança e passa as mãos pela minha cintura, trazendo-me para perto. Apoio a cabeça em seu pescoço e o abraço enquanto ele me embala. Aproveito para sentir seu perfume, que eu tanto amo, e fecho os olhos, deixando-me ser guiado por seus passos.

Neste momento, sinto que só existimos nós dois no mundo, com uma música lenta tocando ao fundo enquanto sinto as batidas do seu coração. Logan passa a mão pelos meus cabelos, e eu suspiro involuntariamente, apertando-o ainda mais forte.

Quando a música acaba, eu abro os olhos e inclino a cabeça para olhá-lo. Ele sorri para mim, e eu percebo que era pra ser. Eu e Logan éramos destinados um para o outro. Eu tinha que ser dele, e ele tinha que ser meu. Não tenho dúvidas sobre isso.

Ele entrelaça os nossos dedos ao se afastar minimamente de mim e me guia para o lado oposto das mesas. Olho para ele, confuso, mas apenas o sigo até o corredor. Aquele mesmo corredor onde ele me salvou pela segunda vez. O corredor onde ele me explicou por que me chamava de florzinha. O corredor onde minhas vendas começaram a se dissipar. O corredor onde enxerguei Logan pela primeira vez.

— Você se lembra deste corredor, florzinha? — ele pergunta, parando em minha frente. Seus olhos azuis brilham, mesmo com a pouca luz que emana do teto.

— Lembro. Eu quase morri aqui.

— Foi aqui que você me tocou pela primeira vez. Você deitou a cabeça no meu peito, e eu o abracei. Você lembra disso?

— Lembro — confesso baixinho. — Lembro de cada segundo daquele dia.

— Foi aqui que tivemos a nossa primeira conversa sincera. Foi a primeira vez que abri o meu coração para você, e acho que foi aqui que você começou a me enxergar de verdade.

— Foi. — Mordo os lábios, nervoso.

— Desta vez, eu quero que você seja sincero comigo e abra o seu coração para mim. Você me promete que vai ser sincero? — ele pede com os olhos presos nos meus, e eu franzo as sobrancelhas.

— Eu não estou entendendo.

— Eu quero te fazer uma pergunta e quero que seja completamente sincero comigo.

— Eu vou ser — asseguro, engolindo em seco, e observo ele soltar um suspiro.

— Vamos supor que eu o pedisse em casamento agora, o que você me diria? — ele pergunta com a voz firme, e eu olho para ele completamente incrédulo.

— Que tipo de pergunta é essa, Logan?

— Só uma suposição. Quero saber o que falaria se isso acontecesse — ele dá uma pausa. — Eu quero sua resposta mais sincera.

— Você sabe a minha resposta.

— Eu não sou adivinho, policial Baumer. — Ele me lança um sorriso contido.

— Óbvio que eu aceitaria, Logan. Se você hipoteticamente me pedisse em casamento, eu aceitaria sem pensar duas vezes.

— Você diria sim?

— Sim, Logan, eu diria sim.

— Então casa comigo? — ele faz o pedido, e meu coração pula uma batida.

— O quê? — pergunto, arregalando os olhos, sentindo minhas pernas começarem a tremer.

— Você disse que diria sim, Ravi. — Ele sorri mais uma vez, e percebo que ele está mesmo falando sério. — Siga o roteiro!

— Você está me pedindo em casamento?

— Estou, florzinha — ele confirma, passando os dedos carinhosamente sobre minha bochecha. — Você quer se casar

comigo e fazer morada eternamente no meu jardim?

Meu coração dispara dentro do peito, e eu sinto que posso desmaiar a qualquer momento.

— Você está brincando, não é? — Meus lábios tremem.

— Não, eu não estou, Ravi. Eu estou pedindo você em casamento.

— Mas… Mas… Meu Deus, eu vou chorar — balbucio ao sentir as lágrimas começarem a escorrer por meu rosto.

— Casa comigo, florzinha? — Ele passa os dedos delicadamente por minha cintura, trazendo-me mais para perto do seu corpo. — Faça de mim o homem mais feliz deste mundo e case-se comigo.

Fico estático olhando para ele e vendo seu sorriso em expectativa. Eu não tenho dúvidas.

— Eu caso, Logan. Eu caso. — As palavras escapam da minha boca com tanta naturalidade, que percebo que "casamentos" não me traumatizaram, por mais que eu tivesse pensado que me traumatizariam. Logan curou tudo. Absolutamente tudo. Eu não tenho um pingo de dúvida sobre dizer sim para ele. Agora e todos os dias da minha vida.

Ele me abraça ao perceber as minhas lágrimas caindo com mais facilidade, e eu passo os braços em torno do seu pescoço.

— Eu juro que vou lhe fazer o homem mais feliz deste mundo, Ravi. Eu vou cuidar de você, eu vou ter paciência, eu vou amá-lo direito até o fim dos nossos dias. Eu nunca tive dúvidas de que você era o amor da minha vida. Nunca, nunca, nunca. Eu nunca duvidei. — Sua voz falha. — Eu o amo tanto, tanto, tanto, minha florzinha.

Choro alto em seu ombro enquanto o aperto o mais forte que consigo. Quero que ele sinta toda a minha emoção. Quero que ele sinta minha verdade, minha sinceridade, meu amor, meu carinho, minha gratidão. Quero que ele me sinta por completo.

Ele se afasta minimamente para segurar meu rosto, e percebo que ele também está chorando, mas o sorriso em seu rosto é gigante. Ele beija minhas lágrimas, uma por uma.

— Você é tudo para mim, Logan. Tudo — digo com a voz embargada. — Eu amo tanto você, que acho que precisaria de mais algumas vidas para gastar todo esse amor.

Ele solta uma risada e me beija, ainda segurando meu rosto. Sinto como se fogos de artifício estivessem sendo estourados dentro de mim. Ele se afasta para me olhar melhor, e seus olhos azuis parecem mais claros, por causa das lágrimas.

— Eu não tenho um anel agora, porque eu não me preparei, mas eu guardei isso — ele enfia a mão no bolso e tira o lacre prateado da latinha.

Ele dá as mãos pelo meu pescoço até encontrar a minha correntinha. Tiro o meu cabelo do caminho, e ele a desabotoa, colocando o lacre dentro.

— Esse é o anel de noivado mais lindo que você poderia me dar.

— Eu vou lhe dar um anel de verdade, amor, prometo.

— Não precisa, docinho. Este está perfeito e é muito significativo para nós dois — digo ao senti-lo terminar de fechar a minha correntinha de volta. Levo a mão até o pescoço e seguro o lacre nos dedos. — Eu amo você, meu docinho. Você é o açúcar que faltava no meu sangue.

Logan solta uma risada gostosa.

— Eu achei que eu fosse o seu docinho de limão, por ser azedo. — Ele me prende pela cintura.

— Também. Mas você também regula tudo em mim. Você me dá o que me falta e me deixa bem. No fim das contas, você é meu doce, porque eu preciso de você para viver.

— Meu deus, quem é você, e o que fez com o meu Ravi?

— Sou eu, seu bobo — dou um tapa em seu ombro, e ele solta uma risada, então se inclina e beija meus lábios docemente antes de sussurrar:

— Vamos para casa, meu noivo?

— Vamos, meu noivo.

— Um amorzinho para comemorar o noivado? — Ele me vira e começa a caminhar comigo em sua frente. Sinto seus beijos em minha nuca e entrelaço nossos dedos em minha barriga.

— Alguma dúvida? — Inclino a cabeça para trás, e olho para ele com um sorriso aberto, percebendo que ele também sorri da mesma forma para mim.

Preciso contar para o Dr. Antony que, no fim das contas, o bloco de notas vai terminar com a frase “eu me casei com Logan Theron”, e eu não poderia estar mais feliz em toda a minha vida.

Epílogo

Repasso os últimos meses repetidas vezes em minha cabeça, relembrando tudo que vivi para chegar neste momento. A vida às vezes pode ser surpreendente, e as reviravoltas acontecem de forma tão avassaladora, que assustam. Há dois anos eu estava nesta mesma posição, mas tudo agora é diferente. Eu não tenho dúvidas, eu não tenho medo, eu não tenho um pingo de incerteza. Daqui a pouco direi o sim mais certeiro da minha vida.

Passo os dedos ajeitando o meu terno vermelho de linho e dou um sorriso para o espelho. Se nossa história nunca foi convencional, por que meu terno seria? Ajeito os cachos castanho-escuros que já estão ultrapassando meus ombros e limpo uma teimosa lágrima de emoção que insiste em escapar. Eu estou nervoso, mas não de uma maneira ruim. Estou nervoso porque sinto todas as borboletas — borboletas essas que um dia eu quis que desaparecessem — voarem por todo o meu corpo.

Levo a mão até a minha correntinha com o lacre de Coca-Cola e solto um suspiro. Eu jamais a tirei do meu pescoço e jamais pretendo tirar. Quero tê-la sempre comigo como lembrança daquele momento mágico e de toda a nossa história.

Ouço batidas na porta e me viro com o coração acelerado. Uma cerimonialista sorridente entra com uma caixa grande em mãos e me entrega.

— Seu noivo pediu que eu lhe entregasse — diz ela, e eu agradeço com a voz trêmula.

Espero-a sair do quarto e fechar a porta, então sento-me na poltrona, colocando a caixa em cima da mesa ao lado. Meu coração

bate tão rápido no peito, que tenho que fazer um exercício mental para tentar acalmar a minha respiração.

Em cima da caixa, há um envelope branco ornado com um laço dourado. Abro-o com cuidado e retiro o bilhete com as mãos levemente trêmulas. Solto uma lufada de ar, tentando me acalmar, antes de abrir o papel e ler o que está escrito.

São apenas dez palavras — dez palavras que fazem meu coração saltar dentro do peito:

Estou ansioso o esperando no altar
Amo você, minha florzinha

Limpo as lágrimas inesperadas que rolam livremente por minhas bochechas e levo o bilhete até o peito, suspirando enquanto meu rosto é tomado por um sorriso de alívio e felicidade.

Coloco o bilhete cuidadosamente em cima da mesa e abro a caixa vermelha. Há várias outras pequenas caixas dentro, e vou abrindo conforme a ordem.

Na primeira caixa que eu abro, há um xampu antioleosidade dentro. Solto uma risada alta enquanto mando Logan ir à merda mentalmente. Pego o pequeno bilhete que está junto e leio:

Para você cuidar da coisa mais linda dentre todas as outras coisas lindas que você tem

Solto uma risada embargada pelo choro e nego com a cabeça, relembrando todas as vezes que meu cabelo foi assunto das nossas conversas e desavenças.

Posiciono a caixa com o xampu na mesa e abro a segunda caixa. Há uma lata de Coca-Cola gelada e, ao lado, um bilhete:

Beba tudo. Não quero que tenha uma crise de hipoglicemia na hora do sim

Solto outra risada e abro a lata, tomando um longo gole. Essa é a coisa que mais me lembra Logan, e tenho certeza de que, mesmo se eu perdesse a memória, eu ainda me lembraria dele quando visse ou bebesse uma Coca.

Dou outro gole e abro a terceira caixa. Há um bombom junto a um bilhete:

Só para não perder o costume

Mordo os lábios, sorrindo, e abro a próxima caixa. É uma tulipa vermelha natural, linda e perfumada.

Uma flor para a flor mais linda e mais preciosa do meu jardim

Levo a flor até o nariz e inspiro todo o seu perfume, para então posicioná-la com cuidado sobre a mesa. Pego a última caixa, e há um envelope dentro. Retiro primeiro um bilhete de dentro dele e o leio:

Nossa lua de mel.

Eu quero conhecer o mundo ao seu lado, mas, acho que seria interessante começar por esses lugares. Eu não sou emo, mas adoraria conhecer o castelo do Drácula com você.

P.S.: Eu já disse que eu amo você?

P.S.1: Eu amo você.

Para você,

Delegado delícia / Seu futuro marido

Sorrindo, abro a outra folha dentro do envelope e encontro seis passagens: duas para a Itália, duas para a Romênia e duas para a Grécia.

Meu choro se torna mais alto, e nego com a cabeça, olhando para as passagens. Ele me enganou direitinho. Logan conseguiu que eu adiantasse as minhas férias e me disse que passaríamos duas semanas *"por aí"* na nossa lua de mel. Agora vejo que, na verdade, ele já tinha essa viagem programada. Fico feliz por ele ter lembrado os três lugares para onde eu fui quando precisei de um tempo e que tanto me lembram dele e por ele querer conhecê-los.

Solto um suspiro e ouço uma batida na porta.

— Está pronto, Sr. Baumer? — a cerimonialista pergunta. — A cerimônia já vai começar.

Assinto com a cabeça, tendo a certeza de que estou mais do que pronto para me casar com o amor da minha vida.

Levanto-me, tomando um último gole de Coca, e dou uma última olhada no espelho antes de segui-la até o corredor. Vejo ao longe meus pais me esperando atrás da porta de madeira da pequena capela.

Logan e eu optamos por um casamento simples. Visitamos um chalé que é utilizado para cerimônias mais reservadas e nos apaixonamos de cara, principalmente pela pequena capela que há no meio do campo florido.

A recepção será feita no campo enquanto a cerimônia será celebrada dentro da capela. Olho para as mesas já posicionadas e me emociono. Tudo está tão iluminado e tão singelo. É exatamente como eu imaginei e sonhei que seria. É rústico e delicado, como o nosso amor.

Enquanto caminho pela grama, observo a decoração. Há uma mesa grande de madeira clara ao fundo, comportando o nosso bolo e os docinhos. Há luminárias penduradas nas árvores, decorando e iluminando todo o campo. Até a lua cheia nos presenteou com a sua aparição. Eu só não me lembrava de ter pedido tantas flores, mas essa parte com certeza deve ter sido ideia do Logan. Peônias brancas e tulipas vermelhas enfeitam todo o local, e eu tenho certeza de que tenho um noivo dopado de antialérgico me esperando no altar.

— Meu buquê — arregalo os olhos para a cerimonialista ao me lembrar. Era Logan quem ia escolhê-lo, e eu me esqueci completamente de pegá-lo.

— Está com a sua mãe, não se preocupe — ela me tranquiliza de forma simpática.

Assim que me aproximo, meus pais se viram e me olham. A cor do meu terno não parece assustá-los, já que meu pai está ocupado demais limpando as lágrimas disfarçadamente, e minha mãe ocupada demais me admirando.

— Você está lindo, filho — minha mãe diz com a voz chorosa, repleta de orgulho.

Sorrio em direção a eles e não preciso de uma palavra sequer para que seja demonstrado o quão felizes e aliviados estão por eu estar me casando com alguém que me ama e que me deseja verdadeiramente. Meu pai não parece estar tão preocupado com os custos da cerimônia, já que Logan arcou com mais da metade. Além do mais, ele também é encantado por Logan, e acredito genuinamente que ele não se importaria em bancar o meu casamento com ele. Acho até que ele faria isso rindo.

Minha mãe me entrega uma única flor: uma tulipa vermelha, com duas folhas, enrolada em um laço dourado. Sorrio para ela e

pego a flor, segurando-a com as mãos firmes em frente ao corpo.

Esse é o buquê mais lindo e com mais significado que eu já vi em toda a minha vida, e eu compreendo perfeitamente por que Logan o escolheu. Ele reflete nós dois. É assim que Logan me enxerga. Tulipas são flores resistentes; resistem até ao mais rigoroso inverno no hemisfério norte. E, antes mesmo de toda a neve derreter, elas brotam. E é assim também o nosso amor. Nós resistimos ao inverno. Nós brotamos no gelo, no frio, no solo não preparado. E nós florescemos.

Eu sou a tulipa do Logan, e ele... Bem, ele é o meu jardim.

Vejo o sinal da cerimonialista e ouço a violinista começar a tocar a música clássica escolhida. Dou um braço para minha mãe e o outro para meu pai enquanto observo a porta começar a se abrir. Solto um suspiro e seguro o choro, mesmo sendo inevitável.

Quando a porta se abre por completo, não me importo em olhar em volta, eu só tenho olhos para ele, para o meu Logan, que me espera no altar, sorrindo, com lágrimas nos olhos.

Sorrio ao perceber que ele está vestido todo de preto, e não havia como ser diferente. É o meu Logan. O meu Logan emo. Observo seus ombros chacoalharem levemente à medida que seus olhos azuis se cravam nos meus. Começo a caminhar, sentindo minhas pernas trêmulas, e agradeço por estar sendo amparado por meus pais. Logan limpa as lágrimas, sorrindo, mas eu deixo que as minhas caiam. Eu quero que ele veja todas as minhas emoções se extravasando. Eu quero que ele perceba o quanto estou emocionado por ir ao encontro dele.

Seu olhar viaja pelo meu corpo, e, quando voltam a pousar nos meus olhos, seu sorriso se alarga. Consigo ouvir sua voz perfeitamente em minha cabeça, dizendo-me "você é definitivamente a pessoa mais brega que eu conheço, florzinha." Solto uma risada pelo pensamento, e ele me acompanha. Acho que pensamos exatamente a mesma coisa.

Quando chego ao altar, Logan me recebe com os olhos brilhando em lágrimas e beija a minha testa com carinho antes de abraçar minha mãe e meu pai. Assim que eles se afastam, ele

entrelaça os dedos nos meus, olha-me sorrindo e sibila um “eu amo você”. Eu faço o mesmo, tendo a certeza de que eu amo este homem mais do um dia eu conseguirei expressar em palavras.

Estou tão eufórico e tão trêmulo, que mal escuto a voz do juiz de paz quando ele dá início à cerimônia. Estou ocupado demais sentindo a sensação que a pele macia da mão de Logan causa sobre a minha.

— Boa noite a todos! — o juiz de paz começa. — Estamos todos reunidos aqui hoje para celebrar o amor entre este casal. Vocês foram convidados para compartilhar este momento com o Ravi e com o Logan, porque são as pessoas mais importantes para eles. Vocês são parte insubstituível do seu ontem, do seu hoje e de todos os seus amanhãs. Eles escolheram um ao outro como sua família e hoje estão celebrando o amor que já começou e que vai continuar crescendo ao longo dos anos. O casamento é a união, é a caminhada rumo a um futuro que envolve abrir mão do que somos separados em prol de tudo o que podemos vir a ser juntos.

Solto um suspiro olhando para Logan, e ele aperta os meus dedos com carinho.

— Ravi Baumer, é de livre e espontânea vontade que você aceita Logan Theron como seu companheiro em matrimônio?

— Sim — digo com toda a certeza existente em mim, olhando nos olhos de Logan.

— Logan Theron, é de livre e espontânea vontade que você aceita Ravi Baumer como seu companheiro em matrimônio?

— Sim — ele responde, também me olhando e sorrindo.

— Assim sendo — prossegue o juiz de paz —, por favor, preparem-se para dar e receber os votos de amor, que estão entre os maiores presentes da vida. Com as palavras que estão prestes a trocar, vocês se tornarão um só, mostrando ao mundo por que escolheram um ao outro.

Solto a mão de Logan apenas para me virar para ele. Pego o bilhete que escrevi com os meus votos no bolso e limpo a garganta, tentando engolir o choro. Seus olhos azuis me analisam em puro afeto e sinto minhas pernas fraquejarem. Minhas mãos tremem

tanto, que mal consigo ler o que escrevi. Engulo o bolo que se forma em minha garganta e começo:

— Eu sempre lhe disse que você estava na hora errada e no local errado..., mas não, Logan. Você estava exatamente onde deveria estar, no exato momento em que deveria estar. Você foi feito para mim. — Minha voz sai embargada. — Uma vez, um guia em uma das minhas viagens, me disse que um mal pequeno é um bem maior. Eu não entendi o que isso significava na época, mas hoje eu consigo compreender completamente. Percebo que você é o meu bem maior, Logan. Você é o grande propósito da minha vida. Você é a minha escolha certa.

Limpo as lágrimas que rolam pelo meu rosto e observo ele fazer o mesmo, mas seu sorriso não se dissipa nem por um instante.

— Dizem que, de sete em sete anos, há uma renovação dos ciclos em nossa vida, e você é a melhor mudança que eu poderia esperar. Você pegou os meus caquinhos e os juntou um por um. E, para falar a verdade, eu gosto muito mais do que me tornei com você do que de quando eu achava que era inteiro. Você não me moldou, Logan. Você me apreciou exatamente como eu era. Você amou o meu pior e venerou o meu melhor. Você me ressignificou e com cada pedacinho de mim, você fez um vaso único e bonito. Meu coração já era seu antes mesmo que eu pudesse admitir e será seu até o fim dos meus dias. Eu amo você mais do que um dia você poderá imaginar.

Logan sorri para mim em meio às lágrimas enquanto eu guardo o bilhete, e eu tenho a certeza de que quero ver esse sorriso pelo resto dos meus dias.

Ele retira um papel do bolso e me olha antes de começar. Percebo o quanto suas mãos também estão trêmulas antes de ouvir a sua voz.

— Ravi — ele começa e me olha por um instante antes de voltar os olhos para o papel —, se alguém me perguntar qual foi o dia mais feliz da minha vida, eu não vou saber responder, porque, desde o dia em que o conheci, todos os dias têm sido os mais felizes da minha vida. Alguns mais, alguns menos, mas todos foram

felizes. Você me trouxe a vontade de viver que eu tinha perdido havia anos. Você me devolveu a esperança de que a vida merece e deve ser vivida. Você transformou o que eu tinha de quebrado em algo novo e inteiro. E eu não poderia estar mais feliz do que estou neste momento. Se eu pudesse fazer somente um único desejo, um único pedido, eu pediria que a minha mãe estivesse presente aqui hoje... — Ele se engasga com o choro e abaixa a cabeça. Não consigo conter as minhas lágrimas enquanto levo as mãos trêmulas até o seu rosto e limpo as suas delicadamente. Ele dá uma longa pausa antes de continuar: — Eu queria que a minha mãe estivesse presente aqui hoje para que ela pudesse ver que eu encontrei o grande amor da minha vida. Mas acho que, no fundo, ela sabe, de onde quer que ela esteja. Você é a flor mais preciosa que eu tenho, Ravi, e eu prometo cultivá-lo para que você sempre possa florescer. Eu prometo que sempre cuidarei do meu jardim, para que você tenha tudo o que você precisa para viver bem, e prometo fazer tudo o que estiver ao meu alcance para fazer de você o homem mais feliz deste mundo. Vou amá-lo, cuidar de você, protegê-lo, respeitá-lo e venerá-lo todos os dias da minha vida. Você e a nossa pequena família: Rony, Hermione, Harry, Fred e Jorge.

Ele termina limpando as lágrimas, e eu estou tão emocionado, que não consigo dizer absolutamente nada. Estou completamente imerso neste amor que me descompassa por completo.

Ouço algumas fungadas vindo dos nossos convidados e sei que, assim como nós, todos estão emocionados. Viramo-nos para frente, e o juiz de paz continua o seu discurso para a entrada das alianças. Quando a violinista começa a tocar, ouvimos a porta se abrir e nos voltamos para ela.

Meu coração quase despenca quando meus olhos se fixam no final do corredor. Olho incrédulo para Logan, e ele me lança um sorriso.

— Foi ideia do Josh — ele sussurra para mim, e eu vejo Josh na primeira fileira.

Ele dá de ombros, sorrindo, e eu limpo as lágrimas ao voltar o meu olhar para o final do corredor. A cerimonialista coloca Hermione

no chão, e eu sorrio largo ao vê-la entrar na capela.

Hermione é paraplégica e não aceita a cadeirinha de rodinhas, já que é muito orgulhosa para aceitar qualquer tipo de ajuda. Ela vem em nosso encontro numa velocidade espantosa e arranca risos e suspiros de todos os convidados. Lógico que ela corre em direção ao pai dela, o que me espantaria seria se ela viesse na minha direção.

Logan se inclina levemente quando ela se aproxima, para pegá-la no colo, mas, antes de chegar nele, ela dá uma cabeçada carinhosa em minha perna, e eu relutantemente me derreto de amores.

Acho que tenho que riscar o "eu tolero a Hermione" do meu bloquinho de notas e escrever embaixo "eu gosto um pouquinho da Hermione."

Estamos em progresso.

Logan retira as alianças da coleirinha vermelha que ela usa, e percebo que nos pés de Josh há uma caixinha grande de transporte. Logan beija Hermione antes de entregá-la a ele, e, como esperado, ela arranha Josh de todas as formas possíveis antes de ele conseguir colocá-la na caixinha.

Josh xinga baixinho, e Hermione faz sua típica cara de sofrida para Logan. Essa ordinária sabe bem como manipular o pai. Ouço risadas e olho para Logan rindo. Bem que eu desconfiava que a agressividade da Hermione vinha de algum lugar.

— Ela é a mais parecida com você — sussurro para ele.

— Eu já a acho a sua cara, florzinha — ele sussurra de volta entre risos.

Logan entrega as alianças para o juiz de paz, e ele dá continuidade à cerimônia.

— As alianças são símbolos físicos do compromisso de um casal e de sua ligação emocional e espiritual. Elas são consideradas um círculo perfeito, sem começo nem fim. Ravi e Logan, que estes anéis sejam um lembrete do seu amor um pelo outro e que este símbolo reforce que vocês jamais andarão sozinhos. Vocês se têm.

Ele entrega a aliança de Logan e começa a ditar as palavras para que Logan as repita:

— Ravi — Logan diz —, eu lhe dou esta aliança como sinal de que escolhi você para ser meu marido e meu melhor amigo. Receba-a e saiba que eu sou para sempre seu.

Ele coloca a aliança em meu anelar e beija a minha mão logo em seguida. O juiz de paz me entrega a aliança e eu repito suas falas:

— Logan, eu lhe dou esta aliança como sinal de que escolhi você para ser meu marido e meu melhor amigo. Receba-a e saiba que eu sou para sempre seu.

Beijo sua mão ao colocar a aliança, e olhamos para o juiz de paz.

— Ravi e Logan — ele conclui alegremente —, tendo testemunhado sua troca de votos diante de todos que estão aqui hoje, é com grande alegria que declaro que vocês estão casados. Podem se beijar.

Viro-me para Logan e vejo todo o amor que transparece em seu rosto. Suas mãos viajam firmes até o meu rosto e ele me beija suavemente, deixando as minhas borboletas em festa.

Assim que nossas bocas se afastam, ele me lança um sorriso que eu gostaria de emoldurar nos quadros da minha parede de memórias. Eu sempre vou lembrar-me deste momento. Eu sempre vou lembrar-me deste sorriso. Eu sempre vou lembrar-me de todas as sensações que eu senti hoje. Eu sempre vou lembrar-me de todos os motivos pelos quais Logan é o grande amor da minha vida.

Ele entrelaça nossos dedos, e, enquanto caminhamos para a saída da capela, olho para cada um que está presente.

Minha irmã, Laura, que sempre foi meu alicerce, quem me deu os melhores conselhos, quem curava os meus machucados quando eu era criança e que agora nos olha com brilho nos olhos. Meus amigos, Josh e Lucca, que sempre me apoiaram em tudo e permaneceram ao meu lado mesmo quando eu não me sentia merecedor de companhia. Alec, que está de braços dados com Lucca e que também se tornou essencial em minha vida,

mostrando-se um amigo para todas as horas. Dean Feyden, tão especial e tão gentil, ao lado de León, que nos olha sorrindo alegremente. Rony e minha querida amiga Cintia, que sorri largo em minha direção. Rivera e Ana, sua esposa, sempre tão dóceis e amigáveis. Bob, juntamente com a maioria da corporação — e sei que o restante só não veio para não fechar a delegacia. Meus pais, que sempre me apoiaram e me deram todo o suporte, até nos momentos mais difíceis. E por fim, vejo o Dr. Antony e sinto uma gratidão tão forte, que só consigo sorrir para ele o mais largo que posso. Ele me dá um aceno de cabeça e ajeita os óculos, como de costume.

Estamos cercados das pessoas que mais amamos e que também nos amam, e nada neste mundo é capaz de explicar o tamanho da minha felicidade.

Sinto os dedos de Logan apertarem firmemente a minha mão e saio da capela tendo a certeza de que este é apenas o início do restante das nossas vidas.



— Você é a pessoa que eu mais amo no mundo inteirinho — Logan sussurra no meu ouvido enquanto vejo os inúmeros flashes em nossa direção. — Espero que não tenha apego ao seu terno, porque eu estou louco para chegar em casa e rasgar ele todinho.

Solto uma risada baixa e contida enquanto ele pressiona os dedos em minha cintura.

— Você também é a pessoa que mais amo no mundo inteirinho e espero que você não tenha pelo seu — sussurro de volta, ainda sorrindo. — Porque sou *eu* quem vai rasgar esse terno do seu corpo.

Ele solta uma risada e aperta minha cintura com mais força à medida que posamos para as fotos de casados. Sinto meus olhos arderem de tantas luzes em nossa direção, mas sei que é uma etapa inevitável do casamento.

Nossos convidados já se ajeitaram nas mesas e estão sendo servidos enquanto eu e o Logan seguimos o protocolo da cerimônia.

Quando finalmente acabamos de tirar as fotos, direcionamo-nos à nossa mesa e somos servidos com as bebidas. Logan me olha estreitando os olhos quando eu pego a taça champagne nas mãos.

— Você disse que não era para ter uma crise de hipoglicemia na hora do sim, mas não disse nada em relação à festa — brinco, e ele estreita ainda mais os olhos. — Eu tomei a Coca, chato!

— Bom mesmo. — Ele se inclina minimamente e me beija, surrando os lábios nos meus. — Se você não tivesse tomado, eu teria que lhe enfiar uma Coca goela abaixo mais tarde.

— A única coisa que eu quero goela abaixo mais tarde você sabe muito bem o que é — sussurro em sua boca e sinto seus dedos mergulharem em minha nuca, cravando-se em meu cabelo.

— Florzinha, é um pecado sem tamanho deixar o marido de pau duro na festa de casamento — ele sussurra com a voz rouca, e sinto um arrepio percorrer minha coluna, só não sei se é pelo fato dele estar ficando excitado ou se é pelo fato de ele ter me chamado de *"marido*" pela primeira vez.

Mordo os lábios e encosto a minha testa na sua.

— Não é pecado se somos casados. — Sorrio, e ele me lança uma piscadela charmosa.

— Eu gostaria de dizer algumas palavras — somos interrompidos, e eu desvio o olhar de Logan por um instante.

Ouço a voz que tanto me acalma e solto um suspiro ao ver Dr. Antony em pé em cima do pequeno palco de madeira, com o microfone em mãos.

Logan me olha e me lança um sorriso.

— Ele é meu terapeuta — Logan diz como se me apresentasse alguém, e eu arregalo os olhos em espanto.

— Como assim, seu terapeuta? — indago, incrédulo.

— Faço terapia com ele há anos. Dr. River é como um pai para mim.

— Dr. River? — pergunto, confuso, enquanto intercalo o meu olhar entre Logan e ele.

— Sim.

— Mas... Mas eu achei que o nome dele fosse Antony.

— E é. River é o primeiro nome. Dr. River Antony. Como somos íntimos, eu o chamo de River. — Ele para de falar e me encara sério. — Você o conhece?

— Ele é o meu terapeuta — respondo rápido.

— Dr. River? — Ele me encara com os olhos arregalados.

— É, mas sempre o chamei de Dr. Antony.

Nós nos olhamos por um instante e então soltamos uma risada incrédula ao perceber que todo esse tempo nos consultávamos com o mesmo terapeuta sem nem nos dar conta disso.

Dr. Antony parece perceber nossa incredulidade e solta uma risada baixa, antes de começar:

— Eu estou muito honrado por estar aqui hoje, sendo convidado pelos dois a testemunhar esta união. Eu acompanhei as fases desse amor de dois pontos de vista. E, no fundo, eu sabia que estaria presente neste momento, porque era inevitável. — Ele ajeita os óculos, e eu solto um suspiro.

Ouço Logan suspirar também, tentando segurar as lágrimas, e percebo que o Dr. Antony é tão especial para ele quanto é para mim. Esse danadinho já conhecia Logan, mas era tão profissional e tão respeitoso, que nunca citou qualquer coisa a respeito. Sorrio para ele, e ele continua:

— Eu sempre dizia aos dois para viver, e foi isso que vocês fizeram. Viver é tão simples e tão complicado, que às vezes nem nos damos conta disso. Mas vocês fizeram. Vocês viveram perante

as dificuldades, viveram quando não tinham mais esperanças, viveram quando era a última coisa que restava e viveram quando tudo tinha sido arrancado de vocês. O amor sobrevive à facilidade, mas ele só cresce na adversidade. O amor está nas fotografias felizes de um álbum, mas está principalmente nos momentos que se dão entre uma foto e outra. E esses são os momentos que realmente importam. Não será fácil, e vocês terão que se empenhar dia após dia. O casamento não é linear. Haverá dias maravilhosos e haverá dias em que terão vontade de abandonar tudo. É um exercício de paciência e vontade…, mas eu sei que vocês darão conta, porque um amor igual ao de vocês é capaz de tudo. Eu espero ter o privilégio de viver muitos anos para continuar fazendo parte da vida e da história dos dois, para comemorar cada pequena conquista, cada mérito e cada crescimento. Eu estou muito orgulhoso de tê-los como pacientes, mas principalmente de tê-los como amigos queridos. Viva o amor!

Ele termina erguendo a taça, fazendo um brinde. Eu e Logan nos entreolhamos e erguemos as taças juntamente com todos os convidados enquanto ouvimos um coral de “viva o amor”.

Levantamo-nos rapidamente e caminhamos em direção ao palco. Abraçamos Dr. Antony assim que ele desce os lances de escada, fazendo um sanduíche dele. Ele solta uma gargalhada gostosa e espero que ele sinta toda a nossa gratidão por ter sido tão especial para cada um de nós individualmente e como casal.

Assim que a banda começa a tocar, todos os nossos convidados vão para a pequena pista de dança. Logan me puxa pelos dedos, e nos juntamos a ele.

Vejo Laura sorrindo enquanto é rodada por Josh. Vejo Lucca e Alec dançando de forma engraçada enquanto se abraçam. Vejo Feyden e León mais felizes do que nunca. Vejo Cintia e Rony, Ana e Rivera. Vejo os policiais se esbaldando na pista. Vejo meus pais dançando juntos e sorrindo. E vejo até o Dr. Antony arriscando alguns passos.

Solto uma gargalhada feliz e olho para Logan. O meu Logan. Olho para os seus olhos azuis brilhantes enquanto ele me embala na pista e percebo que eu não quero ser lembrado por aquilo que

fizeram comigo ou pelos estilhaços que deixaram em minha vida. Eu quero ser lembrado pelas coisas que eu fiz. Por como me reergui e me permiti amar e ser amado. Quero ser lembrado não por ter sido quebrado, mas por ter juntado todas as peças, transformando os meus cacos em um vaso lindo e novinho em folha. Não quero ser lembrado pelas pessoas que deixaram de me amar, mas pelas pessoas que eu amei. Quero ser lembrado não por ter sido abandonado no altar, mas por ter conhecido o grande amor da minha vida naquele mesmo dia.

Quero ser lembrado por mim, por nós, pelo nosso amor.

Quero ser lembrado através dos olhos de Logan, que sempre enxergaram em mim o que eu nunca fui capaz de ver. Quero ser lembrado não pelas vezes que fui relutante, e sim pelas vezes que fui totalmente rendido a este amor que me avassala.

Ele sorri, feliz, e me beija com carinho, abraçando o meu corpo e me fazendo ser inundado por um amor e por uma felicidade que eu jamais pensei em sentir. O mundo inteiro parece parar neste instante, e agora, pra mim, tudo o que existe somos nós dois envoltos em nosso amor.

Algumas semanas depois…

— Logan, eu já falei para você arrumar essa merda dessa cama — bufo irritado ao entrar no quarto e ver que ele ainda está deitado sobre os lençóis amassados.

— Eu já vou arrumar, florzinha. Só vou no meu tempo — ele retruca, despreocupado, enquanto troca os canais da televisão.

Todos os nossos cinco filhos estão com ele na cama, e tenho certeza de que estão fazendo um complô contra mim.

— Não tem jeito com você, não é? Não importa quantas vezes eu fale, você sempre se finge de surdo. — Coloco as mãos na cintura, encarando-o sério.

— E você é chato para cacete, amor. — Ele finalmente me encara. — Custa você deixar eu arrumar no meu tempo? Eu ainda estou deitado.

— Custa. Eu não vou viver num chiqueiro.

— É só a cama que está desarrumada, e nós vamos bagunçá-la já, já. Então para que arrumar? — Ele ergue as sobrancelhas, sugestivo, e eu bufo.

— Ah, Logan, vá à merda!

Preparo-me para me virar e sair do quarto, mas ele se levanta e me puxa pela cintura, abraçando-me por trás e me arrastando até que eu me sente na cama com ele.

Não evito o sorriso quando sinto seus beijos estalados em minha nuca e suspiro, sabendo que eu não tenho chances de resistir.

Nossas brigas sempre terminam assim, e, no fundo, eu ainda amo implicar com Logan. Assim como eu sei que ele também ama implicar comigo. Isso nunca vai mudar. É a nossa linguagem do amor. Sei que dificuldades virão, mas também tenho a certeza de que vamos superar cada uma delas.

Olho para o bloquinho de notas na mesa de canto, em que Logan me obrigou a escrever, e solto uma risada enquanto sinto seus beijos, sabendo que estou onde e com quem eu deveria estar. Sabendo que estou vivendo o melhor que eu poderia viver. Sabendo que estou nos braços do meu único e verdadeiro amor.

— Amo você, minha florzinha enjoada e chata para um cacete — ele sussurra, e eu estremeço, sorrindo, entregando-me a ele.

Sei que no jogo do amor, quem se rende, na verdade, ganha.

E eu ganhei.

Ganhei quando, no fundo do poço, seus olhos me viram e seus dedos quentes se prenderam em minha mandíbula, dando-me a lufada de ar em forma de açúcar que me faltava para ter forças para encarar o que era irremediável. Ganhei quando ele acreditou que eu era um policial qualificado, mesmo diante de todas as minhas inseguranças. Ganhei quando seus dedos me tocaram pela

primeira vez, e eu soube que não queria ser tocado por mais ninguém neste mundo. Quando sua boca encontrou a minha e eu fui inundado por uma sensação inefável. Ganhei quando o seu rosto era a única coisa bela em meio ao caos da minha vida. Quando sua voz era a única melodia que eu gostaria de ouvir. Quando seu corpo era o único remédio de que eu precisava. Quando, mesmo faltando pétalas e lotado de espinhos, eu fui permitido de fazer morada no seu jardim.

É, no fim das contas, quem se rende ganha.

E eu? Bem, eu, que sempre fui tão relutante, não poderia estar mais rendido.

Cenas Extras

Por: Logan Theron

— Quer me contar o que aconteceu?

River me pergunta depois de um tempo que eu estou sentado na cadeira sem dizer nada. Esse é o lado bom de fazer terapia há anos com a mesma pessoa, ela sempre sabe quando aconteceu algo.

River Antony tem sido meu psicólogo desde que perdi meus pais. Uma prima da minha tia, com quem eu fiquei depois do ocorrido, era secretária na clínica e indicou o Dr. River Antony para o meu tratamento, juntamente com os inúmeros psiquiatras que visitei. Foram longos anos de conversa, aconselhamentos, choro, lágrimas, traumas, aceitação.

Eu nunca quis deixar de fazer terapia com ele, nem quando eu achava que não precisava mais e que poderia seguir sozinho. Dr. River se tornou meu amigo íntimo, e eu via nele a figura paterna que perdi há anos — ainda antes da morte do meu pai. Foi ele quem ouviu as minhas tristezas, amparou-me nas angústias e me ergueu do buraco da depressão em que eu caí. Ele insistia em dizer que os antidepressivos me ajudaram, mas, no fundo, eu sabia que a maior

parte tinha sido feita ele. Eu sentia uma tremenda paz nas nossas consultas, e era ele quem me salvava quando eu mandava uma mensagem repentina no meio da madrugada, quando o sofrimento era grande demais para suportar sozinho.

Ele foi a primeira pessoa para quem contei que tinha passado no concurso para delegado e foi ele quem comemorou a minha felicidade e a minha vitória comigo. Ele acompanhou cada etapa: os altos e baixos, a tristeza profunda e a resiliência, os momentos em que quis desistir e aqueles em que eu insisti em lutar. E sou grato por ter encontrado alguém como River Antony. Ele foi a mão que eu precisei para me guiar pelo quarto escuro que se tornou a minha vida. E, com muita calma, dedicação e empenho, eu consegui ver a luz depois de muito tempo estando na escuridão.

Solto uma risada baixa e nego com a cabeça.

— Aconteceu algo que seria facilmente cômico, se não fosse extremamente trágico. Eu sinceramente não sei nem por onde começar.

— Que tal começar do começo? — Ele cruza as pernas e me encara por cima dos óculos.

— Bem — começo e dou um longo suspiro —, você se lembra do cara que eu estava conhecendo, do aplicativo de relacionamento, não lembra?

— Aron, não é isso? — ele pergunta, parecendo incerto.

— O próprio. — Esforço-me para não revirar os olhos. — Pois bem, estávamos nos encontrando às vezes. Não é como se tivéssemos algo sério ou concreto. Estávamos nos conhecendo, nos envolvendo, nos curtindo…, eu acho. Mas eu não sabia que ele tinha alguém.

— Ele tinha?

— Tinha. Um noivo.

River me olha com certo espanto, o que é de se esperar. Não é comum estar envolvido em momentos como esse, quando jogam a bomba e você está no meio do campo minado, sem saber ao certo por que está ali. Eu fiquei no meio do tiroteio cruzado, sem arma,

sem escudo, apenas tentando absorver tudo o que estava acontecendo ao meu redor.

Conheci o Aron há três meses, enquanto folheava um aplicativo de relacionamento. Ele me pareceu um homem interessante, bem-humorado e com um enorme "solteiro" seguido do nome. Detesto assumir que foi inocência minha achar que o que está escrito em páginas da internet deveria ser levado como veracidade. Qualquer um faz o que quer por trás de uma tela: inventa nomes, perfis, usa fotos falsas e consegue até criar uma realidade paralela da qual vivem. Aron fez isso. Ele se passou como solteiro quando, na verdade, estava comprometido e abandonou o noivo no altar no dia do casamento para fazer sexo com um homem que conheceu num aplicativo qualquer.

— Eu estava no apartamento dele quando ouvi batidas na porta. — Dou uma longa pausa para tentar absorver os eventos da noite passada. — Aron me pediu para ver se era o entregador, já que havíamos pedido algo para comer. No entanto, quando abri, dei de cara com um homem de cabelos longos, de terno branco, com o nariz vermelho e olhos inchados, parecendo que tinha acabado de chorar. Ele ficou me encarando, pálido como um fantasma, e eu fiquei parado na porta, sem saber quem era, até ele dizer que havia sido abandonado no altar por Aron. Eu jamais desconfiei que ele tivesse alguém, quanto mais alguém tão sério a ponto de estar noivo.

Nego com a cabeça, porque, só de lembrar, me vêm à mente flashes do seu rosto.

Ravi. Esse nome ficou ecoando em minha cabeça essa madrugada de sono perdido. Sua reação foi tão desesperadora, que me tocou e me chateou mais do que eu pressupus que aconteceria.

Eu estava me permitindo gostar de Aron. Eu estava me permitindo me envolver com alguém depois de um longo tempo desfrutando da solteirice. E, na primeira tentativa, um baque desse tamanho.

— Eu não consigo tirar os olhos dele da minha mente, River — digo por fim.

— Do Aron?

— Não. Do Ravi — esclareço. — Ele estava tão transparente naquele momento. Eu não o conheço, mas naquele instante era como se eu soubesse exatamente o que ele estava sentindo. Eu não soube como agir, o que fazer, o que falar. Acho até que cheguei a dizer alguma besteira ou outra, mas não foi minha intenção.

— Se você não sabia, Logan, não há por que se culpar.

— Eu sei. Mas foi tão repentino. Foi um baque que eu não esperava. Eu não sei nem porque estou me sentindo assim.

— Talvez seja porque você deixou os sinais passarem batido. Sempre há sinais, Logan, a gente só não está preocupado ou interessado em ver.

Paro para pensar, e River, como sempre, tem razão. Nossos encontros eram em dias de semana. Esporádicos. Aron nunca estava com o celular próximo ou, na maioria das vezes, o aparelho estava desligado. Não havia fotos espalhadas no apartamento, mas isso era fácil de esconder. Roupas e artigos de uso pessoal também não eram o empecilho, afinal, tratavam-se de dois homens. Mas no fundo, bem no fundo, eu desconfiava de algo, eu só não quis ou não me importei em enxergar.

— É exatamente isso — concluo, reflexivo. — Mas eu não estava procurando algo sério, eu estava apenas vivendo o momento. Talvez se eu tivesse me aprofundado um pouco mais, eu teria visto. Eu senti pena dele, River. E pena não é um sentimento nobre para se sentir por alguém nessa situação.

— Nem sempre — diz ele. — Tendemos a atrelar pena à dó, mas nem sempre é nesse sentido. Você compartilhou da dor de outra pessoa mesmo sem conhecê-la. Você demonstrou compaixão, teve comiseração pelo sofrimento alheio, compadeceu-se pela situação ocorrida, e isso é nobre num mundo onde ninguém mais se importa com o outro.

Fico pensativo por um instante e tento apagar esse evento traumático da minha mente. Eu não tinha nada sério com Aron, e agora, mais do que nunca, não pretendo ter. Eu só preciso esquecer

disso e seguir em frente. Foi um evento catastrófico, daqueles que só acontecem uma vez na vida. Com sorte, daqui a um tempo, isso vira apenas uma história para contar em uma roda de amigos.

Entro desnorteado no consultório, e River apenas ergue o olhar, lançando-me um sorriso contido. Mas, antes que ele possa dizer qualquer coisa, eu sou mais rápido:

— Puta que me pariu! — exclamo repentinamente, passando as mãos de forma nervosa pelo cabelo e ignorando completamente o espanto de River por minhas palavras. — De todos os lugares do mundo, justo na minha delegacia?

River me olha com as sobrancelhas erguidas, como se não entendesse a minha agitação, então explico:

— Ravi é policial e foi transferido para a minha delegacia.

Ele me encara por um instante e, antes que eu possa dizer qualquer outra coisa, ouço sua risada baixa e contida ecoar pelo consultório. Ele solta uma gargalhada genuína e nega com a cabeça de prontidão.

— Desculpe, Logan! — ele pede após um tempo, recompondo-se da risada.

— Isso, River Antony — digo em deboche —, ria da desgraça alheia.

— Eu só estou espantado, filho. Como isso foi acontecer? Quais as chances?

Eu sempre me sinto bem quando ele me chama de filho, é algo que me acalenta, que me supre, mas no momento estou mais preocupado com outra coisa.

— É uma espécie de penitência que eu preciso pagar? É algum castigo do universo por eu ter participado de uma traição da qual eu nem sabia? Puta que pariu. Puta que pariu! O que falta acontecer? Eu me apaixonar por ele?

As palavras sem sentido escapolem da minha boca, e River franze as sobrancelhas ao me encarar, parecendo curioso com o que acabei de dizer.

— Corre esse risco? — ele dispara.

— Claro que n-não — gaguejo, e River inclina levemente a cabeça, parecendo não acreditar. — Óbvio que não, River! — reitero rapidamente. — Eu só não imaginava que ele era policial e

que seria transferido justamente para minha delegacia. É alguma espécie castigo?

— Claro que não, filho. Foi uma coincidência da vida — ele tenta me tranquilizar.

— Coincidência da vida? Que caralho de coincidência é essa?

— Imprevistos acontecem, e você precisa aprender a lidar com eles — ele diz como se fosse simples lidar com essa situação, e eu bufo frustrado, andando de um lado para o outro no consultório. — Como foi revê-lo?

— Estranho. — Eu paro abruptamente. — Eu fiquei realmente surpreso. Não sei se consigo lidar bem com isso.

— Você é um excelente delegado, Logan — ele diz mais sério dessa vez — e o que aconteceu entre vocês, aconteceu fora da delegacia. Mantenha sua postura. Seja profissional. Se ele pretende trabalhar com você, não permita que os respingos daquela noite recaiam sobre os dois.

— Como, se ele revira os olhos e faz um bico do tamanho do mundo sempre que me vê. Isso sem contar as inúmeras vezes que ele me chama de amante ou insinua algo. Fora as ofensas.

— Ele está ferido, é normal que ele tenha esse comportamento. Você, que tem mais maturidade e discernimento, é quem precisa ser o mais maleável nessa história. Obviamente que você tem que se impor, e, se chegar no nível de faltar com respeito, use sua autoridade. Mas dê a ele espaço. Eventualmente, ele vai superar.

Solto um suspiro pesado, porque em menos de uma semana, eu já quase perdi a cabeça com a presença de Ravi na delegacia. Eu fico tentando imaginar o quão difícil será ter que trabalhar com ele todos os dias lidando com as suas ofensas repentinas, suas reviradas de olhos e sua mania de me mandar ir à merda toda vez que esbarra comigo. Talvez seja mesmo uma penitência. Talvez seja mesmo um castigo por eu ter me envolvido com um homem comprometido. Apenas me resta aceitar e acatar o que o universo me impôs.

— Ele é insuportável. *In-su-por-tá-vel*. Como alguém consegue ser assim? Meu Deus! Como pode ser tão chato? Nem levando um tiro ele cala a boca e para de me ofender. Nem quando eu o ajudo. Nem quando eu tento fazer algo de bom.

— Ele levou um tiro? — River parece ignorar tudo o que eu acabei de dizer e foca apenas na parte do tiro.

— Levou, de raspão. Foi atingido em uma operação à qual ele se prontificou a ir comigo. — Solto uma respiração pesada. — Mais uma culpa para a minha conta.

— Não foi sua culpa, Logan. Ele se desesperou.

— Ele se desesperou porque não sabe seguir a porra de uma simples instrução. — Paro abruptamente e olho para River, curioso. — Como sabe que ele se desesperou?

— Eu pressupus, pelo que você tem me contado — diz ele. — Não sei se você reparou, mas, nas últimas três vezes que você veio a esse consultório para conversar comigo, todas elas foram por causa do Ravi.

Solto um suspiro exasperado e me sento na poltrona. Eu raramente me sento. Minhas sessões com ele mais parecem conversas entre amigos, e eu fico mais descontraído quando fico em pé, andando pelo consultório como se fosse a sala da minha casa. Tenho a impressão de que, quando me sento na poltrona, eu volto a ser aquele menino perdido de dezoito anos que não sabia o que fazer da vida. River Antony já está acostumado com isso, então não faz questão nenhuma de me convidar a me sentar e ainda se espanta quando eu o faço. Acho que, no fundo, ele também sabe o significado por trás disso.

— Eu sinto culpa — finalmente confesso em um sussurro. — Eu me sinto mal.

Ele me encara, lançando um sorriso gentil e complacente quando inclina o corpo e passa os dedos por meu joelho, em um toque de conforto.

— Você não pode se culpar por algo de que não tem culpa, filho. Não precisa tentar consertar algo que você não quebrou —

ele diz sutilmente. — Você sempre atrela a responsabilidade de tudo o que acontece à sua volta para você, e a maioria das coisas não está no seu domínio. Estava acima do seu poder. Então não se maltrate assim. Se você sente em seu coração que deve a ele um pedido de desculpas, faça isso, para se sentir mais leve, para tirar um peso das suas costas, para que você demonstre a ele que se importa. Mas não faça porque acha que você é culpado. Não se desculpe por culpa. Desculpe-se por compaixão. Apenas isso.

Concordo e abaixo a cabeça. Sinto-me como se estivesse de mãos atadas. Eu não queria ter a lembrança daquele dia tão vívida na minha mente toda vez que eu vejo o Ravi. Ele também não faz questão nenhuma de esquecer esse acontecimento. Talvez eu me sinta melhor se eu disser a ele como sinto muito. Talvez seja isso que falta para eu me sentir mais à vontade ao lado dele. Talvez seja isso que ele espera de mim. Talvez seja isso que nos falta para tentar enterrar essa história de uma vez por todas.

É inconcebível pensar — sem espanto — nos acasos da vida. É estranho relatar e reviver todos os pontos, que pareciam pontas soltas, conectando-se como se fossem feitos justamente para isso: para se juntarem.

Eu nunca acreditei em destino. Eu costumava acreditar que nossas escolhas pontuariam os traços que nossos pés iriam trilhar, como se a estrada da vida fosse dividida por portas, e cada porta escolhida fosse um vasto campo dentro das possibilidades daquele caminho. Mas, neste ponto, eu não acredito mais em coincidência. Eu finalmente sucumbi à crença em destino. É praticamente impossível não acreditar depois de todos os acontecimentos recentes em minha vida. Principalmente todos os acontecimentos envolvendo o Ravi.

Ele me irrita em todos os níveis possíveis de irritação. Ele me tira do sério, estressa-me, desestabiliza-me, mas eu gosto dele. E gosto de uma maneira que não deveria nem cogitar gostar. É como se cada átomo do meu corpo repelisse à vontade veemente, mas meu coração, o único órgão em discordância, lutasse para que, de alguma forma, eu me rendesse ao sentimento.

Como eu me deixei chegar a esse ponto? Como permiti que isso fosse ao menos uma opção no vasto campo de incerteza que somos nós dois? Por que deixei-me levar assim por uma possibilidade remota?

Ravi não é para mim. Eu sei disso. Sei que ele jamais se interessaria por quem indiretamente lhe causou tanto sofrimento e sei que nada do que eu sinto pode ser correspondido.

— Eu nutro sentimentos por ele.

Admito com a voz baixa, batucando os dedos na calça enquanto River me analisa com atenção por eu estar sentado na poltrona e por ter ficado tanto tempo calado quando tudo o que faço quando venho ao seu consultório é falar.

— O que disse? Eu não ouvi.

— Eu nutro sentimentos por ele — reitero, sentindo meu rosto queimar. — É tão idiota da minha parte dizer "nutrir", porque, de certa forma, eu estou confirmando e assumindo que eu alimento

esses sentimentos. E, por mais absurdo que seja, é isso que eu tenho feito. Eu tenho alimentado coisas. Se é que isso faz sentido. Não sei bem quais coisas eu alimento, quais sentimentos eu nutro, pelo que eu anseio, mas ele me balança.

— Quem? — ele pergunta, parecendo genuinamente confuso.

Solto um suspiro alto e olho para ele antes de responder:

— Ravi.

Se a minha confissão causa algum tipo de espanto ou curiosidade, River não demonstra. Ele permanece me olhando como se esperasse uma continuação da confissão, e é isso o que eu dou a ele, mesmo relutante.

— Ele é genioso, egocêntrico, chato. Ele ri escandalosamente e chora sem perceber. Acha que tudo no mundo gira em torno do seu umbiguinho. Mas a porra do meu coração acelera toda vez que eu estou perto dele. Ele me provoca, me insulta e me ofende, e eu sinceramente não entendo por que não consigo me desviar dele. Ravi tem uma força gravitacional que me puxa para o seu campo magnético. Eu quero cuidar de sua saúde, eu quero que ele se sinta confortável na minha presença, quero que ele sinta segurança em mim. Eu o quero, River. E o pior disso tudo é que eu sei que não posso tê-lo.

— Por que diz isso, filho?

Meu peito se aperta com uma pressão considerável, e eu me inclino levemente para frente como se sentisse uma dor física ao falar dos meus sentimentos. Eu não me lembro da última vez que me senti assim, eu não sei nem se alguma vez já me senti dessa maneira.

— Porque não é como se desse para voltar no tempo — começo, com a voz baixa. — Ravi nem ao menos me enxerga como delegado. Ele me enxerga apenas como o amante do ex-noivo dele. Ele sempre volta a esse papo, ele sempre pontua isso, ele nunca vai me enxergar sem se lembrar de mim naquele dia. Eu quis beijá-lo e beijei, mas parei no meio do caminho antes que nós

dois ficássemos ainda mais confusos. Mas eu sinceramente não sei como agir agora.

— Ele retribuiu o beijo? — River pergunta calmamente enquanto ajeita os óculos e cruza as pernas.

Sei que quando ele faz esses movimentos, ele está finalmente analisando uma situação, como se virasse a chave do pessoal e agora ele não fosse nada mais do que o meu terapeuta.

— Retribuiu — respondo. — Mas, antes não tivesse.

— Foi tão ruim assim?

— Ruim? — Solto uma risada baixa, balançando a cabeça. — Foi o beijo mais gostoso da minha vida. Eu parecia flutuar em um encantamento que só pertencia a nós dois naquele momento. Minha vontade era… — paro e olho para River. Talvez eu não devesse falar disso tão abertamente. — Ah! Deixe para lá.

— Melhor mesmo. — Ele deixa uma risada baixa e contida escapar. — Os padrastos não deveriam precisar ouvir os detalhes da vida íntima dos filhos.

Solto uma risada pelo seu comentário, mas, em instantes, ele fica sério novamente, franzindo levemente as sobrancelhas.

— O que o faz pensar que esse sentimento não é recíproco? Que toda essa confusão que ele lhe causa não pode estar também acontecendo com ele?

— Ravi não gosta de mim.

— Como tem tanta certeza? — ele indaga, mas não sei ao certo o que responder. O silêncio preenche o consultório, e eu solto um suspiro alto. — Exatamente. Você não tem. Você supôs e está acreditando piamente nisso.

— Eu não quero arriscar — confesso por fim.

Sei que é apenas relutância da minha parte, mas tenho medo do que pode surgir daí. Eu aceito os golpes em forma de palavras que Ravi me dá e, sendo completamente honesto, até acho graça. Eu gosto das nossas implicâncias bobas e sei que nada que ele me diga pode de fato me machucar, porque sempre uso um escudo. Mas, para confessar meus sentimentos, eu teria que colocar meu

coração na mesa, em exposição, e tenho medo de abrir meu peito, sendo que sua sentença pode me ferir mais do que eu estou esperando que fira.

— Por quê? — Dr. River Antony me pergunta.

— Porque — respondo hesitante —, eu tenho medo de me machucar.

Ele fica em silêncio por instante, e eu posso sentir as batidas rápidas do meu coração ao vê-lo assentir de leve com a cabeça, como se compreendesse o meu receio.

— É compressível, filho. Você já passou por tantas coisas, que é normal você se retrair quando começa a sentir coisas que não estão sob o seu controle. Porque a paixão é isso, Logan, é uma força incontrolável. E não importa o quanto você tente lutar contra, ela permanece. O amor é escolha, a paixão não. E isso pode ser realmente assustador.

— O que você me aconselha?

— O de sempre — diz ele, concedendo-me um sorriso reconfortante. — Viva, filho. Não se repreenda e, se necessário, dê um passo para trás. Mas não deixe de caminhar pela trilha da vida. Apesar das pedras, o caminho também pode ser incrivelmente belo para aqueles que se arriscam.

Com a caligrafia um pouco tremida devido à emoção e ao nervosismo, eu começo a escrever os bilhetes que quero que entreguem ao Ravi. Por mais que eu saiba que ele está no fim do corredor e que em algumas poucas horas encontrarei com ele no altar, eu quero fazer algo significativo para que esse dia seja o mais especial possível.

Estou terminando o segundo envelope quando ouço batidas na porta. Ergo o olhar e vejo uma cerimonialista surgir pela fresta.

— Desculpe interromper, senhor Logan, mas tem um homem no portão pedindo para chamá-lo.

— Chamar a mim? — pergunto, intrigado, e ela assente. — Deu o nome?

— Não. Apenas disse que é importante.

Concordo com a cabeça e deixo a caneta sobre a mesa ao me levantar. Ainda não estou de terno, e agradeço por isso, já que não tenho como amassá-lo antes da hora.

Apenas calço os meus sapatos e ajeito a calça de moletom que roubei de Ravi, juntamente com uma de suas camisas de algodão. Eu sucumbi ao estilo brega da minha florzinha e só agora me dou conta disso. Talvez seja porque suas roupas são infinitamente mais confortáveis que as minhas ou então apenas uma desculpa para sentir o cheiro dele quando ele não está por perto.

Saio do quarto e caminho pela grama em direção ao portão. Meu coração acelera quando penso que pode ser algo relacionado ao Ravi, mas minha ansiedade se torna raiva em questão de segundos depois que vejo Aron do outro lado da grade, parecendo distraído.

Eu não acredito que esse filho da filha teve a cara de pau de aparecer aqui querendo estragar o nosso dia. Uma fúria toma conta do meu corpo e eu cerro os punhos, tomado por um sentimento que eu não gostaria de sentir. Não hoje.

— Puta que pariu! — exclamo com raiva, e ele parece notar a minha presença. Não me aproximo, ficamos divididos pela grade do portão. Seus olhos se encontram com os meus. — Você só pode estar de brincadeira.

Levo os meus dedos para o bolso, buscando pelo meu celular para ligar para a delegacia, e sinto meu corpo inteiro se enrijecer. Aron percebe a minha agitação por sua presença e se segura nas grades, aproximando o rosto entre duas barras.

— Logan, eu não vim arrumar confusão. Eu juro que não. E não vou causar nada. Só peço que me escute e me conceda dois minutos do seu tempo.

— Você não vale a pena — digo entre os dentes.

— Eu vim lhe pedir perdão — ele retruca rápido, e meus dedos travam na tecla do aparelho.

Aperto o celular com força e não ergo o olhar. O número da delegacia está na tela, mas, por algum motivo, eu não consigo ligar. Prendo a respiração, e ele continua:

— Eu vim lhe pedir perdão por tudo. Eu sinceramente não sei nem porque estou aqui, mas desde que soube que vocês iriam se casar, eu sinto a necessidade fazer isso — ele fala com a voz firme. — Eu preciso seguir minha vida, Logan, mas eu sinto que não consigo fazer isso se eu não fechar este capítulo.

Não consigo olhar para ele, e minhas vistas ficam presas na tela do celular. Eu não sei como retrucar a isso, e talvez seja alguma tática que ele está usando para estragar o nosso dia. Mas eu não permitirei que nada neste mundo estrague a minha felicidade com Ravi.

— Eu sei que você o fará feliz, Logan. E não é porque Ravi aceita pouco, é porque você é muito — ele continua ao perceber que eu não vou falar nada. — Eu queria ter tido a chance de acertar as coisas com você. Eu estava genuinamente confuso com meus sentimentos. Você pode não acreditar, mas eu gostava dos dois. O Ravi, eu amava, por tudo, pelo costume, pela nossa vida juntos, pelo jeito como ele me tratava. Mas eu também gostava de você, Logan. Eu não pude escolher entre vocês dois.

Ergo o meu olhar e encaro o seu rosto. Suas palavras não me compadecem. Olhando para ele, não sinto nada além de desprezo.

— Impressionante que, quanto mais você abre a boca, mais merda você fala.

— Tudo bem. Eu aceito e entendo você pensar assim — ele admite, curvando levemente os ombros. — Eu não vim aqui para uma rendição, porque sei que não terei, não depois de tudo. Eu sei o que eu perdi e só quis vir aqui para dizer isso, para que eu siga a minha vida sem ter coisas que me prendem de alguma forma no passado. Eu espero que ele o faça muito feliz e que você o faça feliz. E sim, Logan, eu estou me martirizando e me remoendo por isso, porque eu perdi dois grandes homens — ele solta um suspiro e abaixa o olhar para o chão. — E me desculpe por tudo. Por tê-lo inserido em uma confusão que não era sua. Mas, agora, percebo que talvez a história tenha sido sua desde o início. Talvez eu tenha sido só o empecilho ou então meu único propósito fosse juntar vocês dois.

— Poupe-me de suas palavras e sua condescendência, Aron. Eu não preciso delas.

— Tudo bem. — Ele ergue o olhar, encontrando o meu. — Eu só espero que me perdoe um dia, Logan, e torço para que vocês sejam felizes. Parabéns pelo casamento.

Ele não diz mais nada e se vira, caminhando até o carro que está parado mais à frente. Ele entra e dá partida, indo embora enquanto eu permaneço parado na mesma posição, segurando meu celular com força na mão. Finalmente me permito soltar um suspiro de alívio quando vejo seu carro se afastar na estrada.

Não entendi qual foi sua motivação ao vir aqui falar tudo o que disse. Não me toca, não me balança, não me comove. Mas eu também não sinto raiva. De certo modo, parece que, mesmo sem eu saber ou sentir, um peso antigo saiu dos meus ombros. Por algum motivo, eu sinto um alívio, mesmo que seja momentâneo.

Ele nunca pediu perdão para o Ravi, que foi o mais afetado nesta história, mas pediu a mim. Talvez seja apenas dor na consciência e por ter em mente que meu perdão seria mais fácil de obter quando Ravi já deixou claro que jamais o perdoaria. Ou talvez ele sempre soube que eu secretamente desejava isso de alguém.

Não que eu seja digno de pena ou merecedor de perdão, mas, no fundo, bem no fundo, eu me sinto bem com isso.

Volto caminhando para dentro do quarto e fecho a porta. Apesar dos danos que Aron nos causou, nenhum deles é capaz de nos balançar hoje. Pelo contrário, Aron nos fez um grande favor. Acho até que deveria agradecê-lo por ter me apresentado o grande amor da minha vida. Sento-me na cadeira, sabendo que o perdão, da minha boca, ele não terá o gosto de receber. Mas, em meu coração, eu finalmente me livrei da mágoa, consciente de que agora, de uma vez por todas, eu não tenho receio que ele nos atrapalhe.

Desvio os pensamentos e pego a caneta para terminar os envelopes. Eu não tenho tempo para pensar em qualquer outra coisa, porque estou ocupado demais me sentindo extremamente feliz por saber que eu me casarei com alguém que merece o meu coração, e, acima disso, alguém que soube me devolver tudo aquilo que eu tinha perdido.

Eu não tenho tempo a perder quando preciso me arrumar para esperar ansioso pela minha florzinha no altar.

Ravi repousa em meus braços enquanto eu aliso a sua pele quente e macia. Ele solta um breve suspiro e se ergue, passando as pernas sobre o meu tronco. Sinto o peso do seu corpo sobre os meus quadris e sorrio para mim mesmo, ainda de olhos fechados, quando seu nariz toca delicadamente o meu. Círculo meus dedos em seus quadris e abro os olhos lentamente para me deparar com uma cascata de cachos caindo sobre o meu rosto à medida que suas mãos macias e quentes espalmam o meu peito nu.

— Bom dia — eu cantarolo, sorrindo.

— Bom dia, delegado.

Pressiono os meus dedos ainda mais forte em seus quadris e ergo as mãos até encontrar-me com sua cintura. Ravi ofega próximo à minha boca, e eu fecho os olhos, deliciando-me com a sensação do meu marido nu montado em meu corpo.

— Você já está querendo outra rodada? — questiono, divertido. — Achei que passaríamos o dia vendo os castelos da Romênia.

— E nós vamos, mas… — Ele hesita por um breve instante. — Docinho…

— Hm? — murmuro baixo, ainda de olhos fechados.

— Sei que estamos em lua de mel e eu não gostaria que nada no mundo atrapalhasse o nosso momento, mas eu queria conversar com você.

Meus olhos se abrem automaticamente em impulso, e eu olho para ele, preocupado. Ravi morde os lábios, parecendo levemente nervoso enquanto ajeita os cachos que caem sobre o seu rosto.

— Quer usar o nosso arsenal da sinceridade agora?

Ele concorda com a cabeça e pousa os olhos verdes, apreensivos e expressivos, nos meus. Ele hesita, e eu levo os dedos até o seu cabelo, colocando uma mecha atrás de sua orelha.

— O que foi, florzinha? — sussurro. — Você sabe que pode me dizer qualquer coisa.

— É que… eu ouvi a conversa.

— Que conversa?

— Sua e do Aron — ele confessa, e eu meu peito gela. — Eu não tive a intenção de ouvir, mas me chamaram por engano, dizendo que tinha alguém no portão. Quando eu cheguei, percebi que era ele e fiquei desesperado pensando que ele poderia arruinar o nosso casamento. Eu cheguei a pegar o meu celular para ligar para a polícia, mas eu hesitei. Eu sei que você não quis estragar o nosso momento contando isso, mas eu precisava lhe contar que eu ouvi.

— Não foi nada importante, florzinha. Eu não queria importuná-lo com isso.

— Era importante, Logan — ele contesta, mas não há mágoa em sua voz, muito menos raiva. — Era importante.

Pincelo o seu rosto com os dedos e solto um suspiro. Abro a minha boca para me desculpar, mas, antes que eu faça isso, ele continua:

— Era importante porque a minha ficha finalmente caiu de que eu nunca me redimi com você. Eu posso ter entendido, ter aceitado tudo que aconteceu conosco, eu posso ter passado por cima, mas eu nunca me redimi com você. E você se redimiu comigo tantas vezes, que eu percebi que eu não estava sendo justo com a única pessoa que foi justa comigo por todo esse tempo.

Ergo o corpo lentamente, encontrando-me com o dele, e me recosto na cabeceira da cama, trazendo-o junto. Seus olhos verdes não ousam sair dos meus, mesmo quando suas sobrancelhas se franzem levemente.

— Quando você me disse que sentia muito naquele corredor, eu senti algo se expandir no meu peito, porque você, de todas as pessoas do mundo, soube entender bem o meu sofrimento. Você não me pediu desculpas pelo inconveniente, você disse que sentia muito pelo que eu precisei passar. E foi só ouvindo a conversa que eu me dei conta de que eu nunca lhe retribuí. Por isso eu estou de peito aberto tentando me redimir com você, Logan. — Ele segura o meu rosto com as mãos e olha no fundo dos meus olhos. — Eu sinto muito, meu amor. Eu sinto muito por tudo o que você precisou

passar. Eu sinto muito por ninguém ter sido solidário o bastante para entender a sua situação. Eu sinto muito por nunca ter lhe pedido desculpa por isso antes.

Sorrio, apesar de o semblante dele estar apreensivo, parecendo aguardar a minha resposta, e me inclino para beijar seus lábios rapidamente, repetindo suas palavras logo em seguida:

— Se você está esperando um agradecimento por isso, espere sentado. Não vai acontecer.

Ele parece se lembrar e solta uma risada gostosa, negando com a cabeça. Ele me dá um tapa no ombro, e eu o acompanho na risada. Assim que paramos de rir, nossos olhos se conectam, e ele beija todo o meu rosto, fazendo meu coração derreter por completo.

— Tem histórias que não são para ser, Logan. Mas que bom, que bom, que bom que a nossa se conectou — ele diz baixinho em meio aos beijos e os para apenas para me olhar. — Que bom que você apareceu. Que bom que no fim da linha era você quem me esperava, porque é uma aventura incrível e sem tamanho amar e ser amado por você.

Levo as minhas mãos até o seu rosto e faço um carinho em suas bochechas, sentindo meu coração expandir no peito.

— Eu amo você, Ravi. Amo muito — sussurro para ele. — Amo nossa sinceridade, nossa intimidade, nossa história… Eu amo tudo em você.

— Eu o amo ainda mais, Logan.

Ele sorri para mim, iluminando toda a penumbra do quarto, e, quando sua boca se encontra com a minha, eu o viro na cama, encaixando-me no meio de suas pernas.

Os castelos da Romênia que me perdoem, mas não há nada no mundo que me interesse tanto quanto o corpo de Ravi no meu, a boca dele na minha e o encanto dessa cama de hotel que testemunha o nosso amor.

Neste instante, eu não quero mais nada além de amar, sem pressa alguma, o meu marido.

— Todo dia a mesma coisa: "Ah, Logan, você não arruma a cama, você não lava as vasilhas, você não limpa a caixa de areia dos gatos."

— O Logan se faz de surdo. Mas a surdez dele é seletiva. Ela só acontece quando convém. Você já viu um homem de trinta e três anos que não sabe tirar a toalha da cama, Dr. Antony?

— São sempre as mesmas falações, não passa um dia sem que ele me encha o raio da paciência por nada. Eu já ofereci para chamarmos a Carmem mais de uma vez na semana, mas ele recusa. Ele recusa! Ele sabe que eu sou desorganizado. Ele se casou comigo sabendo disso.

— Ele não sabe abaixar a tampa do vaso. Eu não sei como esse homem é cheiroso, porque a nossa casa parece um chiqueiro. Para onde eu olho tem algum vestígio do Logan.

Eu e Ravi falamos ao mesmo tempo enquanto Dr. River Antony nos olha com as sobrancelhas erguidas. Eu tenho a impressão de que ele já desistiu de nós faz tempo e só nos atende uma vez no mês por simples e pura dó.

— Já acabaram? — ele pergunta, e nós dois assentimos, sem jeito.

Depois de três anos de casamento, decidimos que daríamos uma chance para a terapia de casal para tentarmos resolver as nossas pequenas desavenças dentro de casa, que consistem em Ravi enchendo o saco por minha bagunça e eu enchendo o saco dele por sua falação interminável.

Ainda brigamos por nada e fazemos as pazes todos os dias. Ravi ainda me manda ir à merda pelo menos três vezes na semana, e eu o tiro do sério só por respirar. Mas eu sei que nenhum de nós dois trocaria a nossa vida por nada neste mundo.

— Logan — River diz —, nós precisamos nos adaptar. Sei que você não quer que esse assunto seja pauta para toda discussão dos dois, então se esforce um pouco para não ser tão desorganizado.

— Viu? — Ravi provoca, olhando para mim, e eu estreito os olhos para ele.

— Você também precisa ceder, Ravi. Você sempre soube que ele era assim, então dê a ele o tempo e o espaço para que ele tente melhorar.

Pressiono os lábios, porque tenho vontade de rir, e, olhando para Ravi de soslaio, percebo que ele também tem a mesma vontade.

Amo como o Dr. River Antony nos conhece tão bem a ponto de puxar a nossa orelha da forma mais sutil e carinhosa possível, mesmo sendo tão certeiro em suas colocações.

— São sempre as mesmas reclamações. Se não fosse pela organização de um e a desorganização do outro, o casamento de vocês seria perfeito. Mas isso não existe. São essas pequenas diferenças que fazem a união fluir — ele fala calmamente. — O casamento não é uma casa bonita desenhada no papel. O casamento é uma casa forte, resistente, resiliente, mas nem por isso deixa de ter algumas rachaduras.

Prestamos atenção no que ele diz, e Ravi procura por minha mão no sofá, apertando docemente os meus dedos enquanto River Antony continua:

— E agradeçam por essa ser a única reclamação dos dois. Vocês reclamam um do outro, porque são dois reclamões. Se você não gosta da bagunça do Logan, Ravi, deixe ele chamar a Carmem mais de uma vez por semana. Se você sabe que o Ravi não gosta de vasilhas sujas, Logan, esforce-se para lavá-las. Mas posso dizer tranquilamente que o casamento se tornaria um porre, porque as brigas também fazem parte da paixão. E essas brigas bobas só aumentam ainda mais a vontade de fazer as pazes — ele ajeita os óculos e cruza as pernas entrelaçando, os dedos no colo. — Agora, se estiver sendo insuportável, vocês também podem dar um tempo para se adequarem a isso. Talvez passar alguns dias longe da companhia um do outro. Tirar um tempo para si próprios. É isso que querem?

— Não — respondemos ao mesmo tempo.

— Na verdade — Ravi diz e me olha por um instante —, eu nem me importo tanto com a bagunça do Logan.

— E eu não acho tão ruim a falação do Ravi.

Dr. River Antony leva a mão à testa, soltando uma risada baixa e incrédula enquanto nega levemente com a cabeça.

— Não tem jeito com vocês. Eu juro que envelheci dez anos depois que comecei essa terapia de casal e estou pensando seriamente em me aposentar e me mudar para a Grécia.

Eu solto uma risada, e Ravi me acompanha enquanto nossas mãos permanecem juntas sobre o estofado. River também parece perceber, já que nos lança um olhar doce.

— Vocês sabem que não precisam de terapia de casal, não sabem? — ele indaga, e nós dois assentimos. — Vocês vivem perfeitamente bem e se amam como poucos no mundo. Além disso, têm o privilégio de terem se casado com o grande amor das suas vidas. Nós três sabemos que não precisamos continuar com essas sessões só porque vocês sentem falta dos meus conselhos. Eu sei que dão conta sozinhos e eu vou estar sempre por perto. Sou seu amigo, Ravi, e sou seu pai postiço, Logan. Eu vou estar sempre presente quando precisarem de mim. Mas, se vocês vierem no próximo mês, eu pedirei à secretária para barrar os dois na recepção. E estou falando sério. Vão ser felizes!

Eu e Ravi nos olhamos por um instante e nos levantamos hesitantes do sofá. Ele me puxa para que abracemos o Dr. River Antony, fazendo um sanduíche dele e o fazendo soltar uma gargalhada gostosa em meio ao abraço, exatamente como fizemos no dia do nosso casamento.

— Nós amamos o senhor. Obrigado por tudo — Ravi diz.

— E eu amo vocês. Os dois.

Assim que saímos do consultório, eu começo a cerrar a porta, mas paro quando Ravi belisca o meu braço. Solto um resmungo e olho para ele sem entender.

— Você viu o que você fez? — Ravi diz, franzindo as sobrancelhas. — Até o Dr. Antony perdeu a paciência com a gente.

— Ah, claro. Claro que fui eu que fiz ele perder a paciência — digo ironicamente. — Foi você, sendo a coisa mais insuportável deste mundo.

— Eu ainda estou ouvindo — Dr. River Antony grita de dentro do consultório, e eu fecho a porta com força.

Ravi e eu nos olhamos por um instante antes de cairmos na gargalhada no meio do *hall*. Atraímos alguns olhares dos outros pacientes, mas não nos importamos. Minha mão procura pela dele, e ele entrelaça os dedos nos meus.

— Eu amo você, meu delegado delícia — ele sussurra para mim e se inclina para me dar um beijo rápido nos lábios.

— E eu amo você, minha florzinha enjoada.

Nossos sorrisos largos se completam enquanto caminhamos de mãos dadas para fora do prédio. Percebo que, além de termos vivido, nós também estamos fazendo exatamente o que sabemos fazer de melhor: irritando e amando um ao outro e sendo completamente felizes.

Até o fim…